O GRANDE LIVRO DA REENCARNAÇÃO

Examinando a evidencia de que todos já vivemos antes

ROY STEMMAN

Tradução, Amadeu António

O GRANDE LIVRO DA REENCARNAÇÃO

EXAMINANDO A EVIDÊNCIA

DE QUE TODOS JÁ VIVEMOS ANTES

ROY STEMMAN

2012

Índice

Introdução Parte Um: O Passado

1. As Origens do Renascimento
2. Areias do Tempo
3. Relações Intrincadas
4. O Bebé e o Buda
5. Espíritos Pioneiros Parte Dois: O Presente
6. Fora de Si
7. Medos e Fobias
8. Crianças com Comportamentos Estranhos
9. Quando Eu Era Famoso
10. Mantendo na Família
11. Parece-lhe Familiar?
12. Que Sexo Tem uma Alma?
13. Crentes Celebridades Parte Três: O Futuro
14. O Factor Bem-Estar
15. A Vida entre Vidas
16. Vidas Futuras
17. Facto ou Fantasia?
18. Onde São Guardadas as Memórias?
19. Explicações Alternativas Parte Quatro: Implicações
20. A Melhor Evidência para o Renascimento
21. Marcas de Nascença: Uma Impressão Duradoura
22. Satisfazendo os Céticos
23. Karma e Destino
24. Quem Somos Nós? Apêndice 1. Conheça os Investigadores: Passado e Presente Apêndice 2. Conheça os Terapeutas: Passado e Presente Notas Finais Bibliografia Índice Remissivo Índice de Casos

Introdução

O que este livro se propõe fazer é responder a duas perguntas que cada indivíduo reflexivo se terá colocado em algum momento da sua vida:

vivemos depois de morrer e, se sim, renasceremos na terra? Como descobrirá em breve, existe um enorme corpo de evidências acumulado ao longo dos últimos cinquenta anos que sugere muito fortemente que a vida continua para além da morte e que, pelo menos em alguns casos, indivíduos renasceram com memórias da sua existência terrena anterior.

Essa simples afirmação tem implicações enormes que, se aceites, teriam um impacto não só na maioria das crenças religiosas, mas também numa vasta gama de questões sociais, tais como o aborto e a eutanásia. Levanta também questões fundamentais sobre a própria natureza da nossa consciência e a possibilidade de uma dimensão espiritual interagir com o mundo em que vivemos.

Aqueles que exploram ativamente este assunto fascinante podem ser divididos em dois grupos, refletindo fontes muito diferentes de memórias de vidas passadas:

Primeiro, encontram-se os cientistas que investigam relatos de crianças que começam a falar sobre uma vida anterior em idade muito precoce. Refiro-me a tais casos como "espontâneos" porque surgem naturalmente, sem incitamento ou procura. Frequentemente, estes jovens são capazes de fornecer nomes de pessoas, locais e eventos significativos nessa vida anterior.

No entanto, essas memórias geralmente desvanecem-se após alguns anos e, por isso, a mão cheia de investigadores especializados nesta pesquisa precisa de tomar conhecimento delas o mais rapidamente possível. Precisam de chegar às crianças enquanto estas ainda podem dar informações e enquanto os seus familiares e outros podem fornecer relatos de testemunhas oculares sobre o que já foi dito e quais as investigações que ocorreram.

Recolher dados de qualidade em tais circunstâncias, onde longas distâncias têm de ser percorridas e traduções extensas efetuadas, pode ser extremamente desafiante, pelo que tenho o maior respeito por aqueles que empreendem esta investigação. Além de conhecer os principais investigadores ao longo deste livro, encontrará os seus detalhes completos no apêndice 1, onde forneço não só as suas credenciais académicas, mas também comentários sobre algumas das suas descobertas.

Em segundo lugar, estão os indivíduos que utilizam técnicas que permitem aos adultos explorar o seu subconsciente na esperança de poderem recuar no tempo até uma vida anterior. A maioria utiliza a hipnose para induzir este estado mental, embora existam outros métodos. A vasta maioria destes indivíduos são terapeutas, embora alguns estejam simplesmente interessados em procurar evidências de reencarnação. "Terapeuta de Regressão de vidas passadas" é o termo mais apropriado a aplicar àqueles que utilizam tais competências para qualquer um dos propósitos. Mais uma vez, encontrará referências a vários terapeutas de regressão e terapeutas de vidas passadas ao longo do livro, mas incluo também uma lista de várias figuras de destaque neste campo no apêndice 2.

Devo observar, neste ponto, que os cientistas que estudam a reencarnação são geralmente céticos em relação aos resultados dos terapeutas, argumentando que a mente tem uma capacidade fantástica de inventar e fabricar histórias aparentemente credíveis. Essa é uma área que abordo com alguma profundidade, juntamente com um exame de explicações alternativas para as alegações de reencarnação.

Por último, devo assegurar-lhe que não é meu objetivo convencê-lo de que a reencarnação ocorre para todos nós. Não sei se esse é o caso. Estou satisfeito, contudo, por alguns dos casos que cito serem suficientemente evidentes para concluir que a reencarnação é, de longe, a melhor explicação para acomodar todos os factos conhecidos. O que me propus fazer é partilhar a riqueza de informação sobre a reencarnação que está disponível, apresentando-a de uma forma fácil de compreender, explorando no processo as questões e os temas que provavelmente estarão mais presentes na mente dos leitores.

Se apenas um dos casos discutidos o convencer de que este fornece evidências aceitáveis de reencarnação, essa perceção poderá dar-lhe uma perspetiva inteiramente nova sobre a vida — e a morte — e, nesse caso, a jornada da sua alma está prestes a levá-lo por um novo e excitante caminho de descoberta.

— Roy Stemman Junho de 2011

Parte Um O Passado

Capítulo 1

As Origens do Renascimento

A crença na reencarnação está muito mais profundamente enraizada na civilização ocidental do que algumas religiões ortodoxas poderiam querer admitir. Rejeitada por muitos como uma moda *New Age* que desaparecerá com o tempo, a sua popularidade sugere, no entanto, que em assuntos relacionados com a religião e a espiritualidade, um número crescente de pessoas está disposto a misturar e combinar as crenças e ensinamentos que mais lhes agradam, independentemente dos ditames das religiões às quais professam lealdade ou em cujas igrejas prestam culto.

Em 2003, o inquérito *National Study of Youth and Religion, Wave* nos Estados Unidos revelou que praticamente metade dos 3.290 adolescentes de língua inglesa e espanhola, com idades entre os treze e os dezassete anos, e os pais que participaram, ou acreditavam definitivamente na reencarnação (453 = 13,4%) ou pensavam que esta era possível (1.210 = 35,9%), em comparação com um número quase igual que não acreditava (49,4%), com pouco mais de 1% a não ter opinião.

Seis anos mais tarde, uma sondagem do *Pew Research Center's Forum on Religion and Public Life* (publicada em Dezembro de 2009)[2] deu-nos uma visão mais actualizada sobre as opiniões dos americanos com mais de dezoito anos sobre o mesmo tema. "Embora os EUA sejam um país esmagadoramente cristão", comenta o relatório, "minorias significativas professam crença numa variedade de crenças orientais ou *New Age*. Por exemplo, 24 por cento do público em geral e 22 por cento dos cristãos

dizem acreditar na reencarnação — que as pessoas renascerão neste mundo repetidamente." O relatório decompõe ainda mais esses números: aproximadamente 10 por cento dos evangélicos brancos acreditam na reencarnação, comparado com 24 por cento entre os protestantes tradicionais, 25 por cento tanto entre os católicos brancos como entre os não filiados em qualquer religião, e 29 por cento entre os protestantes negros. O título do relatório do *Pew Forum* — "Muitos Americanos Misturam Múltiplas Fés" — diz tudo, e o seu sumário aponta que muitos fundem o Cristianismo com crenças orientais ou *New Age*, tais como a reencarnação, a astrologia e a presença de energia espiritual em objetos físicos. Relata que "... minorias consideráveis de todos os principais grupos religiosos dos EUA dizem ter experimentado fenómenos sobrenaturais, tais como estar em contacto com os mortos ou com fantasmas."

Já sabemos que pelo menos metade da população mundial, como seguidores dos ensinamentos do Hinduísmo, Budismo, Jainismo e várias outras religiões orientais, aceita a reencarnação. Agora, parece que um quarto do resto da família global — assumindo que as estatísticas americanas se refletem noutros países ocidentais — também pode partilhar dessa visão.

Como chegámos tão longe? De facto, teremos ido longe demais? Haverá certamente quem recue incrédulo perante a "confusão mental" de tão elevado número de pessoas que se recusam a limitar-se aos ensinamentos das suas igrejas ou à orientação dos líderes religiosos no que toca à reencarnação. Talvez esta "rebelião" se deva ao facto de a crença na existência de uma alma que pode regressar à terra para experienciar muitas vidas existir há muito mais tempo do que a maioria das principais religiões.

Assim, comecemos esta exploração de um assunto que claramente fascina ou é relevante para milhares de milhões de pessoas, examinando a reencarnação de uma perspetiva histórica.

O dualismo — a convicção de que cada um de nós possui um espírito ou alma que se separa do corpo na morte e continua a existir noutro mundo ou dimensão — tem sido provavelmente expresso de uma forma ou de outra desde o alvorecer da civilização. Os hominídeos começaram a dispor dos seus mortos de formas significativas há cerca de trezentos mil anos, embora não existam evidências que sugiram que estas práticas tivessem uma dimensão espiritual. Eventualmente, foram introduzidos enterros que

incluíam a inumação de vários itens úteis com o falecido, embora só possamos especular sobre o seu propósito e sobre quais os rituais funerários que possam ter acompanhado os mesmos.

Mesmo simples possessões ao lado de um corpo numa sepultura sugerem, como refere um especialista, "preocupação com o morto que transcende a vida quotidiana". Com o passar do tempo, os artefactos enterrados com os mortos — particularmente aqueles que eram eminentes na sua cultura — aumentaram em número e valor e eram claramente pensados para desempenhar um papel importante no auxílio à passagem de uma vida para a seguinte. Tais rituais incluíram até sacrifícios humanos. Mas quando é que as pessoas começaram a acreditar que, em vez de passar a eternidade no além, a alma poderia renascer e viver uma ou mais vidas adicionais na Terra? A evidência sugere que o conceito existe desde os primórdios da civilização moderna.

A reencarnação e o karma são aspetos importantes dos ensinamentos do Hinduísmo, que teve origem na Índia e é frequentemente descrito como a "religião viva mais antiga do mundo". Não teve um fundador único, mas cresceu, em vez disso, de diversas tradições cujas raízes se estendem no tempo até à histórica religião Védica da Idade do Ferro na Índia, também conhecida como Bramanismo. Possui, contudo, escrituras e textos filosóficos de uma variedade de autores, provavelmente registados entre 800 e 400 a.C., que contêm orientações e ensinamentos que em tempos anteriores tinham sido transmitidos oralmente durante muitos séculos.

Destes, as *Upanishads* — doutrinas místicas consideradas "a obra suprema da mente indiana" — fornecem os seus ensinamentos fundamentais. O *Bhagavad Gita* é talvez o mais conhecido fora do Hinduísmo, sendo considerado um dos textos mais importantes na história da filosofia e da literatura. As *Upanishads* lidam em profundidade com a alma, o karma, a reencarnação e o nirvana, bem como com a auto-realização através do yoga e da meditação. Os Hindus, no entanto, fazem uma diferenciação semântica entre "renascimento", que é para os humanos, e "reencarnação", que é para os deuses.

A reencarnação e o karma são também pilares do Jainismo, outra antiga religião indiana, que coexistiu ao lado do Hinduísmo durante milhares de anos, mantendo a sua independência. Embora as suas origens sejam diferentes, partilha muitos dos conceitos do Hinduísmo — tanto que

alguns a veem incorretamente como um ramo dessa religião. Uma diferença notável é o seu foco na não-violência como sendo necessária para permitir que uma alma perceba a sua verdadeira natureza e faça progressos espirituais até ao ponto em que alcança a libertação do ciclo de renascimento. Isso, por sua vez, leva a que os Jainistas sejam vegetarianos estritos.

A visão do Jainismo sobre o karma é também muito diferente da do Hinduísmo, interpretando-o em termos de leis naturais em vez de leis morais, e prescrevendo também dois métodos para eliminar o karma passado: um passivo, o outro ativo. Os historiadores datam as origens do Jainismo entre os séculos IX e VI a.C., embora a sua própria doutrina ensine que este sempre existiu e sempre existirá. Mesmo tendo muito menos seguidores do que outras religiões principais — cerca de dez a doze milhões — exerceu sempre influência noutras crenças, nomeadamente no Hinduísmo e no Budismo, e nas culturas em que floresce.

É altamente provável que o jovem príncipe Siddhartha Gautama, que nasceu por volta de 563 a.C., tenha sido exposto a alguns aspetos de ensinamentos Hindus ou Jainistas, possivelmente ambos, antes de experienciar a sua própria iluminação espiritual enquanto meditava sob uma árvore *bodhi* em Lumbini, no atual Nepal. Conhecemo-lo hoje, claro, como o Buda. Em vez de se tornar um rei ou chefe, escolheu seguir um caminho espiritual dedicado a ensinar outros como também eles poderiam alcançar o nirvana e libertarem-se do ciclo de sofrimento e renascimento.

O Buda viveu e ensinou na parte nordeste do subcontinente indiano, mas os seus ensinamentos alcançaram gradualmente o mundo antigo, dividindo-se em dois ramos principais do Budismo — Theravada e Mahayana, do qual deriva a versão tibetana — além de terem um impacto em muitas outras tradições que têm raízes nos seus ensinamentos. Foi, sem dúvida, a primeira religião mundial e, em meados do século vinte, podia também reclamar ser a maior, com 520 milhões de aderentes.

Esse número duplica para mais de mil milhões se incluirmos as religiões tradicionais da Ásia Oriental, que misturam formas de Budismo com outras influências, tais como a religião popular, o Taoísmo e o Xamanismo. Embora os ensinamentos do Budismo sejam complexos e difíceis de compreender para muitos ocidentais, com o seu panteão de Budas, *Bodhisattvas* e divindades menores, um conceito — o karma — que

partilha com outras religiões orientais, parece ter-se infiltrado na consciência global. Em termos simplistas, esta é uma lei universal de causa e efeito, movida pelos nossos bons ou maus pensamentos e ações, cujos resultados experienciaremos ou nesta vida ou noutra. O karma foi descrito como a força que move o *samsara* — o ciclo de sofrimento e renascimento — mas mesmo dentro do Budismo existem diferentes interpretações de como isto se processa.

Não foi senão quando os hieróglifos dos antigos egípcios foram decifrados, após a descoberta da Pedra de Roseta em 1799, que começámos a compreender plenamente as crenças que rodeavam a vida e a morte durante os três mil anos em que essa civilização específica floresceu. Verificou-se que, paralelamente ao desenvolvimento do Jainismo e do Hinduísmo, existia outra cultura focada em preparar-se nesta vida para uma existência no mundo seguinte.

Além de construírem grandes pirâmides e túmulos subterrâneos para os seus entes queridos e de aperfeiçoarem o processo de mumificação, os egípcios também registaram em grande detalhe, no Livro dos Mortos, a jornada que acreditavam que o *ka* (duplo do corpo) e o *ba* (personalidade) faziam desta vida para o Reino dos Mortos, no qual renasceriam. O que não é amplamente reconhecido é que algumas das referências mais antigas à reencarnação se encontram no Livro dos Mortos. O egiptólogo francês do século dezanove Theodule Deveria,[3] por exemplo, explicou: «O *sahou* não era verdadeiramente o corpo mortal.

Era um novo ser formado pela reunião de elementos corpóreos elaborados pela natureza, e no qual a alma renascia para realizar uma nova existência terrestre sob muitas formas. . . .» De acordo com James Bonwick,[4] em *Egyptian Belief and Modern Thought* (1878), o Livro dos Mortos está cheio de alusões à doutrina da reencarnação. Explica que os capítulos 26 a 30 se referem à preservação do coração ou da vida para este propósito, acrescentando: «Por mais absurda que esta noção [da reencarnação] possa parecer a um europeu moderno, não pode haver dúvida de que figura entre as mais antigas alimentadas pelo homem.»

Os gregos também tinham uma palavra para isso: metempsicose. Pode ser definida como reencarnação — de um corpo humano para outro — ou transmigração, que pode também incluir a passagem de uma alma de uma existência humana para uma animal, ou vice-versa. Na mesma altura em

que o Buda ensinava a reencarnação na Índia, há cerca de vinte e cinco mil anos [sic - tradução fiel ao texto original], Pitágoras, o filósofo e matemático grego, fundava um movimento religioso, o Pitagorismo, baseado em crenças esotéricas e metafísicas que também incluíam a reencarnação. Disso restam poucas dúvidas, mas temos de confiar nas palavras de outros, pois Pitágoras raramente escreveu algo.

Portanto, não sabemos o que poderá ter influenciado os seus pensamentos, embora as crenças egípcias ou mesmo as religiões indianas possam ter tido um papel. Platão, discípulo de Sócrates e um dos fundadores da filosofia e ciência ocidental, que morreu por volta de 347 a.C., fornece-nos muita informação sobre Pitágoras e também se refere à reencarnação nos seus escritos, embora seja questionável se era um defensor do renascimento.

Por outro lado, um conjunto de crenças e práticas religiosas que conhecemos como Orfismo, que foram abraçadas pelo mundo grego antigo e helenístico, bem como pelos Trácios, pode ser rastreado até ao século VI a.C. A imortalidade da alma e a necessidade de esta experienciar muitas vidas antes de ser libertada do "círculo doloroso" eram pilares do Orfismo e evocam as crenças orientais, das quais poderão ter emanado.

Os leitores podem não esperar que eu faça qualquer referência às religiões abraâmicas, tais como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão, partindo do princípio de que estas não ensinam a reencarnação. Mas, como estamos prestes a ver, isso não é inteiramente verdade. Abraão, que viveu há quase quatro mil anos, é reconhecido como o pai da nação hebraica que seguiu o chamamento de Deus e conduziu o seu povo para uma nova terra. Ele é referido como “nosso Pai” nas tradições islâmica e judaica e é também considerado um profeta do Islão. É o pai dos israelitas na tradição judaica, e os cristãos consideram a vinda de Jesus Cristo como o cumprimento da promessa de Deus a Abraão. Embora isto pareça não deixar espaço para a reencarnação, existe evidência ampla que sugere o contrário.

Como religião, filosofia e modo de vida do povo judeu, o Judaísmo ortodoxo, que reivindica uma continuidade histórica de mais de três mil anos, não ensina o renascimento. Mas várias seitas fizeram-no, em diversos momentos da sua longa história, tais como os caraítas anti-rabínicos em Bagdade, no século VIII, que ensinavam que cada alma precisava de passar

por uma série de encarnações terrenas. Oito séculos mais tarde, o Rabi Luria atraiu muitos seguidores com a sua interpretação mística dos ensinamentos judaicos que incluía a aceitação da reencarnação.

Foi seguido no século XVIII pelo Rabi da Europa de Leste, Israel ben Eliezer (que ficou conhecido como o *Baal Shem Tov*), que estabeleceu o Judaísmo Hassídico para se focar mais na espiritualidade e na alegria do que nas leis que dominam o Judaísmo ortodoxo. Os ensinamentos do Hassidismo incluem a capacidade de as almas reencarnarem e aprenderem com experiências em diferentes vidas, tal como acontece, aliás, na Cabala, uma escola de pensamento que existe fora das escrituras judaicas tradicionais, mas que goza de uma popularidade crescente, particularmente entre celebridades não-judias. *Gilgul* (ciclo) *neshamot* (almas) é o conceito cabalístico de almas que passam por várias encarnações, dependendo da sua tarefa particular em cada vida.

O Cristianismo ortodoxo não oferece hoje qualquer apoio aos conceitos de reencarnação, mas existem evidências que sugerem que não era esse o caso nos seus primórdios. O prolífico escritor e teólogo cristão Orígenes Adamâncio (185–254 d.C.) escreveu em *Contra Celsum*: "A alma, que é imaterial e invisível na sua natureza, existe em nenhum lugar material sem ter um corpo adequado à natureza desse lugar; consequentemente, num determinado momento ela despe um corpo, que era necessário antes, mas que já não é adequado no seu estado alterado, e troca-o por um segundo."

Sendo um dos mais distintos eruditos cristãos primitivos, Orígenes — que se crê ter sido egípcio — é creditado como sendo o principal responsável pela coalescência dos escritos cristãos que se tornaram o Novo Testamento, um evento que teve lugar muito depois de ele ter morrido. Desenvolveu também doutrinas que refletiam influências pitagóricas e platónicas, mas que se baseavam presumivelmente na sua interpretação mais profunda das escrituras, argumentando a favor da "fabulosa pré-existência das almas".

Não estava sozinho entre os primeiros pais da igreja. Justino Mártir (100–165 d.C.) e S. Clemente de Alexandria (150–220 d.C.) expressaram visões semelhantes. Mas o Quinto Concílio Ecuménico, reunido em Constantinopla (553 d.C.), terá decretado o contrário, tendo declarado as visões de Orígenes sobre a pré-existência das almas como anatematizadas

— amaldiçoadas. Existem estudiosos que dão uma interpretação diferente a esta decisão, emitida em nome do Imperador Justiniano, mas o efeito foi certamente o de remover o debate sobre a reencarnação da arena cristã ortodoxa. Isso não impediu, contudo, que alguns cristãos proeminentes assumissem uma visão diferente.

Semelhantemente, o Islão não ensina o renascimento, e existe provavelmente apenas uma passagem no seu texto religioso, o Alcorão — revelado a Maomé pelo anjo Gabriel no século VII —, que poderia ser citada em seu apoio: "Deus gera os seres, e envia-os de volta repetidamente, até que regressem a ele." No entanto, a tradição mística e esotérica do Islão, o Sufismo, é muito favorável, ensinando que os muçulmanos ortodoxos estão a interpretar mal passagens do Alcorão como sendo sobre o julgamento e a ressurreição, quando na verdade descrevem o ciclo contínuo de reencarnação.

E para os Druzes, uma seita islâmica cuja história remonta a mais de mil e quatrocentos anos, a reencarnação é um ensinamento fundamental. Alguns estudiosos veem nas suas crenças uma mistura de Judaísmo, Cristianismo e Islão, tingida de Gnosticismo, Lamaísmo Tibetano e o sistema Magiano da Pérsia. Esta mistura surpreendente e colorida pode ser explicada por uma das alegações que lhe são feitas, nomeadamente que surgiu quando Hemsa, tio de Maomé, foi ao Tibete em 625 em busca de sabedoria secreta. Reencarnou depois no século XI como H'amsa, o fundador dos Druzes, e diz-se ter renascido sucessivamente desde então como o principal hierofante Druze.

Não há dúvida de que o Sikhismo, outra religião com origem na Índia, há 500 anos, também confirma a realidade tanto da reencarnação como do karma. O seu fundador, Nanak, ensinou que cada um de nós nasce com temperamentos diferentes, que são o resultado de karma passado. A autoidentificação com o corpo e o seu ambiente é o que nos mantém na roda giratória do *samsara* — de nascimentos e mortes.

Em meados do século XIX, assistiu-se ao nascimento, em sucessão rápida, de três religiões que têm relevância para esta discussão. A Fé Bahá'í, que acredita que Deus revela a sua vontade periodicamente através de mensageiros divinos, tais como Abraão, o Buda, Jesus Cristo e Maomé, surgiu depois de Siyyid Ali-Muhammad de Shiraz, Pérsia (atual Irão), ter anunciado a 23 de maio de 1844 que ele era "o Báb" ("a Porta") — o

Mahdi prometido, o redentor do Islão, que permaneceria na terra por sete, nove ou dezanove anos (dependendo de várias interpretações).

A doutrina do Mahdi é comum tanto aos muçulmanos xiitas como aos sunitas. Aconteceu que o Báb permaneceu na terra por pouco mais de seis anos. A sua reivindicação e ensinamentos foram tão fortemente combatidos pelo clero xiita da Pérsia e pelo governo que perseguiram e mataram milhares dos seus seguidores — Bábis — antes de um pelotão de fuzilamento o executar a 9 de julho de 1850. Afirma-se que o Báb foi Elias e João Baptista em vidas anteriores. Em 1863, um dos seus seguidores, Bahá'u'lláh, afirmou ser o cumprimento da promessa do Báb de que Deus enviaria outro mensageiro, e nasceu a Fé Bahá'í.

Diz-se também que Bahá'u'lláh proclamou que era a reencarnação de Imaam Husein, o neto martirizado do profeta Maomé. Os seus princípios fundamentais são a unidade de Deus, a unidade da religião e a unidade da humanidade, e tem cerca de cinco a seis milhões de seguidores em mais de duzentos países e territórios. Mas a história não termina aqui. Em 1909, Salim Moussa Achi nasceu em Jerusalém e, pouco depois, a sua família mudou-se para Beirute, Líbano, onde se tornou conhecido como um obreiro de milagres aos vinte e um anos e escreveu sob o nome de Dr. Dahesh. Diz-se que afirmou ser não apenas a reencarnação do Báb, mas também de Jesus Cristo.

Apenas quatro anos depois de o Báb ter anunciado que era o Mahdi, uma família americana estava a deparar-se com uma revelação muito diferente. A 31 de março de 1848, três meses depois de se terem mudado para uma casa em Hydesville, perto de Rochester, Nova Iorque, a residência dos Fox foi perturbada por estranhos sons de batidas. Descobriram que estas batidas respondiam às suas perguntas e, usando um código simples de sim-não, estabeleceram que o espírito responsável alegava ter sido assassinado na casa.

A partir desse modesto início nasceu o Espiritualismo, e as filhas Fox tornaram-se médiuns conhecidas, embora a controvérsia tenha sempre rodeado as suas alegadas capacidades. O Espiritualismo espalhou-se rapidamente pelo mundo, atraindo muitos apoiantes de alto perfil e abrindo, aparentemente, a comunicação direta com o próximo mundo. Então, oferecerá ele uma resposta à pergunta perene: Reencarnamos? Dececionantemente, depende de com quem se fala. Alguns guias espirituais

ensinam que o renascimento é uma lei universal e que todos vivemos muitas vidas, enquanto outros declaram que as almas não reencarnam. Isto levanta tantas questões sobre a mediunidade e a comunicação espiritual como sobre a realidade da reencarnação.

Uma explicação oferecida é que estes guias espirituais se encontram em planos diferentes, dependendo do seu desenvolvimento espiritual, e que o que nos dizem é verdade no que diz respeito às suas próprias experiências — tal como alienígenas que regressassem ao seu planeta natal em duas naves espaciais após uma visita à Terra descreveriam cenários muito diferentes se um tivesse feito contacto com humanos a viver na Antártida e o outro tivesse encontrado os habitantes de uma selva tropical.

Contudo, os espíritos que falaram com o professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail em Paris, na década de 1850, não tinham dúvidas sobre o tema da reencarnação. Não só lhe garantiram que a reencarnação ocorria, como ele foi informado de que, numa vida anterior, fora um Druida chamado Allan Kar-dec. Ele gostou do nome e decidiu adotá-lo como seu *nom de plume* ao escrever sobre comunicação espiritual, para separar os seus interesses espiritualistas dos seus esforços educativos em escolas secundárias, que incluíam a dinamização de cursos gratuitos para crianças desfavorecidas. Kardec recolheu e coligiu uma riqueza de informação sobre o mundo espiritual e a natureza espiritual do homem, compilando uma lista de mais de 1.000 perguntas que foram colocadas a espíritos que falavam através de diferentes médiuns. A sua primeira obra sobre o assunto, publicada em 1857, foi *O Livro dos Espíritos*, seguida por várias outras, incluindo *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que juntas formam as Obras Fundamentais do Espiritismo. Hoje, o Espiritismo tem cerca de 20 milhões de seguidores, a maioria no Brasil.

A reencarnação é um tema dominante destes livros, que ensinam que cada encarnação tem um propósito, ocorrendo num local e dentro de uma família que merece e em condições que permitem à alma corrigir erros passados e crescer espiritualmente. O sofrimento, sob uma forma ou outra, é provavelmente a consequência do comportamento em vidas anteriores. Esta filosofia é semelhante às das religiões orientais, mas os Espiritistas sustentam que a sua se baseia no Cristianismo e que os ensinamentos de Jesus Cristo são um modelo de perfeição moral. No entanto, os Espiritistas não veem Jesus como o Filho de Deus, mas como uma alma altamente

evoluída que passou por muitas encarnações para partilhar o seu conhecimento espiritual com outros. De facto, os Espiritistas argumentam também que Jesus ensinou a realidade da reencarnação, e a sua doutrina baseia-se na Bíblia, onde tal conhecimento é transmitido metaforicamente. Kardec morreu em 1869, e o seu túmulo no famoso cemitério Père Lachaise, em Paris, é hoje um local de peregrinação para Espiritistas de todo o mundo. Acima da câmara onde ele e a sua esposa estão sepultados encontram-se estas palavras: *"Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi."* ("Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei.")

Uma religião ainda mais recente para a qual a crença em vidas passadas é significativa é a Igreja de Cientologia, a criação do escritor de ficção científica L. Ron Hubbard, que surgiu em 1952, baseada na sua investigação e escritos sobre Dianética, um termo que ele cunhou para descrever um conjunto de ideias e práticas relativas à relação metafísica entre a mente e o corpo. A reencarnação, diz o seu *website*, não faz parte da Cientologia, mas a Igreja subscreve esta definição da mesma: "nascer de novo na carne ou noutro corpo". Isto é necessário dado que, como prossegue a explicação: "Hoje na Cientologia, muitas pessoas têm a certeza de que viveram vidas anteriores à sua atual.

Estas são referidas como vidas passadas, não como reencarnação. Vidas passadas não é um dogma da Cientologia, mas geralmente os Cientologistas, durante a sua audição, experienciam uma vida passada e sabem então por si mesmos que já viveram antes." Hubbard, que morreu em 1986, fez uma distinção clara entre vidas passadas recordadas sob hipnose e aquelas recordadas por Cientologistas que passam por um processo de audição, o qual utiliza um E-meter, um dispositivo eletrónico que "deteta áreas de carga espiritual e stress". É durante este procedimento, quando são encorajados a entrar num "engrama" — "uma imagem mental que é a gravação de uma experiência contendo dor, inconsciência e uma ameaça real ou imaginária à sobrevivência" — que se diz ocorrerem as memórias de vidas passadas.

O livro de Hubbard, *Have You Lived before This Life?* (1989), fornece quarenta e uma histórias de casos fascinantes de uma experiência de 1958 em Londres na qual, afirma-se, "a atualidade das vidas passadas foi explorada cientificamente". A Cientologia atraiu muitas celebridades para

as suas fileiras, mas ela e o seu fundador permanecem controversos. Embora a Cientologia seja legalmente reconhecida como uma religião isenta de impostos nos Estados Unidos e nalguns outros países, não goza de estatuto comparável no Reino Unido, França e Alemanha. Quaisquer que sejam as visões de cada um sobre a Cientologia, não se pode ignorar que os seus procedimentos de audição são considerados por alguns como "a forma mais antiga conhecida de terapia de regressão".

Como vimos, a crença nalguma forma de reencarnação permeou a maioria das culturas durante muitos milhares de anos, e existem inúmeros outros exemplos que eu poderia ter explorado. Parece-me que se pode defender a tese de que a crença global na reencarnação teve origem em apenas uma cultura e depois influenciou as suas vizinhas. Uma contribuição recente e impressionante para o debate, de Peter Kingsley[5], argumenta que a civilização ocidental foi moldada pelas influências do xamanismo mongol e tibetano.

A crença na reencarnação poderia ter-se desenvolvido como uma forma de lidar com o sofrimento e a justiça, oferecendo às vítimas a esperança de uma vida futura melhor, e ameaçando os abusadores com castigo pelos seus crimes na sua próxima existência. Mas isso é mera especulação. Existe outra possibilidade que poderia explicar por que razão a crença na reencarnação é tão difundida. Poderia ser simplesmente que, ao longo dos tempos, tenham existido indivíduos em cada cultura que nasceram com memórias de uma vida passada que provaram, após exame, ser exatas. Os budistas tibetanos, por exemplo, não só acreditam que os seus líderes espirituais importantes, tais como o Dalai Lama, o Panchen Lama e o Karmapa, renascerão para continuar o seu trabalho, mas também que os possíveis candidatos para esse papel devem ser questionados e testados para confirmar que são uma verdadeira reencarnação. Os Druzes também têm uma longa tradição de irem em busca das suas famílias de vidas anteriores, e existiram casos semelhantes noutras culturas.

Capítulo 2

Areias do Tempo

Independentemente de como surgiu a crença generalizada na reencarnação, para milhões de pessoas no século XXI ela é um facto da vida — e da morte. O maior desafio para um investigador neste campo é

separar a realidade da fantasia. Tantas influências concorrentes podem estar em jogo em casos alegados de reencarnação que um investigador precisa de ter uma boa compreensão da psicologia humana, da memória e do papel do subconsciente — particularmente em casos de regressão hipnótica — se quiser aproximar-se da verdade.

Um sentido de história é também essencial, pois as civilizações que alimentaram a crença na reencarnação poderiam continuar a exercer uma influência inesperada sobre muitos dos cidadãos do mundo atual. A reencarnação poderia até explicar por que razão a crença no renascimento é tão forte no século XXI: aqueles que a aceitam hoje fazem-no porque ela também fez parte do seu sistema de crenças em vidas anteriores. Certamente, existências anteriores parecem transparecer e colorir as vidas de alguns indivíduos de uma forma surpreendente.

Deixem-me citar o Antigo Egito como exemplo. A maioria de nós é fascinada pelo período da história em que os faraós governavam esse país, construíam pirâmides massivas e enterravam os seus mortos em túmulos elaborados com adornos sumptuosos para auxiliar na sua jornada para o próximo mundo.

Mas o que é que atrai algumas pessoas apenas para um período específico da história egípcia, tal como o atribulado intervalo de dezassete anos em que Akhenaten foi faraó e tentou mudar as crenças religiosas do seu povo? No quinto ano do seu reinado, o faraó mudou o seu nome de Amenhotep IV para Akhenaten e construiu uma cidade cujo nome moderno é Amarna para o culto de Aten, a divindade solar. A lendária beleza Nefertiti era a sua rainha e testes de ADN em 2010 demonstraram também que o faraó era pai de Tutankhamen.

Enquanto guiava excursões ao Egito, o escritor e conferencista Daniel M. Kolos teve clientes que lhe confiaram as suas memórias de vidas passadas egípcias. Surpreendentemente, a maioria focava-se no reinado de Akhenaten — um período que sempre fascinara Kolos particularmente, sem razão óbvia. Aceitando que o facto de terem vivido vidas anteriores nesse período possa ter deixado uma impressão profunda em muitos indivíduos, Kolos decidiu organizar uma "Reunião de Amarna" no início da década de 1990.

As dificuldades e desacordos que surgiram na organização do evento espelharam muito provavelmente o descontentamento e o tumulto que existiam durante o reinado de Akhenaten, já que a proposta original foi abandonada, sendo depois substituída por mini reuniões em Toronto, São Francisco e Michigan. Descrevendo uma das reuniões como um "psicodrama", Kolos escreveu:

"Akhenaten" falou da sua visão e das antigas provações e tribulações que teve de suportar para ter sucesso. Nefertiti e outros choraram durante todo o fim de semana perante a grande tristeza de que se lembravam. Kiya, a segunda esposa de Akhenaten, reviveu a sua própria morte, sendo esfaqueada no pescoço. Ela começou imediatamente a purgar e teve de ficar de cama durante dois dias. Uma das princesas acusou-me de ser um sacerdote rigoroso e sem humor, cujo trabalho era impor a vontade de Akhenaten.

Conheci uma bailarina, bem como uma confidente real, nenhuma das quais confiava em mim na altura e se recusava a apoiar-me agora. A conferência atraiu muitos curadores, e muita da dor dissipou-se à medida que o perdão e o amor incondicional a substituíram. Para alguns, as memórias de uma vida passada tornaram-se como um filme antigo que já foi interpretado. Permaneceu ou para entretenimento ou para aprendizagem.[1]

Não sei se ocorreram mais Reuniões de Amarna, mas vejo que o Daniel continua a dar contributos objetivos para debates sobre o assunto num fórum da Internet dedicado ao período de Amarna. O que o seu relato divertido não conseguiu fazer, contudo, foi persuadir-me de que as pessoas envolvidas estavam realmente a recordar vidas passadas em vez de estarem simplesmente a fantasiar.

Assim, no início de 1995, decidi juntar-me a uma *Power Places Tour* que me pudesse dar uma melhor perceção sobre a ligação com o passado. Era uma oportunidade para explorar o Egito na companhia de outros que eram fascinados pela reencarnação e pela possibilidade de investigarem as suas vidas passadas, e fui incluído na lista de oradores da conferência inicial no Cairo. Muitos de nós partimos depois pelo Nilo abaixo num cruzeiro de luxo a bordo do *Nile Goddess*, que nos levou majestosamente a Philae, Luxor e Karnak para ver túmulos e templos que sobreviveram durante milhares de anos, tanto em termos físicos como também, ao que

parece, nas mentes subconscientes de muitos dos meus companheiros de viagem.

"Venha à Grande Pirâmide", dizia o anúncio da *Power Places*, "e abra-se à descoberta espiritual, à compreensão e ao crescimento."

A auxiliar esse objetivo estava uma equipa de terapeutas de regressão a vidas passadas, incluindo Janet Cunningham, que é agora presidente da *International Board of Regression Therapy*, e o Dr. Ron Jue, um dos fundadores do *Professional Institute for Regression Therapy*. Eles realizaram sessões em grupo e individuais fora da conferência principal e também no cruzeiro pelo Nilo entre as escalas, além de se fazerem regressões mutuamente como parte da sua exploração de possíveis encarnações egípcias.

Revelou-se que Jue tinha sido tanto um faraó como um sacerdote na vida de que se recordava, embora tivesse sérias reservas em admiti-lo perante mim, porque trabalha com muitas pessoas "que usam personalidades para fomentar a grandiosidade", e estava preocupado que a memória de uma encarnação faraónica que surgira durante esta viagem pudesse dar essa impressão a outros. Foi tudo muito fascinante e reconfortante para muitos dos participantes, mas não foi claramente uma aventura que convencesse um cético.

Uma grande deceção para mim nessa jornada foi o facto de militantes controlarem uma área que incluía o túmulo de Seti I em Abidos, no Vale dos Reis, tendo sido considerado demasiado perigoso para nós visitarmos. O meu interesse em ver o túmulo torna-se insignificante quando comparado com o de Dorothy Eady, que nasceu de pais irlandeses no Reino Unido em 1904, e cuja empatia e fascínio pelo antigo Egito começaram na primeira infância. Ao visitar o Museu Britânico quando era jovem, ela corria a beijar os pés das estátuas egípcias e, quando lhe diziam que era hora de sair, respondia: "Deixem-me... este é o meu povo". Dorothy sentia que queria "ir para casa", mas não tinha a certeza de onde era essa casa até começar a ver um edifício antigo com enormes colunas nos seus sonhos, reconhecendo-o mais tarde ao ver uma fotografia do Templo de Seti I.

Depois, quando tinha catorze anos, o Faraó Seti "apareceu-lhe" e, a partir daí, ela começou a reunir vislumbres de uma vida passada na qual tinha sido Bentreshyt, uma noviça. Nessa encarnação, Dorothy percebeu

que tinha quebrado as regras e iniciado um romance secreto com o faraó. Preocupada que isso fosse descoberto, tirou a própria vida. Desolado, Seti I jurou encontrá-la novamente... e aparentemente fê-lo, no sul de Londres, três mil anos depois. Dorothy Eady passou grande parte da sua adolescência a estudar egiptologia e a aprender a ler hieróglifos com o conservador de antiguidades egípcias do Museu Britânico, Sir Ernest Wallis Budge.

Acabou por se mudar para o Egito aos vinte e nove anos, tendo casado com um estudante egípcio, e tiveram um filho a quem deu o nome de Seti, para grande irritação do marido. Seguindo o costume egípcio de as mulheres não serem chamadas pelo primeiro nome, era conhecida como Omm Seti, que significa "mãe de Seti". Radicada no Cairo, Dorothy tornou-se a primeira mulher a trabalhar para o Departamento de Antiguidades Egípcias, mas quando o seu casamento falhou foi para "casa", para Abidos, onde viveu numa pequena casa camponesa e trabalhou como guia.

Passou o resto da sua vida, até à sua morte em 1981, dedicada ao templo e à sua manutenção, prestando culto aos deuses egípcios e comunicando de várias formas com o faraó que tinha amado e deixado numa existência anterior.[2] Em 1937, poucos anos após a chegada de Dorothy Eady ao Egito, foi publicado um livro notável de outra mulher inglesa — Joan Grant — que foi aclamado pela crítica. *Winged Pharaoh* rapidamente conheceu novas edições, com os críticos a descreverem-no como "radiante", "numa classe à parte" e, de acordo com o crítico literário do *New York Times*: "um livro de belo idealismo, profunda compaixão e uma qualidade espiritual pura e brilhante como uma chama". O romance, bem escrito, contava a história de Sekeeta, filha de um faraó, que se tornara co-governante do Egito com o seu irmão após a morte do pai e tomara um escultor minoico, Dio, como amante, que a deixara grávida por não querer ser o favorito do faraó.

O filho deles, Den, sucedera a Sekeeta como faraó. O livro foi elogiado pela sua precisão e pela quantidade de investigação que nele fora investida. Eventualmente, porém, Joan Grant revelou que não precisara de investigar a história: era autobiográfica. Ela tinha sido Sekeeta, e essa vida passada fora recordada através de um processo que descrevia como "memória longínqua" (*far memory*). Desde a infância, tivera sonhos

vívidos que provaram ser, nalguns casos, de eventos que estavam a acontecer noutros lugares do mundo nesse exato momento. Desenvolvera também a psicometria, a capacidade de "ler" o passado de um objeto simplesmente ao segurá-lo.

Foi durante uma dessas experiências, a 13 de setembro de 1936, quando ela e o seu primeiro marido, Leslie, estavam hospedados com um amigo, que lhe foi dado um escaravelho azul-turquesa que o irmão do anfitrião trouxera do Egito. Subitamente, ela "saiu" — descreveu isto mais tarde como "mudar de nível" — e começou a falar sobre a vida no Egito, enquanto Leslie tomava notas rápidas. Após uma hora, ouviu Leslie chamar o seu nome e regressou à consciência normal. Provou ser a primeira de 200 sessões em que Joan Grant ditou diariamente as palavras de Sekeeta. "O engraçado é que", disse ela mais tarde, "não saiu por ordem cronológica. Mas quando os espalhámos todos pelo chão, descobrimos que encaixavam perfeitamente e não precisavam de ser reescritos".

Leslie Grant, que tinha formação de advogado mas depois se mudara para a arqueologia, não estava entusiasmado com a publicação do livro ditado pela sua esposa porque tinha a certeza de que continha imprecisões históricas e que o período em que se situava também estava errado. Mas um editor entusiasta convenceu-os de que deveria ser impresso e, mais de setenta anos depois, apareceu em mais de quinze línguas e, tal como a maioria dos outros quinze livros de "memória longínqua" que Joan Grant produziu, ainda hoje se encontra em circulação.

Será *Winged Pharaoh* realmente um registo da vida no antigo Egito, ou simplesmente um romance histórico romântico? A autora britânica Jean Overton Fuller, uma poetisa e artista de renome que também se especializou na escrita de biografias, passou um fim de semana prolongado com os Grant em 1944, depois de lhes ter dito que o livro fora "um marco na minha vida". Fuller procedeu ao estudo aprofundado do livro egípcio de "memória longínqua" e as suas conclusões foram publicadas como um *Occasional Paper of Theosophical History*.

A investigação de Fuller sobre hieróglifos e história egípcia lançou uma luz considerável sobre o conteúdo, além de corroborar factos que alguns especialistas, e até o marido de Joan, tinham descartado como incorretos na altura.

Porque razão podia Joan Grant recordar essa existência egípcia com tal detalhe? A sua explicação era que a "memória longínqua" era conhecida e desenvolvida naqueles tempos antigos. Aqueles que recebiam o treino necessário, como Sekeeta, tinham de se recordar de pelo menos dez das suas próprias mortes, e a sua graduação exigia que fossem fechados num túmulo durante quatro dias e noites, durante os quais eram submetidos a sete provações. Parece ter sido um dom que trouxe consigo para o século vinte e, com ele, a capacidade de recordar muitas outras vidas.

Alegava recordar-se de ter morrido pelo menos quarenta vezes, muitas vezes em circunstâncias violentas ou trágicas, mas dizia que os renascimentos eram mais dolorosos e assustadores do que as passagens. As outras vidas recordadas sobre as quais escreveu incluíam outra vida egípcia, mil anos mais tarde; um menestrel errante do século dezasseis em Itália; uma prostituta nas ruas de França; uma acusada de bruxaria que foi queimada viva; uma rapariga nativa americana; um corredor grego; e uma mulher inglesa, Lavinia. Também recordou uma morte na guilhotina, dois suicídios, morrer num torneio com uma lança através do olho, ser mordida duas vezes por cobras, e esvair-se em sangue após ordenar ao seu médico da corte romana que lhe cortasse os pulsos.

Para além dos seus livros de "memória longínqua", o outro grande contributo de Joan Grant para os estudos da reencarnação foi o trabalho que realizou com o seu terceiro marido, Denys Kelsey, como pioneira da hipnoterapia e da terapia de regressão, que abordarei com algum detalhe num capítulo posterior. A sua intervenção combinada ajudou muitos a superar medos, fobias e doenças.

Em 1935, dois anos antes de *Winged Pharaoh* ser publicado, apareceu nas livrarias do Reino Unido outro livro inspirado na reencarnação, centrado nos talentos invulgares de uma mulher inglesa. *After Thirty Centuries*, escrito por Frederic H. Wood, um doutor em música residente em Blackpool, contava a história da sua investigação sobre comunicações em transe recebidas através da professora Ivy Carter Beaumont, que acreditava ter sido Vola, uma bailarina do templo no reinado do faraó da décima oitava dinastia Amenhotep III (1406-1370 a.C.), numa vida passada.

Quando entrava em transe, uma princesa babilónica chamada Nona falava através dela, em inglês. Nona explicava que era na verdade Telika-

Ventiu, uma das integrantes do harém do faraó, que casara com Amenhotep e se afogara enquanto escapava de sacerdotes egípcios. A médium — cuja identidade estava oculta sob o nome "Rosemary" no livro — fora a serva síria e companheira de Nona nessa vida. O que tornava este relato colorido diferente de outras histórias de reencarnação ou comunicação espiritual era que, ao emergir do transe, Beaumont começava a repetir palavras egípcias que ouvira. Isto parecia ser uma demonstração da capacidade de falar espontaneamente uma língua desconhecida, um fenómeno conhecido como xenoglossia. Wood, que investigava a mediunidade de Beaumont desde 1931, escreveu estes sons foneticamente, compilando gradualmente mais de duas mil palavras, frases, sentenças curtas e parágrafos inteiros.

A importância disto residia no facto de os hieróglifos egípcios terem sido um mistério para o homem moderno até que a descoberta da Pedra de Roseta forneceu uma chave que abriu a nossa compreensão da escrita egípcia. Mas a forma como a língua era falada permanecia um mistério. Aqui, parecia, como resultado de uma ligação de reencarnação entre este mundo e o outro, estar uma forma que poderia permitir que os hieróglifos fossem traduzidos em fala.

O avanço pareceu surgir quando Alfred J. Howard Hulme leu *After Thirty Centuries* e perguntou ao autor se alguma palavra egípcia fora falada. Wood não só confirmou que sim, como enviou as suas interpretações fonéticas. Hulme, que afirmava ser um "egiptólogo profissional", traduziu-as para inglês e para hieróglifos, elogiando o "uso infalível da gramática egípcia" da Princesa Nona e declarando: "É difícil mostrar e explicar ao leitor comum as características puramente técnicas e mais convincentes: tais como características do período, sobrevivência de arcaísmos, precisão gramatical, termos peculiares, elisões comuns, figuras de estilo, etc., mas são intensamente evidentes".

E afirmou que estas palavras e frases captadas tinham "restaurado completamente a língua falada do Antigo Egito". Os dois homens colaboraram em *Ancient Egypt Speaks* (publicado, aliás, em 1937, o mesmo ano de *Winged Pharaoh* de Joan Grant), no qual delinearam a forma como tinham trabalhado com a médium, revelando que Beaumont também demonstrara xenoglossia responsiva. Hulme enviara perguntas em egípcio, escritas foneticamente, que Wood colocava à médium, a qual respondia em

egípcio, o que Wood escrevia foneticamente e enviava de volta a Hulme para tradução.

Wood deu seguimento a esta colaboração com *This Egyptian Miracle* em 1940. Nesse livro, Wood retoma o tema da reencarnação, revelando que Nona lhes dissera que Beaumont estava a encarnar na Terra pela última vez. Acrescentou: "Eu próprio tenho ainda outro ciclo de vida para completar, de acordo com os meus guias; e regressarei como Mestre no Extremo Oriente quando a China, agora nas dores de parto de uma nova era, se tiver elevado a uma posição de domínio mundial". Os leitores daquela época provavelmente acharam a alegação da língua egípcia falada muito mais fácil de acreditar do que a previsão do crescimento futuro da China como potência mundial. Mas estariam errados. Hulme revelou-se um artista, não o "egiptólogo profissional" que afirmava ser, e os investigadores não conseguiram encontrar provas de que ele alguma vez tivesse estudado em Oxford, apesar da qualificação "Hons. Cert. em Egiptologia" que se dizia ter obtido na famosa universidade.

Wood e a solteira Ivy Carter Beaumont, por outro lado, eram indubitavelmente sinceros nas suas crenças e estavam quase certamente a experienciar glossolalia (falar em línguas), não xenoglossia, o que significa que a rara gravação gramofónica de 78 rpm que possuo dela a falar em "egípcio" é, de facto, apenas algaraviada, e as vidas passadas de Nona e Vola são igualmente fictícias. Neste caso, a pretensão de ter recuperado uma língua há muito esquecida falhou em cumprir essa promessa. Existem, no entanto, casos mais recentes de xenoglossia que não são tão facilmente descartados, como veremos em capítulos posteriores.

É provável que o autor vencedor do Prémio Pulitzer, Norman Mailer, mais conhecido por *The Naked and the Dead*, tenha lido livros de ou sobre Joan Grant e Dorothy Eady durante os onze anos que passou a investigar e a escrever o seu monumental *Ancient Evenings* (1983). A reencarnação é um dos seus temas e Mailer leu cem livros sobre assuntos relacionados para garantir a autenticidade do seu romance, que se situa na décima nona e vigésima dinastias (1290-1100 a.C.).

O seu interesse pelo assunto foi despertado pela tradução de Ernest A. Wallis Budge de *The Egyptian Book of the Dead*. Foi Budge, aliás, quem ensinou hieróglifos a Eady no Museu Britânico. Numa entrevista com Melvyn Bragg na revista do *Sunday Times*, Mailer diz que "... qualquer

cultura cuja escatologia fosse fundada numa noção como a reencarnação era-me congenialmente próxima". Mailer esperava que *Ancient Evenings* fosse a sua obra suprema, mas recebeu uma receção mista, com um crítico a dizer que fora difícil de analisar e ainda mais difícil de ler.

Tentar desenredar histórias tão complexas para determinar qual tem o tom da verdade e qual é suspeita não é tarefa fácil. Mas os estudiosos que tentam decifrar ou compreender culturas antigas enfrentam desafios semelhantes. Gosto particularmente da história de dois eminentes cientistas, Sir Cyril Burt e o Professor William McDougall, ambos ativamente interessados na investigação psíquica, que tiveram um encontro inesperado com o antigo Egito durante um projeto de investigação.

Enquanto Burt era ainda um estudante de graduação da Universidade de Oxford (mais tarde tornou-se professor emérito de psicologia na Universidade de Londres), ele e McDougall, o renomado psicólogo americano, conduziram uma investigação sobre hipnose num estudante cego de filosofia. Sob hipnose, o jovem começou a falar numa voz invulgar e afirmou ser um carpinteiro egípcio. Disse-lhes que tinha de entalhar tábuas "no túmulo oco do Rei no seu Den" e passou a descrever o túmulo, mencionando um deus com uma coroa branca e brilhante.

Alguns meses mais tarde, os dois investigadores leram sobre escavações que tinham sido recentemente realizadas por Sir Flinders Petrie (discutivelmente o maior egiptólogo da Grã-Bretanha), que estivera a investigar o cenotáfio do Rei Semti, cujo "nome de Hórus" era Den. Perceberam que alguns dos detalhes das suas descobertas correspondiam aos descritos pelo estudante de Oxford. (Den, aliás, era o filho que Joan Grant afirmava ter dado à luz na sua vida como Sekeeta.) A coroa branca mencionada pelo estudante em transe encontrava-se numa tábua, usada por Osíris, e as descrições da câmara também pareciam corresponder. Quando questionado, o estudante disse que pouco sabia sobre o antigo Egito, exceto o que aparecia na Bíblia. A sua cegueira limitava a possibilidade de ele ter assimilado subliminarmente informação de uma fonte escrita. Os dois investigadores envolveram então Petrie na sua análise do caso, examinando explicações telepáticas ou clarividentes para o que ocorrera.

Estranhamente, a possibilidade de a hipnose ter realmente regredido o estudante cego a uma vida passada parece não ter sido considerada ou alimentada por nenhum deles. Como este caso só veio a lume algum tempo

após a morte de McDougall, nunca ficou disponível mais informação e parece não ter sido feita mais nenhuma tentativa para colher mais informações do "antigo carpinteiro egípcio" que falava através de um estudante inglês. Mesmo um arqueólogo com o prestígio de Petrie parece ter negligenciado a oportunidade de cavar mais fundo para ver que outra informação enterrada poderia ser recuperada.[3]

Os estudiosos também podem ter negligenciado outra razão pela qual o antigo Egito parece ressoar tão fortemente com muitas pessoas no século vinte e um. De acordo com Robert Bauval e Adrian Gilbert, a crença na reencarnação era central para a religião egípcia. No seu livro *The Orion Mystery* — que afirma que as três Grandes Pirâmides de Giza espelham a posição e o brilho das três estrelas na cintura da constelação de Orion — argumentam que a crença na reencarnação influenciou todos os aspetos da sua cultura.

A sua interpretação dos textos antigos do Egito sugere que cada faraó era visto como uma reencarnação de Osíris. Aqueles indivíduos que vivem hoje e que tiveram uma encarnação passada nesse período achariam, portanto, fácil aceitá-lo e compreendê-lo caso isso viesse à superfície.

A maior descoberta de todos os tempos — se existir — seria encontrar o lendário Salão dos Registos, cuja existência sob as Pirâmides do Egito foi prevista pelo "profeta adormecido"[4] e leitor de vidas passadas Edgar Cayce (considerado por muitos como o maior psíquico americano do século vinte) nas décadas de 1920 e 30. Discutirei Cayce e o seu envolvimento na investigação da reencarnação num capítulo posterior, mas não posso partir do Egito nesta conjuntura sem registar o seu impacto, não só na crença em vidas passadas mas também no próprio Egito.

Afinal, mais de sessenta e cinco anos após a sua morte, centenas de milhares de pessoas em todo o mundo estão convencidas de que a consciência superior de Cayce tinha um acesso incrível a conhecimento oculto, variando desde as condições médicas de indivíduos que o consultavam, até perceções sobre civilizações antigas e a forma como evoluíram.

Ainda mais relevante para a nossa discussão é o facto de as leituras em transe autoinduzido de Cayce, a maioria delas cuidadosamente registadas na altura e preservadas pela organização que promove o seu

trabalho, também terem revelado o que se afirmava serem as encarnações anteriores de Cayce e daqueles que o procuravam em busca de orientação. Levou algum tempo para Cayce, um cristão devoto, aceitar muitas das afirmações feitas durante essas leituras.

O Cayce em transe dizia que, numa existência anterior, tinha sido Ra-Ta, o sumo sacerdote da Atlântida, e que escapara à destruição do continente perdido juntamente com outros sobreviventes, alcançando o vale do Nilo, no Egipto, no décimo primeiro milénio a.C. Muitas das pessoas que recebiam leituras de vida de Cayce descobriram que também elas tinham vivido com ele na Atlântida e no Egipto antigo, bem como em épocas mais recentes. Embora o seu principal foco fosse utilizar o dom psíquico para curar pessoas, diagnosticando doenças e prescrevendo tratamentos, foram as espantosas previsões contidas em algumas das suas leituras que captaram a imaginação do público, conferindo-lhe o estatuto de um Nostradamus moderno e levando à criação de trinta e cinco centros em todo o mundo dedicados ao estudo dessas leituras.

As leituras abrangiam uma vasta gama de temas, incluindo previsões de mudanças catastróficas na Terra e a descoberta, no século XX, de uma Sala dos Registos contendo a história da humanidade até à queda da Atlântida. Existiam, segundo Cayce, três repositórios idênticos desse conhecimento antigo, cada um contendo trinta e duas tábuas de pedra inscritas e outros artefactos: um localizado junto da pata dianteira direita da Esfinge; outro ao largo da costa ocidental de Bimini; e um terceiro na Guatemala, para onde fora transferido do esconderijo original no Iucatão. O acesso à Sala dos Registos egípcia fazia-se através de uma câmara sob a Esfinge, de onde partia uma passagem que conduzia à sala onde os registos estavam guardados.

É preciso dizer que as datas previstas para alguns destes acontecimentos já passaram sem que se verificassem, mas isso pouco fez para diminuir o entusiasmo dos seguidores de Cayce, entre os quais aparentemente se incluem Bauval e Gilbert. Ambos citam as leituras de Cayce em *The Orion Mystery* e salientam que a cronologia do desenvolvimento do Egipto apresentada por ele corrobora a própria teoria deles, que diverge da história oficialmente aceite.

Embora a Sala dos Registos egípcia não tenha sido descoberta antes do final do século passado, como previsto, os apoiantes de Cayce salientam

que leituras de radar de penetração no solo detetaram uma câmara sob a Esfinge que ainda não foi explorada.

Toda esta conjetura sobre reencarnação, Atlântida e a Sala dos Registos não parece agradar ao Dr. Zahi Hawass, chefe do Conselho Supremo de Antiguidades do Egipto, que afirma que as teorias apresentadas por Bauval, Gilbert e outros estão a obscurecer a cultura do seu país.

"Estão a roubar a nossa história", afirma. "Eu chamo-lhes os piramidióticos."

Egiptólogo com a exuberância de um Indiana Jones, Hawass tornou-se uma figura controversa, sobretudo após a revolução de 2011 que derrubou o presidente Hosni Mubarak, que o nomeara para o governo egípcio como Ministro das Antiguidades em Janeiro desse ano, numa remodelação governamental que acabou por não conseguir mantê-lo no poder.

Hawass reconheceu publicamente que um acontecimento crucial da sua vida ocorreu junto da Esfinge, quando conheceu "o meu amigo e colega de toda a vida Mark Lehner… [que] era arqueólogo amador e seguidor das crenças de Edgar Cayce." Continua:

"Mark contou-me esta história [de Cayce, Atlântida e a Sala dos Registos] há mais de trinta e cinco anos. Em 1977, juntamente com outros arqueólogos, encontrei-me com o filho de Cayce, Hugh Lynn Cayce, que tentou convencer-me de que o pai dizia a verdade… Rapidamente concluí que essas histórias não faziam qualquer sentido, mas Mark e eu começámos a pensar que devíamos estudar mais egiptologia."

Assim, ao que parece, as afirmações de Edgar Cayce tiveram uma influência indireta ao conduzir Hawass para a sua carreira de grande sucesso e projeção pública. Na verdade, essa influência foi muito mais direta do que isso. O pai de Cayce ajudou Hawass a obter o doutoramento em arqueologia através de uma bolsa Fulbright na Universidade da Pensilvânia, e Joe Jahoda, membro da Associação para Investigação e Iluminação (ARE) de Cayce desde 1953, que fazia parte de um grupo de trezentos membros da ARE em visita ao Egipto quando esse encontro ocorreu, costumava voar todas as sextas-feiras até à universidade para levar o estudante egípcio, saudoso de casa e esfomeado, a jantar e conversar.

Hawass utilizou um episódio da série televisiva *Chasing Mummies*, transmitida em 2010 no History Channel, para rejeitar as afirmações de Cayce e de outros, incluindo uma revelação recente do investigador paranormal inglês Andrew Collins de que descobrira um extenso sistema de cavernas e túneis sob o planalto de Gizé. Depois de declarar inicialmente que já conhecia perfeitamente esse sistema, Hawass levou posteriormente uma equipa televisiva para o interior das cavernas (cujo acesso se fazia através de um túmulo conhecido) e mostrou-se claramente surpreendido com a extensão daqueles túneis infestados de morcegos e aranhas. Contudo, o complexo de cavernas parecia ser uma formação totalmente natural e autónoma, pelo que declarou confiantemente encerrado o caso — e as cavernas — no que dizia respeito à possibilidade de serem o esconderijo da Sala dos Registos de Cayce.

O egiptólogo mostrou ainda às câmaras os locais onde realizara perfurações inclinadas em redor da Grande Esfinge para determinar se a câmara detetada pelo radar de penetração no solo existia realmente sob a famosa estátua monolítica. Não encontrou nada.

Contudo, muitos crentes afirmam que o arqueólogo protesta demasiado e que, na verdade, está aliado à ARE para manter em segredo a localização e o conteúdo da Sala dos Registos até que o material possa ser removido em segurança. A Internet está cheia de relatos de pessoas que alegam ter visto e filmado objetos a serem retirados da zona da Esfinge durante a noite. Estes teóricos da conspiração apontam para o facto de a ARE patrocinar e conduzir investigações em Gizé desde 1957 em cooperação com as autoridades egípcias e, em particular, com o Dr. Zahi Hawass. De facto, Hawass foi orador em três recentes Conferências Anuais sobre Mistérios Antigos organizadas pela ARE na sua sede norte-americana em Virginia Beach e, no momento em que escrevo, tanto ele como Mark Lehner estavam anunciados para participar no evento de Outubro de 2011.

A confirmação de que a rejeição das leituras de Cayce por parte de Hawass pode ser apenas uma encenação também parece insinuar-se numa manchete da revista *Venture Inward* da ARE: "Zahi Hawass: Mais 'Cayce' do que Parece." O autor John Van Auken, diretor da ARE e colaborador regular das suas publicações, além de guia turístico no Egipto, diz-nos que, apesar das declarações públicas, Hawass aparenta em privado ter uma mente aberta quanto à possibilidade de Cayce estar certo. Acrescenta:

“No entanto, enquanto esteve aqui em Virginia Beach [Outubro de 2010], encontrei-me com Zahi e Joe Jahoda e mostrei-lhes como as perfurações [sob a Esfinge] não tinham sido suficientemente profundas nem realizadas no ângulo correto para alcançar as câmaras de Cayce e a Sala dos Registos. Utilizando a imagem gravada na Estela do Sonho de Tutmósis IV (cerca de 1401–1391 a.C.), situada entre as patas da Esfinge, mostrei como ela revela uma abertura a cerca de 121 pés (37 metros) sob a Esfinge.

As perfurações recentes atingiram apenas 37 pés (11,3 metros) e num ângulo que teria levado a broca por cima da câmara em vez de diretamente para ela. Sem sequer pestanejar, Zahi virou-se para Joe e instruiu-o a arranjar uma nova broca capaz de atingir os 121 pés, assegurando-me depois que a equipa voltaria a perfurar.”

O Egipto possui uma longa história de saque de túmulos. Talvez Hawass esteja apenas a jogar pelo seguro para garantir que, mesmo que o seu julgamento sobre Cayce esteja errado, ninguém chega à câmara escondida antes dele. Existem certamente muitos outros interessados nessa corrida, incluindo seis homens enganados com a crença de que poderiam abrir caminho até à Sala dos Registos através de uma casa na aldeia de Nazlat el-Samman, adjacente ao planalto de Gizé.

Em Setembro de 2009, depois de escavarem até quinze metros de profundidade, a casa desabou sobre eles. Os socorristas demoraram quatro dias a alcançar os homens e, quando finalmente o conseguiram, todos estavam mortos. É um preço terrivelmente elevado a pagar por uma caça ao tesouro inspirada por um homem em transe que afirmava ser a reencarnação do sumo sacerdote da Atlântida.

Embora a maioria de nós associe o Egipto ao tempo dos faraós, esse país também deu origem, há mil anos, a uma religião mística que acabaria por se espalhar por vários países do Médio Oriente e que ainda hoje conta com cerca de um milhão de seguidores.

Os drusos e as suas crenças são largamente desconhecidos do resto do mundo mas, como descobri ao visitar algumas das suas comunidades no Líbano, a reencarnação é a pedra angular da sua religião e cada família parece ter uma história de vida passada para contar — muitas vezes com resultados surpreendentes.

CAPÍTULO 3

RELAÇÕES INTRICADAS

Beirute, devastada pela guerra, ainda exibia as cicatrizes brutais de anos de violência quando visitei a capital libanesa pela primeira vez, no final de 1997. Estava lá com uma equipa de filmagem para realizar um documentário da série *To the Ends of the Earth* para o Channel 4, importante estação pública de televisão do Reino Unido, sobre crianças que afirmam recordar vidas passadas. Intitulado *Back from the Dead*, o documentário centrava-se no povo druso, muitos dos quais vivem em aldeias nas montanhas de Chouf, no Líbano, e para quem a reencarnação é muito mais do que um conceito religioso abstracto: desempenha um papel fundamental nas suas vidas.

Eu já encontrara alguns casos impressionantes e bem documentados de reencarnação entre os drusos, sobretudo através de investigadores do século XX que passaram tempo nas suas comunidades. Sabia, porém, que, com uma equipa de filmagem atrás de mim e um produtor e realizador que precisavam de tornar a investigação visualmente apelativa além de intelectualmente cativante, não surgiria oportunidade para realizar investigação séria. Ainda assim, agradava-me a possibilidade de conhecer drusos e ouvir as suas experiências de vidas passadas, além de fazer um programa televisivo que incentivasse os espectadores a examinar o conceito de renascimento.

Antes de partir para o Líbano, precisava de saber mais sobre as origens dos drusos e as razões pelas quais a reencarnação era tão significativa para eles. Descobri que constituem uma dissidência islâmica surgida no Egipto há mil anos — mais precisamente em 1009 — quando al-Hakim bi-Amrih Allah anunciou no Cairo que era a encarnação terrena de Deus. Como seria de esperar, isso perturbou os xiitas, uma seita islâmica, porque a afirmação punha em causa a supremacia do profeta Maomé, líder dos muçulmanos.

Mas al-Hakim estava longe de ser um desconhecido com ideias grandiosas; era, na verdade, o sexto califa fatímida e o décimo sexto imã do ramo ismaelita do Islão xiita. Os fatímidas, um califado árabe-berbere cujo poder se centrava primeiro na Tunísia e mais tarde no Egipto, governaram durante várias décadas uma vasta área do Norte de África e do Levante.

Robert Benton Betts, em *The Druze*, afirma que a imagem geral que emerge de al-Hakim, que sucedera ao pai aos onze anos em 996, "é a de um brilhante megalómano que sonha unir o mundo islâmico sob a sua própria égide a qualquer custo — objetivo para o qual convergiam todos os seus movimentos políticos, reformas internas e até a criação de um novo movimento religioso com ele próprio como centro divino."

Parece que al-Hakim estava a explorar várias ideias religiosas que já começavam a ganhar popularidade. Em Maio de 1017 emitiu um decreto nomeando um colaborador próximo, o iraniano Hamza ibn-'Ali ibn-Ahmad, como imã dos "Monoteístas" (Unitários) e concedendo-lhe liberdade para pregar uma nova doutrina reformista. Como tal, Hamza é considerado o fundador da seita drusa do Islão e o principal autor dos seus manuscritos.

Mas o que ensinava essa doutrina e de onde provinham essas ideias?

As origens milenares da fé drusa fazem-me lembrar, em certos aspetos, as modernas religiões New Age. Eis o que a Fundação do Património Druso diz acerca das suas crenças:

"Para compreender a fé drusa, devemos recuar e considerar a evolução das abordagens islâmicas ao Corão. À medida que os muçulmanos entravam em maior contacto com a filosofia grega, o pensamento persa, o misticismo indiano e a teologia judaica e cristã, começaram a interpretar a mensagem literal do Corão de forma a obter uma compreensão mais profunda das suas implicações.

Esta nova abordagem ao Islão tornou-se mais distinta à medida que os muçulmanos aprofundavam o contacto com o sufismo. Uma interação entre o racionalismo grego e o misticismo oriental, intensificada pelo aparecimento de sábios sufis, especialmente nos séculos IX e X, preparou o caminho para o surgimento, no início do século XI, do movimento druso como uma derivação da abordagem esotérica ismaelita ao Islão.

Os adeptos do movimento acreditavam que tinha começado uma terceira e última fase do Islão: *al-haqiqa*, 'auto-realização', um sentimento de unidade com o Uno tão verdadeiro quanto é humanamente possível."

Como resumiu um observador:

"As pessoas da religião drusa não são como quaisquer outras. Parecem pertencer a muitas religiões mas são, ainda assim, diferentes. As suas crenças assemelham-se às de muitos, mas existem algumas ideias que as mantêm distintas."

Isso é certamente verdade no que diz respeito à reencarnação, porque além de contrariar aquilo em que a maioria das seitas islâmicas acredita, a forma como os drusos entendem o seu funcionamento é diferente da de qualquer outra religião. Voltarei a discutir isso num capítulo posterior.

As crenças drusas eram radicais na época em que foram introduzidas, incluindo a igualdade entre homens e mulheres, a monogamia, a abolição da escravatura e a separação entre Igreja e Estado. Isso tornou-os impopulares junto de outras seitas e, quando al-Hakim desapareceu misteriosamente por volta de 1020, possivelmente assassinado, o seu imã Hamza também se retirou, delegando responsabilidades noutros. Os drusos tornaram-se mais secretos relativamente às crenças e muitos refugiaram-se literalmente nas montanhas, emigrando para regiões remotas do Líbano, Síria, Jordânia e do território que viria a tornar-se Israel.

Os receios culminaram, em 1043, na decisão dos líderes de cessarem a pregação e não admitirem novos membros. Apesar disso, no século XXI a religião conta ainda com entre setecentos mil e dois milhões de seguidores em todo o mundo e tornou-se muito mais aberta relativamente às suas crenças.

Depois de absorver estes factos elementares sobre este extraordinário e complexo grupo de pessoas de raça mista — maioritariamente de ascendência árabe mas também com herança iraniana, curda e europeia — voltei a minha atenção para aquilo em que acreditavam acerca da existência da alma e da sua capacidade de passar de um corpo para outro após a morte.

Sabia, em particular, que o principal investigador científico da reencarnação, Ian Stevenson, MD, professor e diretor do Departamento de

Psiquiatria da Universidade da Virgínia desde 1957, salientara a importância dos drusos com esta observação:

"Penso não ser exagero afirmar que a crença [na reencarnação] constitui uma parte maior da religião dos drusos do que da religião de qualquer outro grupo que acredite em reencarnação. Os pais drusos quase sempre encorajam os filhos a contar o que conseguem recordar das vidas anteriores."

Quando Stevenson publicou o terceiro volume da sua série de estudos de caso sugestivos de reencarnação — *Lebanon and Turkey* — na década de 1970, fez ainda os seguintes comentários na introdução:

"Embora os meus colaboradores e eu tenhamos até agora investigado apenas setenta e sete casos do tipo reencarnacionista entre drusos no Líbano e na Síria, existem razões para acreditar que ali serão encontrados mais casos do que em qualquer outra parte do mundo, assim que existam fundos e investigadores suficientes para os identificar e estudar. As pessoas que me ajudam no Líbano e eu próprio temos sido completamente incapazes de acompanhar as numerosas pistas que recebemos acerca de outros casos à espera de investigação. Isso deve-se em parte à sua abundância, em parte à falta de tempo e em parte à minha preferência por concentrar a atenção num pequeno número de casos que possam ser estudados de forma aprofundada."

Em 1975, cinco anos antes da publicação do seu livro, rebentou a guerra civil no Líbano, envolvendo, entre outros, a Organização para a Libertação da Palestina e os Falangistas Cristãos; seguiu-se, um ano mais tarde, a chegada de trinta mil tropas sírias, ostensivamente para restaurar a paz; e depois, em 1978, uma invasão do Sul do Líbano pelas forças israelitas. A guerra prosseguiu, com várias interrupções, até terminar oficialmente em 13 de Outubro de 1990. Durante esse período, acredita-se que entre cento e cinquenta mil e duzentas mil pessoas tenham morrido, a maioria civis e muitos deles drusos.

Durante década e meia, o Líbano deixou de ser um local apropriado para o estudo académico da reencarnação, especialmente por investigadores estrangeiros. Ironicamente, as hostilidades criaram uma nova geração de crianças que afirmavam possuir memórias vívidas — e frequentemente

violentas — das suas mortes numa vida anterior durante a guerra, e eu estava prestes a conhecer algumas delas.

Também já compreendia bem o impacto que essa crença tinha nas famílias, depois de ler um dos melhores artigos jornalísticos que já vi sobre os drusos. Escrito por Sue Fishkoff e publicado pelo *Jerusalem Post* em 1995, "Endless Cycles" relatava vários estudos de caso impressionantes sobre reencarnação. O mais marcante para mim dizia respeito a Aiz Nouhad Abu Rokon, um jovem de dezanove anos da cidade de Usfiya, uma aldeia drusa no norte de Israel onde está sepultado Abu Abdullah, um dos três líderes religiosos escolhidos pelo califa al-Hakim em 996 para proclamar a fé drusa.

"Não só Aiz afirma recordar a sua encarnação anterior como um druso libanês morto numa estrada deserta perto de Baalbek em Fevereiro de 1975", escreveu Fishkoff, "como é muito próximo de um rapaz de onze anos de Usfiya chamado Adib Kamal Abuassi, nascido em 15 de Novembro de 1983, que ambos acreditam ser o próprio pai de Aiz, Nahoud, um soldado das Forças de Defesa de Israel morto em combate no Líbano duas semanas antes do nascimento de Adib."

Aos três anos, Aiz disse aos pais que se chamava Ali Badawi e que fora camionista em Hatbiya, no sul do Líbano. Depois, aos seis anos, aproximou-se de uma mulher de meia-idade que viu na rua e disse-lhe:

"Tu és Nebiya, a minha esposa."

Descreveu então a morte do marido dela numa estrada coberta de neve perto de Baalbek. Conduzia sozinho quando foi parado por dois marginais que exigiram dinheiro e o veículo. Quando recusou, dispararam-lhe no ombro e no estômago e enterraram-no junto à estrada.

Nebiya, esposa do camionista assassinado Ali Badawi, ficou atónita. Encontrava-se de visita a Usfiya quando ocorreu o encontro casual com a reencarnação do marido. As declarações da criança não lhe deixaram qualquer dúvida quanto à identidade da vida passada e ela manteve contacto com Aiz e a família dele. Depois, quando o rapaz tinha treze anos, convidou-o para a visitar no Líbano.

A voz de Aiz começou a tremer e os olhos encheram-se de lágrimas quando contou à jornalista, seis anos depois, o que acontecera à chegada à casa:

"Fiquei nos degraus da entrada e chamei pela minha filha Leena, que tinha cinco anos quando eu morri. Entrei na casa e conhecia tudo tão bem. Fui ao armário procurar as minhas roupas, todos os meus pequenos tesouros. Tudo estava exatamente como eu me lembrava e a família ficou incrivelmente emocionada por me ver de novo."

Toda a família o aceitou como a reencarnação de Ali e, assim, quando Leena casou três anos mais tarde, Aiz — então com dezasseis anos — desempenhou o papel de pai dela durante a cerimónia.

Tal como Aiz entrara na vida da família Badawi como marido e pai reencarnado, também Adib Abuassi entrou na vida dele. O pai de Aiz, Nahoud Abu Rokon, morreu em 1 de Novembro de 1983 enquanto servia na polícia de fronteira das Forças de Defesa de Israel. Três anos mais tarde, um pequeno rapaz entrou na casa da família Abu Rokon em Usfiya, apontou para uma fotografia de Nahoud tirada pouco antes da morte e disse a Aiz:

"Eu sou o teu pai."

A mãe da criança, Nabilla, testemunha que, assim que aprendeu a falar, Adib Kamal Abuassi pedia constantemente por alguém chamado Aiz.

"Pensei que ele se referia a alguém da nossa aldeia em Shfaram, mas quando o levámos à casa, Adib disse que não era o Aiz certo."

Depois acrescentou:

"A tia Efat conhece o meu Aiz."

Nabilla falou com a irmã, Efat, professora em Usfiya, que lhe disse ter um rapaz chamado Aiz na turma. Depois de obter o número de telefone da família, Nabilla ligou para a casa dos Abu Rokon e Adib praticamente arrancou-lhe o telefone da mão, gritando que queria falar imediatamente com Aiz.

Os Abuassi combinaram visitar a casa dos Abu Rokon, para enorme entusiasmo de Adib.

“Ele disse-nos exatamente como chegar à casa”, contou o pai à jornalista Sue Fishkoff.

Uma vez lá dentro, Adib foi diretamente ao armário e declarou que as roupas eram suas. O próprio Adib participa no relato:

“Disse à mãe do Aiz que tinha deixado um cigarro no maço que trazia comigo quando morri. Ela procurou no casaco e encontrou-o.”

Adib e Aiz frequentemente relacionavam-se como pai e filho, apesar da inversão de idades. Assim, quando estavam sentados juntos na casa de Aiz, o mais velho dos dois (Aiz, então com doze anos) respondeu de forma brusca à mãe. Sem pensar, Adib (com três anos) deu uma bofetada no “filho” adolescente por falar daquela maneira à sua antiga esposa. Aiz aceitou naturalmente.

“Senti que ele é o meu pai, tem esse direito.”

Sue Fishkoff pergunta aos leitores:

“Será ele um menino? Ou uma criança-homem? Quando lhe perguntam pelos sentimentos que tem pela mãe de Aiz — uma mulher de meia-idade que ele considera sua esposa — Adib cora ligeiramente e depois diz, sorrindo: ‘Lembro-me de tudo. Ainda a amo.’”

Desde esses primeiros tempos, os Abuassi cederam aos constantes pedidos de Adib para ver Aiz e mudaram-se, juntamente com os restantes filhos, de Shfaram para Usfiya.

“Cansei-me de o trazer sempre de carro para aqui para ver o Aiz”, explica Kamal Abuassi.

Parece, portanto, que não têm qualquer dúvida quanto à reencarnação.

“Como se explica uma criança de dois anos e meio capaz de nos conduzir até uma casa numa cidade onde nunca esteve, ir a um armário e escolher roupas de outro homem como sendo suas, reconhecer ‘amigos’ pelo nome antes de os conhecer, olhar para uma fotografia de ‘si próprio’ com a esposa e saber a data em que foi tirada nos Montes Golã?”, pergunta Kamal. “Estes são simplesmente factos. Consegue explicá-los?”

Estas relações intrincadas eram, eu viria a descobrir, mais comuns do que suspeitava, embora duas histórias recolhidas nos meios de comunicação já devessem ter dissipado as minhas dúvidas.

A primeira, publicada em 1988 no *Al-Quds*, jornal de Jerusalém, relatava que Muhammaad Zayd Salim, um druso membro das Forças de Defesa de Israel, fora condenado por deserção num tribunal militar de Telavive. A sua defesa era que, numa vida passada, fora um soldado sírio esmagado até à morte por um tanque do próprio exército. Como resultado, não suportava estar perto de tanques na vida atual. O relato jornalístico não dizia qual a sentença aplicada. Contudo, recordou-me que os anos de conflitos no Médio Oriente criaram um problema particular para algumas famílias drusas.

Como os drusos se estabeleceram principalmente no Líbano, Síria, Jordânia e Israel, as famílias frequentemente têm parentes em dois ou mais desses países. E, dado que muitos jovens serviam nas forças armadas desses Estados, houve ocasiões em que membros da mesma família se encontraram em lados opostos da batalha — inclusive irmão contra irmão, num caso que me foi contado.

Os drusos, aliás, têm reputação de coragem em combate, em grande parte porque a crença na reencarnação significa que não temem a morte.

Memórias de vidas passadas também foram usadas como justificação num julgamento por homicídio entre drusos. Segundo o *Cape Times*, da África do Sul, um adolescente libanês, Amin Kanj Torbey, de dezasseis anos, confessou parricídio num tribunal de Beirute. Matara o pai porque acreditava que este o assassinara numa encarnação anterior. Mais uma vez, não foi divulgado qualquer veredicto, mas se a defesa tivesse sido aceite certamente teria sido notícia em todo o mundo.

Houve ainda uma notícia da Agence France-Presse em 1998 acerca de um rapaz chamado Ramzi que assistia a um casamento perto da sua casa num dos países do Médio Oriente — o breve relato que li não indicava qual. Ao ver uma espingarda Kalashnikov presa à parede ao lado do retrato de um homem, declarou:

"Esse sou eu, Issam Muzannar. Morri num ataque aéreo israelita."

Para provar a história, pediu ajuda para desenterrar um esconderijo secreto de munições enterrado sob uma oliveira no jardim.

"Foram descobertas três caixas logo à primeira pazada", acrescentava a notícia.

Concluí que algumas histórias eram quase demasiado extraordinárias para serem verdade.

Na minha primeira visita ao Líbano fui acompanhado por Roland Littlewood, professor de antropologia e psiquiatria da University College London — fumador de cachimbo — cujo papel seria o do cético perante as câmaras, enquanto o meu seria o de defensor da reencarnação no documentário *Back from the Dead*. Embora, na realidade, eu esperasse mostrar bastante ceticismo perante alguns dos casos que encontraríamos.

Infelizmente, após vários dias de filmagens nas montanhas de Chouf com vista sobre Beirute, Roland sofreu um AVC e tivemos de interromper as filmagens — antes de chegarmos ao segmento final crucial, no qual ele e eu discutiríamos os prós e os contras dos casos encontrados. Eu e a equipa tivemos de fazer as malas e regressar ao Reino Unido, deixando o professor a recuperar, durante o Natal, no Centro Médico da Universidade Americana de Beirute.

Alguns meses depois regressámos todos ao Líbano, mas desta vez com um novo cético, Chris French, atualmente professor de psicologia em Goldsmiths, Universidade de Londres. O resultado da aventura, na qual apenas pudemos arranhar a superfície dos casos de vidas passadas que nos foram apresentados, acabou por ser exibido em todo o mundo e, num capítulo posterior, falarei de dois dos casos que tiveram destaque no documentário. Por agora, gostaria de partilhar algumas histórias que encontrámos mas que nunca chegaram à versão final de *Back from the Dead*.

Um dos episódios mais fascinantes foi a visita a uma escola nas montanhas de Chouf, gerida pelos drusos para crianças da comunidade que eram órfãs, provinham de famílias pobres ou tinham apenas um progenitor. Das novecentas crianças que frequentavam a escola, cerca de vinte e uma — pouco mais de 2% — afirmavam recordar vidas passadas e foram conduzidas a uma sala de aula para nos conhecerem. O tempo permitiu apenas duas entrevistas rápidas com os candidatos mais promissores e as verificações posteriores mostraram que os factos fornecidos estavam errados ou apenas parcialmente corretos. Fossem quais fossem as origens das memórias, não pareciam provir de vidas anteriores.

O mesmo não se podia dizer, ao que parece, de Laura Sabieddine, uma rapariga tímida que nos contou a sua vida e morte:

"Eu tinha sessenta anos e era analfabeta quando morri. O meu marido arranjava relógios. Eu ajudava a plantar… na agricultura. Ficava à espera do meu filho voltar da guerra. A minha filha Fatima dizia-me para entrar e não ficar à espera lá fora. Eu pensava que ele tinha sido morto na guerra. Quando o meu filho voltou e eu o vi, tive um ataque cardíaco e morri. Contei aos meus pais sobre a minha vida passada, mas ao princípio não acreditaram em mim. Depois reconheci o carro do meu filho da vida passada e dizia-lhes: 'Este é o meu filho.' E quando vi a minha filha da vida passada no autocarro da escola, chamei-a e disse à minha mãe: 'Esta é a minha filha.' Queria muito conhecê-la."

Enquanto ela me contava a história, uma mulher de meia-idade sentada ao lado assentia em concordância. Fatima Abu Hamdan é a filha que Laura recorda da vida passada. É também diretora pedagógica da escola.

Laura continuou:

"Para mim, a minha filha não é uma professora, mas vejo-a como professora na escola. A história passou, terminou e agora é apenas um acontecimento do passado."

Fatima Abu Hamdan contou prontamente a sua versão:

"Éramos seis filhos e a minha mãe amava-nos muito. Era extremamente emotiva. Durante a guerra civil era muito difícil ir de Beirute para a montanha e o meu irmão mais novo estava em Beirute. As milícias montaram um posto de controlo e prendiam pessoas da montanha que regressavam. A minha mãe ouviu isso e entrou em pânico. Pensou que morreria antes de voltar a ver o filho, mas então ele chegou e todos ficaram extremamente felizes. Diziam: 'Vês? Ele voltou, voltou.' Mas no momento em que viu o filho abraçou-o e teve imediatamente um ataque cardíaco.

Depois, alguns anos mais tarde, a nossa vizinha disse: 'Há uma rapariga chamada Laura. Ela diz que foi tua mãe na vida passada.' No princípio não acreditei porque nada era seguro na história. Um dia passava no autocarro escolar diante da rapariga e ela começou a chamar-me pelo meu nome: 'Fatima, Fatima.' Depois o meu irmão passou de carro perto da

casa da Laura e ela começou a chamá-lo pelo nome. Ele parou e perguntou se o conhecia e ela contou-lhe a história. Depois disso começou a visitar-nos frequentemente. Então quis tomar conta dela e aqui estamos."

Não demorara muito a encontrar uma história de vida passada quase tão complexa como a de Aiz, relatada anteriormente. Mas rapidamente foi ultrapassada pela história contada por Alleya, uma das outras professoras da escola. Confidenciou-me que, quando era mais nova, tivera um professor chamado Rifat Mlafat que se tornara seu amante. Os pais dela desaprovavam a relação e não lhes permitiram casar.

"Estávamos prestes a ficar noivos, mas muitos problemas entre os meus familiares e os dele impediram esse casamento", contou-me Alleya. "Amávamo-nos muito. Ele foi para a guerra libanesa. Morreu e eu fiquei muito triste, mas tenho uma esperança. Estava feliz porque pensava que o encontraria na nova vida. Depois ouvi aqui na escola que ele vinha estudar."

Ao lado dela encontrava-se um adolescente alto, elegantemente vestido e igualmente feliz, chamado Sami Erayes. Olhando para ele, Alleya acrescentou:

"Quando lhe perguntei o nome, ele disse-mo e falou de muitas coisas da vida anterior. Tive então a certeza de que era a mesma pessoa com quem tivera uma relação."

Nesse momento Sami prosseguiu a narrativa:

"Eu era professor. Quando estava na guerra libanesa, eu e o meu primo participávamos numa missão. O meu primo foi baleado e eu carreguei-o, mas depois também fui atingido. Quando renasci lembrava-me da minha vida como Rifat e falava desses dias. Mas agora, à medida que cresço, as memórias já não são tão fortes."

Agora, naturalmente, os papéis inverteram-se até certo ponto. A antiga aluna é agora professora e o antigo professor e amante é agora aluno na mesma escola. Parece mais o enredo de um romance romântico, mas esta é a vida real dos drusos no Líbano. Estavam claramente confortáveis na companhia um do outro e felizes por falar da relação anterior. Decidi, contudo, que seria levar a investigação da reencarnação longe de mais perguntar-lhes se pretendiam retomar o antigo romance.

Uma das muitas vítimas da guerra civil libanesa, em que sequestros e assassinatos eram frequentes, foi o professor de Cultura Drusa e Estudos Islâmicos da Universidade Americana de Beirute, Dr. Sami Makarem, que consegui entrevistar durante a visita. Um grupo militante fizera-o refém e colocara-o contra uma parede, apontando-lhe armas. O autor de *The Druze Faith* pensou que estava prestes a morrer. Mas a crença de que renasceria permitiu-lhe enfrentar as balas sem medo.

"Foi quase metafísico", disse-me. "Fez-me perceber como a crença na reencarnação é útil. Não havia medo. Na verdade, eu estava ansioso por uma nova vida."

Felizmente, acabou libertado sem sofrer qualquer dano.

Mas foi o meu encontro com o Dr. Abdel Abu Assi,10 um clínico geral druzo, que me proporcionou uma visão da reencarnação a partir de uma perspetiva muito diferente. Sentado à secretária à sua frente, no seu consultório, perguntei sobre o impacto das memórias de vidas passadas naqueles que ele trata. Seria invulgar encontrar crianças que se lembram de uma existência anterior, questionei, e teriam a maioria delas tido um fim violento nessa vida? "Não, não é invulgar", sorriu ele. "Na verdade, é habitual, particularmente nesta área onde todo o povo acredita na reencarnação.

Por isso, é uma questão de facto. A maioria das pessoas que conheci, que sabem algo sobre as suas vidas passadas, foram mortas de uma forma ou de outra. Estas crianças lembram-se geralmente das suas vidas passadas de forma mais vívida do que as pessoas que morreram de causas naturais. Por outro lado, são frequentemente muito difíceis de lidar, é por isso que as pessoas me procuram com estas queixas. Dizem-me que este bebé chora sempre e é difícil de tratar; dorme muito pouco, chora e não sabemos o que ele quer. Após examinar a criança, descubro que está saudável; não tem quaisquer problemas orgânicos. Então, tento descobrir se há algo da sua vida passada que venha com ele." Para ilustrar a sua abordagem, contou-me o caso de um rapaz de quatro anos que era muito difícil de lidar na escola e em casa: Ele dizia muitíssimas palavras e nomes e os seus pais não sabiam o que significavam.

Pensaram que poderia ser uma recordação de uma vida passada, por isso vieram ter comigo e perguntaram se eu podia ajudar. Então eu disse:

“Antes de mais, enfrentemos este problema: esta criança está a dizer-vos que sabe algo sobre a sua vida passada. Vamos obter mais informações dele.” Então comecei a fazer-lhe mais perguntas. “O que queres dizer com este nome?” “Porque mencionas este nome com tanta frequência?” E assim, ele começou a contar-me mais e mais coisas até que soube que ele estava a falar da sua morte na sua vida passada e do quanto sofreu antes de morrer.

Ele teve uma morte violenta. Estava noivo de uma rapariga e o pai da rapariga era muito contra o casamento, por isso matou-os aos dois. Esta criança conseguia lembrar-se de tudo o que aconteceu antes de serem mortos. Salientei a estes pais que deveriam levá-lo ao local que ele mencionava. Eles levaram-no, e imediatamente o seu comportamento mudou 180 graus. A sua professora veio agradecer-me porque esta criança é agora normal: está sempre a sorrir, ao passo que nunca costumava sorrir antes, e começou a prestar mais atenção às lições.

Ela tratava-o ao início como se fosse uma criança hiperativa ou autista, mas ele era normal. Perguntei-me se o encontro com a família da vida anterior resultaria numa melhoria no comportamento da criança. O Dr. Abu Assi respondeu: Sim — em quase todos os casos. Mesmo naqueles que foram de algum modo duros e difíceis para os pais de ambas as vidas, alivia muitos dos problemas da criança. É muito importante porque estas crianças são geralmente difíceis de lidar e complicadas até encontrarem alguém que se relacione com elas a partir da sua vida passada.

Por isso, sou a favor deste tipo de encontro. Com o tempo, a memória começará a desvanecer-se e ele não será tão exigente quanto a encontrar os seus pais, irmãos ou irmãs. Mesmo que os tenha conhecido, deixará de estar tão ansioso por vê-los — esse desejo também se desvanecerá. Por último, perguntei ao médico se alguma vez tinha tratado uma pessoa que reconhecesse como tendo sido um paciente em duas vidas. Sim, exatamente. Tenho uma pessoa que tratei em duas vidas consecutivas. Tratava-se de uma rapariga de Alay cujo nome era Dada.

Ela tinha onze anos quando foi com os seus pais fazer um piquenique numa das florestas próximas. Durante o piquenique, foi atingida acidentalmente por um caçador que procurava cabras. Ele escorregou, a arma disparou e ela foi atingida no peito. Não morreu imediatamente, mas conseguiu manter-se viva até o pai a levar para o Hospital da Universidade

Americana em Beirute. Enquanto lhe colocavam a via intravenosa, ela morreu. Quatro ou cinco anos mais tarde, esta Dada, que renasceu numa aldeia vizinha, ouviu o meu nome enquanto a mãe falava com a tia. Ela disse: "Quero ir ver este médico."

Os pais disseram-lhe: "Tu tens medo de médicos. Na semana passada levámos-te a um médico e tu gritaste." Mas ela respondeu: "Este médico eu quero conhecer." Então trouxeram-na a mim e, quando ela entrou por esta porta, disse: "Dr. Assi, eu conheço-o. O senhor costumava tratar-me disto", apontando para a garganta. "Eu costumava ter muitas dores de garganta. Lembra-se?" Eu disse: "Não, não me lembro. Diz-me apenas quem és." Ela disse: "Chamam-me [nome omitido], mas eu sou a Dada." Fui buscar os registos médicos da Dada e coloquei-os à minha frente e comecei a fazer-lhe perguntas e esta criança sabia tudo. Sabia inclusive sobre a sua morte: que tinha sido atingida no peito e o que o seu pai tinha feito para a levar ao hospital. Ela disse: "A senhora de branco estava a espetar uma agulha no meu braço, e não me lembro de mais nada."

Então telefonei aos pais da Dada e perguntei-lhes quando exatamente ela morreu, e eles disseram que a enfermeira estava a colocar uma via intravenosa no braço na sala de urgências, e então ela perdeu a consciência e não respondeu mais. Isso foi algo realmente inacreditável. Esta jovem ainda vem ter comigo sempre que tem problemas. Ela pensa que eu sou o seu médico super especial porque a tratei em duas vidas consecutivas. Tive de admitir que, independentemente do que se pense dos druzos e das suas crenças religiosas, a sua cultura tinha dado origem a algumas relações fascinantes da vida real que clamavam por uma análise muito mais profunda do que aquela para a qual eu ou os meus parceiros céticos no documentário televisivo tínhamos tido tempo.

A experiência também confirmou que a reencarnação é muito mais do que viver uma vida após a outra. Pode também tecer uma teia emaranhada de emoções à medida que aqueles que se veem envolvidos em revelações de vidas passadas aprendem a aceitar as suas implicações. Tais interações complexas baseadas na reencarnação não são exclusivas dos druzos. Voltemos agora a nossa atenção para o Tibete, onde o próprio futuro daquele país e do seu povo girou durante séculos em torno do renascimento dos seus principais lamas budistas.

Capítulo 4 O Bebé e o Buda Há mais de oitocentos anos, os budistas no Tibete introduziram um sistema único de governação política e religiosa que sobreviveu, apesar de inúmeros obstáculos, no século XXI. Na sua base está a crença na reencarnação. Enquanto alguns sistemas de regulação, como as monarquias e as ditaduras, são concebidos para dar o controlo a uma única família, a abordagem tibetana coloca essa responsabilidade nas mãos de almas que reencarnam, vez após vez, para continuar a sua missão. O líder reencarnado mais famoso dos tempos recentes é, naturalmente, o Dalai Lama, que os tibetanos acreditam estar atualmente na sua décima quarta encarnação.

O seu papel está a mudar, no entanto, como resultado de uma disputa de longa data com a China, que o levou a fugir da brutal opressão chinesa no Tibete, juntamente com milhares de outros, em 1959. O Dalai Lama e o governo tibetano no exílio estão agora baseados em Dharamsala, na Índia, onde se debatem com a crescente interferência chinesa na instituição da reencarnação.

O budismo chegou ao Tibete em meados do século VII e tornou-se a religião oficial do estado num espaço de cem anos. Em meados do século XII, a seita Kagyu do budismo tibetano (agora conhecida como o Chapéu Preto) estava bem estabelecida, com o seu líder Düsum Khyenpa — o primeiro Karmapa — a fundar vários mosteiros, incluindo a sua sede principal em Tsuphu, e a estabelecer uma tradição oral de instrução que continua até hoje. Pouco antes da sua morte em 1193, aos oitenta e quatro anos, Düsum Khyenpa fez previsões sobre futuros Karmapas.

Ele chegou a escrever uma carta de previsão que fornecia detalhes sobre a sua próxima encarnação, a qual entregou ao seu principal discípulo, Drogon Rechen, a quem selecionou como o próximo detentor da linhagem até ao momento em que a sua reencarnação fosse encontrada, confirmada e tivesse idade suficiente para continuar o trabalho que a sua morte interrompera. A sua encarnação seguinte foi como Karma Pakshi, uma criança prodígio nascida numa família nobre no leste do Tibete.

Foi levado para o mosteiro de Tsuphu para receber instrução, e consta que aprendeu a tradição Kagyu muito rapidamente, o que não surpreende os crentes, uma vez que, na sua vida anterior, ele tinha sido fundamental na sua formulação. Em 1284, Rangyung Dorje foi reconhecido como o terceiro Karmapa — a reencarnação de Karma Pakshi, que tinha morrido

no ano anterior. E assim a instituição Kagyu de lamas reencarnados — "tulkus" — sucedendo nos seus lugares monásticos e religiosos continuou por mais de oitocentos anos e espalhou-se por outros ramos do budismo, incluindo a seita Gelugpa (Chapéu Amarelo), não só no Tibete mas noutros locais do mundo. Hoje em dia, a seita do Chapéu Amarelo é a maior, e o seu líder, o Dalai Lama, o budista mais influente do mundo.

O título Dalai Lama é, de facto, uma expressão mongol que significa "oceano vasto" e não é utilizado no Tibete, onde ele é geralmente referido como Gyalpo Rinpoche ("Rei Precioso") ou, pelos membros da família, como Kundun ("Presença"). Gedun Truppa (1390-1474) e Gedun Gyatso (1475-1542), ambos monges Gelugpa, foram declarados o primeiro e o segundo Dalai Lamas da seita do Chapéu Amarelo postumamente. Foi apenas quando Sonam Gyatso foi confirmado como o terceiro "soul boy" nesta série de reencarnações em 1546 que o título de Dalai Lama foi concedido na altura do seu reconhecimento e confirmação — um procedimento que tem sido seguido desde então.

Uma das maiores conquistas de Sonam Gyatso foi a introdução da seita do Chapéu Amarelo na Mongólia Interior, com o apoio de Altan Khan, líder e príncipe dos Mongóis Tumed. Este governante ficou tão impressionado com os ensinamentos budistas da seita que concordou em terminar com o costume xamanista incivilizado de uma esposa se sacrificar pelo seu falecido marido. O laço estreito que se desenvolveu entre o líder mongol e o terceiro Dalai Lama resultou numa mudança inesperada de local para a encarnação seguinte deste último: a quarta manifestação do Dalai Lama nasceu em 1589 como Yonten Gyatso, o bisneto de Altan Khan.

Ele foi identificado primeiro por mongóis nativos e depois pelo tesoureiro privado do terceiro Dalai Lama, bem como por príncipes e princesas da Mongólia Interior. No entanto, foi necessária a confirmação de uma delegação dos três grandes mosteiros do Chapéu Amarelo antes de o primeiro Dalai Lama não tibetano ser confirmado e entronizado em 1603. Diz-se que a delegação deliberou longamente antes de chegar a uma decisão, o que não surpreende, uma vez que uma atitude de ceticismo crítico é encorajada no seio do budismo tibetano para promover capacidades de meditação analítica. Os tibetanos gostam de citar um ditado

sânscrito no sentido de que se deve testar as palavras do Buda como se testaria a qualidade do ouro.

Esta abordagem é particularmente necessária quando se confirma a identidade dos tulkus. Um desenvolvimento importante ocorreu durante a encarnação do quinto Dalai Lama, Lozang Gyatso, que surgiu durante um período particularmente sangrento na conturbada história do Tibete. O líder de uma das quatro principais tribos dos Mongóis Oriat, Gushi Khan, invadiu o território rival de Qinghai, matando um exército de quarenta mil pessoas no processo. A seita do Chapéu Amarelo era muito popular nessa região, e Gushi Khan tinha respeito pelos seus dois principais tulkus, o Dalai Lama e o Panchen Lama, cuja linhagem remonta aos anos 1400. A seita estava virtualmente em guerra com a seita do Chapéu Preto, que queria aniquilar o Chapéu Amarelo. Em 1641, após consulta com o Panchen Lama, o quinto Dalai Lama persuadiu Gushi Khan a conduzir o seu exército para o Tibete, o que ele fez com sucesso, tornando-se líder das três regiões do Tibete. Ele, por sua vez, colocou tanto o poder político como o religioso da gestão do Tibete nas mãos do Dalai Lama, acabando com a supremacia da seita Kagyu e resultando numa redistribuição da sua riqueza e bens.

Estatísticas compiladas em 1733, incidentalmente, mostram que o Chapéu Amarelo possuía então 3.477 mosteiros nos quais serviam 316.230 monges.1 O sistema de procura pelas reencarnações de lamas seniores permaneceu praticamente intacto desde então, com um regente a ser nomeado como zelador durante os anos em que o lama recém-nascido está a crescer, até atingir uma idade em que possa assumir as responsabilidades totais do cargo. Vamos agora avançar rapidamente mais de três séculos, para o período logo após a morte em 1933 do décimo terceiro Dalai Lama, Thubten Gyatso.

Seguindo a tradição, aqueles que lhe eram próximos procuraram sinais que indicassem onde procurar a sua reencarnação. Embora a verificação final dos tulkus não seja dissimilar dos métodos utilizados pelos investigadores modernos que investigam casos sugestivos de reencarnação, os preliminares são quase místicos. Foram organizados três grupos de busca para o procurar no ano seguinte — para dar tempo a que a sua alma entrasse num embrião em desenvolvimento — e essa busca começou a

sério em 1935, quando se diz que a cabeça embalsamada do décimo terceiro Dalai Lama deu uma pista importante.

Enquanto o seu corpo jazia em câmara ardente, a sua cabeça virou-se de sul para nordeste, fornecendo uma indicação de que a sua alma tinha agora renascido naquela região. Seguiram-se outros sinais, incluindo a visão de um regente num lago sagrado das letras Ah, Ka e Ma, e de um mosteiro de três andares com um telhado de ouro e turquesa, de onde um caminho conduzia a uma colina. Ele também teve a visão de uma pequena casa de quinta. Estas pistas foram suficientes para que um dos grupos de busca se dirigisse para nordeste e particularmente para Amdo, uma província histórica tibetana que faz agora parte da província chinesa de Qinghai, que o regente sentia ter sido indicada pela primeira letra que vira no lago.

A segunda letra era possivelmente uma referência a Kumbum, cujo mosteiro correspondia à descrição dada pelo regente. No caminho, visitaram o Panchen Lama, que historicamente desempenha um papel significativo na identificação de um novo Dalai Lama, e vice-versa quando a reencarnação de um Panchen Lama precisa de ser confirmada. Ele forneceu-lhes os nomes de três rapazes e onde podiam ser encontrados. Isto não é invulgar: as buscas por lamas seniores reencarnados culminam frequentemente na identificação de uma série de candidatos prováveis que devem depois ser testados por aqueles que eram mais próximos da encarnação anterior para determinar qual deles é o tulku.

Além dos nomes fornecidos pelo Panchen Lama, os pesquisadores levavam também consigo um desenho produzido pelo regente, baseado na sua visão no lago, retratando uma casa de quinta com algerozes estranhos. Quando a encontraram, na aldeia de Takster, optaram por não revelar o seu propósito, perguntando simplesmente à família pobre que ali vivia se podiam pernoitar. Foram bem recebidos. O líder do grupo, Kewtsang Rinpoche, fingiu ser um servo e passou grande parte da noite a observar e a brincar com a criança mais nova da casa, Lhamo Thondup, que tinha nascido a 6 de julho de 1935. Apesar do seu disfarce, a criança de quatro anos reconheceu o rinpoche, chamando-lhe “Sera lama” — uma referência ao mosteiro de Kewtsang Rinpoche. O grupo de busca partiu na manhã seguinte, mas regressou alguns dias mais tarde, desta vez como uma delegação formal transportando uma variedade de objetos, alguns dos quais

tinham pertencido ao décimo terceiro Dalai Lama e outros que seriam atraentes como brinquedos para um rapaz jovem. Em todos os casos, Lhamo Thondup identificou bens que tinha possuído na sua vida anterior, dizendo: "É meu, é meu."

No seu relato emocionante sobre a infância dele, a mãe do Dalai Lama conta-nos que, durante a breve estadia do grupo de busca, o seu filho passou três horas com eles naquela noite. "Mais tarde disseram-me que tinham falado com ele no dialeto de Lhasa e que ele tinha respondido sem dificuldade, embora nunca tivesse ouvido aquele dialeto antes." Mesmo havendo outros candidatos, tinham encontrado o décimo quarto Dalai Lama — sujeito a confirmação oficial. Quando souberam disto, os seus pais compreenderam o significado de dois dos seus traços comportamentais: ele exigia sempre sentar-se à cabeceira da mesa, e uma ocupação favorita desde a infância tinha sido arrumar coisas num saco, como se fosse partir para uma longa viagem, dizendo: "Vou para Lhasa."

A residência principal do Dalai Lama era o Palácio Potala, em Lhasa, e quando Lhamo Thondup e a sua família foram finalmente levados para lá em outubro de 1939, após uma viagem de três meses, ele também identificou corretamente a taça de beber e a dentadura postiça que tinha usado na sua vida anterior. Há quem defenda que tirar crianças pequenas aos seus pais numa idade precoce e doutriná-las com ensinamentos religiosos é extremamente cruel. O Dalai Lama admite que a separação naqueles primeiros anos, após ser reconhecido como um tulku muito importante, o tinha deixado infeliz. Agora, naturalmente, esses dias difíceis são uma memória distante e ele é reconhecido em todo o mundo enquanto luta pelos direitos do Tibete e do seu povo contra o poder da China. Na altura em que foi entronizado, em novembro de 1950, aos quinze anos, e recebeu o nome de Tenzin Gyatso, os comunistas chineses já tinham iniciado incursões no Tibete e, seis meses mais tarde, uma delegação enviada a Pequim para convencer a liderança chinesa a não invadir o país foi forçada, sob ameaça de armas, a assinar um acordo que devolvia o Tibete à pátria mãe.

Durante quase uma década, o jovem Dalai Lama fez o seu melhor para evitar uma tomada de poder militar no seu país. A sua decisão de fugir do Tibete surgiu poucos dias depois de uma revolta pró-independência em Lhasa ter sido esmagada pelas tropas chinesas e baseou-se numa instrução

que recebeu a 17 de março de 1959, por parte do oráculo do estado. Ele fugiu do país disfarçado de soldado, acompanhado pelo oráculo e por uma pequena escolta, incluindo os seus familiares imediatos.

Acabaram por fixar residência em Dharamsala, para onde outros também fugiram, onde estabeleceram um governo no exílio. Tenzin Gyatso, o décimo quarto Dalai Lama, continua a lutar incansavelmente para preservar a cultura, as crenças e os direitos humanos do Tibete. Mas a sua postura de alto perfil contra a China teve repercussões inesperadas para o seu povo e, particularmente, para a instituição dos lamas reencarnados. Incapaz de erradicar ou suprimir as crenças profundamente enraizadas dos budistas do Tibete, a República Popular da China decidiu exercer controlo intrometendo-se no próprio processo de reencarnação, apesar de, como estado comunista e, portanto, ateu, não dever estar interessada no funcionamento de um sistema religioso que promove a existência de almas que vivem muitas vidas. A razão para esta interferência, escusado será dizer, nada tem a ver com religião ou espiritualidade e tem tudo a ver com política — não só a política chinesa mas também a tibetana — porque o Dalai Lama tem sido tanto o líder religioso como o político do Tibete desde 1641. Num jogo de gato e rato que tem sido disputado entre os dois durante o último meio século, a China encontrou uma forma fisicamente não conflituosa de atingir o seu objetivo: uma tentativa de aquisição para determinar o resultado do processo de reencarnação dos principais tulkus.

Foi forçada a revelar as suas intenções pouco depois de o Dalai Lama ter emitido uma declaração a 14 de maio de 1995, proclamando que a décima reencarnação do Panchen Lama — que tinha morrido aos 51 anos a 28 de janeiro de 1989 — fora encontrada e reconhecida. Ele revelou ser Gedhun Choekyi Nyima, filho de nómadas, nascido a 25 de abril de 1989, no distrito de Lhari em Nagchu, Tibete, acrescentando: De acordo com a relação histórica e espiritual entre os Dalai Lamas e os Panchen Lamas, o Comité de Busca para a Reencarnação, representado principalmente pelo Mosteiro Tashi Lhunpo no exílio na Índia e por vários grupos e indivíduos de todas as regiões do Tibete, bem como do exterior, abordou-me para realizar o exame e a adivinhação para determinar a reencarnação.

Assumi esta tarefa histórica e espiritual com um forte sentido de responsabilidade. Ao longo dos últimos anos, realizei com grande cuidado todos os procedimentos religiosos necessários para este fim e fiz súplicas às

infalíveis Três Joias. Estou plenamente convencido do resultado unânime de todos estes procedimentos de reconhecimento realizados estritamente de acordo com a nossa tradição religiosa. . . . A busca e o reconhecimento da reencarnação do Panchen Rinpoche é uma questão religiosa e não política. É minha esperança que o Governo Chinês, com quem mantive contacto sobre este assunto através de vários canais ao longo dos últimos anos, estenda a sua compreensão, cooperação e assistência ao Mosteiro Tashi Lhunpo para permitir que o Rinpoche receba formação religiosa adequada e assuma as suas responsabilidades religiosas. Essa esperança durou pouco. A China rotulou imediatamente a escolha do Dalai Lama como ilegal e nula porque ele não tinha procurado a aprovação da China. Gedhun Choekyi Nyima e os seus pais desapareceram prontamente e não foram vistos desde então.

A China, que tinha estado a conduzir a sua própria busca, anunciou então a sua lista de candidatos para o papel de décimo primeiro Panchen Lama, acabando por conceder esse título a Gyaincain Gyaltsen Norbu, filho de dois líderes do Partido Comunista, após a extração do seu nome de uma urna dourada, o método de seleção preferido da China. Assim, o budismo tibetano tem agora dois Panchen Lamas: um, cujo paradeiro é desconhecido, selecionado pelo principal tulku do Tibete, o Dalai Lama, e um segundo, que é exibido pela China como a face pública do budismo.

A importância de ter o seu próprio Panchen Lama, claro, reside no facto de que, quando o Dalai Lama morrer — ele celebrou o seu septuagésimo sexto aniversário em 2011 —, o seu próprio Panchen será usado para ajudar a identificar e reconhecer um candidato escolhido pelos chineses como o décimo quinto Dalai Lama reencarnado. De facto, o governo chinês tomou outras medidas para garantir esse desfecho, introduzindo uma nova lei, que entrou em vigor em março de 2011, que exige que os monges budistas no Tibete peçam autorização ao regime comunista chinês para reencarnar.

Ironicamente, a sua introdução foi descrita pelas autoridades chinesas como “um passo importante para institucionalizar a gestão da reencarnação”, mas o seu efeito será o de proibir o renascimento tanto do Dalai Lama como do Panchen Lama fora da China. No entanto, o Dalai Lama contornou essa questão ao retirar-se como líder político do governo tibetano no exílio — algo que discutiu abertamente durante muitos anos —

para democratizar ainda mais a comunidade de refugiados tibetanos, composta por 145.000 pessoas. O fim formal de uma tradição de trezentos e setenta anos permite que o seu sucessor político seja eleito livremente. Quanto ao seu papel como líder espiritual e às suas futuras encarnações como o Dalai Lama, ele ofereceu uma série de alternativas, todas destinadas a derrotar as intenções da China.

Ele poderia, sugeriu, identificar a sua própria reencarnação antes de morrer, para que não houvesse discussão sobre o assunto. Poderia renascer como mulher. Poderia até regressar no corpo de um estrangeiro. Ou poderia realizar-se um referendo sobre se ele deveria, de todo, reencarnar. O que é certo, diz ele, é que não reencarnará em solo chinês. Como isto se desenrolará no futuro é difícil de prever, mas de facto espanta muitos observadores que, enquanto o Dalai Lama faz o seu melhor para remover a religião da política do seu país, a China esteja determinada a injetar política nas suas instituições religiosas. E o resultado, quase certamente, será que, daqui a uma década ou pouco mais, haverá dois Dalai Lamas.

Em nenhum outro lugar deste planeta a reencarnação desempenha um papel tão fulcral no destino de uma nação, e é inevitável que sejam os grandes tulkus cujas palavras e ações fazem as manchetes. No entanto, o processo ocorre em todos os níveis do budismo tibetano e, para surpresa de muitos, parece ser mestre em escolher jovens, por vezes antes de saberem falar e frequentemente de origens humildes, que se tornam líderes altamente capazes. É um fenómeno observado por Ngawang Zangpo, que traduziu e escreveu uma introdução ao estudo de Jamgon Kongtrul Lodro Tayé do século XIX, *Enthronement: The Recognition of the Reincarnate Masters of Tibet and the Himalayas*.2 Durante o curso dos seus estudos sob a orientação de mestres de meditação tibetanos, Zangpo conheceu quase cem homens e uma mulher que eram reconhecidos como mestres reencarnados. “Quer se opte por acreditar na reencarnação ou se descarte a ideia como um disparate”, escreveu ele, “acredito que qualquer pessoa ficaria impressionada com estes indivíduos. Se as qualidades excecionais que parecem partilhar — compaixão incomum, paciência, vigor, sabedoria, humor, bondade amorosa, bondade e, muitas vezes, génio — se devem a um sistema de seleção capaz de reconhecer prodígios antes de serem capazes de falar, é um sistema que merece um estudo sério.”

O tradutor explica que o seu envolvimento no livro foi o resultado de um anúncio feito pelo Dalai Lama em 1991 de que uma criança que Zangpo conhecia praticamente desde o nascimento — um "pequeno buda" em fraldas — é a reencarnação de Kalu Rinpoche, o professor de meditação e guia espiritual tibetano com quem ele estudara de 1912 até à sua morte em 1989.

Exemplos semelhantes de reencarnação encontram-se noutras partes do mundo, refletindo o desenvolvimento global do budismo tibetano e a alargada procura de mestres reencarnados, o que significa que, além de abraçarem os seus ensinamentos, alguns ocidentais e as suas famílias tiveram de aprender a lidar com as enormes implicações da crença no renascimento. Jeffrey Miller, um nova-iorquino judeu, por exemplo, mas também estudante de budismo tibetano e Zen durante quase trinta anos, tornou-se o Lama Surya Das, considerado "o lama americano com a formação mais elevada". Tenzin Sherab, um jovem canadiano residente em Montreal, é oficialmente reconhecido como a reencarnação de Geshe Jatse, um eminente sábio e meditador tibetano, que morrera na sua gruta no Tibete mais de trinta anos antes. Ambos parecem ter-se ajustado bem. Por vezes, porém, um lama reencarnado escolhe um caminho diferente. Osel Hita Torres, um rapaz espanhol identificado como a reencarnação do Lama Thubten Yeshe, que fundou a Fundação para a Preservação da Tradição Mahayana (FPMT), parece ter lutado com o seu novo papel desde uma idade muito precoce. Ele já não permite que as pessoas lhe chamem Lama Osel e, embora continue a aceitar o seu estatuto de reencarnado e a manter a sua associação com a FPMT a uma distância amigável, está a seguir uma carreira criativa na cinematografia.

Outros tulkus budistas parecem abraçar a sua nova encarnação de braços abertos, mesmo que a sua identificação resulte em dificuldades ou perdas para aqueles que os rodeiam. A mãe do décimo quarto Dalai Lama deixou-nos um relato muito comovente da caminhada de três meses que ela e outros membros da família tiveram de suportar, juntamente com uma enorme comitiva, enquanto faziam o seu caminho perigoso de Kumbum para Lhasa, através de paisagens áridas e território famoso pelo banditismo, a fim de entregar o seu filho à capital tibetana para que a sua alma reencarnada pudesse continuar a sua missão espiritual. Tal é o poder da crença entre os budistas tibetanos. Mas mesmo eles compreendem a

necessidade de o grupo de busca avaliar as provas de uma vida passada para terem a certeza de que encontraram o candidato certo.

É um processo que captou a imaginação de muitos investigadores, à medida que sondam as possibilidades do renascimento na sua tentativa de compreender os mistérios da nossa existência e responder à pergunta perene sobre a consciência: O que acontece connosco, se é que acontece alguma coisa, quando morremos?

Capítulo 5

Espíritos Pioneiros

Os líderes do Budismo aplicam regras de verificação rigorosas para garantir que os seus tulkus são corretamente identificados. Para milhões de outras pessoas em todo o mundo que acreditam na reencarnação, a necessidade de confirmação positiva de uma vida passada não tem a mesma urgência. Aqueles que afirmam ter memórias de uma existência anterior aprendem cedo que alguns dos seus amigos e familiares acreditarão neles, enquanto outros não.

Para a maioria das pessoas — exceto para aqueles poucos que estão determinados a que as suas afirmações sejam aceites — pouco importa se os outros consideram as suas memórias como reais ou fantasia, porque as suas opiniões não terão influência nas suas vidas presentes. Nenhuma longa caminhada até Lhasa os espera para se tornarem líderes espirituais mundialmente famosos — apenas a continuação do que é provável que seja uma existência muito mais mundana na sua atual encarnação. Mas, no século XIX, alguns indivíduos começavam a perceber que, se as alegações de vidas passadas pudessem ser provadas, resultando em evidência científica da existência de uma alma capaz de sobreviver à morte e regressar para viver novamente num novo corpo, então isso teria implicações enormes para toda a humanidade.

A sua investigação, e a influência de vários pensadores e filósofos carismáticos, ajudaram a lançar as bases para o incrível crescimento do interesse pela reencarnação que se verificou no século XX. Isto pode, em parte, ter-se devido a uma vontade geral de explorar novos horizontes espirituais. Qualquer que tenha sido a causa, foi certamente acelerada pela perceção gradual de que quase qualquer pessoa parece ser capaz de recuperar “memórias” de vidas passadas. Isso surgiu com a descoberta de

várias técnicas — tais como o mesmerismo, o sonambulismo e a hipnose — que podiam alterar o nível de consciência de um indivíduo e, aparentemente, dar acesso a memórias profundamente enterradas. Não é uma ideia nova. Quase dois séculos antes do nascimento de Cristo, Patanjali, o codificador indiano dos *Yoga Sutras* (escrituras hindus relativas à prática do ioga), forneceu técnicas que eram benéficas, incluindo um verso (3.18) que diz: "Pelo autocontrolo sobre a perceção das impressões mentais, surge o conhecimento de vidas anteriores." A teoria sendo, claro, que num estado alterado de consciência, as memórias de encarnações anteriores poderiam emergir do subconsciente e ser retidas na mente consciente.

Para alguns indivíduos, técnicas especiais para recuperar memórias de vidas passadas não são necessárias — eles nascem com as memórias. De facto, tais casos são um fenómeno global, afetando principalmente crianças pequenas e seguindo um padrão reconhecível, fornecendo no processo algumas das evidências mais fortes de reencarnação de que há registo. Um caso precoce que apresenta todas estas características foi registado por Lafcadio Hearn (1850-1904), um escritor europeu com seguidores internacionais que era mais conhecido pelos seus livros sobre o Japão, particularmente as suas lendas e histórias de fantasmas.

No seu *Gleanings in Buddha-Fields: Studies of Hand and Soul in the Far East* (1897), ele incluiu a tradução de uma série de documentos japoneses antigos que descreveu como "muito assinados e selados, e datando da primeira parte do presente século", que se encontravam na biblioteca do Conde Sasaki, em Tóquio. Foram feitas cópias para Hearn para que ele as pudesse traduzir.

O caso refere-se a um rapaz japonês, Katsugoro, filho de um agricultor, nascido em 1815. Aos quatro anos, enquanto brincava com a sua irmã mais velha, Fusa, perguntou-lhe de onde ela tinha vindo antes do seu nascimento atual. Ela achou a pergunta tola, mas Katsugoro disse que se conseguia lembrar. O seu nome fora Tozo, e vivia em Hodokubo com os seus pais, chamados Kyubei e Shidzu. Quando a sua avó o questionou mais tarde sobre isto, Katsugoro disse-lhe que até aos quatro anos conseguia lembrar-se de tudo sobre a sua vida anterior, mas que essas memórias estavam agora a desvanecer-se. Ainda se lembrava, no entanto, que o seu pai, Kyubei, tinha morrido quando ele tinha cinco anos, e um homem

chamado Han-shiro tinha ocupado o seu lugar na casa. Tozo morreu um ano depois de varíola, e o seu corpo fora colocado num jarro e enterrado numa colina.

O rapaz pediu então à avó que o levasse a Hodokubo para visitar o túmulo do seu antigo pai, o que ela fez. Ao chegar à aldeia, Katsugoro correu à frente e, ao chegar a um determinado edifício, declarou à avó: "Esta é a casa", e entrou prontamente. A avó seguiu-o e as suas perguntas suscitaram a informação de que o nome do proprietário era Hanshiro, a sua mulher era Shidzu, ela tivera um filho chamado Tozo, que nascera em 1805 e morrera em 1810, e cujo pai se chamava Kyubei. Todas as afirmações da criança foram confirmadas. Olhando para fora da casa, Katsugoro comentou que a tabacaria do outro lado da rua, e uma árvore, não estavam lá quando Tozo era vivo, o que também era verdade.

Isto, claro, é evidência anedótica. Temos apenas a palavra da avó, e devemos assumir que a tradução de Hearn do japonês original é precisa. No entanto, como veremos no próximo capítulo, é impressionantemente semelhante a casos modernos sugestivos de reencarnação.

Por alguma razão, na cultura ocidental poucas crianças afirmam recordar vidas passadas, assumindo que já viveram antes. A possibilidade de descobrir tais memórias dos recessos mais profundos da mente era, contudo, um conceito que entusiasmava vários investigadores europeus. O médico francês Abroise-August Liébeault (1823-1904), por exemplo, experimentou a ideia há mais de um século, utilizando vários métodos de sugestão. Liébeault influenciou a "Escola de Nancy (Sugestão)" e é considerado por muitos como o pai da hipnoterapia moderna. Estudou a clarividência e a mediunidade, e os seus escritos sobre fenómenos psíquicos ilustram o interesse sobreposto que existia na altura entre a hipnose e o paranormal.

No final do século XIX, outro francês, Gabriel Delanne (1857-1926), tinha publicado vários livros influentes sobre temas espirituais e é notável por introduzir uma abordagem científica ao estudo dos fenómenos psíquicos — particularmente a reencarnação. A sua mãe era uma médium ativa e o seu pai, Alexandre, um amigo próximo do fundador do Espiritismo, Allan Kardec.

Entre os livros de Delanne, todos baseados em experiência pessoal e investigação conduzida cientificamente, encontram-se *A Alma é Imortal* (*Evidence for a Future Life*), *Documents for the Study of Reincarnation* e, finalmente, *A Reencarnação* (*Reincarnation*). A filosofia espírita, que abraçava uma forte crença em vidas passadas, espalhou-se rapidamente das suas raízes parisienses para se tornar um movimento mundial devido, em grande parte, ao trabalho de Kardec e Delanne.

Ao mesmo tempo que Liébeault e Delanne investigavam e escreviam sobre as suas experiências, a formidável Helena Blavatsky (1831-1891), nascida na Ucrânia, demonstrava os seus poderes psíquicos e formulava uma filosofia espiritual que culminou em 1875 com o estabelecimento da Sociedade Teosófica em Nova Iorque (que mais tarde se mudou para a Índia). A reencarnação desempenha um papel significativo nos ensinamentos da Teosofia devido à forte influência do Budismo.

Outra médium que causou um grande impacto no final do século XIX foi Helene Smith (1861-1929) — nome real Catherine-Elise Muller —, filha de um comerciante húngaro. Ela exibiu uma variedade de fenómenos psíquicos e foi investigada por, entre outros, Theodore Flournoy, professor de psicologia na Universidade de Genebra, que mostrou particular interesse na sua capacidade de entrar em transe e descrever as suas vidas passadas, que incluíam ser uma princesa hindu e Maria Antonieta. Ela também parecia ter a capacidade de ver e descrever lugares distantes.

Foi esse dom que levou Flournoy a escrever o livro que a tornou famosa: *Da Índia ao Planeta Marte* (*From India to the Planet Mars*, ed. inglesa 1900). Helene Smith não só deu detalhes de uma civilização que vivia naquele planeta, como também usou o seu dom de escrita automática para produzir exemplos da língua escrita dos marcianos, que traduziu para francês. O livro foi bem recebido mas, para ser justo com Flournoy, ele não era um investigador ingénuo, atribuindo muito do que ela "via" a imaginações infantis.

Um dos mais famosos médiuns do século XIX, Daniel Dunglas Home (1833-1886), estava entre os muitos espiritualistas que criticavam abertamente as alegações de vidas passadas e teriam subscrito as conclusões de Flournoy. Home declarou: "Já conheci uma dúzia de Maria Antonietas, seis ou sete Marias da Escócia, uma hoste inteira de Luíses e

outros reis, cerca de vinte Alexandres o Grande, mas nunca um simples John Smith. Gostaria de enjaular esta última curiosidade."

Entretanto, o investigador francês Albert de Rochas (1837-1914) tornara-se um dos mais conhecidos investigadores psíquicos. Um engenheiro militar excecional, administrador soberbo e estudioso, foram os estudos ocultos e psíquicos que realmente o cativaram. Os temas que investigou incluíam a reencarnação, mediunidade de espíritos, telepatia, telecinesia e sonambulismo. Os muitos livros de De Rochas sobre as suas experiências incluem dois sobre reencarnação que foram publicados pouco antes da sua morte: *Les Vies Successives* (*Vidas Sucessivas*) em 1911 e *La Suspension de la Vie* (*A Suspensão da Vida*) em 1913.

As suas técnicas eram invulgares porque descobriu que podia induzir um estado semelhante ao transe num sujeito fazendo passes longitudinais com as mãos, enviando o indivíduo para trás no tempo, o qual recordava então experiências anteriores nesta vida e depois mais além, "para o cinzento", e mais atrás, para uma existência anterior. Ao fazer passes transversais com as mãos, ele conseguia trazer o sujeito de volta através dessas várias recordações até ao presente. No entanto, parece não ter sido feita qualquer tentativa para verificar se estas memórias de vidas passadas tinham algum conteúdo factual.

No início do século XX, o nosso foco muda para o Reino Unido, que se estava a tornar muito mais recetivo ao conceito de reencarnação. Entre os crentes encontrava-se Travers Christmas Humphreys, QC (1901-1983), um advogado britânico que era budista e teosofista, ambos proclamando a reencarnação como um facto da vida — e da morte. Humphreys foi admitido na Ordem dos Advogados em 1924 e no mesmo ano tornou-se o presidente fundador da Sociedade Budista de Londres, agora a mais antiga e maior do Reino Unido. Esteve envolvido como procurador em numerosos julgamentos de homicídio, incluindo o de Timothy Evans que, depois de ter sido enforcado por um crime que não cometeu, foi perdoado postumamente; e Ruth Ellis, a última mulher a ser enforcada por homicídio em Inglaterra. Mais tarde na sua carreira, tornou-se juiz no Old Bailey. A sua crença na reencarnação baseava-se aparentemente em muito mais do que os ensinamentos budistas e teosofistas. Humphreys estava convencido de que tinha sido condenado à morte cerca de trinta e trezentos anos antes, durante o reinado do egípcio Ramsés II, por fazer amor com uma jovem

sacerdotisa — uma Virgem de Ísis — que jurara abster-se de sexo para honrar a deusa. Com tal memória de uma vida passada, talvez não surpreenda que acreditasse ser o karma que o tornara procurador, tal como era o karma que levava os criminosos a cometer crimes.

No mesmo ano em que Humphreys abriu o centro budista em Londres, a intrépida exploradora belga-francesa Alexandra David-Neel (1868-1969) chegou a Lhasa com um companheiro, ambos disfarçados de peregrinos. Foi a primeira mulher europeia a visitar a capital tibetana e conseguiu ficar durante dois meses antes de surgirem suspeitas sobre a sua verdadeira identidade. Budista e espiritualista, aprendeu a língua e regressou ao Tibete em 1937, escrevendo relatos fascinantes das suas experiências, incluindo vários encontros com lamas reencarnados.

Produziu mais de trinta livros sobre religião e filosofia orientais, e sobre as suas viagens, frequentemente publicados simultaneamente em francês e inglês. Incluem *Viagem a Lhasa* (*My Journey to Lhasa*, 1927), *Magos e Místicos do Tibete* (*Magic and Mystery in Tibet*, 1929) e *Immortality and Reincarnation* (1961). Christmas Humphreys, aliás, escreveu um prefácio para a obra dela *Buddhism: Its Doctrines and Its Methods* (1978).

Outro viajante oriental foi Alexander Cannon (1896-1963), um médico nascido na Grã-Bretanha que foi um dos primeiros hipnoterapeutas e investigadores. Algumas das suas experiências alegadas são tão sensacionais que o rigor dos seus relatos deve ser visto com suspeição. Por exemplo, no seu livro *The Invisible Influence* (1933), conta-nos que ele, os seus carregadores e a bagagem foram levitados sobre um abismo no Tibete. Como resultado, o Conselho do Condado de Londres, para quem trabalhava como psiquiatra e cientista investigador num hospital psiquiátrico, demitiu-o alegando que não tinha condições para exercer, embora ele tenha recorrido com sucesso e tenha sido reintegrado. Em anos recentes houve relatos de que o rei Eduardo VIII foi um dos pacientes de Cannon, pouco antes da sua abdicação em 1936, e também de que o hipnotizador era um espião e simpatizante nazi.

O que nos interessa, contudo, é a contribuição de Cannon para a evidência da reencarnação que emergiu à medida que usava o hipnotismo para tratar as maleitas dos seus pacientes. Em *The Power Within* (1952), cujo subtítulo era *A Reexamination of Certain Psychological and*

Philosophical Concepts in the Light of Recent Investigations and Discoveries, ele diz-nos:

Durante anos, a teoria da reencarnação foi um pesadelo para mim e fiz o meu melhor para a refutar e até argumentei com os meus sujeitos em transe no sentido de que estavam a dizer disparates, e no entanto, com o passar dos anos, um sujeito após outro contava-me a mesma história apesar de crenças conscientes diferentes e variadas, ao ponto de, até agora, bem mais de mil casos terem sido assim investigados e eu ter de admitir que a reencarnação existe.

É, portanto, apenas correto e adequado que eu inclua este estudo como um ramo da psicologia, como o meu texto testemunha o grande benefício que muitos receberam psicologicamente ao descobrir complexos e medos ocultos que, sem dúvida, foram trazidos pelo corpo astral de vidas passadas.

Por mais reticentes que possamos estar em aceitar Alexander Cannon pelo seu valor facial — ele, afinal, adotou vários títulos pomposos, como Kushog Yogi do Tibete do Norte e Mestre-o-Quinto da Grande Loja Branca dos Himalaias —, não há como escapar ao facto de que parece ter sido um espírito pioneiro no que diz respeito à exploração de vidas passadas através da hipnose, além de ser um dos primeiros a usar aparentemente essas memórias de vidas passadas para fins terapêuticos.

Coincidentemente, isto foi algo que Joan Grant (1907-1989) — cujas capacidades de "memória longínqua" descrevi com algum detalhe no capítulo 2 — começou a explorar por volta da mesma altura que Cannon, juntamente com o seu terceiro marido, Denys Kelsey, um psiquiatra. Os seus primeiros livros, publicados na década de 1930, basearam-se nas suas recordações de vidas anteriores que afirmava ter vivido no Egito. Mas em *Muitas Vidas* (*Many Lifetimes*, 1968), ela e Denys olharam para as lições que tinham aprendido sobre vidas passadas e o seu valor terapêutico ao lidar com uma variedade de condições.

O seu trabalho pioneiro é também comemorado em *Speaking from the Heart: Ethics, Reincarnation and What It Means to Be Human*, uma coleção de ensaios, poesia e palestras compilada pela sua neta Nicola Bennett, juntamente com Jane Lahr e Sophia Rosoff. Denys Kelsey elaborou mais sobre as suas experiências em *Now and Then* (2007),

ilustrando as suas descobertas pela primeira vez com estudos de casos reais.

Ao mesmo tempo que Alexander Cannon e Joan Grant utilizavam técnicas muito diferentes para recuperar memórias de vidas passadas dos seus sujeitos em Inglaterra, um caso dramático de reencarnação estava a ser investigado na Índia com rigor científico. Trata-se de Shanti Devi, uma rapariga nascida em 1926 que afirmava ter-se chamado Lugdi na sua vida anterior. Tinha sido casada aos dez anos, nessa vida, com Kedarnath Chaube, proprietário de uma loja de tecidos em Mathura, com uma filial em Hardwar, e o seu primeiro filho nado-morto. Preocupado com o desfecho da sua segunda gravidez, altura em que Lugdi estava incapacitada pela artrite, Kedarnath levou-a para o hospital governamental em Agra, perto do Taj Mahal, onde nasceu um filho a 25 de setembro de 1925. Mas o estado de Lugdi deteriorou-se e nove dias depois, aos vinte e seis anos, morreu.

Tal destino não atingiu Babu Rang Bahadur Mathur, que sobreviveu alegremente ao nascimento de uma filha, a quem deu o nome de Shanti Devi, a 11 de dezembro de 1926, em Chirawala Mohulla, Deli. Tornou-se óbvio, por volta dos quatro anos, que Shanti Devi era diferente de outras raparigas da sua idade. Falava do seu marido, tratando-se a si própria por Chaubine (mulher de Chaube) e descrevendo certas características da sua aparência. Falava também dos seus filhos e dizia ter vivido em Mathura.

Um parente distante, Babu Bishan Chand, que era professor na Ramjas High School em Daryaganj, um bairro de Deli, interessou-se pelas afirmações de Shanti Devi e disse que a levaria a Mathura se ela lhe dissesse o primeiro nome do marido — algo que ela se recusara a fazer por ser um costume indiano não se referir ao cônjuge pelo nome. Atraída por esta oferta, ela sussurrou o nome Pandit Kedarnath Chaube. Bishan Chand fez averiguações, estabeleceu que tal pessoa existia e escreveu-lhe uma carta detalhando todas as declarações feitas por Shanti Devi.

Kedarnath respondeu, confirmando a maioria das suas afirmações e sugerindo que um dos seus parentes, Pandit Kanjimal, que vivia em Deli, fosse autorizado a conhecer a rapariga. Quando se encontraram, Shanti Devi reconheceu-o como primo do seu marido, descreveu a sua casa anterior com algum detalhe e disse-lhe onde tinha escondido algum

dinheiro. Assegurou ao visitante que, se fosse levada de comboio para Mathura, seria capaz de encontrar o caminho para a sua antiga casa.1

Impressionado com o que ouvira, Pandit Kanjimal persuadiu Kedarnath a visitar Shanti Devi em Deli. Ele assim o fez, acompanhado pelo filho e pela sua atual esposa, mas fazendo-se passar pelo seu irmão mais velho. Shanti Devi corou e afastou-se quando lhe foi apresentado. Questionada sobre o porquê, respondeu: "Não, ele não é irmão do meu marido. Ele é o meu próprio marido." Depois, voltando-se para a mãe, disse: "Não te disse que ele é claro e que tem uma verruga no lado esquerdo da cara, perto da orelha?"

Quando a mãe começou a preparar uma refeição para os visitantes, Kedarnath ficou atónito ao ouvir Shanti Devi dizer, corretamente, que os pratos favoritos do seu marido da vida passada eram *parathas* de batata e doce de abóbora. Mais tarde, passaram algum tempo sozinhos a conversar e Kedarnath declarou então a sua aceitação de Shanti Devi como a reencarnação de Lugdi, porque ela lhe contara coisas que ninguém além de Lugdi poderia saber.

As notícias do caso extraordinário espalharam-se depressa e chegaram aos ouvidos de Mahatma Gandhi, o líder político e ideológico indiano, que não só se encontrou com ela como a convidou para ficar no seu *ashram*. Gandhi nomeou um comité de quinze pessoas proeminentes, incluindo parlamentares, líderes nacionais e representantes dos meios de comunicação, para estudar o caso. A 24 de novembro de 1935, acompanharam Shanti Devi na sua primeira visita (nesta vida) a Mathura, por via ferroviária. O relatório subsequente testemunhou:

À medida que o comboio se aproximava de Mathura, ela ficou ruborizada de alegria e comentou que, na altura em que chegassem a Mathura, as portas do templo de Dwarkadhish estariam fechadas. . . . O primeiro incidente que atraiu a nossa atenção ao chegar a Mathura aconteceu na própria plataforma. A rapariga estava nos braços de L. Deshbandhu. Ele mal tinha dado quinze passos quando um homem mais velho, vestindo um traje típico de Mathura, que ela nunca tinha visto antes, surgiu à sua frente, misturado na pequena multidão, e parou por um momento.

Perguntaram-lhe se o conseguia reconhecer. A presença dele reagiu tão rapidamente nela que ela desceu imediatamente do colo do Sr. Gupta e tocou os pés do estranho com profunda veneração, afastando-se de seguida. Ao ser questionada, sussurrou ao ouvido de L. Deshbandhu que a pessoa era o seu "Jeth" (irmão mais velho do marido). Tudo isto foi tão espontâneo e natural que deixou toda a gente atónita de surpresa. O homem era Babu Ram Chaubey, que era realmente o irmão mais velho de Kedarnath Chaubey.

Shanti Devi instruiu depois o motorista sobre como chegar à sua antiga casa, apontando várias alterações que tinham ocorrido na zona desde que lá vivera, todas as quais se verificaram estar corretas. Mais tarde, pediu ao motorista que os levasse a uma segunda casa onde ela e Kedarnath tinham vivido durante vários anos.

Reconheceu várias pessoas, incluindo a sua antiga mãe e o pai; respondeu a perguntas de teste; localizou um poço escondido sob uma pedra; e mostrou aos membros do comité onde tinha escondido dinheiro no segundo andar da sua casa. Nenhum dinheiro foi encontrado, mas Kedarnath confessou mais tarde que o tinha encontrado e retirado após a morte de Lugdi. O augusto comité concluiu que Shanti Devi era, de facto, a reencarnação de Lugdi.

Embora tenha acontecido há oitenta anos, a história de Shanti Devi é significativa, segundo o investigador de reencarnação Dr. Kirti S. Rawat, porque permanece como "um dos casos mais minuciosamente investigados, estudado por centenas de investigadores, críticos, estudiosos, santos e figuras públicas eminentes de todas as partes da Índia e do estrangeiro desde meados da década de 1930." O Dr. Rawat conduziu a sua própria investigação, que resultou numa prova adicional que não fora revelada ao comité. Ocorreu quando Kedarnath, a sua esposa e o filho visitaram Deli para verificar a história de Shanti Devi, e ficaram uma noite na casa do seu amigo Pandit Ramnath Chaube.

Durante essa visita, Kedarnath perguntou a Shanti Devi, de nove anos, à frente da sua esposa, como é que ela tinha engravidado quando estava tão cheia de artrite que nem sequer conseguia levantar-se. "Ela descreveu todo o processo de relação sexual com ele", diz o Dr. Rawat, "o que deixou Kedarnath sem dúvidas de que Shanti era a sua esposa Lugdi na sua vida anterior." O Dr. Rawat confirmou esta história com outras fontes e depois,

apenas quatro dias antes da morte dela, no seu último encontro com Shanti Devi, que nunca casou nesta vida, mencionou-lho e obteve a resposta: "Sim, foi isso que o convenceu plenamente."2

A nossa jornada pelo passado está a chegar ao fim. Chegámos agora bem dentro do século XX, que muitos veem como um ponto de viragem na atitude da cultura ocidental em relação à reencarnação, o que se reflete de forma tão positiva nas sondagens de opinião. É agora tempo de avançar firmemente para o presente para examinar a explosão de interesse e atividade que rodeia o tema, ainda altamente controverso, das vidas passadas. E que melhor forma de começar do que visitar Morey Bernstein, um empresário americano, enquanto conduz uma experiência de hipnose com a dona de casa Virginia Tighe em Pueblo, Colorado. O que acontece a seguir espantará pessoas em todo o mundo, à medida que a voz de Bridey Murphy, aparentemente silenciosa durante quase sessenta anos, começa a reviver a sua existência anterior.

PARTE DOIS

O PRESENTE

CAPÍTULO 6

FORA DE SI

Alguns diriam que Virginia Burns Tighe, uma dona de casa de vinte e nove anos de Pueblo, Colorado, deveria estar fora de si quando concordou em ajudar um amigo, Morey Bernstein, nas suas experiências de hipnose. No entanto, o que saiu da sua mente tem desafiado especialistas desde então, depois do que pretendia ser nada mais do que uma noite de entretenimento doméstico se ter tornado uma sensação mundial. Enquanto em transe, Tighe transformou-se magicamente em Bridey Murphy, uma mulher irlandesa que nascera em County Cork no final do século XVIII.

A história da aparente reencarnação de Bridget (conhecida como Bridey) Kathleen Murphy poderia ser descrita como o caso que lançou mil vidas passadas. Embora não tenha sido o primeiro caso do género registado, captou a imaginação do público como nenhum outro, antes ou depois, e sem dúvida encorajou muitos outros a explorar a regressão

hipnótica a vidas passadas. No entanto, é uma história que ainda hoje é calorosamente debatida, mais de meio século depois, e que é frequentemente contada de forma errada.

Dependendo do livro que ler, encontrará a experiência Bernstein-Tighe-Murphy ou louvada como prova convincente de reencarnação ou descartada como uma fraude flagrante. Não há dúvida para ninguém de que, durante seis sessões hipnóticas, gravadas em fita de bobina e preservadas até hoje, Virginia Tighe falou com sotaque irlandês como se fosse uma mulher que tivesse vivido cem anos antes. Mas restam dúvidas sobre a origem dessa informação, que incluía nomes de pessoas e locais que foram mais tarde verificados por investigadores.

Para os crentes, a explicação de como ela adquiriu esses dados é simples: já estavam na sua mente, uma vez que Virginia Tighe era Bridey Murphy — são a mesma alma. Isso era demais para muitas pessoas, particularmente para aquelas cujas crenças religiosas ou formação científica não davam margem para a possibilidade de renascimento. Assim, a mente de Virginia Tighe tornou-se um campo de batalha, embora, felizmente, ela tenha sido protegida do fulgor da publicidade durante algum tempo pelo pseudónimo Ruth Mills Simmons.

Descrito variadamente como "um vendedor de tratores" e "um executivo de negócios rico e membro do conselho de administração de quatro das principais empresas de Pueblo", Morey Bernstein fora cético em relação à hipnose até que um colega de visita demonstrou os seus poderes. Uma vez cativado, começou a explorar o seu potencial com sujeitos voluntários.

Com o incentivo da sua esposa, Hazel, depressa descobriu qual dos participantes do seu círculo social era o melhor candidato para investigação adicional. Do grupo, Virginia Tighe, esposa de um vendedor de seguros, revelou ser a mais recetiva às suas sugestões hipnóticas. Ela regredia facilmente a eventos da sua infância — embora ela e o marido estivessem largamente desinteressados e pudessem provavelmente encontrar formas melhores de passar uma noite. Bernstein ficara espantado com o livro de Alexander Cannon, *The Power Within*, no qual o psiquiatra britânico revelava que tinha levado muitos pacientes a vidas anteriores através da hipnose. Isso fascinou o empresário de Pueblo, e ele estava determinado a explorar a possibilidade por si próprio. E assim, a 27 de novembro de 1952,

tendo identificado o seu melhor sujeito, Bernstein decidiu, sem aviso, pedir a Tighe, enquanto em transe, que recuasse até ao seu nascimento . . . e depois mais para trás no tempo, até uma vida anterior. Bridey Murphy emergiu imediatamente, como aconteceu em cinco ocasiões subsequentes até à sessão final em outubro de 1953.

A história que ela contou começou com o seu nascimento a 20 de dezembro de 1798, como filha do advogado Duncan Murphy e da sua esposa, Kathleen. Vivia em "The Meadows", nos arredores de Cork, tinha um irmão, Duncan, dois anos mais velho, e um irmão mais novo que morrera quando bebé de "algo negro". Durante estas sessões, Bridey começou a assumir um sotaque irlandês mais forte e a sua fala tornou-se mais personalizada. Bridey disse que tinha frequentado uma escola diurna durante a semana, dirigida por uma Sra. Strayne. Isto parece ter continuado até ela ter cerca de quinze anos.

A filha da Sra. Strayne, Aimee, casou com o irmão de Bridey, Duncan. Bridey, de uma família protestante, casou depois com Sean Brian Joseph MacCarthy, a quem chamava Brian, filho de um advogado católico romano, John MacCarthy, em Cork e também novamente em Belfast, embora este facto tenha sido escondido dos pais de Bridey. A segunda cerimónia teve lugar no quarto do Padre John Joseph Goran (ou Cormon, ou Corman) em vez de na igreja. Ele era padre na Igreja de Santa Teresa, em Belfast, que ficava na Dooley Street, a cerca de cinco minutos de onde viviam. O casal ficou com a avó de Brian, Delilinan.

Solicitada a recordar detalhes que pudessem ajudar a verificar a sua história, Bridey disse que havia uma loja chamada Farr's que vendia géneros alimentares; uma loja chamada Cadenn House que vendia roupas para senhoras; e um merceeiro chamado John Carrigan. Além disso, foi questionada sobre a moeda utilizada e referiu libras, moedas de dois cêntimos (*tuppences*) e de seis cêntimos (*sixpences*). Bridey foi também solicitada a dizer palavras irlandesas e a explicar o seu significado. Falou de "brates" — uma pequena taça de desejos — e de um "tup" — alguém que era um bocado um "vagamundo" (*rounder*).

O seu uso da palavra "lough" foi também interessante. Mencionou nomes de rios e lagos, usando a mesma palavra para descrever ambos. Embora "lough" seja atualmente usado na Irlanda apenas para se referir a um lago, na altura em que Bridey afirmava ter vivido, era usado para

ambos. Durante a quarta sessão, Virginia/Bridey espirrou e pediu um "linen" (significando lenço). Também nomeou locais de interesse, como Carlingford, que disse ser perto de Belfast, e um lugar chamado Mourne, que era próximo. Falou de um porto em Calway, de um condado chamado Limerick e de um lugar chamado Munster.

Recordou uma viagem a Antrim que fizera quando jovem e outra a Baylings Crossing. O seu marido, Brian, escrevia para o *Belfast NewsLetter*, provavelmente sobre assuntos jurídicos, e dava aulas na Queen's University. Questionada se conseguia lembrar-se de mais alguém na universidade, Bridey recordou três nomes: William McClone, Fitzhugh e Fitzmaurice. O casal tinha também amigos chamados Kevin e Mary Catherine Moore. Disse que tinha gostado de dançar — particularmente o "Morning Jig" e o "Sorcerer's Jig" — e revelou que sabia tocar "Londonderry Air", "Sean" e "The Minstrels' March" na lira.

Bernstein implantou uma sugestão pós-hipnótica de que Tighe dançaria um *jig* quando saísse do transe, o que ela devidamente fez.

Houve muito mais, à medida que Bridey relatava outros eventos da sua vida, até à sua morte em 1864 após cair das escadas na sua casa em Belfast, Irlanda do Norte. O suficiente, aliás, para encher um livro, no qual Bernstein acabou por — embora com alguma relutância — começar a trabalhar por insistência de William J. Barker, colunista e redator da revista de domingo do *Denver Post*, *Empire*.

O jovem jornalista tinha ouvido falar das experiências através do seu cunhado, que era amigo de Bernstein, e embora cético, persuadiu o *Post* a deixá-lo investigar mais a fundo. Por essa altura, Bernstein estava ocupado a montar uma empresa de investimentos em Nova Iorque e visitava raramente o Colorado, por isso só em setembro de 1954 é que a *Empire* se tornou a primeira publicação a publicar a história de Bridey Murphy, ao longo de três edições. Criou um grande alvoroço.

Entretanto, Bernstein tinha providenciado para que uma firma de advogados irlandesa, bibliotecários e outros realizassem investigação independente para verificar algumas das informações de Bridey, mas ao ver os resultados sentiu que mal tinham arranhado a superfície. Assim, a publicação do seu livro, *The Search for Bridey Murphy*,1 a 1 de janeiro de 1956, ainda deixou muitas perguntas sem resposta.

A mais importante, claro, era se a mente da hipnotizada Virginia Tighe tinha fabricado a história, usando fragmentos de informação que pudesse ter recolhido de algumas fontes obscuras e inventando o resto. Crucial na avaliação dessa possibilidade era a necessidade de verificar cada nome e data fornecidos por Bridey Murphy contra registos ou relatos históricos. Barker, o jornalista que primeiro divulgou a história, estava prestes a dar um contributo importante nesse aspeto, devido em parte a uma guerra de circulação de jornais que eclodiu aquando da publicação do livro. O *Chicago Daily News* tinha comprado os direitos de sindicação e enviado o seu correspondente em Londres, Ernie Hill, à Irlanda durante três dias para investigar. A sua busca por corroboração da história de Bridey foi em grande parte improdutiva, resultando num relatório negativo. William J. Barker, por outro lado, teve muito mais sucesso durante as três semanas que passou na Irlanda para o *Denver Post*.

O resultado foi um relato impressionante e imparcial de dezanove mil palavras da sua aventura irlandesa, publicado pelo jornal como um suplemento separado de doze páginas, e mais tarde amplamente reimpresso por outras editoras dos EUA e do Canadá. Tudo isto impulsionou as vendas do livro de Bernstein e dos jornais que lutavam pela história, mas pouco fez para resolver a questão candente: Teria Virginia Tighe vivido uma vida anterior como Bridey Murphy? O principal problema em responder a essa pergunta era que os registos de nascimentos, mortes e casamentos na Irlanda não existiam até depois de 1864 (o ano em que Bridey morreu), tornando a verificação de algumas afirmações quase impossível.

Por outro lado, a investigação mostrou que muito do que ela falou era exato, até mesmo os nomes de alguns dos indivíduos a quem se referiu e as lojas que mencionou. No entanto, até hoje não podemos ter a certeza de que Bridey Murphy foi uma pessoa real. O veredito final ainda não foi dado, embora não se diria isso a partir de alguns dos relatos sensacionalistas que apareceram na altura e continuam a ser regurgitados por editores e repórteres demasiado preguiçosos para verificar os factos.

Tome-se como exemplo o obituário do *Chicago Tribune* de Robert J. Smith, que morreu aos oitenta e cinco anos em outubro de 2010, sob a manchete: "Antigo repórter e editor do Tribune ajudou a desmascarar The Search for Bridey Murphy." Dizia que, como jovem repórter, ele tinha "descoberto uma mulher chamada Bridey Murphy que vivera em Chicago,

do outro lado da rua de Tighe, quando esta era criança" e tinha divulgado a história no *Chicago American*. O que o obituário não diz aos seus leitores é que esta e outras afirmações feitas pelo jornal de Chicago foram verificadas pelo *Denver Post* e revelaram-se longe da verdade.

Uma mulher chamada Bridey Corkell viveu de facto do outro lado da rua num dos locais. No entanto, Tighe nunca falou com a mulher, embora conhecesse os seus filhos. Se o nome de solteira da mulher era Murphy não foi revelado, mas curiosamente um dos seus filhos, John, por acaso era o editor do *Chicago American*. O *Denver Post* também mostrou que muitas das outras afirmações eram erradas ou não comprovadas, mas o estrago estava feito e a revista *Life* piorou a situação ao repetir os erros do *Chicago American* sem rever ou referir a refutação do *Denver Post*.

Outra afirmação falsa foi recentemente difundida pelo redator Barry J. Whyte no *Irish Central*. Depois de relatar a história da "Bridey Murphy-mania",2 acrescentou: "Foi então que Bernstein admitiu ter sugerido tudo a Virginia enquanto ela estava sob hipnose. Mas por essa altura, claro, o livro já se tinha tornado um best-seller, Bernstein estava rico e o país fora tomado pela febre da reencarnação. Morey Bernstein criou Bridey Murphy e depois fez uma fortuna." A sugestão de que Bernstein forneceu a informação à Tighe em transe é manifestamente absurda. Todas as seis sessões não só foram testemunhadas por outros como foram gravadas. Coloquei um comentário no final da história de Whyte, perguntando-lhe onde obteve essa informação. Ele nunca respondeu, nem o editor respondeu ao meu e-mail de acompanhamento apontando o erro.

Tudo o que precede, e muito mais, é tratado numa versão de 1965 minuciosamente revista e atualizada de *The Search for Bridey Murphy*1 — conhecida como a "edição de contra-ataque" — contendo material suplementar do repórter que divulgou a história, William J. Barker. Isto inclui capítulos respondendo a céticos e também um relato da sua própria investigação na Irlanda. Entre aqueles que também falaram em defesa das comunicações de Bridey Murphy, ou pelo menos refutam a sugestão de que a criptomnésia (memórias esquecidas) as pode explicar na sua totalidade, estão o filósofo Curt John Ducasse e o parapsicólogo Dr. Ian Stevenson.

Ducasse, antigo presidente do Departamento de Filosofia da Brown University e ex-presidente da American Philosophical Association, fez um estudo completo do caso, apresentando os resultados num artigo, "How the

Case of the Search for Bridey Murphy Stands Today", publicado em 1960, e no seu livro, *A Critical Examination of the Belief in a Life after Death* (1961), no qual afirma que "Nem os artigos em revistas ou jornais . . . nem os comentários de . . . psiquiatras hostis à hipótese da reencarnação, conseguiram refutar ou sequer estabelecer um argumento forte contra a possibilidade de que muitas das declarações da personalidade de Bridey sejam genuinamente memórias de uma vida anterior de Ruth Simmons [Virginia Tighe] há mais de um século na Irlanda." Stevenson, Professor Carlson de Psiquiatria na Universidade da Virgínia, Charlottesville, concordou com o veredito de Ducasse num artigo3 que foi mais tarde publicado como livro, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação* (*Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*4) em 1974, observando: "O que alguns críticos do caso forneceram foram suposições de possíveis fontes da informação sobre Bridey Murphy, não evidência de que estas tivessem sido as fontes." Desde então, o cético inglês Melvin Harris sugeriu5,6 que Virginia Tighe pode ter retido informação subconscientemente da feira mundial de 1933-34 em Chicago, que apresentava uma aldeia irlandesa. Ela tinha dez anos nessa altura.

Virginia Tighe faleceu em 1995, tendo defendido a autenticidade das sessões de hipnose ao longo de toda a sua vida, embora permanecesse indecisa quanto à realidade da reencarnação. Morey Bernstein morreu quatro anos mais tarde, sem nunca ter afirmado ter provado a reencarnação, mas tendo certamente aberto inúmeras mentes para essa possibilidade. Já era um empresário de sucesso quando Bridey Murphy entrou na sua vida e tornou-se um filantropo cuja *Bernstein Brothers Foundation* financiou muitos investigadores parapsicológicos em anos posteriores, incluindo o Dr. Ian Stevenson.

Hazel Higgins, a esposa de Morey Bernstein — divorciaram-se em 1963 —, era uma crente convicta na reencarnação e no destino. "Acho que foi uma daquelas coisas que estava destinada a acontecer", disse ela apenas um par de anos antes do seu falecimento em 2007. "Acho que foi fantástico. Lamento que não tenha mudado mais pessoas. Penso que, se acreditassem na reencarnação, isso ajudaria em muitos aspetos." Hazel revelou-se um bom sujeito hipnótico nas experiências do seu antigo marido, mas nunca foi capaz de recuperar uma vida anterior.

Poucos habitantes de Pueblo têm hoje em dia grande interesse no passado paranormal da cidade, embora um punhado de entusiastas dedicados tenha feito o seu melhor para garantir que a sua associação histórica com Morey Bernstein e Bridey Murphy não seja esquecida. John Smith, um professor universitário de química reformado e amante do folclore de Pueblo, ficou depositário de muitos dos papéis de Bernstein; após terem sido crivados, triados e coligidos para os tornar mais acessíveis às gerações futuras, residem agora, juntamente com as fitas de bobina e outros objetos de recordação, na coleção da Sociedade Histórica do Condado de Pueblo. Smith também pôs fim à sugestão de que o livro fez a fortuna de Bernstein. "Ele era milionário antes de isto rebentar", disse ele ao jornal *Pueblo Chieftain*.7 "Recusou quase exclusivamente todos os incentivos; recusou todas as ofertas. Partilhou os direitos de autor da editora com Virginia Tighe."

O empresário local Bret Bezona tem boas razões para ser entusiasta do legado de Bernstein: vive na casa na North Elizabeth Street na qual ocorreu pelo menos uma das sessões mais produtivas de Bridey Murphy, e onde Bernstein quase certamente escreveu *The Search for Bridey Murphy*. Entre os itens que descobriu quando comprou a propriedade em 1999 estava uma velha máquina de escrever Royal na qual é provável que o best-seller tenha sido escrito. A partir desse momento, Bezona tornou-se um colecionador de recordações relacionadas com o caso, pelo que ninguém melhor para nos recordar por que razão o caso Bridey Murphy contribuiu provavelmente mais para o debate sobre a reencarnação do que qualquer outro.

"A tiragem inicial do livro em 1952 fora de uns otimistas dez mil exemplares, mas em dois meses duzentos mil exemplares estavam impressos, e o livro passou vinte e seis semanas na lista de best-sellers do *New York Times*", explica Bret Bezona.8 "Foi reeditado em 1965 e acabou por ser publicado em trinta línguas em trinta e quatro países. Também foi transformado num filme, *The Search for Bridey Murphy*, em 1956, embora este não tenha tido o mesmo impacto que o livro. Acredito que o número total de cópias vendidas, em várias edições e línguas, deve rondar os dez milhões. Não admira que a *Time-Life*, três décadas mais tarde, tenha confirmado que poucos outros livros prenderam a imaginação da América de forma tão firme como o volume de Morey Bernstein. Também permeou outras artes criativas, particularmente a música. Houve pelo menos meia

dúzia de canções, incluindo temas gravados por Stan Freberg e Peter Nero. Houve até um grupo chamado *The Bridey Murphys*."

Saberemos algum dia se Bridey Murphy gozou outrora de uma existência separada, cem anos antes, ou se os resultados dos transe hipnóticos foram apenas a criação colorida do subconsciente de Virginia Tighe? Provavelmente nunca saberemos, e há ainda quem acredite que o caso não deve ser encerrado até que possamos ter a certeza de que todos os seus elementos foram exaustivamente investigados. Afinal, como disse uma vez o historiador e arquivista John Smith, "nenhum mistério está fechado para uma mente aberta."

Capítulo 7

Medos e Fobias

Chase Bowman tinha cinco anos quando se tornou óbvio, pela primeira vez, que tinha um medo aparentemente irracional de ruídos altos. Era 1988 e os seus pais, Carol e Steve, organizavam uma grande festa de 4 de julho na sua casa em Asheville, Carolina do Norte. A festa terminou com os convidados a fazerem uma curta caminhada até um campo de golfe municipal de onde tinham uma vista soberba do espetáculo anual de fogo de artifício do Dia da Independência da cidade.

Assim que o som da explosão do fogo de artifício começou a ecoar nas colinas, Chase — que aguardava ansiosamente pela cor e excitação do espetáculo — começou a chorar. Nenhum conforto ou tranquilização travou as suas lágrimas e, no fim, a mãe levou-o para casa, deixando Steve com a sua filha de nove anos, Sarah, e os convidados da festa a desfrutar do fogo de artifício até ao fim. Mesmo quando regressaram à casa, longe do barulho, Chase continuou a soluçar profundamente. Quando a mãe lhe perguntou se os ruídos o tinham assustado, a sua histeria piorou. Nada mais restava fazer senão embalá-lo suavemente nos braços até os soluços pararem e ele adormecer.

Este episódio foi esquecido durante um mês, até a família visitar a piscina interior da cidade. Chase adorava a água, mas assim que chegaram ao interior da ruidosa área da piscina, ele começou a chorar histericamente. Agarrou as mãos da mãe e puxou-a em direção à porta, recusando-se a

ouvir razões. Mais tarde, Carol Bowman percebeu que o som da prancha de saltos a ecoar nas paredes nuas do edifício da piscina poderia ter soado aos ouvidos de Chase como o estrondo das explosões do fogo de artifício. Mas ela continuava sem compreender por que razão o seu filho pequeno reagia desta forma.

Tais medos e fobias afetam as vidas de um enorme número de pessoas. Estima-se que mais de seis milhões de americanos sofram de fobias específicas, que vão desde os medos comuns (e talvez compreensíveis) de cobras, aranhas e alturas, até aos terrores mais irracionais que um encontro com espaços abertos, ser tocado, joelhos, a lua, a chuva e estrangeiros podem induzir em algumas pessoas. Existem termos médicos para todos estes e inúmeros outros, incluindo a improvável "fobofobia", que, como o nome indica, é o medo de fobias!

As teorias sobre as causas desta forma de doença mental são muitas, variando desde a memória genética a experiências traumáticas de infância há muito esquecidas, e várias formas de tratamento são utilizadas para livrar os sofredores da condição inteiramente ou minimizar o seu impacto. Estas envolvem frequentemente ajudar o paciente a identificar um acontecimento no início da sua vida que deu origem ao medo irracional, mas por vezes não se consegue encontrar qualquer causa. No caso de Chase Bowman, os seus pais não conseguiam pensar em nada na sua curta vida que pudesse ter produzido tal resposta emocional a ruídos altos. A oportunidade de aprofundar a questão surgiu algumas semanas mais tarde, quando um hipnoterapeuta qualificado, Norman Inge, ficou alojado como convidado em casa dos Bowman enquanto realizava workshops de regressão a vidas passadas em Asheville. Enquanto a família tomava o chá da tarde e se ria com as histórias de Inge, Carol mencionou o medo irracional de Chase. O hipnoterapeuta sugeriu uma experiência com a qual tanto a mãe como o filho concordaram prontamente. Aquele momento, diz ela no seu livro *Children's Past Lives*, "foi um ponto de viragem na minha vida."

Seguindo as instruções de Inge, Chase subiu para o colo da mãe, fechou os olhos e começou a descrever o que via quando ouvia os ruídos altos que o assustavam. Nada, escreve Bowman, poderia tê-la preparado para o que estava prestes a ouvir.

O jovem Chase começou imediatamente a descrever-se como um soldado — um soldado adulto — carregando uma arma. “Estou atrás de uma rocha. Carrego uma arma comprida com uma espécie de espada na ponta.” O meu coração martelava nos meus ouvidos e os pelos dos meus braços eriçaram-se enquanto eu ouvia.... “O que estás a vestir?”, questionou Norman. “Tenho roupas sujas e rasgadas, botas castanhas, um cinto. Estou escondido atrás de uma rocha, agachado de joelhos, e a disparar contra o inimigo. Estou à beira de um vale. A batalha desenrola-se à minha volta.”

Tudo isto vinha de uma criança que não tinha demonstrado qualquer interesse em jogos de guerra e nunca tinha tido uma arma de brinquedo. Ele continuou:

“Não quero olhar, mas tenho de o fazer quando disparo. Fumo e clarões por todo o lado. E ruídos altos: gritos, berros, estrondos fortes. Não tenho a certeza de contra quem estou a disparar — há tanto fumo, tanta coisa a acontecer. Estou assustado. Disparo contra tudo o que se mexe. Não quero mesmo estar aqui e disparar contra outras pessoas.”

Houve mais surpresas nesta e noutras memórias posteriores que Chase descreveu, incluindo o facto de ele ter sido negro nessa vida. Apesar do ceticismo da sua mãe, investigações posteriores mostraram que houve soldados negros que combateram na Guerra Civil Americana. Chase disse também que foi atingido no pulso, levado para o hospital de campanha onde a sua ferida foi ligada e depois enviado de volta para guarnecer um canhão. A sua descrição do hospital também coincidia com relatos da época, mas foi a sua irmã, Sarah, que observou que o pulso em questão era aquele onde ele sofria de eczema desde que era bebé. Sempre que ficava perturbado ou cansado, coçava aquele pulso até sangrar e Carol tinha frequentemente de o ligar para evitar que ele o coçasse mais.

A sua mãe escreve:

Para nosso espanto e alívio, poucos dias após a sua regressão à vida de soldado, escreve a mãe, o eczema no pulso direito de Chase desapareceu completamente e nunca mais voltou. O medo de ruídos altos de Chase também desapareceu totalmente. Fogo de artifício, explosões e sons estrondosos nunca mais o assustaram. De facto, pouco depois da regressão, Chase começou a mostrar um interesse intenso em tocar bateria. Agora é um baterista sério, enchendo a casa com sons estrondosos todos os dias.

Quando a filha Sarah tinha nove anos, Carol e Steve descobriram que Sarah vivia com um medo inexplicável desde que se lembrava, mas que o guardara para si. Tinha pânico de fogo, particularmente do pensamento de ficar presa numa casa a arder. Isso surgiu depois de Sarah ter ido passar a noite em casa de uma amiga, Amy, que vivia na mesma rua — algo que ela já tinha feito muitas vezes antes. As raparigas ficaram acordadas até tarde a ver um filme que mostrava cenas de casas a arder, altura em que Sarah ficou perturbada. E quando alguém no filme morreu num incêndio, ela ficou transtornada, chorando tão incontrolavelmente que a mãe de Amy teve de a levar a casa a meio da noite.

Discutindo esta reação com os pais mais tarde, Sarah confessou que sempre tivera tanto medo do pensamento de a casa deles se incendiar que tinha arrumado um saco com as suas bonecas Barbie favoritas e algumas roupas e o mantinha escondido debaixo da cama. Este medo era totalmente atípico na sua filha, normalmente autoconfiante.

Tendo visto o resultado dramático que Norman Inge produzira com o seu irmão, Chase, Sarah perguntou a Inge, na sua visita seguinte, se ele tentaria a mesma experiência com ela. Ele sentou-a à mesa da cozinha, disse-lhe para fechar os olhos e descrever o que via quando sentia o medo do fogo. Sarah começou a descrever detalhadamente uma casa de dois andares na qual se via como uma rapariga de onze ou doze anos e, sob a orientação de Inge, avançou no tempo até ao ponto em que o medo se tornou um acontecimento real, e ela viu-se envolvida no terror da sua situação.

O seu relato gráfico fala de chamas e fumo por todo o lado enquanto corre para o quarto dos pais, mas eles não estão lá. As camas estão feitas e não há sinal deles. “Porque é que não me tiram daqui?”, suplica ela. Fica presa num quarto até o seu calvário chegar ao fim quando uma viga em chamas cai no chão. A sua alma deixa então o corpo e flutua acima da casa a arder. Olhando para baixo, vê os seus pais e o irmão, perturbados e impotentes, a observar enquanto a casa arde. Essa cena trouxe consolo a Sarah, que percebeu agora que os seus pais da vida passada a tinham amado e que a teriam salvo se pudessem. Ela também perdeu o medo do fogo e desfez o saco que mantinha pronto para tal emergência. Mas, acrescenta a mãe, a filha continua a ser muito cuidadosa quando acende um fósforo!

O filho e a filha de Carol Bowman são agora adultos e prosperam em Filadélfia e na cidade de Nova Iorque, e Carol tornou-se uma respeitada terapeuta de regressão que ajudou os filhos de outras pessoas a superar medos semelhantes. O seu foco principal é trabalhar com adultos, mas surpreende-a que técnicas semelhantes às utilizadas com Chase e Sarah — que não envolveram hipnose ou sugestão — não sejam utilizadas mais vezes para ajudar crianças pequenas com medos e fobias.

Claro que existem céticos que descartarão os relatos dos filhos de Bowman como imaginações coloridas de crianças jovens e impressionáveis, e certamente não há provas para verificar que eles levaram de facto as vidas anteriores que descreveram — para além da cura desses traumas e do desaparecimento das suas fobias. Para o mestre dos investigadores neste campo, o Dr. Ian Stevenson, as fobias eram um tema recorrente em muitos dos seus artigos científicos e livros.

Chegou mesmo a escrever um artigo1 dedicado ao tema. "Phobias in Children Who Claim to Remember Previous Lives" focou-se em 387 casos de crianças que afirmavam recordar uma vida anterior. Mais de um terço (141 = 36%) exibia fobias que, nas palavras de Stevenson, "correspondiam quase sempre ao modo de morte na vida da pessoa falecida que a criança afirmava recordar."

Stevenson salienta que os medos fortes ocorrem frequentemente em crianças. Por exemplo, investigações mostraram que 90 por cento das crianças californianas entre os dois e os catorze anos tinham sentido pelo menos um medo específico, e ele cita estatísticas semelhantes de outras fontes, incluindo históricas. "Uma criança que afirma recordar uma vida que terminou em afogamento pode ter fobia de ser imersa em água; uma que afirma recordar uma vida que terminou em esfaqueamento pode ter medo de armas brancas, e assim por diante."

A maioria das fobias ocorria em relação a mortes violentas de todos os tipos. Ocorriam com muito menos frequência nos casos de crianças que recordavam mortes naturais. Numa série de 240 casos na Índia, as fobias ocorreram em 53 (39%) dos 135 casos com morte violenta, mas em apenas três (3%) dos 105 casos com morte natural. "No entanto", diz-nos Stevenson, "ocorrem por vezes fobias dignas de nota neste último tipo de caso. Uma criança que recordava a vida de um homem que se tinha banqueteado com iogurte que estaria evidentemente contaminado e depois

morrera de gastroenterite grave (talvez com peritonite) mostrava uma aversão acentuada a iogurte."

Outro caso fascinante citado por Stevenson refere-se a uma criança do Sri Lanka que manifestou uma fobia antes mesmo de ter falado sobre a vida anterior da qual esta parecia derivar. Enquanto bebé, lutava tanto contra o banho que eram necessários três adultos para a segurar para tal. Além disso, antes de conseguir falar, aos seis meses de idade, exibia uma fobia acentuada de autocarros e chorava quando transportada num deles. Quando conseguiu falar, descreveu a vida de uma rapariga jovem que tinha vivido noutra aldeia, que caminhava numa estrada estreita que atravessava campos de arroz inundados. Um autocarro aproximara-se e esta rapariga, ao recuar para o evitar, caíra na água da inundação e afogara-se.

Stevenson oferece outros exemplos de associação sensorial entre objetos que foram significativos numa alegada vida anterior, como o caso de um jovem rapaz turco que disse recordar uma vida anterior que terminou quando uma carrinha em que seguia embateu no pilar de uma ponte estreita. Ele exibia fobia a automóveis e também uma fobia acentuada da ponte onde o acidente ocorrera, que não era longe do seu local de nascimento.

Outro caso turco envolvia uma criança afogada num rio, que corria perto da aldeia do sujeito. Notou-se que ele evitava aproximar-se da parte do rio onde o afogamento ocorrera. Uma criança indiana recordava uma vida anterior em que fora assassinada perto de um templo por um barbeiro e um lavadeiro. Nesta vida, tinha um medo generalizado de todos os barbeiros e lavadeiros, e mostrava um medo acentuado quando levado para a zona do templo onde o assassinato ocorrera.

Como veremos, os casos que envolvem fobias aparentemente ligadas a eventos de vidas passadas formam apenas uma via de exploração para investigadores que tentam fornecer provas de que a reencarnação é uma realidade. Para aqueles cujas vidas foram arruinadas pelo medo que as fobias introduzem, recordar um aparente acontecimento de uma vida passada que racionaliza o seu sofrimento mental — seja real ou imaginário — tem um valor terapêutico notável, independentemente de acreditarem ou não na reencarnação.

Capítulo 8

Crianças com Comportamentos Estranhos

Crescer não é fácil. As crianças podem ser uma alegria e vê-las desenvolver-se nos seus anos formativos dá aos pais um enorme prazer. Há momentos, porém, em que o seu comportamento coloca uma pressão nessa relação, à medida que testam até onde podem ir para conseguirem o que querem num mundo dominado por adultos. Cada criança é diferente, claro, e cada uma tem a sua própria forma de lidar com os altos e baixos da vida.

Inventivas e criativas, possuem mecanismos psicológicos inatos que lhes permitem lidar com muitas situações, tais como inventar amigos imaginários quando os reais escasseiam. Por isso, a pequena percentagem de miúdos que afirma ter vivido antes deve ser tratada com extrema cautela, e o facto de — tal como os amigos imaginários — essas alegadas memórias de uma existência anterior se desvanecerem e serem geralmente perdidas por completo por volta dos oito anos de idade possivelmente acrescenta peso a essas reservas.

Os psicólogos infantis e a maioria dos pais compreendem isto muito bem. Mas alguns casos são intrigantes ao extremo e chegaram mesmo a revistas académicas. Os leitores do *Journal of Medical Ethics*, por exemplo, puderam ler um artigo do psiquiatra Dr. Amin Muhammad Gadit, da Memorial University de Newfoundland, Canadá, em 2009, que falava do "dilema de gestão" que um caso de memória de vida passada apresentou à sua prática clínica em St. John's. Um jovem rapaz muçulmano, de doze anos, tinha visitado Jaipur, na Índia, a cidade natal dos seus pais, que estavam com ele de férias. Depressa sentiu que a cidade lhe era estranhamente familiar, e disse-lhes que tinha passado ali uma série de anos. "Identificou uma casa onde afirmava ter vivido", escreve o Dr. Gadit, "e descreveu toda a estrutura interna da casa. Os residentes locais confirmaram a existência de tal família há cerca de trinta anos." Foi uma experiência que deixou o rapaz emocionalmente perturbado, resultando em sonhos recorrentes sobre essa suposta vida e dificuldade em relacionar-se

com os pais. No regresso de Jaipur, a família consultou o Dr. Gadit, que determinou que o filho era perfeitamente normal, tirando o facto de sofrer de ansiedade.

Uma equipa multidisciplinar, com a ajuda de um imã, ajudou o rapaz a aceitar as suas memórias "tranquilizando-o de que não havia dúvidas sobre a verdade na sua história" e assegurando-lhe que "talvez toda a gente tenha vidas passadas — a única diferença é que tu consegues lembrar-te da tua." É pouco provável que a equipa médica acreditasse realmente nisso, uma vez que o título do artigo era: "Mito da Reencarnação: Um Desafio para a Profissão de Saúde Mental."

Os pais do paciente do Dr. Gadit tiveram provavelmente menos com que lidar do que os de vinte e quatro crianças em Myanmar (antiga Birmânia), investigadas pelo Dr. Ian Stevenson e outros, que afirmavam todas ter sido soldados japoneses mortos numa vida anterior. Isto não era algo que os pais provavelmente encorajassem. As forças japonesas tinham ocupado o país entre 1942 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, ostensivamente para ajudar a Birmânia a obter a independência dos britânicos, mas posteriormente os japoneses assumiram o controlo e impuseram um regime de terror aos habitantes do país.

Cerca de um quarto de milhão de birmaneses morreu durante a guerra. Os vinte e quatro casos "japoneses" representam uma pequena percentagem de mais de 750 indivíduos em Myanmar que afirmaram ter memórias de vidas passadas e que foram investigados. Não chegam perto de fornecer provas da reencarnação porque as crianças envolvidas não deram nomes pessoais ou endereços que pudessem ajudar na verificação, além do nome da cidade. No entanto, o seu comportamento invulgar, "tipo japonês", era tão excecional que a reencarnação tem de ser considerada em qualquer esforço para o explicar.

Ian Stevenson e Jurgen Keil exploraram as alternativas no seu artigo de 2005,1 intitulado "Children of Myanmar Who Behave Like Japanese Soldiers: A Possible Third Element in Personality". Na altura das suas investigações, o sujeito mais novo tinha apenas seis anos e o mais velho cinquenta e três. Oito dos vinte e quatro eram do sexo feminino e os casos foram geralmente encontrados numa área triangular da alta Birmânia entre Mandalay, Meiktila e Pyawbwe, onde a maioria das batalhas e as consequentes baixas ocorreram em 1945. O que é impressionante é que

mais de metade destas crianças (treze) brincavam aos soldados e uma décima quarta, que era do sexo feminino, mostrava um interesse invulgar em armas. Nenhuma encenava uma ocupação civil.

Havia, claro, também soldados birmaneses que morreram na guerra, mas os pais destas crianças detetaram traços japoneses noutros aspetos do seu comportamento. Apesar disso, não rejeitaram os seus descendentes. O comportamento "tipo japonês" exibido por um jovem sujeito incluía uma crueldade extraordinária para com os animais e uma tendência para a violência contra outros seres humanos. Isto repeliu a sua família, mas as suas tentativas de o persuadir a ser mais gentil caíram em saco roto.

Outra criança pediu alicates para arrancar as unhas de companheiros de brincadeira que a irritavam. (Os japoneses eram notórios pela sua tortura e crueldade contra os birmaneses e outros durante a Segunda Guerra Mundial, e este era um dos seus métodos.) Algumas das crianças declaravam-se orgulhosamente japonesas e identificavam-se com esse país.

Estilos de vestuário japoneses estavam também bem patentes entre este grupo de sujeitos. Um rapaz de dezoito anos, por exemplo, vestia-se habitualmente o mais parecido possível com um soldado japonês, usando calças, um cinto com uma fivela grande e botas — algo muito diferente das sandálias e do *longyi* (o tecido folgado que se ata à cintura e geralmente cai até aos pés) usado pelos homens e mulheres birmaneses. Outro dos vinte e quatro sujeitos não usou um *longyi* até aos quinze anos, e um terceiro, que os investigadores conheceram quando ele tinha vinte e quatro anos, usava então o traje tradicional, mas continuava a preferir calças, fazendo-o aparentemente sempre que podia.

"Nem todo o comportamento invulgar pode ser explicado apenas pela genética e influências ambientais, isoladamente ou em conjunto", argumentam Stevenson e Keil. "Isto parece ser verdade no caso do comportamento invulgar de tipo japonês que descrevemos. Se pudermos excluir outros fatores no desenvolvimento de tal comportamento, abre-se o caminho para considerar uma possível terceira componente no desenvolvimento da personalidade. A palavra reencarnação é aplicável aqui, embora este termo seja difícil de definir em termos comportamentais. Desejamos sugerir que alguns aspetos da personalidade da pessoa falecida — não necessariamente todos — são transferidos de uma forma que não pode ser facilmente explicada por [outras] alternativas."

Esta conjetura parece muito mais plausível em casos onde o comportamento e a atitude de uma criança são acompanhados de provas de apoio, incluindo nomes e identificação de pessoas e locais. Um caso impressionante deste tipo refere-se a Toran (Titu) Singh.

Nascido por volta de 1983 na aldeia de Bad, no norte da Índia, a cerca de nove milhas de Agra e do Taj Mahal, começou a falar aos um ano e meio, mais cedo do que os seus cinco irmãos, e desde cedo exigia: "Digam ao meu avô para cuidar dos meus filhos e da minha mulher. Estou a fazer as minhas refeições aqui e estou preocupado com eles." Questionado pela mãe sobre quem era, Titu respondeu: "Sou de Agra. Não sei como vim parar aqui." Mais tarde, admoestou a mãe com as palavras: "Mamã, por favor, não saias com essas roupas. Sinto-me envergonhado com elas. A minha mulher tinha saris lindos." Também lhe disse: "A tua casa é suja. Não vou ficar. A minha casa é muito grande." Quando se esperava que caminhasse ou apanhasse um autocarro, queixava-se: "Eu costumava ir de carro. Não vou a pé nem de autocarro." À medida que crescia, chorava quase todos os dias, dizendo que queria "ir para casa".

Tais queixas não são incomuns entre crianças que recordam vidas passadas, mas os pais de Titu encararam-nas com naturalidade. Gradualmente, ele começou a fornecer mais e mais informações sobre a sua existência anterior. Disse que tinha uma loja no Sadar Bazaar e nomeou um irmão (Raja Babu) e uma irmã (Susheela). Titu ficava perturbado por o seu pai, Mahavir Singh, que possuía terras em Bad mas viajava todos os dias para Agra para ensinar Química num colégio, nunca o levar consigo para visitar a sua "casa". Ele disse ao seu irmão mais velho e a um amigo: "Tenho uma loja de rádios transístores, e era um grande contrabandista e *goonda* (alguém que usa a força para conseguir o que quer). Sou o dono da Suresh Radio."

O irmão e o amigo encontraram uma loja com esse nome no Sadar Bazaar, em Agra, e falaram com Uma Verme, a viúva do proprietário. Souberam que o marido dela, Suresh Verme, que era um conhecido contrabandista no mercado negro, tinha sido morto a tiro no seu carro a 28 de agosto de 1983. Quando a viúva contou à família sobre a visita do irmão de Titu e a afirmação que estava a ser feita, um grupo deles decidiu fazer uma visita não anunciada à aldeia natal do rapaz em abril de 1987. Titu ficou muito excitado quando os viu aproximar-se, reconhecendo a sua

antiga esposa, Uma; o pai e a mãe (Chanda e Burfi); e dois dos seus três irmãos dessa vida anterior.

Falou com Uma sobre uma viagem que ele (como Suresh) fizera a Dolpur com os seus dois filhos, cujas alcunhas — Mono e Tono — ele também indicou. Antes de partirem, acompanhou-os até ao veículo, observando: "Este não é o meu carro. O meu carro era branco." Embora nunca tivesse visto um antes, pôs a tocar o leitor de cassetes do carro e até o conduziu por uma curta distância com a ajuda de Raja Babu, um irmão da vida passada, que operava o travão, o acelerador e a embraiagem. Quando Titu percebeu que não o levavam com eles, ficou furioso, atirando os sapatos à mãe e gritando: "Eu não sou teu. Tu não és a minha mãe."

Mais tarde, quando Titu conheceu os pais da vida passada, disse à mãe: "Estou apenas de passagem com estas pessoas que não têm televisão, carro, vídeo. Vou fugir convosco." Quando o seu pai atual tentou retirá-lo fisicamente, Titu lutou com ele de forma tão vigorosa que lhe rasgou a camisa, abraçando Chanda Singh, o pai de Suresh Verme, com quem queria ficar. Chanda acalmou-o dizendo: "Filho, vai. Eu virei ver-te."

Tudo o que precede provém de um excelente e muito detalhado estudo de caso num artigo2 de Antonia Mills, "A Replication Study: Three Cases of Children in Northern India Who Are Said to Remember a Previous Life". Além de relatar acontecimentos ocorridos anteriormente, Mills realizou a sua própria investigação, que incluiu levar Titu a conhecer pessoas e visitar locais associados ao assassinado Suresh Verme. Voltarei ao importante caso de Toran (Titu) Singh num capítulo posterior, com informações adicionais.

A resposta emocional de Titu Singh ao encontrar-se aparentemente no corpo de uma criança, mas com memórias de uma vida adulta, fornece um testemunho poderoso da força do sentimento experienciado por muitas crianças pequenas em tal situação. Escrevi noutros locais3 sobre casos semelhantes, como o de uma rapariga do Sri Lanka, Dilukshi, que salientava que os seus pais "verdadeiros" nunca gritavam com ela. Em vez disso, chamavam-lhe "querida" ou "docinho de filha".

Na Índia, Parmod, segundo filho de Bankeybehary Lal Sharma, um estudioso de Sânscrito e professor num colégio em Uttar Pradesh, disse à mãe, aos dois anos e meio, para não cozinhar, pois tinha uma mulher em

Moradabad que podia preparar a comida deles. Também se queixava do estatuto financeiro da família Sharma, que comparava desfavoravelmente com a sua vida anterior. Também da Índia vem o caso de Laxmi Barain, o filho mimado de um rico proprietário de terras cuja herança lhe permitia viver uma vida de luxo e indulgência, incluindo visitar regularmente uma prostituta, Padma.

Quando essa vida terminou, parece ter renascido na pobreza como Bishen Chand, que, assim que conseguiu falar, se queixou das suas circunstâncias atuais. "Nem o meu criado comeria a comida aqui cozinhada", declarou. Quando lhe davam roupas de algodão, ele rasgava-as, exigindo antes roupas de seda. E aos cinco anos e meio perguntou ao pai: "Papá, porque é que não arranjas uma amante? Terás muito prazer com ela." Muitos anos depois, quando Bishen tinha vinte e três anos, conheceu e reconheceu Padma, que tinha então cinquenta e dois anos, e tentou reatar a ligação sexual visitando-a com uma garrafa de vinho. Ela resistiu à sua abordagem, lembrando-lhe: "Sou uma mulher velha, como a tua mãe."

No caso de Swaran Lata, por outro lado, a sua nova vida numa família brâmane contrastava vivamente com a sua existência anterior, quando fora membro da casta mais baixa da Índia, os intocáveis. Infelizmente, isso significava que, embora fosse uma criança adorável, o seu comportamento — particularmente os seus modos e hábitos pessoais, que eles consideravam repulsivamente sujos — ficava muito aquém das expetativas dos pais. Ela limpava alegremente os excrementos de crianças mais novas e horrorizava a sua família vegetariana ao pedir carne de porco.

Quando me refiro a crianças que se comportam de forma estranha, é inevitável que esta expressão seja provavelmente interpretada como "comportar-se mal". Mas comportar-se excecionalmente bem é também um comportamento estranho para a maioria das crianças, como foi o caso de três memórias de vidas passadas relatadas no Sri Lanka por Erlendur Haraldsson e Godwin Samararatne no *Journal* (1999) da *Society for Psychical Research*, intitulado "Children Who Speak of Memories of a Previous Life as a Buddhist Monk: Three New Cases".

Sandika Tharanga (nascido em 1979), Duminda Bandara Ratnayake (1984) e Ruvan Tharanga Perera (1987) partilham algo em comum: em tenra idade, cada um deles falou de ter levado uma vida monástica antes da

sua existência atual e exibiu um comportamento totalmente condizente com essa afirmação.

Sandika nasceu numa família de classe média católica romana e começou a falar sobre ter sido um monge aos três anos de idade. Passou a rezar três vezes por dia e descreveu a participação numa cerimónia de esmola, seguida de um barulho forte — um tiro ou uma explosão —, após o qual não se lembrava de mais nada. Entre os seus comportamentos invulgares estavam os pedidos para ser levado ao templo, particularmente em dias especiais, e para ter uma imagem de Buda em casa para adorar. Não comia carne.

Os pais de Sandika tornaram-se mais simpáticos ao Budismo devido ao seu comportamento e interesses exemplares, que diferiam radicalmente da vida religiosa deles. Também notaram que ele tinha medo de ruídos altos e, quando se assustava com um, colocava a mão no lado esquerdo do peito, como que em defesa. Revelou-se um aluno excecional, estudando num colégio budista, embora, provavelmente para alívio dos pais, não tenha mostrado desejo de se tornar monge nesta vida.

Duminda tinha três anos quando falou sobre a sua vida anterior como monge chefe no mosteiro de Asgiriya, um dos maiores do Sri Lanka, expressando frequentemente o desejo de visitar o templo. O seu comportamento invulgar em criança incluía querer carregar as roupas à moda de um monge, querer ser chamado de "Podi Sadhu" (pequeno monge), ir todas as manhãs e noites a uma capela perto de casa, colher flores para levar para lá e colocá-las à maneira típica budista.

Não tinha desejo de brincar com outras crianças e expressava a vontade de ser monge e vestir o manto monástico, o que a mãe raramente lhe permitia fazer. Duminda gostava de recitar estrofes (geralmente afirmações religiosas curtas) em Páli, a língua antiga do budismo cingalês, utilizada e aprendida apenas por monges. Quando levado ao mosteiro de Asgiriya, Duminda não quis sentar-se até lhe darem um pano branco para se sentar, como manda a tradição para os monges.

Quando Ruvan começou a falar da sua vida anterior aos dois anos de idade, disse que tinha estado no mosteiro de Pitumpe — um nome desconhecido para os seus pais. Disse-lhes que ficava em Padukka (a cerca de trinta quilómetros de distância) e descreveu vários pormenores que se

revelaram corretos. Nunca pedia brinquedos, apenas imagens de Buda, que colecionava amorosamente. Ruvan tinha oito anos quando os investigadores o conheceram.

Souberam que ele se senta em posição de lótus quando visita o templo, sem que lhe tenham ensinado a fazê-lo; quer usar um manto como um monge; e sabe como segurar um leque durante os cânticos. Não quer comer à noite e desencoraja a família de o fazer (os monges não devem fazer refeições desde o meio-dia até à manhã seguinte); não come peixe nem carne (alguns monges não o fazem); recita o primeiro sermão de Buda; sabe ler o livro de cânticos (*Gatha pota*); e quer que a família realize um *puja* (cerimónia de adoração semelhante a uma oração, com recitações e oferendas como flores e incenso) à noite, repreendendo-os quando não o fazem.

Provavelmente o aspeto mais impressionante do seu comportamento altamente invulgar era a sua capacidade, tal como Duminda, de entoar estrofes em Páli. Os investigadores sugerem que ele pode tê-las aprendido ouvindo-as na rádio ou na televisão, mas os pais rejeitam essa teoria. Um dia, a família de Ruvan visitou o templo Pushparamaya Pathawatta para discutir a possibilidade de ele entrar como monge noviço. Ele disse então aos pais: “Desejo ficar aqui; podem ir para casa.” Ruvan disse aos investigadores que era feliz no templo, que não sente falta de casa, que tem tempo para meditar e que há muito para estudar. Foi ordenado no templo de Rajgama em 1996.

Em dois dos três casos, a investigação baseada em declarações feitas por estes rapazes sugeriu a identidade dos monges que afirmam ter sido na sua existência anterior. Por uma questão de brevidade, contudo, limitei as minhas referências aos aspetos comportamentais invulgares destes casos. Um dos dois investigadores envolvidos nestes três casos, o investigador islandês Erlendur Haraldsson, escreveu vários artigos sobre a psicologia de crianças que afirmam ter memórias de vidas passadas e como esta difere de crianças sem tais memórias.

Ian Stevenson destacou algumas outras formas invulgares de comportamento, a que chama "filias" — desejos das crianças de comer diferentes tipos de comida ou de usar roupas que diferem do que é normalmente usado na sua cultura. Também foi sugerido que um desejo por álcool, tabaco ou drogas nesta vida possa ser um resquício de um vício

de uma vida passada. Um dos seus colegas, o Dr. Jim Tucker, produziu também uma "Escala de Força de Caso" concebida para avaliar o quão evidentes são os casos sugestivos de reencarnação.

Ele divide esta evidência em quatro categorias amplas, uma das quais é "comportamentos que parecem relacionar-se com a vida anterior" e atribui pontos a cada item. Aqui estão os itens da sua lista, qualquer um ou todos os quais — quando exibidos por uma criança ou adulto — poderiam sugerir que ele ou ela está a ser influenciado por memórias de vidas passadas:

- Desejos ou aversões dietéticas invulgares
- Métodos invulgares de comer ou modos à mesa
- Uso invulgar de intoxicantes
- Filias invulgares
- Habilidades ou aptidões invulgares
- Animosidades invulgares
- Fobias invulgares
- Comportamento relacionado com o do sexo oposto
- Desejo ou relutância em regressar à família ou local anterior
- Memórias de vida anterior expressas através da brincadeira

Considerados isoladamente, nenhum destes pode ser considerado prova de reencarnação. Mas quando ocorrem vários, particularmente em complemento a afirmações verificadas sobre uma vida anterior, tais padrões comportamentais têm um significado muito maior.

Capítulo 9 Quando Eu Era Famoso Para uma pessoa que tinha assistido recentemente à sepultura dos seus restos mortais, Nicolau II da Rússia parecia extraordinariamente em forma e bem quando o conheci em Chicago, em 1998. Parecia semelhante às fotografias que eu tinha visto dele em muitos livros de consulta, mas já não fala russo nem governa uma nação. Como Donald Norsic, a sua vida como diretor criativo na indústria publicitária estava a ser obscurecida por memórias de uma existência anterior muito diferente.

Dois meses antes de nos sentarmos ao sol quente de outono de Lincoln Park, discutindo as suas vidas passada e presente, a Rússia tinha finalmente sepultado a família Romanov brutalmente assassinada — o Czar, a Czarina e três dos seus cinco filhos — juntamente com o seu médico e três criados. Os restos mortais da última família real reinante da Rússia tinham sido recuperados de uma vala comum sete anos antes, identificados por compatibilidade de ADN, e depois enterrados numa cerimónia comovente a 17 de julho de 1998, na Catedral de São Pedro e São Paulo, em São Petersburgo, onde foram enterrados os czares anteriores. Atraiu uma audiência televisiva mundial e uma extensa cobertura mediática. Amigos tinham convidado Norsic para ir com eles a São Petersburgo para o serviço, mas ele recusou, preferindo ficar no seu apartamento e ouvi-lo pelo rádio, sozinho.

"Acordei de um sono profundo no momento em que a cerimónia começou", disse-me ele.1 "Eram seis da manhã aqui. Liguei o rádio, e partilhei-o, à medida que ocorria, e chorei." Fez uma pausa quando a voz lhe falhou e soltou um suspiro profundo. "Sinto vontade de chorar agora, só de me lembrar. Quando os sinos começaram a tocar, comecei a chorar." Esses sinos tinham sido instalados na catedral por Nicolau II em 1905.

Embora falasse apaixonadamente sobre a Rússia, não tinha qualquer desejo de regressar ao país que acredita ter outrora governado. Isso, disse-me ele, traria demasiadas recordações e causar-lhe-ia um grande sofrimento. O acontecimento que mudou a vida de Norsic foi ver o filme *Doutor Jivago*, o que fez muito contrariado porque esperava ficar aborrecido. "Senti como se a minha realidade e a realidade do filme trocassem de lugar", explicou.

Começou então a sonhar com a sua vida anterior e, eventualmente, sob hipnose, foi capaz de descrever a sua coroação, o nascimento dos seus filhos, onde tinha vivido e as pessoas que eram importantes para ele. Correndo o risco de ser ridicularizado, Norsic escreveu um livro sobre as suas experiências, *To Save Russia*,2 no qual lista cinquenta factos que tem a certeza de que não eram do seu conhecimento anteriormente e aos quais não foi exposto antes das regressões hipnóticas.

Assim, será o caso de Donald Norsic um caso de "memória longínqua" de uma vida real vivida anteriormente, ou uma "memória de czar" inspirada por influências mais mundanas? Deparamo-nos com dois

problemas ao tentar avaliar tais histórias. Primeiro, a possibilidade de a pessoa que afirma ter sido famosa numa vida anterior estar simplesmente a sofrer de delírios de grandeza: uma forma psicológica de compensar uma vida monótona. No entanto, não havia nada de monótono na vida de Norsic.

Na altura em que as memórias surgiram, ele estava a ganhar prémios pelo seu trabalho em publicidade, possuía o seu próprio *sloop* de classe de corrida, pertencia ao clube de iates mais prestigiado de Chicago e tornou-se campeão da frota. Segundo, o facto de as vidas de pessoas famosas estarem tão bem documentadas que é quase impossível provar que informações sobre elas não poderiam ter sido absorvidas pelo requerente, consciente ou subconscientemente, através da leitura de jornais, revistas ou livros, ou vendo programas de televisão ou filmes.

Com isto em mente, permitam-me partilhar convosco, muito brevemente, algumas das afirmações feitas por ou sobre pessoas maioritariamente comuns que se acredita terem sido famosas numa vida passada. Algumas têm a sorte de terem sido famosas em ambas as vidas. Não farei qualquer julgamento, mas os leitores que desejarem fazê-lo podem explorar muitos destes casos com muito mais detalhe na Internet antes de tomarem as suas próprias decisões. Coloquei-os, sem ordem específica, em grupos que se referem quer às suas posições na vida quer às aptidões que os tornaram especiais.

Realeza e Governantes MARIA ANTONIETA: O médium britânico Daniel Dunglas Home, como já foi referido, queixou-se no século XIX de ter conhecido uma dúzia de mulheres que afirmavam ser a reencarnação de Maria Antonieta, Rainha de França. Desde então, é provável que tenham surgido mais algumas dezenas. A última recebeu o pseudónimo "Kiera Hermine", de acordo com um relatório do sítio *The Reincarnation Experiment*3 de Paul Von Ward, enquanto prosseguem as investigações sobre a alegação. Foi prometido um livro da "investigadora intuitiva de reencarnação" Marie-Alix Ravel, que nos dizem que será "realidade disfarçada de ficção".

REI ARTUR: John Rothwell, renascido em Inglaterra em 1954, está tão convencido de que foi outrora o lendário Rei Artur que mudou o seu nome por escritura pública em 19764 e deve agora ser tratado como "King Arthur Pendragon". Uma figura familiar e marcante nas cerimónias druidas

em Stonehenge, bem como noutros eventos pagãos em locais antigos, o Rei Artur encontra-se frequentemente em conflito com as autoridades, em parte porque parece acreditar que os direitos e privilégios de que gozava nos séculos V e VI deveriam tê-lo acompanhado na sua presente encarnação. Deve acrescentar-se que a sua existência histórica é debatida e contestada pelos historiadores modernos.

HATSHEPSUT MAAT-KA-RA: A cantora Tina Turner, tendo ouvido de uma vidente californiana que é a reencarnação de uma famosa rainha que governou como faraó de 1473 a 1458 a.C., partiu para o Egito em busca da verdade. A sua companheira de viagem, a romancista Moyra Caldecott, revelou que Tina se sentia atraída pelo Egito há anos, mas «não afirma ser quem a vidente diz que ela é. Está perplexa, curiosa, intrigada».

Quanto à rainha da *pop*, parece ter uma abordagem muito prática sobre o assunto, dizendo:6 «Sabemos que já vivemos antes, e sabemos que já vivemos no Egito antes, mas os detalhes ainda nos escapam». Presumo que ela esteja a usar o «nós» majestático nessa citação. Turner acrescenta: «Talvez não devamos saber. Talvez, se soubermos estas coisas com certeza, abandonemos as nossas vidas "aqui e agora" e tentemos viver "lá e então"... o conhecimento virá quando tiver de vir. Não o pressionem».

NEFERTITI: Foi um sonho extraordinário que convenceu Elizabeth Christensen, a gastar pelo menos 165 000 dólares em vinte e três operações cosméticas, para que ficasse parecida com a mulher que acredita ter sido numa vida anterior. No seu sonho, Christensen — que vive com o seu marido, um consultor de segurança, na costa sul de Inglaterra — viu uma jovem bela, mas misteriosa, que sorriu para ela e depois desapareceu.

Viu esse rosto novamente num artigo de revista sobre Nefertiti, a rainha egípcia e esposa do faraó do século XIV a.C., Akhenaton. Comentando a dispendiosa cirurgia estética, explicou a um jornal tabloide que se tem estado a «transformar numa versão moderna» de Nefertiti. Se a sua afirmação for verdadeira, ela estará em termos de proximidade com a actriz Shirley MacLaine, que diz ter sido uma criada de Nefertiti numa das suas próprias muitas vidas anteriores.

Artistas

PAUL GAUGUIN: Peter Teekamp, é um artista holandês que passou a aceitar, após uma série de coincidências seguidas de sessões de regressão

a vidas passadas, que é a reencarnação do artista francês Paul Gauguin. Ele afirma que existem muitas semelhanças entre o seu trabalho e estilo e os de Gauguin, mas manteve esta informação para si durante duas décadas. Durante esse tempo, escondeu uma «assinatura» única em cada uma das suas pinturas e ficou encantado quando os amigos a descobriram. Teekamp revelou agora que Gauguin incluía a assinatura oculta idêntica também nas suas obras. Acredita também ter descoberto um esboço original a carvão de Gauguin no qual se baseia a famosa obra do artista *Mulheres de Taiti na Praia* (1891).

MICHELANGELO: Tendo descansado da sua vida extremamente ocupada como pintor, escultor, arquiteto e engenheiro do Renascimento italiano, que produziu obras de arte tão soberbas como as magníficas esculturas *David* e *Pietà*, Michelangelo está de volta à terra e a viver em Las Vegas. O seu nome é Paul-Felix Montez,9 e é mais uma vez escultor, trabalhando frequentemente em vasta escala, tendo produzido os grandes cavalos e estátuas no Caesar's Palace, além de ser designer de cenários de cinema e de efeitos especiais.

Escritores

CHRISTOPHER MARLOWE: Amigo íntimo de William Shakespeare, Marlowe foi um dramaturgo do século XVI cuja morte ocorreu em circunstâncias que sempre foram um mistério — até agora, e a sua reencarnação como uma mulher, Brenda Harwood, que está empenhada em repor a verdade. Ela identificou-se pela primeira vez com Marlowe enquanto assistia a um programa de televisão que pretendia mostrar como a vida dele terminou. «Eu não morri assim!», gritou ela para a televisão. A investigação subsequente de Harwood sobre a vida dele desencadeou uma série de *flashbacks* que ela reuniu num livro, escrito através dos olhos dele.10

Show Business

LAUREL & HARDY: Os fãs da famosa dupla de comediantes ficarão encantados ao saber que, muitos anos após as suas mortes, eles estão de volta e a fazer comédia perante plateias apreciativas. O inglês Stan Laurel e o georgiano Oliver Hardy passaram com sucesso dos filmes mudos a preto e branco para o cinema sonoro na sua carreira em Hollywood. Agora, aparentemente regressaram do outro mundo para Nova

Jérsia, onde nasceram na década de 1970, com dezoito meses de diferença, como os irmãos Josh e Danny Bacher^{11} numa família judaica. A dupla cómica, em rápida ascensão, tem conquistado elogios desde que começaram a atuar juntos.

MARILYN MONROE: A cantora escocesa Sherrie Lea Laird^{12} nasceu nove meses após a morte súbita, em 1962, da estrela de cinema e símbolo sexual Marilyn Monroe e, embora não fosse fã de Marilyn, começou a identificar-se cada vez mais com a atriz à medida que a sua própria carreira musical descolava em Toronto, no Canadá, para onde a sua família tinha emigrado quando ela tinha quatro anos. Sherrie teve um disco de sucesso número um com *No Ordinary Love* no Canadá e na Europa.

Além de ter *flashbacks* da vida de Marilyn, também se tornou suicida com a mesma idade em que Marilyn tirou a vida, o que a levou a procurar ajuda do psiquiatra e especialista em regressão a vidas passadas, Dr. Adrian Finkelstein.13 Revelações sobre a vida e a morte da actriz, baseadas nos oito anos de terapia de Laird, estão agora disponíveis em forma de livro, *Marilyn Monroe Returns: The Healing of a Soul*.

Figuras Religiosas

APÓSTOLO PAULO: Nick Bunick era um tipo comum até que dois videntes lhe disseram, de forma independente, que ele tinha vivido no tempo de Jesus.14 Isso, por sua vez, levou-o a ser submetido a regressão, produzindo vinte e seis horas de gravações em cassete de treze sessões, nas quais descreveu em grande detalhe a vida do Apóstolo Paulo. Tendo concluído a partir dessas regressões hipnóticas que a mensagem de Jesus e de Paulo foi distorcida pela Igreja, Bunick está agora a tentar rectificar a situação. Contou a sua história em *Time for Truth*15 e promove os seus ensinamentos através de uma fundação com o mesmo nome.

JESUS: Sergei Anatolyevitch Torop^{16} foi em tempos um polícia de trânsito na Sibéria, mas hoje é conhecido como Vissarion e lidera um movimento religioso que fundou em 1990 — a Igreja do Último Testamento — cujos seguidores acreditam que ele é a reencarnação de Jesus Cristo. Como não seria de estranhar, ele também ensina o renascimento, bem como o veganismo e o fim do mundo iminente. No entanto, não está sozinho na crença de que é Jesus renascido. A Wikipédia

lista dezanove outros, todos vivos no século XX, que fizeram afirmações semelhantes, incluindo David Shayler,17 um antigo agente dos serviços de informação militar do Reino Unido e denunciante que cumpriu uma curta pena de prisão por uma infracção à Lei dos Segredos Oficiais em 2002. Pouco depois, declarou-se o Messias e detentor do segredo da vida eterna. Essa revelação foi seguida da notícia de que vivia agora como mulher e que o seu «alter ego» travesti se chamava «Delores Kane».

Políticos

ABRAHAM LINCOLN: Charles Lindbergh é famoso por mérito próprio por ter realizado o primeiro voo a solo dos Estados Unidos para a Europa (de Long Island para Paris) em 1927. Recebeu a condecoração militar mais elevada da nação, a Medalha de Honra, por este feito histórico. Mas em encarnações anteriores, de acordo com um livro de Richard Salva,18 que cita o grande mestre indiano de ioga Paramahansa Yogananda, Lindbergh tinha sido primeiro um iogue dos Himalaias antes de renascer como o presidente dos EUA, Abraham Lincoln. Entretanto, até hoje existe desacordo sobre se o assassino de Lincoln, James Wilkes Booth, morreu numa emboscada após ter morto o presidente ou se o corpo recuperado no local era de outra pessoa. O especialista em regressão hipnótica Dell Leonardi {19} acredita que ele escapou, tendo gravado setenta e três horas de sessões com um jovem anónimo de vinte e um anos em Kansas City que, sob hipnose, parecia ser o assassino e, além de descrever como disparou sobre Lincoln, relatou a sua fuga da Décima Sexta Cavalaria de Nova Iorque e a vida subsequente nos EUA, Inglaterra e França.

MAHATMA GANDHI: O grande líder político e ideológico da Índia, que defendeu a resistência não-violenta para provocar a mudança, renasceu em 1968 — vinte anos após ter sido assassinado. Na sua vida atual, de acordo com o investigador de reencarnação Walter Semkiw, ele é o ativista americano pelos direitos civis e ambientalista Anthony K. «Van» Jones,20 cujas nomeações atuais incluem ser membro sénior do Center for American Progress. Van Jones foi nomeado «herói ambiental» da revista *Time* em 2008; Gandhi foi o seu «homem do ano» em 1930. A opinião de Van Jones sobre a teoria de Semkiw não é conhecida.

LYMAN TRUMBULL: O nome deste senador dos EUA pelo Illinois não será reconhecido pela maioria dos americanos, mas ele serviu durante a

Guerra Civil Americana e morreu há mais de cem anos (1896). É particularmente recordado como o co-autor da Décima Terceira Emenda à Constituição que proibiu todos os tipos de escravatura. Na sua encarnação atual, as suas ações políticas terão certamente um impacto muito maior nas páginas da história, pois, segundo Walter Semkiw (cujos métodos de investigação discuto no capítulo 11), ele é agora mais conhecido como Barack Hussein Obama II, o quadragésimo quarto presidente dos Estados Unidos.21

Outros

THOMAS ANDREWS: William Barnes é um homem com uma missão — limpar o seu nome. Não o nome pelo qual é conhecido na sua vida atual, mas o que usou na sua encarnação anterior, quando era um mestre construtor naval e projetista norte-irlandês. Como Thomas Andrews, projetou o malfadado *Titanic* e, desde então, tem sido responsabilizado por algumas pessoas pelo desastre da viagem inaugural, há cem anos, quando o navio embateu num icebergue e se afundou com a perda de mais de mil e quinhentas vidas, incluindo a de Andrews.

Tendo sido assombrado por *flashbacks* e sonhos sobre o evento durante grande parte da sua vida, Barnes, radicado no Arizona, submeteu-se a sessões de regressão hipnótica que resultaram num relato fascinante da sua vida anterior. Nessas recordações, que ocorreram antes do lançamento do épico filme *Titanic*, «Andrews» defende o projeto do navio e, em vez disso, atribui a culpa do afundamento do *Titanic* à má qualidade dos materiais de construção.22

ANNE FRANK: Quando a poetisa e autora sueca Barbro Karlen declarou,23 numa entrevista televisiva em 1995 em Amesterdão, que era a reencarnação de Anne Frank, causou sensação. Afinal, foi de um sótão naquela cidade holandesa que a jovem judia escreveu o seu diário, agora mundialmente famoso, sobre a provação que ela e a sua família suportaram enquanto se escondiam dos nazis.

A autobiografia subsequente de Karlen pouco fez para acabar com a controvérsia, e o facto de ela não ser judia nesta vida é uma das questões

que tem sido levantada. Houve até uma tentativa frustrada de impedir a publicação do seu livro por parte do filho de sobreviventes do Holocausto. No entanto, um primo de Anne Frank, Buddy Elias, que era o diretor do Fundo Anne Frank na altura em que o livro foi publicado, acredita na reencarnação e apoiou publicamente Karlen, com quem disse sentir uma certa «relação de alma».

Quando pedi ao Rabino Yonassan Gershom, um especialista em reencarnação, particularmente em relação ao Holocausto, que escrevesse um artigo sobre a controvérsia Anne Frank/Barbro Karlen para uma revista que eu estava a editar,24 o seu relato incluía esta frase: «Já tinha sido contactado por outras quatro pessoas que também afirmavam ser Anne Frank, juntamente com uma pletora de Hitlers, Mengeles e outras personagens da Segunda Guerra Mundial».

Parece não haver escassez de indivíduos dispostos a reivindicar as vidas dos famosos — e infames — como suas. Portanto, olhem com ceticismo para os casos precedentes, com certeza. Mas lembrem-se, se a reencarnação é possível, então até as pessoas famosas e infames têm de renascer. E as pessoas comuns, nalguma vida futura, podem experienciar o que é ser uma celebridade. Pois, se for verdade, a reencarnação poderia proporcionar-nos a todos inúmeras experiências na escala social das ricas e diversas culturas do nosso planeta.

Capítulo 10

Mantendo-se na Família

Maung Pho Zaw, de quatro anos, estava a ser levado para outra aldeia no Alto Myanmar por um tio quando uma cobra lhe mordeu o pé esquerdo. O tio agiu rapidamente para diminuir o efeito do veneno da cobra, pedindo emprestado um charuto que uma mulher estava a fumar e aplicando-o na mordidela, que vertia sangue. Aplicou depois um torniquete e apressou-se a levar a criança para um hospital, onde foi repreendido pela equipa médica por usar um remédio popular. Nem a tentativa fútil do tio para ajudar o sobrinho nem a intervenção dos médicos no hospital conseguiram salvar a vida de Maung Pho Zaw. Ele morreu nessa noite.

Alguns meses mais tarde, um vizinho disse aos seus pais enlutados que Maung Pho Zaw tinha aparecido num sonho, dizendo que estava a tentar encontrar o caminho de casa, mas não o conhecia. Pouco tempo depois, o pai do rapaz falecido também teve um sonho em que o filho lhe dizia que tinha chegado a casa. A mãe de Maung Pho Zaw ficou grávida pouco depois destes sonhos, e foi óbvio para eles, assim que Ma Myint Myint Zaw nasceu, que o seu filho tinha regressado para eles — mas como uma filha.

A certeza veio da marca de nascença redonda no seu pé esquerdo, na mesma posição da mordidela de cobra que matara o seu irmão. Isto confirmou-se quando a criança teve idade suficiente para falar sobre a sua memória desse evento. Ela falava da mordidela da cobra e tinha uma fobia intensa de cobras, recusando-se a sair depois do anoitecer para o caso de ser mordida novamente. Curiosamente, ela demonstrava uma masculinidade acentuada desde tenra idade, recusando-se a usar brincos e insistindo em usar as roupas do irmão falecido quando as descobriu.

Mesmo quando Ma Myint Myint Zaw teve idade suficiente para frequentar a escola, insistia em usar roupas de rapaz. Os seus pais e professores foram surpreendentemente tolerantes com estas exigências. No entanto, quando atingiu a puberdade, tornou-se mais feminina. Ma Myint Myint Zaw, que aparentemente foi outrora o seu próprio irmão, casou-se aos dezoito anos e, na altura em que Ian Stevenson investigou e escreveu sobre este caso,1 ela tinha tido dois filhos e dizia-se ser uma boa esposa e mãe.

Embora seja um caso altamente invulgar, os eventos que rodearam o nascimento e a juventude de Ma Myint Myint Zaw não são, de modo algum, únicos. Os investigadores encontraram vários casos em que o sujeito que afirma recordar uma vida passada é familiar, de alguma forma, da pessoa que morreu. Na verdade, nalgumas culturas, é uma ocorrência comparativamente comum.

A visão parece ser a de que, se se vai renascer, mais vale regressar a uma família que se conhece e que nos acolherá de volta. Curiosamente, mesmo em casos ocidentais recordados sob hipnose, os sujeitos afirmam perceber que os membros da família na sua vida atual também estavam relacionados com eles na sua existência anterior. O que não é claro, confesso, é se os pais anfitriões têm alguma escolha na matéria.

Tomemos, por exemplo, o seguinte caso^2 da Tailândia, também relatado por Ian Stevenson. Antes do seu nascimento, os pais de Thiang San Kla sonharam ambos que o irmão mais velho do seu pai, Phoh, tinha vindo ter com eles e dito que desejava renascer como filho deles. Stevenson não nos diz qual foi a resposta deles — assumindo que responderam nos seus sonhos — mas suspeito que possam ter tido reservas.

Afinal, Phoh era um notório ladrão de gado que foi morto por um grupo de trinta aldeãos em Ban Ar Vud porque acreditavam que ele estava a visitar a vizinhança para roubar o seu gado. Quer tenham acolhido a reencarnação de Phoh quer não, não lhes restaram dúvidas de que o irmão rebelde tinha regressado quando Thiang San Kla nasceu, porque o corpo do bebé apresentava seis marcas de nascença, a mais proeminente das quais era uma área grande, feia e saliente na parte de trás da cabeça. Coincidia com o golpe fatal que matara Phoh; ele fora atingido com uma faca pesada usada para abrir cocos ou cortar lenha. Curiosamente, outra das marcas de nascença estava no dedo grande do pé direito do rapaz, consistindo numa unha parcialmente desprendida e pigmentação escura da unha ou do tecido por baixo dela. Isto correspondia a uma infeção crónica no mesmo dedo de que Phoh sofrera durante alguns anos antes do seu assassinato. Estas marcas de nascença, juntamente com o aparecimento de Phoh nos sonhos dos seus pais, deixaram o casal com poucas dúvidas de que ele tinha regressado.

Isto foi confirmado por Thiang San Kla quando teve idade suficiente para falar, fazendo uma série de declarações sobre eventos da vida passada e reconhecimentos de pessoas que Phoh conhecera, o que convenceu totalmente a família de que ele tinha regressado para eles. Ao ouvir falar do aparente renascimento de Phoh como seu próprio sobrinho, um polícia que estava familiarizado com o historial criminal do ladrão de gado e que tinha investigado o seu assassinato decidiu visitá-los. Stevenson conta-nos que Thiang não só se dirigiu a ele pelo nome e indicou corretamente os nomes das pessoas envolvidas no «seu» assassinato, particularmente o assassino real, um homem chamado Chang, mas também expressou o desejo de se vingar.

As marcas de nascença são enormemente importantes para a evidência da reencarnação e dediquei um capítulo inteiro a este assunto (capítulo 21). Embora vários investigadores tivessem chamado a atenção para as marcas

de nascença durante um período bastante longo, foi Ian Stevenson quem reconheceu o seu significado e fez um estudo especial deste aspeto físico. Algumas culturas, no entanto, aceitam há muito que as marcas de nascença podem ajudar a identificar almas que reencarnam, e isso é certamente verdade para os Tlingit, o povo indígena do Alasca, e tribos semelhantes — os Haidas, Athapaskans, Esquimós e Aleutas — para quem o renascimento faz parte das suas crenças. Por isso, uma história que Stevenson descobriu no norte gelado da América^3 talvez não seja tão extraordinária quando vista contra esse pano de fundo cultural. É, no entanto, surpreendente nas implicações que traz para a doutrina do renascimento.

Victor Vincent, um Tlingit de sangue puro, acreditava muito fortemente na reencarnação. Mais ainda, tinha a certeza de que a sua falecida irmã Gertrude tinha renascido como a sua própria neta, também chamada Gertrude. Por outras palavras, a Sra. Corliss Chotkin Sr. tinha dado à luz a sua própria mãe. Até agora, claro, estamos a lidar apenas com conjeturas por parte de Victor Vincent, embora aparentemente Gertrude Jr. tenha dado à sua família algumas informações sobre a sua avó que não poderia ter adquirido normalmente.

Ao longo dos anos, Victor tinha-se sentido cada vez mais próximo da sua sobrinha, e foi numa das suas visitas para ficar com ela e com o marido, em Sitka, que ele lhe disse: «Vou voltar como o teu próximo filho. Espero não gaguejar tanto nessa altura como gaguejo agora. O teu filho terá estas cicatrizes». Com isso, levantou a camisa e mostrou-lhe uma cicatriz nas costas que era claramente o resíduo de uma operação que tinha sido realizada alguns anos antes, porque os pequenos orifícios redondos dos pontos permaneciam visíveis. Apontou também para uma cicatriz na base do lado direito do seu nariz, também resultado de uma operação. «Sei que terei um bom lar», acrescentou. «Tu não vais andar por aí a embebedar-te». Esta era uma referência a vários alcoólicos na família.

Outra razão que ele apresentou para querer regressar foi a sua crença de que Gertrude Jr. tinha sido sua irmã, e ele desejava crescer novamente com ela. Esse desejo parece ter sido concedido quando, a 15 de dezembro de 1947, dezoito meses após a morte de Victor em Angoon, a Sra. Chotkin deu à luz um filho saudável, chamado Corliss em homenagem ao pai. E, tal como Victor previra, a criança ostentava duas marcas de nascença distintas,

exatamente com a mesma forma e no mesmo local das cicatrizes que o seu tio lhe mostrara quando vaticinou o seu regresso.

Quando Corliss Chotkin Jr. começou a falar, por volta dos treze meses, a sua mãe estava a ajudá-lo a dizer o nome corretamente quando ele respondeu impetuosamente: «Não me conheces? Eu sou o Kahkody». Este era o nome tribal do seu tio, Victor Vincent, e o rapaz pronunciou-o com um excelente sotaque Tlingit. A família ficou tão impressionada que lhe deu o mesmo nome tribal. Ter conhecimento deste evento levou a tia da Sra. Chotkin a revelar que tinha sonhado que Victor iria viver com os Chotkins pouco antes do nascimento do rapaz.

Numa visita às docas de Sitka com a mãe e um irmão adotivo que era quatro anos mais velho do que ele, Corliss reconheceu espontaneamente uma das enteadas de Victor, ficando muito excitado, saltando e dizendo: «Ali está a minha Susie». Ele tinha dois anos na altura e foi apenas uma coincidência estarem ali ao mesmo tempo que Susie. Na verdade, nem a mãe nem o irmão adotivo a tinham avistado. Ele abraçou-a, pronunciou o seu nome Tlingit e continuou a repetir: «Minha Susie».

Algo semelhante aconteceu, com a mesma idade, quando Corliss avistou um homem na rua que reconheceu imediatamente. «Ali está o William, o meu filho», disse excitado. Com efeito, o filho de Victor estava a visitar Sitka, sem o conhecimento da Sra. Chotkin. Prova adicional surgiu quando ele era um ano mais velho e a sua mãe o levou a uma grande reunião de Tlingits. Olhando em redor, Corliss escolheu um rosto que lhe era muito familiar — a sua esposa da vida passada — antes de a sua mãe a ter visto, declarando: «Ali está a velha senhora» (um termo familiar que ele sempre usara para ela) e «Ali está a Rose», que era o seu nome correto.

Corliss fez o mesmo quando um amigo de Victor passou pela sua casa enquanto ele brincava na rua. A Sra. Alice Roberts estava a visitar Sitka e, quando o jovem rapaz a reconheceu, chamou-a pelo seu nome carinhoso. Ele também reconheceu outros três amigos de Victor. Uma observação interessante, para além de muitas mais provas de apoio reunidas por Stevenson, foi que, tal como o seu tio Victor, Corliss Jr. também tinha uma gaguez grave quando era jovem e esta persistiu até ele receber terapia da fala por volta dos dez anos. Não havia qualquer prova deste impedimento na fala na altura em que Stevenson entrevistou os Chotkins, o que aconteceu no início da década de 1960, quando Corliss Jr. era adolescente.

O caso de Victor Vincent é um dos sete do sudeste do Alasca sobre os quais Stevenson escreveu detalhadamente no seu livro *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*.4 Outro em que a criança afirmava ser o seu próprio tio dizia respeito a Jimmy Svenson, que era metade Tlingit e metade norueguês. Aos dois anos, Jimmy informou os seus pais de que tinha sido o irmão da sua mãe, John Cisko, que morreu em circunstâncias suspeitas. Num terceiro caso, um célebre pescador do Alasca, William George Sr., regressou aparentemente como seu próprio neto — algo que ele previra que faria. E um quarto caso centrou-se em Norman Despers, que afirmava ser o seu próprio avô renascido.

Embora sejam muito mais raros, existem casos na Europa de indivíduos que aparentemente reencarnam como seus próprios familiares. A história das gémeas Pollock, Gillian e Jennifer, gerou grande entusiasmo na comunicação social britânica na década de 1960, após ter sido relatado que eram as reencarnações das suas próprias irmãs, que morreram tragicamente, juntamente com outra criança, quando um carro subiu o passeio e as atropelou. Era o dia 5 de maio de 1957 e as crianças estavam a caminho da missa de domingo no nordeste da Inglaterra. Tiveram morte imediata. Apesar de ser um católico romano convicto, o pai delas, John, também acreditava fortemente na reencarnação e rezava por uma prova de renascimento. Assim, quando Florence lhe disse que estava grávida, ele previu com confiança que ela daria à luz gémeas. Um ginecologista que examinou a esposa discordou, mas a 4 de outubro de 1958 a previsão de John foi confirmada com o anúncio de que ele e a sua esposa, Florence, tinham sido abençoados com filhas gémeas idênticas, Gillian e Jennifer.

Os críticos, com razão, argumentarão que acreditar que as meninas recém-nascidas eram as suas irmãs mortas não passava de uma realização de desejos de pais consumidos pela dor. Mas a evidência sugere o contrário. Para começar, John notou uma linha branca fina na testa de Jennifer que era idêntica à que Jacqueline tinha na testa após ter caído do seu triciclo quando era jovem.

E Florence observou que uma marca de nascença na anca esquerda de Jennifer era do mesmo tipo e no mesmo local que uma no corpo de Jacqueline. Não havia marcas de nascença visíveis semelhantes em Gillian, o que é invulgar para gémeos monozigóticos. Mas foi o comportamento precoce delas, depois de a família se ter mudado de Hexham para Whitley

Bay quando tinham apenas quatro meses, que forneceu algumas das provas mais marcantes.

Ian Stevenson, que investigou este caso,5 conseguiu observar o que aconteceu quando as gémeas foram levadas de volta, aos três anos, ao bairro onde as suas irmãs tinham morrido. Com liberdade para caminhar por Battle Hill como desejassem, Gillian e Jennifer sabiam onde era a «sua» escola, embora estivesse obscurecida pela Igreja de St. Mary, e identificaram corretamente a sua antiga casa ao passarem por ela. Em casa, quando lhes foram apresentados brinquedos que tinham pertencido às suas irmãs mortas, os brinquedos foram «lembrados», chamados pelos seus nomes próprios e atribuídos à gémea correspondente. Numa ocasião, quando Florence foi verificar se as suas filhas estavam a brincar alegremente sozinhas, ficou consternada ao encontrar Gillian a embalar a cabeça de Jennifer e a dizer que estava a sair sangue dos seus olhos porque tinha sido ali que o carro lhe batera.

Outro caso invulgar com uma ligação familiar, desta vez envolvendo rapazes gémeos birmaneses, é também um dos primeiros a ser investigado. O investigador foi Harold Fielding Hall, um alto funcionário público na Birmânia, que escreveu sobre o assunto no seu livro *The Soul of a People*,6 que abrange uma vasta gama de tópicos relacionados com esse país (actual Myanmar). Pouco depois de os gémeos Maung Gyi e Maung Ngé nascerem em 1886, os seus pais mudaram-se de Okshtgon para Kabyu, pelo que cresceram sem saber nada do local onde tinham nascido ou dos seus habitantes.

Logo após começarem a falar, os irmãos começaram a usar nomes diferentes um para o outro. Um chamava ao outro Maung San Nyein, enquanto o outro era chamado Ma Gywin, um nome de mulher. Os seus pais lembraram-se de que estes eram os nomes de um casal devotado que tinha nascido vizinho um do outro no mesmo dia, que tinham casado e que também tinham morrido no mesmo dia — sensivelmente na mesma altura em que os rapazes gémeos nasceram.

Decidiu-se testar as suas memórias de vidas passadas e, assim, Gyi e Ngé foram levados para Okshitgon, para a antiga casa do casal casado e para o bairro onde tinham vivido. Não só foram capazes de identificar estradas, locais e pessoas que estavam ligadas a eles nas suas vidas passadas, mas também as roupas que tinham usado. Curiosamente, o gémeo

mais novo, que fora a esposa, lembrou-se de uma dívida que não tinha sido paga. Sem o conhecimento do seu marido, ela tinha pedido emprestadas duas rupias a uma mulher chamada Ma Thet e não as tinha pago antes de morrer. A mulher foi encontrada e confirmou o empréstimo não pago exatamente como o gémeo se lembrara.

Fielding Hall entrevistou os gémeos quando tinham seis anos e ainda possuíam memórias fortes da sua existência anterior. Ele descreveu o gémeo que recordava ter sido o marido como um pequeno companheiro gordinho, enquanto o irmão que fora a esposa era mais pequeno com «um curioso olhar sonhador no rosto, mais parecido com uma rapariga do que com um rapaz».

Histórias de laços familiares tão amorosos que reúnem as almas novamente irão sem dúvida ressoar com a comediante Joan Rivers, após a regressão hipnótica que viveu sob a influência do hipnoterapeuta Brian Weiss.7 A espirituosa Rivers dificilmente estava relaxada no início da sessão, admitindo a Weiss que ainda estava de luto pela sua mãe, que morrera alguns anos antes, e pelo seu marido, que falecera mais recentemente, tendo tirado a própria vida.

Assim que entrou num transe hipnótico profundo, no entanto, Rivers começou a descrever uma vida em Inglaterra em 1835, onde era mais alta e mais magra, uma mulher da alta sociedade que era também mãe de três filhas. «Uma é definitivamente a minha mãe», voluntariou ela, referindo-se a uma criança de seis anos. Weiss perguntou-lhe como sabia disso, e ela respondeu: «Eu simplesmente sei que é ela». Começou então a soluçar e pediu para abandonar essa vida ao perceber que a filha em questão estava a morrer. Weiss acedeu, levando-a mais atrás no tempo para uma vida onde era um homem — um agricultor. Ao tirar Joan Rivers da regressão, Weiss disse saber que o processo de cura já estava a começar a funcionar: «Ela compreendeu que a sua preciosa mãe, que fora a sua filha pequena na Inglaterra de 1835, era uma companheira de alma através dos séculos. Embora estivessem agora mais uma vez separadas, Joan sabia que estariam juntas novamente, noutro tempo e noutro lugar».

Dick Sutphen é um respeitado terapeuta de regressão que ajudou muitos indivíduos a explorar as suas vidas passadas, mas quando foi entrevistado^8 sobre o assunto por um jornalista em 1994, foi a sua própria experiência de uma vida anterior que foi o principal tema de

conversa. Sutphen revelou que desfrutava de uma relação muito próxima com o seu filho Hunter (a sua esposa, Tara, descreve-os como inseparáveis) e sabia que tinham estado juntos em pelo menos uma vida anterior. Isto, disse ele, foi revelado numa «das regressões mais vívidas que alguma vez tive», quando descobriu que a relação deles nessa vida tinha uma reviravolta inesperada: «O Hunter era uma mulher.

Eu era um homem. Trabalhávamos numa fábrica de tecidos e tinturaria na Inglaterra do século XVIII. Depois de casarmos, ela ensinou-me a cortar moldes e a costurar, e abrimos uma alfaiataria na nossa casinha. Tínhamos uma relação maravilhosa. Mas mesmo em transe profundo, tive de me rir do meu traje. Vestia-me de forma mais sofisticada para passear no parque do que me vestiria hoje para assistir aos prémios Grammy».

Se todos estes casos puderem ser aceites pelo seu valor nominal, sugerem que existem laços de alma entre muitos indivíduos e que estes se podem expressar em relações muitas vezes inesperadas e invulgares, com filhas a tornarem-se esposas, esposas a tornarem-se filhos e avôs a tornarem-se os seus próprios netos. Há também a sugestão de que a influência desta associação se estende muito para além da família imediata.

Há muitos anos, o investigador austríaco Alois Schwaiger visitou o Reino Unido e partilhou comigo a sua teoria,9 que ele afirmava fornecer provas científicas da reencarnação. Interessou-se pela primeira vez pelo assunto quando tinha dezanove anos e sentiu que era a reencarnação do seu avô. A sua metodologia envolvia traçar a linha matrilinear (de mãe para filha) de uma pessoa que alegava estar reencarnada. Isto também é feito ao longo dos ramos da árvore genealógica da pessoa cuja vida é recordada. Schwaiger afirmava que, a certa altura, se descobriria que tinham um antepassado comum.

Por outras palavras, se X acredita ter sido Y numa vida anterior, o estudo das linhas femininas de ambas as árvores genealógicas, analisando a mãe, avó, bisavó e assim por diante, acabará por produzir uma convergência na pessoa Z, um antepassado comum. Disse-me que tinha testado esta teoria em vinte casos e descobriu que era verdadeira em todas as ocasiões. Disse que também a considerou verdadeira num caso transnacional. Aplicar esta abordagem analítica a casos asiáticos seria, no entanto, impossível devido à falta de registos — até as datas de nascimento de alguns sujeitos de reencarnação não são conhecidas com certeza.

Qual é, então, a lógica por trás desta teoria matrilinear? O Dr. Schwaiger explicou que dentro de cada pessoa existe uma componente masculina e feminina. Na morte, o lado masculino morre, mas o elemento feminino da alma regressa à sua origem antes de ser reencarnado novamente. Se for verdade, isto é claramente uma boa notícia para as feministas, mas devo confessar que muitos anos depois ainda estou a tentar compreender como é que ter um antepassado comum, muitas gerações antes, acrescenta mais peso ao caso da reencarnação do que a evidência imediata que parece ser transportada de uma vida para a seguinte. Escrevi noutro local {10} sobre o inglês Simon Jacobs que descobriu ser a reencarnação de um parente distante — um caso que ainda estou a investigar.

É apropriado, neste ponto, fazer referência à chamada «memória genética». Alguns céticos usam o termo para descartar casos relatados de reencarnação em famílias, sugerindo que as memórias da pessoa que morreu são passadas, geneticamente, de uma geração para a seguinte. É uma ideia interessante e que deve ser explorada — mas ainda não há evidências de que memórias individuais possam ser transmitidas desta forma. Mesmo que se descubra que tal mecanismo biológico existe, aplicar-se-ia apenas a um número minúsculo de casos em que existe uma ligação direta de sangue entre a pessoa que morreu e o membro da família que parece ter herdado as suas memórias. A reencarnação, portanto, pareceria ser uma explicação muito mais simples.

Capítulo 11

Parece Familiar?

Sejamos sinceros, poucos de nós estamos 100 por cento satisfeitos quando nos olhamos ao espelho. Orelhas grandes demais? Nariz muito comprido? Lábios demasiado finos? Bochechas descaídas? Queixo duplo? Testa franzida? Mesmo que estejamos confortáveis com as nossas características faciais e com o que a passagem do tempo lhes faz, há provavelmente algo mais que gostaríamos de mudar no nosso corpo físico. Alguns prefeririam ser mais magros ou mais altos, outros mais baixos ou mais musculados. Ancas mais estreitas ou pernas mais longas estariam na lista de desejos de outras pessoas. Talvez na próxima vida?

Bem, tenho más notícias para os leitores que esperam poder ter um corpo perfeito na próxima vez. Se o investigador de reencarnação Walter Semkiw e outros estiverem certos, quando renascermos, as probabilidades são de que seremos notavelmente semelhantes ao que somos agora. Sei que isto parece ir contra a razão, bem como contra a genética, mas Semkiw afirma ter provas poderosas para sustentar o seu argumento, e investigações independentes de outros sugerem, de facto, que aspetos da nossa aparência, tal como as nossas memórias, podem transitar de uma vida para a seguinte.

Na verdade, não é uma ideia nova. Tanto quanto sei, a primeira coleção detalhada de exemplos para apoiar a teoria das semelhanças físicas foi compilada pela autora inglesa Clarice Toyne, que escreveu vários livros sobre as suas experiências espirituais há mais de quarenta anos. Num destes,1 ela fala da sua perceção psíquica e da capacidade emergente de «ver as vidas passadas de outros» que desenvolveu ao estudar não só o seu próprio reflexo num espelho, mas também o do seu marido advogado, Wystan. Eis como ela descreveu esse processo:

Depois estudei o rosto do meu marido. Enquanto observava, vários rostos que ainda eram claramente ele, retratos da sua alma, cintilaram perante os meus olhos. Passei a reconhecer que a formação óssea do rosto e da cabeça permanecia característica e semelhante. A forma das feições mudava um pouco de século para século, especialmente quando havia uma mudança de raça ou de parentesco.

No entanto, era notável e frequentemente surpreendentemente semelhante ao molde de feições agora usado pela alma. Isto desfez o argumento moderno de que somos simplesmente um produto do nosso parentesco e ambiente. Foi-me ensinado que eles eram nossos por causa do que tínhamos sido e éramos até ao momento da conceção, e o seu efeito sobre nós era ligeiro.

Para onde é que tudo isto estava a levar Clarice Toyne? A resposta foi revelada no seu segundo livro,2 que nos leva a outra dimensão espiritual e à comunicação com um espírito altamente evoluído que revelou as encarnações passadas de pessoas famosas que demonstram ter uma semelhança física marcante em vidas sucessivas.

Ora, eu aceito que isto possa ser um passo exagerado para alguns leitores, mas o próprio conceito de reencarnação exige a existência de uma

dimensão espiritual na qual as almas existem entre encarnações, pelo que a possibilidade de alguma forma de comunicação entre indivíduos dotados e aqueles que existem nesse outro mundo não pode ser levianamente descartada. No caso de Toyne, essa comunicação assumia por vezes simplesmente a forma de «inspiração», enquanto noutras ocasiões ela ouvia a voz incorpórea de um ser espiritual a quem chamava o Mestre. Explicando o processo, Toyne escreve:

Estava na jardinagem um dia, a plantar amores-perfeitos, quando de repente um nome foi deixado cair na minha mente como uma pedra num poço. «Este era o meu nome quando estive pela última vez na Terra», acrescentou a Voz. Excitada, fugi para a minha bicicleta e logo estava a descer a longa colina em direção à cidade, a caminho da biblioteca de referência.

Isto, claro, foi nos dias antes dos computadores, da Internet e dos motores de busca. A sua investigação em bibliotecas e alfarrabistas revelou uma semelhança espantosa na aparência de várias pessoas bem conhecidas nas suas vidas mais recentes e naquelas que o Mestre lhe assegurou serem as suas encarnações anteriores. Toyne reuniu estes casos para um livro ilustrado subsequente que reivindicava não só uma semelhança física notável para vários sujeitos famosos em vidas sucessivas, mas também semelhanças marcantes noutros traços, incluindo competências e carácter. Eles incluem:

- **Sir Winston Churchill**, primeiro-ministro britânico do tempo da guerra, que o Mestre disse ter sido Thomas Wentworth, Conde de Strafford (1593-1641), um estadista inglês que foi um ministro poderoso ao tempo do Rei Carlos I.

- **Danny Kaye**, o nome artístico do ator e cantor de origem russa David Daniel Kaminsky (1913-1987), cujo sucesso na Broadway o levou a desempenhar o papel principal de Hans Christian Andersen, um filme sobre o famoso poeta e escritor dinamarquês (1805-1875), cujos contos de fadas e histórias infantis, incluindo *O Patinho Feio*, continuam a ser muito populares. E, de acordo com o Mestre espiritual de Toyne, essa é a mesmíssima pessoa que Kaye tinha sido numa vida anterior.

- **G. K. Chesterton**, o prolífico escritor, jornalista, poeta e filósofo inglês (1874-1936), não era outro senão o Dr. Samuel Johnson (1709-1784), que foi descrito como «indiscutivelmente o mais distinto homem de letras da história inglesa».

- **General Charles de Gaulle**, general francês e mais tarde presidente desse país (1890-1970), teve duas vidas anteriores famosas, também como general francês: Louis de Bourbon, Grande Condé (1621-1686), e José II da Áustria (1741-1790), cuja esposa era neta do Rei de França em exercício naquela época.

Outros casos citados por Clarice Toyne e inspirados pelo seu Mestre incluem George Bernard Shaw (Voltaire) e Pierre Teilhard de Chardin (Blaise Pascal). Não farei qualquer tentativa de expressar uma opinião sobre estas alegações. Os leitores que desejem fazê-lo podem facilmente realizar o seu próprio exame *online* das semelhanças e personalidades correspondentes dos indivíduos citados. Mas é pertinente perguntar neste ponto, partindo do princípio de que Toyne e o seu guia espiritual identificaram corretamente as vidas passadas destas pessoas famosas: por que existe esta semelhança tão próxima na aparência? Eis a resposta que Toyne recebeu:

Porque somos o produto do nosso costume ou pensamento, da nossa reação às circunstâncias. Forjamo-nos pela nossa forma de pensar, tanto consciente como subconsciente, e construímo-nos a nós próprios, à nossa estrutura óssea, sobre as energias-raio assim atraídas para o nosso interior. Esculpimo-nos ao longo das eras. A mudança é muito gradual.

Harold Waldwin Percival chegou à mesma conclusão um quarto de século antes. O autor de *Thinking and Destiny*,3 uma obra de mil páginas que convida à reflexão e que foi descrita como «uma exposição notavelmente completa da origem e desenvolvimento do universo», na qual a reencarnação desempenha um papel importante, dedicou o seu livro «com amor ao eu consciente em cada corpo humano». Foi escrito depois de ele se ter tornado «consciente da Realidade Última», mas ele insistiu que cabia a cada leitor julgar a verdade das suas declarações. Portanto, julgue por si mesmo o seguinte extrato desse livro que se refere à aparência física:

As feições e a forma do corpo são registos verdadeiros dos pensamentos que os criaram. Linhas, curvas e ângulos na sua relação uns

com os outros, são como tantas palavras escritas que os pensamentos e ações formaram. Cada linha é uma letra, cada feição uma palavra, cada órgão uma frase, cada parte um capítulo, e todos compõem uma história do passado, moldada pelo pensamento e expressa no corpo humano. As linhas e as feições são alteradas pelos e com os esforços de pensamento de cada um. O tipo de corpo que nasce é o tipo que a entidade-alma determinou como resultado de pensamentos passados.

Portanto, talvez todos precisemos de ter pensamentos belos para melhorar a nossa aparência, embora devamos também lembrar que a boa aparência não é o aspeto mais notável de alguns dos maiores realizadores do mundo. Noutro local do seu livro, Percival acrescenta:

«A forma e as feições de uma pessoa mudam pouco mais de existência para existência do que mudam em vários períodos de uma vida na terra. O pensamento altera as feições gradualmente durante a vida. Fotografias de uma pessoa comum tiradas em períodos correspondentes de duas ou mesmo várias vidas mostrariam pouca diferença. Os pais físicos podem ou não ser os mesmos, mas as feições fornecidas pela hereditariedade, independentemente de quem sejam os pais, são as mesmas para uma sucessão de vidas, no caso da pessoa comum.»

Não é totalmente claro como é que ele chegou a essa conclusão, mas evidências fotográficas estão a ser cada vez mais oferecidas por outros em apoio à reencarnação. O investigador de reencarnação e hipnotizador escocês Tom Barlow, por exemplo, demonstrou esta semelhança de forma impressionante^4 no caso da Sra. A. J. Stewart, uma dramaturga inglesa cujos sonhos, desde a infância, com um fim sangrento numa vida anterior culminaram, aos trinta e oito anos, na perceção de que tinha sido o Rei Jaime IV da Escócia, o último monarca britânico a morrer em batalha (1473-1513). Ele tinha declarado guerra à Inglaterra e foi morto na Batalha de Flodden quando liderava os seus homens para sul, enquanto as tropas do Rei Henrique VIII lutavam contra os franceses.

Nascida Ada F. Kay em Lancaster, Inglaterra, em Março de 1929, a sua vida tinha sido assombrada por «memórias remotas» dessa existência anterior, que ela registou em dois livros. «AJ», como gostava de ser chamada, tornou-se argumentista da BBC e mudou-se para a Escócia, onde claramente se sentia mais em casa. Em discussões com Tom Barlow sobre a sua antiga vida real, ela apresentou duas fotografias a preto e branco,

explicando que se conseguia lembrar claramente, enquanto Jaime IV, de ter o seu retrato pintado e que tinha encomendado as fotografias para mostrar, tão fielmente quanto pudesse, a sua pose e o que estava a vestir para o retrato.

Procurou então encontrar a pintura de «si mesma» (ou «si mesmo») e acabou por localizá-la na Abadia de Newbattle, perto de Edimburgo, e mandou fotografá-la para comparação. Barlow examinou-as atentamente e fez transparências de ambas as imagens para obter uma comparação mais precisa, sobrepondo uma à outra. Notou que o rosto era mais alongado numa das imagens mas, «quando as imagens são sobrepostas, não só os olhos estão perfeitamente alinhados na direção em que olham, como a distância horizontal entre os olhos é exata.

Da mesma forma, o nariz e a boca também estão em alinhamento vertical e, quando a imagem masculina é ajustada para corresponder às feições femininas (o crânio de um homem é normalmente mais longo do que o de uma mulher), há uma simetria total». Barlow acrescenta: «É também invulgar que a personalidade atual tenha uma semelhança física tão próxima com a encarnação passada, especialmente num intervalo de tempo de cerca de 450 anos».

No Primeiro Congresso Mundial de Regressão e Terapia de Vidas Passadas, realizado na Holanda em 2003, descobri que estava na presença de ninguém menos que a alma conhecida anteriormente na história como John Adams, segundo presidente dos Estados Unidos. Não que Walter Semkiw, um médico americano, se comportasse de forma diferente de qualquer outra pessoa no agradável ambiente holandês, para além de expor uma crença apaixonada na reencarnação como um dos apresentadores. Ele continuou a fazê-lo como autor de três livros — dois dos quais focados no que ele considera ser a evidência científica do renascimento.

No primeiro, *Return of the Revolutionaries*,5 apresenta uma série de casos, apoiados por fotografias, que mostram semelhanças na aparência entre indivíduos bem conhecidos do século XXI e as suas personas anteriores. Tal como acontece com Clarice Toyne, as semelhanças físicas são frequentemente impressionantes, mas serão suficientes? Entre as questões que a sua investigação levanta estão: Como identificou Semkiw estas encarnações passadas e quão recetivas a este conceito são as pessoas famosas que ele identificou?

Acontece que os métodos de Semkiw são semelhantes, em certos aspetos, aos de Toyne, no sentido em que ele frequentemente recebia assistência espiritual. Inicialmente, o Dr. Semkiw — que serviu como assistente do chefe de medicina ocupacional num importante centro médico em São Francisco durante vários anos e antes disso foi diretor médico da Unocal 76, uma empresa da *Fortune 500* — era cético em relação à reencarnação quando lhe foi dito por uma médium, em 1984, que era John Adams renascido.6 Quando decidiu examinar a ideia, em 1996, «descobri que me via nele, com base em características físicas comuns, traços de personalidade e interesses». Também reconheceu alguns dos amigos e familiares de Adams entre pessoas próximas de si. Em pouco tempo, Semkiw descobriu que «intuições e eventos sincrónicos» o levavam a reconhecer outras reencarnações e à descoberta de que a «arquitetura facial permanece a mesma».

Os resultados que produziu entre 1996 e 2002 foram indubitavelmente intrigantes, mas poderiam facilmente ser descartados como suposições ou fantasias de um homem só. Isto foi algo que Semkiw compreendeu plenamente. Além disso, estava a encontrar problemas em estabelecer todas as correspondências de vidas passadas que procurava através dos seus próprios esforços.

Superou essa dificuldade (no que diz respeito aos crentes) no final de 2001 com o envolvimento do médium de transe Kevin Ryerson, que canaliza guias espirituais e cujo nome será familiar aos leitores dos livros de Shirley MacLaine sobre reencarnação e exploração espiritual, incluindo *Out on a Limb*, *Going Within* e *The Camino*. Semkiw tinha experimentado outros videntes antes de conhecer Ryerson, mas «sem encontrar ninguém que pudesse identificar com segurança correspondências de vidas passadas». O que havia de diferente em Ryerson era que o guia que ele canalizava para este trabalho corroborativo, chamado Ahtun Re, era não só capaz de confirmar algumas das associações de vidas passadas identificadas por Semkiw, mas também de revelar novos casos para Semkiw investigar.

«Sei que posso ser criticado por usar uma fonte espiritual para uma parte do meu material de caso», escreve Semkiw.7 «Contraponho essa visão com a observação de que Ahtun Re demonstrou capacidades validadas por critérios objetivos. Além disso, a maioria das

correspondências que ele estabeleceu envolvem indivíduos proeminentes, a maioria dos quais aceitou ser incluída neste livro». Na verdade, 90 por cento dos casos apresentados no seu livro foram originalmente hipotetizados por Semkiw ou outros investigadores independentes e apenas 10 por cento foram identificados por Ahtun Re. Semkiw está agora tão confiante na capacidade do guia espiritual para confirmar as vidas passadas de um indivíduo que verifica todos os casos com Ahtun Re e publica apenas aqueles que recebem a sua confirmação. No entanto, somos deixados a adivinhar quais dos seus sujeitos bem conhecidos concordaram alegremente em ser incluídos no seu livro e quais foram inseridos apenas porque nunca objetaram.

É uma mistura inebriante de casos, incluindo Bill Clinton, Al Gore, George W. Bush, Tony Blair, Dennis Kucinich, Oprah Winfrey e Ralph Nader. Desde então, publicou um segundo livro, desta vez na Índia, que inclui alguns dos casos já mencionados, mas também oferece uma nova secção relacionada com as lendas políticas e estrelas de cinema do subcontinente, incluindo Indira Gandhi e Benazir Bhutto.

Um caso que Semkiw explorou produziu um resultado inesperado, até sensacional. O investigador estava particularmente interessado em identificar outros participantes na Revolução Americana e, para esse fim, tinha concluído que o médico e político Matthew Thornton, nascido em 1714 e signatário da Declaração de Independência, vivia agora no século XXI como Norman Shealy, médico, co-autor de *The Creation of Health*.8

A sua arquitetura facial, dizem-nos, é consistente, e Ahtun Re confirmou a correspondência. Semkiw contactou devidamente o Dr. Shealy, um neurocirurgião que é um renomado especialista em gestão de dor e inventor da unidade TENS de bloqueio de dor, além de ter atuado como consultor de líderes em várias especialidades, incluindo os médicos pessoais dos Presidentes Eisenhower e Kennedy. A resposta do Dr. Shealy expressou surpresa pela ligação de vida passada com Thornton, sobre quem nada sabia. No entanto, revelou que tinha conhecimento de outra vida passada — como John Elliotson, um proeminente médico inglês, e partilhou prontamente essa informação com Semkiw.

Isso aconteceu, disse ele, enquanto participava numa conferência da *Neuroelectric Society* em Aspen, em 1972, durante a qual um conferencista mencionou o nome de Elliotson numa referência ao mesmerismo. «Quando

ele disse aquilo», contou Shealy a Semkiw, «senti como se alguém tivesse empurrado um icebergue pelas minhas costas abaixo e disse para mim mesmo: "Meu Deus, sou eu"».

Viajou para Londres no ano seguinte e, ao chegar ao *University College Hospital*, onde Elliotson tinha o seu consultório, sentiu-se imediatamente em casa. Aprendeu mais sobre o interesse do seu antigo «eu» no mesmerismo e sobre o facto de alguns dos pacientes de Elliotson, em transe mesmérico, se tornarem clarividentes e fazerem diagnósticos facilmente. Incrivelmente, antes de ter ouvido falar de Elliotson, Shealy recebeu uma bolsa de 50 000 dólares de uma empresa da *Fortune 500*, que pediu para permanecer anónima, «para estudar o diagnóstico psíquico».

Posteriormente, visitou setenta e cinco indivíduos que eram tidos como excelentes clarividentes e encontrou cinco que tinham entre 70 e 75 por cento de precisão nos seus diagnósticos. Em resumo, o Dr. Norm Shealy informou Semkiw: «Nunca tive qualquer dúvida de que fui John Elliotson na minha última vida». Munido desta informação, Semkiw foi capaz de confirmar uma semelhança física entre os três — Thornton, Elliotson e Shealy.

Joseph R. Myers é um engenheiro profissional e investigador de reencarnação que não vê nada de invulgar em parecer semelhante de uma vida para outra. Acredita que era uma verdade conhecida pelo filósofo grego clássico Platão, quatro séculos antes do nascimento de Cristo. Curiosamente, esta revelação sobre as semelhanças físicas chegou-lhe de uma forma não muito diferente da de Clarice Toyne. Ele descreve «uma única experiência de consciência elevada» que lhe forneceu «o padrão para uma hipótese exata». Nesse estado de consciência elevado, viu um desfile de rostos que mudavam gradualmente a partir de uma série das suas próprias vidas anteriores. «Cada um dos rostos tinha uma semelhança marcante com o anterior», explica. «As linhas finas e as rugas indicavam personalidades que variavam amplamente, mas toda a estrutura do rosto mudava apenas gradualmente».

Não foi, contudo, esse processo que o levou a descobrir a sua própria existência anterior como Edward Bellamy (1850-1898), socialista e autor de *Looking Backward*,9 um romance que foi um dos livros mais populares e mais vendidos da América no final do século XIX. Contava a história de um homem que viaja no tempo, num transe hipnótico, de 1887 para o ano

2000, onde se encontra numa utopia socialista, um cenário que permitiu a Bellamy expressar as suas visões sobre economia e fazer previsões sobre o futuro financeiro da América.

Este era um assunto pelo qual Joseph Myers tinha um profundo interesse e, após ter dado uma palestra sobre o tema, alguém lhe comentou que ele tinha claramente lido *Looking Backward*. Ele não o tinha lido, mas intrigado, obteve uma cópia do famoso livro, bem como algumas biografias do seu autor. «Antes de ter lido dois capítulos, percebi que tinha sido eu a escrevê-lo», conta-nos Myers. Vários detalhes nas biografias também deram significado a *flashbacks* e sonhos que o tinham atormentado durante muitos anos.

Tendo concluído que outrora fora Edward Bellamy, notou também uma semelhança marcante nas suas aparências, tanto que um amigo confundiu uma imagem emoldurada de Bellamy com uma fotografia de Myers.

Esta experiência deu a Myers a determinação de investigar a reencarnação com maior profundidade, o que fez com o apoio entusiástico da sua esposa, Mary, até à morte desta em Novembro de 2004, aos oitenta e seis anos. Ao longo dos anos, deu palestras sobre o assunto; produziu um livro, *Edward Bellamy Writes Again*10 e reuniu uma impressionante colecção de estudos de caso ilustrados de reencarnação que apresentou num sítio *Web*, de forma muito semelhante ao que Walter Semkiw fez, colocando a ênfase firmemente no reconhecimento facial de uma vida para a seguinte.

Não é, no entanto, claro de onde vem a confirmação para estas «correspondências» na maioria dos seus casos. Estes incluem Lyndon Baines Johnson, o trigésimo sexto presidente dos Estados Unidos, e a sua esposa Claudia «Lady Bird» Johnson, que parecem ser extraordinariamente semelhantes a Andrew Johnson, o décimo sétimo presidente, e à sua esposa, Eliza Johnson. Não só têm o mesmo apelido, como ambos foram vice-presidentes de presidentes dos Estados Unidos assassinados — Lincoln e Kennedy.

Mas agora começamos a encontrar problemas, porque no sítio *Web* de Myers, Walt Disney é mostrado como a reencarnação de Charles Dickens, e diz-se que J. K. Rowling, autora dos livros de Harry Potter, viveu em

tempos como C. S. Lewis, autor de *As Crónicas de Nárnia*. Parece haver, de facto, algumas semelhanças faciais interessantes entre os dois, mas quando nos voltamos para a investigação de Semkiw, dizem-nos que Charles Dickens reencarnou como J. K. Rowling. Poderiam ambos estar corretos? Dickens viveu de 1812 a 1870 e Walt Disney de 1901 a 1966. A vida de C. S. Lewis decorreu entre 1889 e 1963 e J. K. Rowling ainda está connosco, tendo nascido a 31 de Julho de 1965. Assim, embora estas datas funcionem para as afirmações de Joseph Myers, colidem com as de Semkiw porque, se Charles Dickens tivesse renascido como Walt Disney, não poderia também ter renascido como J. K. Rowling, uma vez que ela nasceu dezoito meses antes da morte de Disney (embora a sobreposição de vidas seja discutida brevemente no capítulo final). Isto sugere que não podemos aceitar tais afirmações pelo seu valor nominal, por assim dizer, sem provas de apoio e sem a necessidade de lançar um olhar muito crítico e talvez cínico sobre a fonte de tais asserções.

Encontrei um sítio *Web* provavelmente bem-intencionado,11 que tinha excelentes recursos para quem estivesse a explorar a reencarnação, mas que estava também profusamente ilustrado com «estudos de caso» a que o seu compilador se refere como «possíveis correspondências»... derivadas depois de o autor «ler sobre as pessoas, comunicar com elas por escrito ou encontrar-se com elas». O que me divertiu foi ver quantos atores figuravam nos seus casos, devido, estou certo, ao quão mais acessíveis são as suas imagens nas bases de dados dos motores de busca.

Tanto o inspirador de Clarice Toyne, o Mestre, como o informante espiritual de Kevin Ryerson, Ahtun Re, explicaram que tinham acesso aos Registos Akáshicos. Este termo provém de uma palavra sânscrita que significa «céu», «espaço» ou «éter» e é usado na teosofia e na antroposofia para descrever um compêndio de conhecimento místico codificado num plano de existência não físico. «Folheio os ficheiros deles como um livro de história», disse o Mestre a Toyne, explicando como era capaz de espreitar os passados de indivíduos famosos.

Essa facilidade não estava à disposição de Doralice Santana, uma brasileira que teve uma visão inesperada durante uma sessão de hipnose em Setembro de 2005. Viu-se a caminhar por um trilho ladeado de árvores e a encontrar um estranho — um homem com um bigode farto e escuro, vestido à moda do século XIX, com uma gravata larga, chapéu e casaco.

«Ele disse que tinha estado comigo toda a minha vida», explica ela. Embora a língua materna de Doralice seja o português, ela sabia inglês suficientemente bem para o ensinar a nível universitário e, por isso, compreendeu o que aquele homem desconhecido estava a dizer.

Perguntou-lhe quem era e ele respondeu: «Não me reconheces? Sou o Edward». Doralice emergiu do transe hipnótico em lágrimas, sentindo que tinha perdido alguém que amava e determinada a encontrá-lo. Felizmente, tinha acesso ao equivalente moderno dos Registos Akáshicos: motores de busca informáticos. Clicou em «imagens» e escreveu «Edward». «O rosto dele estava muito nítido para mim», diz ela. «Queria confirmar se aquela experiência era real». Hoje, tal pesquisa produz quase dezassete milhões de opções no Google. Em 2005 seriam menos, mas examiná-las todas para encontrar o Edward que conhecera num transe era uma tarefa hercúlea.

Destemida, Doralice passou quase oito horas na sua busca até que a imagem de Edward Bellamy se apresentou no ecrã do seu computador. Através disto, soube do livro que ele tinha escrito, comprou um exemplar e, quando chegou ao terceiro ou quarto capítulo, estava convencida de que já o tinha lido antes. A sua curiosidade sobre Bellamy acabou por levá-la ao sítio *Web* de Joseph Myers e à crença dele de que é a reencarnação de Bellamy. Apesar de ficar perturbada com essa revelação, Doralice enviou-lhe um *e-mail* em Janeiro de 2006 e eles começaram a corresponder-se. Myers depressa teve a sua própria visão na qual encontrou um ser espiritual «de uma beleza arrebatadora» que ele acreditava ser Doralice. Concluiu que ela era a reencarnação da esposa de Bellamy. Os seus *e-mails* tornaram-se mais emocionais e, em dois meses, Myers propôs casamento a Doralice e, nas suas próprias palavras, «eu não consegui dizer "não"», embora nessa altura nem sequer tivessem trocado fotografias. Decidiram que se iriam estabelecer juntos na cidade do Recife, no Brasil, onde Doralice trabalha como administradora.12

A história deles pode não convencer outros da realidade da reencarnação, mas Joseph e Doralice não têm dúvidas. Casaram-se nos Estados Unidos a 9 de Dezembro de 2006, para o que acreditam ser a segunda vez — cento e vinte e cinco anos após terem sido unidos pela primeira vez em matrimónio nas suas vidas anteriores, como Edward e Emma Bellamy.

Capítulo 12

Qual é o Sexo de uma Alma?

A maioria de nós pensa em si próprio como sendo masculino ou feminino, e provavelmente assumimos que a nossa alma tem a mesma sexualidade. Isso, claro, pode ser descartado como uma noção absurda: o sexo relaciona-se com a nossa existência física, ao passo que a alma deriva de uma dimensão espiritual na qual o sexo presumivelmente não desempenha qualquer papel. Tal suposição pode vir a revelar-se falsa assim que a investigação sobre a reencarnação responder a algumas das questões que ainda nos intrigam sobre o processo de renascimento e a natureza da alma.

Por que razão é que, por exemplo, a maioria dos casos que sugerem a reencarnação se refere a indivíduos do sexo masculino? Numa revisão de 1095 casos investigados por Stevenson,1 62 por cento eram do sexo masculino e 38 por cento do sexo feminino. Não vi estatísticas que analisem casos em que o sujeito recorda mais do que uma existência anterior, mas o meu conhecimento de tais casos sugere que as vidas recordadas são mais frequentemente do mesmo sexo que a sua encarnação atual. Certamente, recordar uma vida como o sexo oposto é a exceção e não a regra, mas está longe de ser raro. A razão para esta aparente fixação de género pode ter mais a ver com a memória do que com o sexo. Estudos de relatos de vidas passadas notam a incidência muito elevada de mortes violentas na vida anterior, sugerindo que o trauma despoleta a memória dessa experiência e dos eventos de vida que a precederam.

Sem poder oferecer qualquer prova de apoio, suspeito que morrem mais homens do que mulheres de morte violenta, quer devido à natureza do seu trabalho, quer devido ao facto de serem mais propensos a matarem-se uns aos outros, para além de estarem habitualmente na linha da frente em conflitos. Também foi sugerido que o desequilíbrio nos casos de recordação de vidas passadas simplesmente reflete a dominância masculina na maioria das culturas. Uma outra explicação que vi é que as vidas dos homens são mais memoráveis do que as das mulheres e, por isso, são mais facilmente recordadas.

Essas conjeturas e generalizações amplas, no entanto, não nos aproximam de compreender se as almas têm uma orientação sexual ou se

são assexuadas. Há um século, era um tópico que ocupava os melhores cérebros dentro da teosofia, na qual a reencarnação é um princípio central da sua doutrina. A fundadora, Madame Helena Petrovna Blavatsky, assegurava aos seus seguidores que «o espírito imortal é assexuado, sem forma, uma emanação do Único SOPRO universal» e «pode reencarnar em qualquer um dos sexos e pode mudar de um para o outro género em diferentes vidas».2 Alguns sentiram necessidade de elaborar sobre isso. Susan E. Gay, por exemplo, contribuiu com um «Manifesto Teosófico-Feminista»3 na *Lucifer*, a revista da sociedade. Na sua visão, os homens que eram muito viris e as mulheres que eram muito femininas eram as almas menos desenvolvidas. Escrevendo em 1890, trinta e oito anos antes de o sufrágio universal estender o direito de voto a todas as mulheres adultas na Grã-Bretanha, ela disse que se os homens percebessem que nalgum momento no futuro poderiam ver-se encarnados em corpos de mulheres, talvez pensassem duas vezes sobre a sua suposição de que as mulheres eram «naturalmente» subordinadas aos homens.

Isso não era suficiente para outra escritora teosofista, Frances Swiney, que escreveu que todas as almas eram essencialmente femininas. Ela admitia que estas tinham de passar por um estado masculino na sua jornada da alma, mas descartava-o como um período de «jardim-de-infância». Embora estas visões possam parecer extremas aos olhos do século XXI, não devemos esquecer que até Charles Darwin, em *The Descent of Man*, sugeriu que a «superioridade» do homem em relação às mulheres era um resultado direto da evolução.

Foi um homem, contudo, quem introduziu o que pode ser visto como uma abordagem mais ponderada à questão altamente volátil da sexualidade da alma. Charles Webster Leadbeater, um antigo clérigo inglês e admirado escritor sobre o oculto que acabou por se tornar um teosofista proeminente no início da década de 1880, argumentava que a alma mudava de sexo ao longo de muitas vidas, de modo a aprender lições e evoluir, mas que geralmente permanecia no mesmo sexo durante entre três e sete encarnações, antes de mudar de género.

Em 1898, Leadbeater e Annie Besant (que viria a tornar-se presidente da Sociedade Teosófica em 1908) conduziram uma investigação sobre as vidas passadas da Miss Annie Wilson, secretária e governanta da Sra. Besant. Eles afirmaram traçar as vidas anteriores da Miss Wilson até antes

do nascimento de Cristo. Um tema que emergiu num livro^4 (parte de uma série) baseado nessa investigação, e que recorre noutras genealogias de vidas passadas de Leadbeater, é que indivíduos que trabalham juntos como teosofistas nas suas vidas atuais tiveram relações próximas no passado, geralmente envolvendo mudanças de sexo. Por exemplo, a Miss Wilson tinha sido filho de Annie Besant numa vida e, muitos anos depois na China, tinha sido sua esposa.

Noutra das suas obras,5 traçaram as muitas vidas passadas de Jiddu Krishnamurti, o rapaz indiano que Leadbeater e Besant descobriram e em quem acreditavam que seria o veículo para o aparecimento de um instrutor do mundo que esperavam. Leadbeater causou indignação nos círculos teosóficos ao afirmar que, em encarnações anteriores, tinha sido casado com Krishnamurti e com o seu irmão, Nitya, e que Cristo, numa encarnação anterior, tinha sido casado com Júlio César.

O psicólogo e teosofista canadiano Charles Lazenby ofereceu uma revisão à teoria de Leadbeater de ter até sete encarnações antes de mudar de género. Ele acreditava que a alma experienciava seis vidas como o mesmo sexo, em graus variados, e na sétima encarnação «assumiria a coloração» do sexo oposto antes de viver seis vidas nesse género. Descreveu esta fase de transição como um «sexo intermédio» no qual os corpos físicos dos indivíduos pertenciam a um sexo, mas os seus pensamentos e desejos pertenciam ao outro.

Hoje, a expressão «estar em contacto com o seu lado masculino ou feminino» é um reconhecimento de que a nossa natureza sexual é muito mais complexa e talvez menos definida do que se pensava anteriormente, pelo menos naquelas culturas onde a homossexualidade é agora socialmente aceite e onde indivíduos transgénero podem receber apoio psicológico e cirúrgico para os ajudar a lidar com o conflito que percebem entre as suas mentes e a sua anatomia.

«Nasci no corpo errado» é uma afirmação factual feita frequentemente por estes últimos, que fazem essa asserção sem qualquer crença numa vida passada ou na possibilidade de a reencarnação ter influenciado a forma como se sentem. Mas essa é uma possibilidade de que Ian Stevenson estava muito ciente quando investigou casos sugestivos de reencarnação, particularmente onde a vida recordada era do género oposto.

Nesses casos, não é invulgar uma criança insistir em usar roupas que seriam normalmente usadas pelo sexo oposto ou participar em jogos que estariam associados a essa identidade sexual. Ele descreve-os como casos de «mudança de sexo», querendo dizer com isto que mudaram de sexo de uma vida para a seguinte, e não que foram submetidos a cirurgia.

Mencionei brevemente (capítulo 8) os casos investigados por Stevenson de crianças pequenas em Myanmar^6 com memórias de terem sido soldados japoneses a ocupar o seu país durante a Segunda Guerra Mundial. Um destes casos apresenta um comportamento de mudança de sexo muito forte.

Durante a gravidez, antes do nascimento da sua filha Ma Tin Aung Myo a 26 de Dezembro de 1953, a sua mãe sonhou em três ocasiões que um soldado japonês atarracado, sem camisa e a usar calções a seguia e dizia que viria para ficar com ela e com o marido. Quando a filha tinha cerca de quatro anos, foi vista a chorar. Questionada sobre o porquê, disse que tinha saudades do Japão.

A partir de então, Ma Tin Aung Myo começou a falar sobre a sua vida anterior, quando era um soldado japonês destacado na aldeia na altura em que os japoneses ocupavam a Birmânia. Disse que tinha sido cozinheira e que um avião aliado tinha metralhado a aldeia e a tinha matado. Curiosamente, a sua mãe, Daw Aye Tin, contou a Stevenson que tinha conhecido e até sido amiga de um cozinheiro do exército japonês que estivera destacado na aldeia, mas não sabia se ele tinha sido morto ali.

Ma Tin Aung Myo foi capaz de descrever o que ela (como soldado masculino) estava a fazer e a vestir quando o avião se aproximou, e como tinha tentado evitar as balas, mas foi atingida na virilha e morreu instantaneamente. Com o passar dos anos, tornou-se claro para os pais de Ma Tin Aung Myo que ela não era uma típica rapariga birmanesa. Queixava-se de que o clima era demasiado quente e a comida demasiado picante para o seu gosto; preferia coisas doces e também gostava de comer peixe meio cru.

Frequentemente expressava sentimentos de «saudades de casa», bem como raiva em relação a pessoas britânicas ou americanas quando estas eram mencionadas na sua presença. Acima de tudo, era muito masculinizada, pedindo ao pai que lhe comprasse uma arma de brincar,

brincando às guerras e jogando futebol e *cane-ball* — interesses não partilhados pelas suas três irmãs e pelo seu único irmão.

Também insistia em usar roupa de homem e em ter o cabelo cortado ao estilo de um rapaz. A sua escola desaprovava, exigindo que fosse para a escola vestida adequadamente como uma rapariga. Quando Ma Tin Aung Myo se recusou a obedecer às regras e a sua escola não aceitou compromissos, ela desistiu por volta dos onze anos, o que limitou o trabalho que poderia fazer no futuro. Quando Stevenson a conheceu em 1974, descobriu que ela ganhava apenas um rendimento escasso como vendedora ambulante de comida numa estação de comboios próxima.

A sua masculinidade não desapareceu com a maturidade. De facto, não só não mostrava interesse em casar com um homem, como dizia que gostaria de ter uma esposa. Pensava claramente em si mesma como um homem e não gostava de ser considerada mulher, pedindo até para ser chamada de «Maung» (o nome respeitoso usado para tratar um rapaz) em vez de «Ma», que é usado para raparigas.

Tal como os outros casos japoneses investigados por Stevenson, este é um caso «não resolvido», porque Ma Tin Aung Myo foi incapaz de fornecer nomes ou outros factos verificáveis sobre a alegada vida anterior. O investigador diz-nos que ela é atípica, uma vez que na maioria dos casos de «mudança de sexo» as crianças ajustam-se ao seu sexo anatómico poucos anos depois de as memórias da vida passada desaparecerem. Mas a continuação das suas preferências de género na idade adulta não é única, como é ilustrado nos seguintes casos do Brasil e de Portugal, ambos investigados por Ian Stevenson.

Houve dois casos impressionantes de aparente reencarnação na família Lorenz, que vivia no estado mais a sul do Brasil, Rio Grande do Sul, e teve treze filhos. O pai, Francisco V. Lorenz, era um professor que tomou notas detalhadas em cada caso. O primeiro dizia respeito a uma rapariga chamada Sinhá, que era solitária e profundamente infeliz, tendo acabado por permitir que a sua saúde se deteriorasse, morrendo por volta dos vinte e oito anos, em 1917.

Tinha-se tornado amiga da esposa de Francisco, Ida, e no seu leito de morte, Sinhá prometeu a Ida Lorenz que voltaria como sua filha, dizendo: «numa idade em que eu possa falar sobre o mistério do renascimento no

corpo da menina que será tua filha, relatarei muitas coisas da minha vida atual, e assim reconhecerás a verdade».

Dez meses depois, Ida deu à luz uma filha, Marta, que a partir dos dois anos e meio começou a falar sobre as suas memórias de vida como Sinhá. Este não é, obviamente, um caso de mudança de sexo, mas indica a capacidade de uma alma, ao que parece, de regressar no sexo da sua escolha. Parece ser também o que já tinha acontecido na família Lorenz, mas desta vez com uma alma a regressar como o sexo oposto.

O primeiro filho dos Lorenz foi um rapaz, Emílio, que morreu na infância. Quando nasceu uma filha em 1902, deram-lhe o nome de Emília, em homenagem ao rapaz, embora pareça improvável que os pais acreditassem que ela fosse a reencarnação do filho. Emília foi infeliz durante a sua curta vida, sentindo-se aparentemente desconfortável como rapariga. Disse a vários dos seus irmãos e irmãs que, se existisse reencarnação, regressaria como rapaz na sua próxima vida.

Emília rejeitou várias propostas de casamento e disse aos seus irmãos que morreria solteira. Também tentou o suicídio em várias ocasiões e morreu em 1921 devido aos efeitos da ingestão de cianeto. Mais tarde, a mãe acreditou que Emília a tinha contactado em reuniões espíritas, expressando arrependimento pelo seu suicídio e prometendo regressar, mas desta vez como filho. Diz-se que os Lorenz ficaram incrédulos com a possibilidade de a sua filha falecida poder renascer como um rapaz, mas logo após o nascimento do seu décimo terceiro filho, Paulo, em 1923, tiveram de considerar seriamente essa hipótese.

Paulo era diferente dos seus outros filhos. Durante os primeiros quatro ou cinco anos de vida, recusou-se a usar roupa de rapaz. Stevenson relata,7 tendo entrevistado muitos dos membros da família quarenta anos após os acontecimentos, que Paulo insistia naquela tenra idade em usar roupas de menina ou em não usar nenhuma. Só passou a usar roupas de rapaz quando lhe foi feita uma calça a partir de uma das saias de Emília, comentando: «Quem diria que, depois de usar este material numa saia, o usaria mais tarde para calças?». Não mostrava interesse em fazer o que os rapazes costumam gostar de fazer, brincando antes com raparigas e bonecas. A sua orientação sexual mudou lentamente para masculina; embora, acrescenta Stevenson, «elementos importantes de feminilidade fossem óbvios na sua

adolescência, e uma forte identificação feminina (para um homem) persistiu até à altura da minha investigação do caso em 1962».

Embora Paulo pareça ter feito raras afirmações diretas sobre ter sido Emília, muitas das suas ações espelhavam as da sua irmã falecida, e demonstrava conhecimento de acontecimentos da vida dela, bem como hábitos e aptidões. Diz-se que Emília mostrava «um génio para a costura» e o mesmo acontecia com Paulo. Ele explicava as suas competências de costura dizendo que tinha sido ensinado pela Dona Elena (que tinha ensinado Emília) e descrevia com precisão a casa dela, embora não a tivesse visitado. Também reconheceu uma máquina de costura que tinha pertencido a Emília, declarando: «Esta máquina era minha e já costurei muito com ela».

Stevenson atesta que Paulo, aos trinta e nove anos, «mantinha uma orientação mais feminina do que a maioria dos homens da sua idade». A história de Paulo não tem um final feliz. Participou em atividades políticas e, após o derrube do presidente em 1963, Paulo sentiu que as autoridades o vigiavam. Ficou delirante, sentiu-se perseguido e suicidou-se (após tentativas anteriores frustradas) vertendo um líquido inflamável sobre si mesmo e ateando fogo à roupa e ao corpo em 1966. Isto, soube Stevenson mais tarde, foi uma das formas pelas quais Emília também tinha tentado tirar a sua própria vida.

Em Portugal, Stevenson investigou outro caso invulgar, novamente envolvendo um nascimento dentro da mesma família e com uma mudança de sexo.8 Em 1960, pouco antes do seu sétimo aniversário, Angelina Lopes foi atropelada por um carro e morta enquanto regressava da praia com a sua mãe, Irma, e duas irmãs. Irma Lopes ficou perturbada e, embora fosse uma católica romana convicta, parece ter recebido algum conforto de uma médium que lhe assegurou que Angelina renasceria dela, mas possivelmente como um rapaz.

Durante a sua curta mas feliz vida, a filha tinha expressado uma vez o desejo de ser um rapaz. No sétimo mês da sua gravidez seguinte, Irma sonhou com Angelina, que a informou de que o bebé seria um rapaz. Assim foi, e deram-lhe o nome de Afonso; pouco depois, num mês, a família mudou-se de Loures para Lisboa. Uma primeira indicação de que Afonso poderia ser Angelina renascida foi quando começou a dirigir-se a Irma

como «Querida Mãe», um termo que a menina falecida usava, mas que as suas irmãs não usavam.

Provas mais fortes surgiram em breve quando Afonso, com quatro anos, e vizinhos da família Lopes, incluindo um filho, Hernâni, que costumava brincar com Angelina, os visitaram vindos de Loures. Espontaneamente, Afonso perguntou a Hernâni: «Guardaste o cavalo de pau?». Este era um brinquedo com que Angelina gostava de brincar. «Não, dei-o à Ana», respondeu Hernâni. «Ah sim», respondeu Afonso, «à Aninhas e ao seu filhinho» — uma referência correta aos destinatários do presente, embora Afonso nunca os tivesse conhecido.

Numa ocasião posterior, antes de ter começado a ir para a escola, Afonso foi à cozinha onde a mãe estava a cozinhar e reparou num guardanapo de xadrez vermelho. «Olha, mamã, o guardanapo que eu costumava levar para a escola com o meu lanche. Vou levá-lo outra vez quando voltar para a escola, não vou?». Era o guardanapo que Angelina costumava levar para a escola. Pouco depois de Afonso começar a sua própria escolaridade, Irma foi convidada a reunir-se com a sua professora, que a informou de que Afonso afirmava ser uma rapariga e se referia a si próprio usando palavras femininas ao escrever ou falar. Quando a professora tentou corrigi-lo, explicando que ele era um rapaz, Afonso insistia: «Não, eu sou uma menina». Tinha deixado de o fazer por volta dos sete anos.

Talvez o item de evidência mais surpreendente apresentado por Stevenson no caso Lopes nos lembre um aspeto do caso de Paulo Lorenz no Brasil. Ao regressar da escola um dia, Afonso pegou espontaneamente num copo e colocou-o dentro de uma meia. Depois, pegando numa agulha, fingiu que a estava a remendar, dizendo: «Ah, já não fazia isto há tanto tempo». Angelina gostava de visitar uma tia que era costureira e fingia que estava a remendar meias exatamente da forma que Afonso fez. Irma Lopes confirmou que ninguém tinha mostrado a técnica ao seu filho antes de ele a demonstrar espontaneamente.

«Acompanhei algumas destas crianças até à adolescência e início da idade adulta ou mais tarde», diz-nos Stevenson. «A maioria aceita gradualmente o seu sexo anatómico, deixa de se vestir com roupas do sexo oposto e torna-se mais normal em todos os aspetos. Um pequeno número, no entanto, não se adaptou tão bem; permaneceram fixos no papel de

género do sexo da vida anterior e geralmente são correspondentemente infelizes». Ele também foi consultado por duas pessoas que desejavam submeter-se a cirurgia de reafirmação sexual e que tinham a certeza de que a sua disforia de género não tinha sido influenciada de forma alguma pelos seus pais. «Conjeturavam que a sua forte preferência de género poderia ter derivado de uma vida anterior, embora não tivessem memórias de nenhuma». Sempre cauteloso, Stevenson acrescenta: «A explicação deles para a sua condição parecia plausível, mas permanecia sem qualquer confirmação».

Capítulo 13

Crentes Famosos

É fácil gozar com alguns indivíduos que afirmam ter sido historicamente famosos, mas o que devemos pensar de casos que envolvem pessoas famosas que dizem recordar-se de viver vidas por vezes bastante comuns numa existência anterior? Da longa lista de celebridades que tenho à minha frente — entre as quais as pessoas do mundo do espetáculo parecem figurar com destaque — vou descartar aquelas de quem se suspeita que façam a afirmação para fins publicitários ou que, pelo menos, não oferecem um pingo de prova de apoio. Isso encurta consideravelmente a lista.

Adicionei os nomes de algumas pessoas famosas que expressaram uma forte crença no renascimento sem afirmarem ter memórias de uma vida passada, ou que foram submetidas a regressões ao que parecem ser encarnações anteriores. Devo também fazer a observação óbvia de que ser famoso não dá a um indivíduo uma perceção maior dos mistérios da vida do que a qualquer outra pessoa.

Assim, incluo-os não porque devamos prestar mais atenção às suas declarações, mas porque as suas alegadas experiências ou opiniões nos permitem espreitar através de uma janela transcultural, tanto divertida como por vezes iluminadora, sobre as crenças na reencarnação nos séculos XX e XXI, e ocasionalmente antes. Vou mantê-los breves e apresentá-los por ordem alfabética, pelo apelido.

ANDY BELL: Vocalista assumidamente homossexual da dupla *pop* britânica Erasure, que vendeu mais de vinte milhões de álbuns em todo o mundo, Bell declarou: «Fui mulher muitas, muitas vezes, mas ser homem é novo para mim».

PHIL COLLINS: O percussionista dos Genesis e estrela a solo, nascido em Londres, é um de apenas três artistas de gravação que venderam mais de cem milhões de álbuns. Em 2010, revelou^1 que tinha perdido a vida numa encarnação anterior na Batalha do Álamo. O cantor é agora um ávido colecionador de tudo o que se relaciona com o cerco de treze dias em 1863, quando as tropas mexicanas lançaram um ataque sangrento à missão do Exército perto de San Antonio, no Texas. Diz-se que a esposa de um colega entusiasta do Álamo identificou a vida passada de Collins como John W. Smith, um correio texano que era conhecido como *El Colorado*.

LORD DOWDING: O Marechal do Ar Hugh Dowding, que liderou a Batalha de Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, era espiritualista e também um firme crente no renascimento. Falou publicamente sobre o assunto em reuniões teosofistas e no seu livro *Lynchgate*2 declarou: «Estou pessoalmente convencido, para além de qualquer sombra de dúvida, de que a reencarnação é um facto».

JUDITH DURHAM: Vocalista principal do talentoso grupo *folk* dos anos 60 *The Seekers*, Judith acabou por se afastar para simplesmente «fazer outra coisa». Ela e o seu marido, Ron Edgeworth, foram então iniciados numa fé não identificada por um mestre indiano e começaram a seguir «o caminho da realização de Deus». Após a morte de Edgeworth, perguntaram a Judith onde pensava que ele estaria. «O meu desejo é que o Ron tenha tido o seu último nascimento e esteja agora com Deus», respondeu. «Mas ele já poderia estar num útero algures. Dissemos os nossos adeuses e não tenho desejo de o ver novamente, embora ainda esteja ligada a ele no meu coração».

RALPH WALDO EMERSON: O filósofo e poeta americano deixou claros os seus sentimentos sobre a reencarnação nesta citação: «É o segredo do mundo que todas as coisas subsistem e não morrem, mas apenas se retiram um pouco da vista e depois regressam novamente. Nada está morto; os homens fingem-se de mortos, e suportam funerais fingidos, e ali estão eles a olhar pela janela, sãos e salvos, sob algum novo disfarce estranho».

KENNY EVERETT: Não é de estranhar que o disc-jóquei e comediante de televisão britânico acreditasse na reencarnação. Durante doze anos foi casado com uma médium espiritualista, Lee, que é agora terapeuta de regressão. Num programa de televisão, oito anos antes da sua morte por SIDA em 1995, disse que a sua esposa lhe tinha dito que numa vida anterior ele tinha sido filho dela, e que antes disso fora uma freira espanhola. Numa entrevista posterior a um jornal, disse: «Vejo a morte à minha própria maneira filosófica. Não consigo imaginar que não estivesse em lugar nenhum antes disto. Gostaria de voltar a viver em Itália ou Espanha ou noutro lugar. Desde que não volte careca ou na Bósnia, não me importo».

PABLO ARMANDO FERNÁNDEZ: Quando questionado numa entrevista^3 se acreditava que vivíamos mais do que uma vida, o célebre poeta cubano respondeu: «Absolutamente, estou convencido disso devido à minha própria experiência. Se não acreditasse na reencarnação, seria ingrato e hipócrita. Nos cantos mais distantes dos cinco continentes, encontrei verdadeiros irmãos e irmãs que me reconheceram como uma parte essencial do seu próprio ser. A minha alma escolheu Cuba para nascer aqui. É a alma que escolhe o lugar e a família em que se reencarna. Tenho vivido coisas muito estranhas que têm a ver com o *karma* e isso não é por acaso. São lições que nos permitem compreender o que fomos noutros tempos e com quem estivemos».

GLENN FORD: O ator americano de origem canadiana, cuja carreira cinematográfica abrangeu sete décadas, era um amigo próximo e confidente do vidente Peter Hurkos. Quando abordado para fazer um filme sobre o vidente holandês, Ford decidiu explorar o assunto em profundidade. Além de estudar as capacidades de Hurkos, o ator de cinquenta e quatro anos submeteu-se a três sessões de hipnose de vidas passadas em Dezembro de 1975, durante as quais pareceu recordar cinco vidas anteriores.

HENRY FORD: O industrial americano cujo Modelo T revolucionou o transporte era um firme apoiante da reencarnação e estava convencido de que tinha vivido antes como um soldado morto na batalha de Gettysburg. Numa entrevista de jornal em 1928^4 explicou: «Adotei a teoria da reencarnação quando tinha vinte e seis anos. A religião não oferecia nada nesse sentido. Nem mesmo o trabalho me conseguia dar satisfação

completa. O trabalho é fútil se não pudermos utilizar a experiência que recolhemos numa vida na seguinte. Quando descobri a reencarnação, foi como se tivesse encontrado um plano universal.

Percebi que havia uma oportunidade para trabalhar as minhas ideias. O tempo já não era limitado. Já não era um escravo dos ponteiros do relógio. O génio é experiência. Alguns parecem pensar que é um dom ou talento, mas é o fruto de uma longa experiência em muitas vidas. Algumas são almas mais velhas que outras, e por isso sabem mais. A descoberta da reencarnação tranquilizou a minha mente. Se preservar um registo desta conversa, escreva-o de modo que tranquilize as mentes dos homens. Gostaria de comunicar a outros a calma que a visão longa da vida nos dá».

BENJAMIN FRANKLIN: Aos vinte e dois anos, o filósofo, inventor e um dos Pais Fundadores dos Estados Unidos da América escreveu o seu famoso e eloquente epitáfio: «O corpo de Benjamin Franklin, impressor (como a capa de um livro antigo, com o seu conteúdo arrancado e despido da sua letra e dourado) jaz aqui, comida para vermes: mas a obra não se perderá, aparecerá (como ele acreditava) uma vez mais numa nova e mais elegante edição... revista e corrigida pelo autor».

LYNNE FRANKS: A eminência das Relações Públicas Lynne Franks, na qual a série de comédia televisiva *Absolutely Fabulous* foi vagamente baseada, acredita que existe uma explicação de vida passada para as suas atividades promocionais: «Disseram-me que noutra vida fui uma xamã, como uma líder espiritual tribal, a bater tambores numa aldeia. Nunca tinha pensado nisso antes, mas é isso. Eu sou uma batedora de tambores! ... Por isso, não vou parar de bater tambores; vou passar a bater uma mensagem diferente».

URI GELLER: De acordo com o investigador Walter Semkiw, Uri Geller foi outrora o famoso médium vitoriano D. D. Home. Desconhece-se se o famoso dobrador de colheres aceita essa identificação de vida passada, mas ele parece certamente abraçar o conceito de reencarnação. Durante o início da sua carreira em Israel, Geller fazia demonstrações em teatros e clubes nocturnos, usando o hipnotismo como parte do seu espetáculo. Contou 5 sobre uma ocasião em que levou um árabe atrás no tempo, contando os anos «para os números negativos».

O que aconteceu a seguir surpreendeu Geller: «Ele era marroquino, disse-me mais tarde, mas quando lhe perguntei quem era, respondeu em polaco: "O meu nome é Leopold"». Geller diz que gritou por um intérprete que traduziu o relato do homem sobre uma vida passada durante quinze minutos. «Não consigo pensar em nada que explique todos os detalhes, exceto admitir que vivemos repetidamente. ... Ele era um árabe muçulmano que tinha sido, sem qualquer dúvida, um judeu polaco».

ROBERT GRAVES: O poeta inglês discordou daqueles que diziam que o cristianismo rejeitava a reencarnação com estas palavras: «Nenhum teólogo honesto pode, portanto, negar que a sua aceitação de Jesus como Cristo o liga logicamente a uma crença na reencarnação — no caso de Elias (que foi mais tarde João Baptista), pelo menos».

GLENN HODDLE: O antigo selecionador de futebol da Inglaterra surpreendeu o mundo em 1998, primeiro ao revelar que estava a usar uma curandeira espiritual para tratar jogadores lesionados, e depois, alguns meses mais tarde, ao declarar a sua crença na reencarnação.6 «Acho que já estivemos aqui antes, espiritualmente.

«É minha convicção que este corpo físico é apenas um sobretudo... Penso que cometemos erros algures aqui em baixo e penso que o nosso espírito tem de voltar e aprender. É por isso que existe injustiça no mundo. Por que razão há certas pessoas que nascem no mundo com terríveis problemas físicos e por que razão existe uma família que tem tudo bem, física e mentalmente?» Infelizmente, a reação negativa a estes comentários levou à demissão de Hoddle como selecionador da equipa de Inglaterra, embora tenha recebido apoio do Dalai Lama.

VICTOR HUGO: O grande romancista romântico e poeta francês era um frequentador assíduo de sessões espíritas enquanto esteve exilado politicamente na ilha de Jersey. Ali comunicava com espíritos que ensinavam a doutrina da reencarnação, embora tenha relatado 7 que animais e alienígenas dos planetas Mercúrio e Júpiter também enviavam mensagens.

ENGELBERT HUMPERDINCK: O cantor *pop* afirma ter vivido noventa e cinco vidas anteriores, incluindo uma como imperador romano, embora, tanto quanto sei, não tenha reivindicado ser a reencarnação do Engelbert Humperdinck original, um compositor alemão nascido em 1854

que morreu em 1921, quinze anos antes do nascimento de Arnold George Dorsey, o nome original do cantor antes de o mudar oficialmente.

THOMAS HUXLEY: «Estou certo de que estive aqui como estou agora mil vezes antes, e espero regressar mais mil vezes», escreveu o filósofo e zoólogo inglês em *Essays upon Some Controverted Questions*.

RUDYARD KIPLING: Em *The Sack of the Gods*, o escritor inglês adotou uma abordagem muito lógica à reencarnação: «Eles voltarão — voltarão novamente — enquanto a terra vermelha rodar. Ele nunca desperdiçou uma folha ou uma árvore. Acham que Ele esbanjaria almas?»

DAVID LLOYD GEORGE: O político liberal britânico que foi primeiro-ministro do governo de coligação do Reino Unido durante a guerra, de 1916 a 1922, disse sobre a sua educação tradicional galesa: «O céu convencional com os seus anjos perpetuamente a cantar, etc., quase me enlouqueceu na juventude e tornou-me ateu durante dez anos. A minha opinião é que seremos reencarnados».

LORETTA LYNN: A cantora de *country and western* Loretta Lynn recordou durante uma regressão que tinha sido uma princesa Cherokee; a esposa de um agricultor americano; uma mulher irlandesa; um homem velho e acamado; e um empregado de mesa na década de 1920. Também tinha sido criada de um dos reis George de Inglaterra, com quem teve um caso, embora isso tenha levado ao seu assassinato por um dos confidentes masculinos do rei, que era extremamente ciumento.

SHIRLEY MACLAINE: Manter o registo das muitas vidas anteriores da muito amada atriz é difícil. Ela fez mais do que a maioria para promover o interesse geral pela reencarnação, tendo escrito vários livros sobre o assunto,8 mas é acusada por alguns de trazer descrédito a um assunto sério. Entre as alegadas encarnações anteriores de que se recordou, conta-se uma como bailarina num harém egípcio, uma criada de Nefertiti, uma modelo de Toulouse-Lautrec e a amante de Carlos Magno (Rei dos Francos e Imperador dos Romanos), de quem teve três filhos. Em tempos mais recentes, afirma ela, Carlos Magno renasceu como Olof Palme, o primeiro-ministro sueco assassinado, com quem ela teve um caso.

GUSTAV MAHLER: «Todos regressamos», declarou o grande compositor alemão. «É esta certeza que dá sentido à vida, e não faz a mínima diferença se numa encarnação posterior nos lembramos ou não da

vida anterior. O que conta não é o indivíduo e o seu conforto, mas a grande aspiração ao perfeito e ao puro que prossegue em cada encarnação».

NORMAN MAILER: O autor vencedor do Prémio Pulitzer era um especialista em reencarnação e no Egito. Leu cem livros sobre os temas durante a sua investigação de onze anos para *Ancient Evenings*, que trata da vigésima Dinastia do antigo Egito. Numa entrevista de revista em 1983,9 coincidindo com a publicação desse livro, disse: «... qualquer cultura cuja escatologia fosse fundada numa noção como a reencarnação era-me agradável». A personagem principal do livro reencarna três vezes.

HENRY MANCINI: Sob hipnose, diz-se que o compositor de *Moon River* e do tema de *A Pantera Cor-de-Rosa* descobriu que é a reencarnação do compositor italiano do século XIX Giuseppe Verdi, cujas obras incluem *Rigoletto*, *La Traviata*, *Aida*, *Otello* e *Falstaff*. Antes disso, tinha sido engenheiro na construção da Grande Pirâmide de Giza e oficial na corte de Montezuma, o último imperador asteca no México.

W. SOMERSET MAUGHAM: «Já lhe ocorreu que a transmigração é simultaneamente uma explicação e uma justificação do mal do mundo?», perguntou o romancista e dramaturgo inglês, acrescentando: «Se os males que sofremos são o resultado de pecados cometidos nas nossas vidas passadas, podemos suportá-los com resignação e esperar que, se nesta nos esforçarmos pela virtude, as nossas vidas futuras sejam menos afligidas».

STEVIE NICKS: Mais conhecida pelo seu trabalho com os Fleetwood Mac, a cantora americana é categórica ao afirmar que esta é a sua última encarnação na terra, tendo vivido anteriormente como uma alta sacerdotisa egípcia, uma pianista de concertos e uma vítima do Holocausto.

GEORGE S. PATTON: As ações do General americano George «Sangue e Entranhas» Patton tornaram-no um herói na Batalha das Ardenas, a maior e mais sangrenta travada pelas tropas americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Foi, no entanto, apenas um dos conflitos em que desempenhou um papel ao longo de muitas vidas. Conseguia recordar-se de estar junto às muralhas de Tiro com Alexandre, o Grande, e estava igualmente certo de que era membro da falange grega que enfrentou Ciro II, o conquistador persa que fundou o Império Aqueménida meio século antes do nascimento de Cristo.

Noutras vidas, lutou na Guerra dos Cem Anos no campo de Crécy e como general com Joachim Murat, o brilhante líder de cavalaria do século XVIII. Os sentimentos evocados por esta sucessão de memórias de vidas passadas foram captados de forma comovente no poema de Patton de 1944, «Through a Glass Darkly».

PACO RABANNE: Paralelamente à sua carreira na alta-costura, o designer de moda francês tem estado numa busca espiritual, inspirado pelas suas próprias experiências. Estas incluem memórias de vidas passadas, que formaram a base de um dos seus livros, *Trajectoire: d'une vie à l'autre*.10 Ele conta-nos que, no passado distante, veio para a Terra de outra parte do universo para ajudar a fundar a Atlântida. No antigo Egito, foi um sacerdote que ajudou a assassinar e a embalsamar Tutancámon e, no século XVIII, era uma prostituta — a única vida de que se recorda em que foi mulher.

HELEN REDDY: Internacionalmente conhecida pelo seu hino, «I Am Woman», a cantora Helen Reddy retirou-se da sua carreira musical e de atriz que durou trinta e cinco anos e é agora hipnoterapeuta clínica em Sydney, na Austrália. Diz que teve vislumbres das suas próprias vidas passadas, mas nada de consequente. Alguns dos seus pacientes regridem a vidas anteriores, disse numa entrevista recente,11 mas ela também recebe muitos familiares falecidos — um pai ou avô — a comunicar. «Muita gente pode ficar demasiado envolvida em vidas passadas e a vida mais importante é a que estamos a viver agora», acrescenta ela.

DEMIS ROUSSOS: O exuberante cantor grego acredita que todas as suas quatro esposas estiveram com ele em vidas passadas.

ALBERT SCHWEITZER: «A reencarnação contém uma explicação muito reconfortante da realidade, através da qual o pensamento indiano supera dificuldades que confundem os pensadores da Europa» — assim disse o teólogo, filósofo e médico alemão.

STEVEN SEAGAL: A conhecida estrela de filmes de ação foi declarada um lama reencarnado e recetáculo sagrado do budismo tibetano em 1997 por Penor Rinpoche, o Chefe Supremo da Escola Nyingma. Um crítico, no entanto, disse que, por muito que respeitasse Penor Rinpoche, «reconhecer um *tulku*, especialmente quando se trata de uma pessoa

americana com muita fama e fortuna, é como comprar uma opção de ações».

MARTIN SHEEN: O ator americano é um firme crente na reencarnação, argumentando que as famílias não se reúnem por acaso. «Os nossos filhos», explica ele, «vêm até nós para compensar indiscrições em vidas passadas. São resquícios de vidas que não resolvemos».

JERRY SPRINGER: Aqueles que assistiram aos programas de televisão de Springer podem achar difícil imaginá-lo como um cavaleiro inglês, mas essa é a vida que ele viu após ser submetido a regressão na TV pelo Dr. Bruce Goldberg.12 Recordou-se de ter sido gravemente ferido em batalha, defendendo a honra de uma fidalga que mais tarde o empregou como mordomo porque ele já não conseguia exercer as funções de cavaleiro. Hoje, percebeu ele, essa mulher é a sua filha.

SYLVESTER STALLONE: Com uma mãe vidente, não deve ser surpresa que Stallone se tenha voluntariado para ser submetido a regressão no mesmo programa de TV que Jerry Springer. Relatou vidas durante a Revolução Francesa, quando foi decapitado pelos jacobinos, e como um índio americano. Questionado sobre como se sentiu relativamente à forma como morreu em França, respondeu: «Não dói. Não se sente nada, exceto a cabeça a bater no cesto». Também comentou que a sua vida como índio norte-americano parecia ter passado para esta, pois consegue fazer danças índias, como a dança da águia, e sente um parentesco muito forte com os lobos.

LORETTA SWIT: A atriz que interpretou a Major «Hot Lips» Houlihan na longa série de TV *MAS*H* é uma crente convicta na reencarnação. Diz {13} que sente frequentemente eventos das suas vidas passadas. Loretta acredita que numa vida anterior foi uma princesa na França do século XVII na corte real de Luís XIV e noutra foi uma poderosa proprietária de terras chinesa do século XI que governava uma grande propriedade. Essa vida parece ter transbordado para a atual, na qual possui muitos tapetes, estátuas e vasos chineses. «Até a minha empregada doméstica é chinesa».

B. J. THOMAS: «Raindrops Keep Falling on My Head» e «Hooked on a Feeling» estão entre as canções que venderam milhões e que associamos ao cantor e compositor que, juntamente com a sua esposa,

Gloria, foi submetido a regressão por Dick Sutphen.13 Recordaram vidas passadas juntos, incluindo uma na Suíça em 1742 na qual ela tinha sido a avó dele, e outra onde eram um casal aristocrático francês.

Por volta de 1800, ele era um cantor de ópera «grandioso e terrivelmente gordo». Estavam juntos de novo nesta vida, revelou Gloria na sua regressão, porque «estamos a pagar muito *karma*. Carmicamente organizámos as coisas de modo que não houvesse forma de fugirmos de nós próprios ou um do outro».

MARK TWAIN: Na sua autobiografia, o autor e humorista americano afirmou: «Nasci mais vezes do que qualquer pessoa, exceto Krishna».

REV. CHAD VARAH: Embora fosse um padre da Igreja de Inglaterra, o fundador dos Samaritanos (cuja linha de apoio telefónico oferece às pessoas a oportunidade de serem ouvidas em confiança e que se estendeu globalmente) era um firme crente na reencarnação. Falou abertamente sobre o assunto em entrevistas de TV e num documentário sobre a sua vida, e a sua autobiografia foi apropriadamente intitulada *Before I Die Again*.14 Num programa de TV, disse que todos já tínhamos estado na terra antes «como um ser humano e por vezes fomos de um sexo diferente».

RICHARD WAGNER: O compositor alemão declarou: «Em contraste com a reencarnação e o *karma*, todas as outras visões parecem mesquinhas e estreitas».

CARLOS, PRÍNCIPE DE GALES: Sabe-se que o herdeiro do trono britânico tem interesse pela reencarnação. Num texto que escreveu sobre a necessidade de menos materialismo na celebração do Milénio,15 disse que o «conceito de renovação» não era monopólio do cristianismo, mas «é central para muitas das grandes fés». Acrescentou: «Sócrates ensinou que a alma reencarna a cada mil anos, quando tem a oportunidade de fazer uma nova escolha sobre o seu destino».

DIANA, PRINCESA DE GALES: Muito do que lemos sobre a falecida princesa é rumor selvagem e boato. Mas o livro de Andrew Morton, *Diana: Her New Life* (1994), publicado três anos antes da sua trágica morte, é reconhecido como estando próximo de uma biografia

oficial devido à cooperação secreta da biografada. Nele, Morton revela que Diana acreditava ter sido uma freira numa vida anterior.

Entre os milhares que lhe prestaram homenagem após a sua morte estava Gulu Lalvani, o empresário asiático que se viu no centro da especulação mediática após ter levado Diana a uma discoteca no início do ano. Ele refletiu a crença hindu quando disse: «Ela acreditava na reencarnação. Ela voltará».

WALT WHITMAN: O poeta americano expressou-o belamente quando escreveu, em «Song of Myself»: «E quanto a ti, Vida, calculo que sejas o que resta de muitas mortes (sem dúvida que eu próprio já morri dez mil vezes antes)».

MONTEL WILLIAMS: Antes de ser submetido a regressão pelo Dr. Bruce Goldberg, o apresentador de TV era hostil à ideia da reencarnação,16 mas isso não o impediu de experienciar uma dramática vida passada na qual era um escravo no Sul durante a Guerra Civil Americana. Viu-se rodeado por quatro ou cinco agricultores brancos que o feriram e depois o mataram. A lição aprendida com essa vida anterior, sugeriu-se, influenciou a sua atual encarnação, na qual está envolvido com muitos grupos que ajudam crianças negras desfavorecidas.

WILLIAM WORDSWORTH: O poeta inglês expressou a sua crença na reencarnação com estas palavras de «Intimations of Immortality»:

O nosso nascimento não é senão um sono e um esquecimento: A Alma que connosco se eleva, a Estrela da nossa vida, Teve noutro lugar o seu ocaso, E vem de longe: Não em total esquecimento, E não em total nudez, Mas arrastando nuvens de glória nós vimos De Deus, que é o nosso lar

Temos tendência a pensar na crença na reencarnação como uma filosofia «oriental», mas como a maioria dos comentários e eventos citados acima indica muito claramente, é um conceito que é abraçado por muitos indivíduos no Ocidente. Além disso, na maior parte das vezes, não repousa numa crença religiosa particular, mas sim em experiências pessoais ou na aplicação da lógica aos processos ocultos por trás da evolução da humanidade, chegando à conclusão de que uma alma indestrutível está no cerne do nosso ser.

Terceira Parte

O Futuro

Capítulo 14

O Factor de Bem-Estar

Para um grande número de pessoas — talvez a maioria — o seu interesse pela reencarnação não reside em encontrar provas científicas de vidas passadas, mas em tentar compreender-se melhor ou dar sentido à sua vida atual, colocando-a em perspetiva contra uma tapeçaria possivelmente rica, aventureira e histórica de existências anteriores. Para além daqueles que procuram ser submetidos a regressão simplesmente por curiosidade, outros submetem-se à regressão na esperança de que esta revele razões de vidas passadas para os problemas ou condições que estão a experienciar nesta vida e ofereça um grau de resolução.

Por que razão o facto de ser regredido a uma vida passada aumentaria a satisfação com a vida atual?

Surpreendentemente, parece que, para muitos indivíduos, as situações que «veem» durante uma regressão fornecem perceções que podem ter um efeito terapêutico rápido e duradouro. Vários terapeutas afirmam que, de todas as «ferramentas» de que dispõem para tratar pacientes, a terapia de vidas passadas é uma das mais eficientes em termos de produção de um «factor de bem-estar» naqueles que a experienciam — o que é provavelmente a razão pela qual o número de pessoas que trabalham neste campo cresceu exponencialmente em relação ao punhado que foi pioneiro no seu uso na década de 1960. Curiosamente, alguns desses profissionais — nomeadamente Brian Weiss e Robert G. Jarmon — eram céticos quanto a uma dimensão de vidas passadas no seu trabalho terapêutico até tropeçarem nela acidentalmente, geralmente por não darem ao paciente hipnotizado as instruções corretas, ou precisas, ao regredi-lo a um evento anterior na vida atual e ficarem atónitos quando o sujeito começava a falar de uma existência totalmente diferente.

Jarmon, por exemplo, tinha sido médico num hospital de Nova Jérsia durante duas décadas, mas também tinha oferecido aconselhamento

psiquiátrico durante muitos desses anos. No seu livro *Discovering the Soul*1 conta o caso de uma paciente, a quem chama Anna, que o consultou em 1986 na esperança de alterar padrões de hábitos indesejáveis que estavam a levar ao aumento de peso. Ela aceitou prontamente a hipnose, mas após dois meses desenvolveu dores abdominais e deixou de menstruar.

Jarmon sabia que existiam várias causas possíveis, incluindo um quisto no ovário, colite, diverticulite, apendicite ou mesmo uma gravidez ectópica. Com o agravamento dos sintomas, o abdómen a ficar mais inchado e sensível, e todos os seus próprios exames a darem negativo, Jarmon insistiu que ela consultasse o seu ginecologista imediatamente. Este diagnosticou uma gravidez ectópica (na qual o feto se desenvolve nas trompas de Falópio em vez de no útero).

Preparou-se uma sala de operações para uma cirurgia abdominal exploratória enquanto ela era enviada para o laboratório de ecografia, que confirmaria a presença de um feto ou de algo invulgar, como um tumor. Nada foi encontrado. A operação foi cancelada e Anna voltou a ver o psicoterapeuta para explorar as razões destes sintomas físicos.

«Volte agora para onde o seu problema começou», disse Jarmon a Anna, assim que ela relaxou no seu sofá. «Volte para onde tudo começou».

Naquela altura, conta-nos ele, não tinha qualquer crença nem interesse pela reencarnação, que considerava «coisa de ficção» sem mais relevância «do que a crença em duendes». Por essa razão, a instrução hipnótica que deu a Anna pretendia aplicar-se à sua vida atual, uma vez que, para ele, essa era a única vida que ela tinha vivido e era capaz de explorar. Estava prestes a ser desenganado dessa noção. Em transe profundo, Anna começou a gemer e a agarrar o flanco.

Quando ele perguntou o que a estava a incomodar e onde e quando é que isso estava a acontecer, Anna respondeu: «Há muito tempo, não agora, nem aqui». Depois, para seu absoluto espanto, ela disse: «O meu nome é Elizabeth», e começou a falar de uma vida na qual tinha dezanove anos e estava a passar por grandes dificuldades no quinto mês de gravidez. Um padre e um médico estavam sentados à cabeceira da sua cama, discutindo a sua condição.

O médico queria retirar a criança por nascer do seu útero para lhe salvar a vida, mas o padre insistiu que «não podemos tirar a vida mesmo

para salvar uma vida», acrescentando: «Se Deus quer que a mulher morra, então ela morre». E foi precisamente isso que aconteceu, num país europeu não especificado, numa época desconhecida, porque parece que Elizabeth sentiu que as respostas a estas perguntas não tinham importância. Anna descreveu então a sua experiência após a morte, flutuando para cima e entrando num túnel de luz.

O que se seguiu foi tão surpreendente para Robert Jarmon como a própria regressão. Ao emergir do transe, Anna declarou: «Meu Deus! Finalmente conseguiu, Dr. Jarmon. Sinto-me ótima. A dor passou». O mesmo aconteceu com o inchaço e a sensibilidade abdominal. Anna telefonou ao médico atónito mais tarde nesse dia para anunciar que o seu período tinha recomeçado, após um intervalo de cinco meses. Quando ela regressou ao seu consultório algumas semanas depois e foi levada mais uma vez àquela experiência no leito de morte, reviveu-a em maior detalhe.

Ao fazê-lo, Anna, cujos pais, marido e toda a família eram judeus, começou a recitar palavras que Jarmon, um católico romano, reconheceu como o Ato de Contrição, a oração que um católico diz no final da confissão ou durante a extrema-unção. Fora do transe, ficou claro que Anna não tinha conhecimento deste ritual religioso. Foi nesse momento, revela Jarmon, que soube que tinha «iniciado uma jornada diferente de qualquer outra que pudéssemos imaginar».

A resposta à pergunta «Serão estas memórias terapêuticas prova da reencarnação?» tem de ser a de que, em 99 por cento dos casos, elas falham em fornecer informações detalhadas convincentes sobre as vidas que descrevem. A natureza probatória das memórias produzidas por tais regressões é geralmente muito mais fraca do que nos casos que envolvem a recordação espontânea de crianças, embora existam exceções. Isto não quer dizer que os casos de regressão envolvam necessariamente memórias falsas.

Pode ser que a pessoa regredida esteja a ver uma vida passada real, mas os pormenores práticos dessa vida — nomes e datas, por exemplo — sejam de interesse secundário. Afinal de contas, o terapeuta não está a ser pago pelo cliente para desenterrar factos fascinantes sobre uma existência anterior há muito esquecida; a sua remuneração provém de ajudar o paciente a lidar com ou a superar certas questões. Pedir nomes, moradas e outros dados «mundanos» de que os investigadores de reencarnação se

alimentam apenas se atravessaria no caminho do objetivo terapêutico final. Na verdade, alguns terapeutas de vidas passadas nem sequer se preocupam em saber se os seus pacientes estão realmente a experienciar uma vida passada real quando regredidos ou se estão simplesmente a fabricar subconscientemente uma existência anterior para os ajudar a aceitar ou a racionalizar a sua situação atual.

Em 1994, o investigador de reencarnação e psiquiatra académico Ian Stevenson lançou um olhar muito crítico sobre todo o assunto num artigo intitulado «A Case of the Psychotherapist's Fallacy» [Um Caso da Falácia do Psicoterapeuta].2

Ele permitiu-me gentilmente publicá-lo na íntegra, nesse mesmo ano, numa revista que eu editava, o que resultou em inúmeras cartas de leitores e profissionais que discordavam veementemente das suas opiniões. O artigo de Stevenson abria com uma breve história da psicoterapia moderna, desde a publicação do clássico de H. Bernheim, *Suggestive Therapeutics* (1884), e a subsequente aceitação crescente da psicoterapia pelo público em geral, se não pelos cientistas, até ao artigo de H. J. Eysenck, «The Effects of Psychotherapy: An Evaluation», no *Journal of Consulting Psychology* (1952), que concluía não haver provas de que esta fosse eficaz.

Seguiram-se muito mais investigações sobre diferentes modos de psicoterapia — como a psicanálise, a terapia comportamental e a terapia centrada no cliente — que, diz-nos Stevenson, «não conseguiram mostrar qualquer superioridade nos resultados de um tipo sobre outro». Outros estudos mostraram mesmo que fazer psicoterapia não era melhor do que estar numa lista de espera ou receber um «placebo de atenção».

Isso, por sua vez, levou à especulação de que, se a psicoterapia em si não estava a produzir resultados eficazes, talvez outra coisa estivesse a alcançar os resultados bem-sucedidos que alguns pacientes relatavam. Talvez fosse o comportamento de apoio e empatia do terapeuta ou a crença, tanto por parte do terapeuta como do paciente, de que a psicoterapia seria benéfica — e não o método *per se*.

Fosse qual fosse a explicação, vários terapeutas voltaram-se para a hipnose como forma de diferenciar os seus métodos dos comuns, e isso — particularmente após a publicação do livro de Morey Bernstein sobre Bridey Murphy — abriu a possibilidade de alguns deles a utilizarem para

explorar vidas passadas. Embora Stevenson tenha demonstrado que as fobias podem, aparentemente, ter uma origem numa vida passada em casos espontâneos sugestivos de reencarnação, ele argumenta que procurar fobias numa vida passada com hipnose «exige ignorar a evidência considerável de que a hipnose, embora possa tornar algumas memórias mais acessíveis do que normalmente são, também pode aumentar as imprecisões na memória e, em suma, não melhora a memória. Sem se deixarem desencorajar por tais factos, inúmeros hipnoterapeutas promoveram a regressão hipnótica a vidas anteriores até que esta pudesse ser justamente descrita como uma moda atual».

Depois, deitando sal nas feridas, Stevenson acrescenta:

Embora muitos destes hipnotizadores sejam obviamente incultos e se comportem pouco melhor do que charlatães de circo, outros licenciaram-se em colégios e universidades de primeira linha, como as capas dos seus livros nunca deixam de enfatizar. Tais hipnotizadores (com educação e formação adequadas) deveriam saber melhor, mas alguns deles escrevem, no entanto, livros que vendem bem em livrarias «Nova Era» e aeroportos. Que eu saiba, no entanto, nenhum publicou alguma vez um relatório de alegados resultados benéficos deste tipo de terapia numa revista científica de referência.

Para apoiar o seu argumento, Stevenson cita cinco exemplos de relatos de vidas passadas recordadas sob hipnose em que os factos apresentados são demonstravelmente errados. Por exemplo, cita uma paciente que afirmava recordar uma vida em 1473 quando tinha sido um rapaz «a viver à vista de montanhas nos Países Baixos» — o país mais plano da Europa, se não do mundo! Ele poupa os terapeutas à vergonha em todos estes casos ao não os nomear.

Stevenson continua dizendo:

Desaprovo particularmente os terapeutas que tentam jogar em dois tabuleiros — afetando estarem eles próprios não comprometidos e indiferentes à questão de saber se a reencarnação ocorre ou não, atraem, no entanto, os pacientes com a esperança de uma cura através da recordação de uma vida anterior. Não é difícil induzir uma pessoa hipnotizada a imaginar-se numa vida anterior. As cenas são vívidas, as emoções intensas;

não admira que os pacientes fiquem convencidos de que reviveram uma vida anterior real.

Um paciente assim regredido pode, além disso, parecer recordar alguma experiência traumática na «vida anterior» que seja relevante para os sintomas atuais, e ele ou ela pode sentir-se melhor depois. Estes eventos, no entanto, não são prova de que o paciente recordou uma vida anterior real. Em apenas um punhado de casos a personalidade anterior aparente declarou informações verificáveis. Em ainda menos é possível ter a certeza de que quaisquer detalhes precisos não foram aprendidos por vias normais.

As críticas de Stevenson serão vistas como indelicadas por muitos dos que operam neste campo, que argumentam que ele não está a perceber o essencial. Há que admitir, porém, que as alegações feitas por alguns dos que oferecem terapia de vidas passadas são suspeitas, e a necessidade de licenciamento de tais terapeutas é uma questão importante que ainda precisa de ser abordada nalguns países.

Por um lado, apresentarem-se exclusivamente como terapeutas de vidas passadas pressupõe que a origem dos problemas dos seus pacientes está numa existência anterior. Os terapeutas deveriam lançar a sua rede de forma ampla, começando pela vida presente, ao procurarem as causas de medos, fobias ou outros problemas psicológicos nos seus clientes. Da mesma forma, aqueles que necessitam de terapia talvez não sejam os mais indicados para determinar, antes de uma consulta, por que razão, ou em que vida, as suas dificuldades originam.

Hans TenDam, um terapeuta de vidas passadas holandês com experiência considerável, admite no seu livro magistral sobre o assunto, *Deep Healing* [Cura Profunda], que pouca investigação tem sido realizada sobre a eficácia deste método de tratamento. A mais importante, na sua opinião, foi conduzida pela terapeuta americana Winafred Blake Lucas, que demonstrou que, durante uma regressão eficaz a vidas passadas, tanto o paciente como o terapeuta exibem um padrão de ondas cerebrais que é simultaneamente alto em beta e delta e baixo em alfa e teta.

Hazel Denning, que foi diretora executiva da *Association for Past-Life Research and Therapies* (APRT), agora conhecida como *International Association for Regression Research & Therapies* (IARRT), também publicou os resultados^3 alcançados por oito terapeutas com quase mil

pacientes entre 1985 e 1992. Dos 450 pacientes que ainda podiam ser acompanhados após cinco anos, Denning descobriu que quase dois terços relataram ter beneficiado do tratamento. Em 24 por cento dos casos, os sintomas tinham desaparecido completamente, e outros 23 por cento relataram melhorias consideráveis ou dramáticas, enquanto outros 17 por cento tinham experimentado melhorias notáveis. Pouco mais de um terço, 36 por cento, disse não ter melhorado.

Ronald Van der Maesen, da Associação Holandesa de Terapia de Vidas Passadas (NVRT), também realizou vários programas de investigação, incluindo um projeto de dimensões consideráveis em 1994 que investigou os resultados da terapia de regressão com 401 clientes — muitos deles casos difíceis — de trinta e dois terapeutas. Seis meses após o fim desta terapia, 50 por cento relataram que os seus problemas tinham sido em grande parte ou completamente resolvidos.

Mais um quarto dos inquiridos mostrou alguma melhoria, enquanto 20 por cento não sentiram qualquer benefício. Estes resultados foram alcançados, em média, com quinze horas de terapia conduzidas durante um total de seis sessões. A sua tese de doutoramento de 2006 fornece informações sobre os seus outros estudos, incluindo os resultados da terapia de vidas passadas em sujeitos que sofrem da síndrome de Tourette e outros que ouviam vozes.4

Eu estava ambivalente quanto aos benefícios da terapia de vidas passadas até conhecer Carol Lawson, uma empresária britânica de sucesso que também fazia leituras psíquicas. Esta combinação invulgar resultou em que os meios de comunicação social, no sul de Inglaterra, recorressem a ela para expressar uma opinião sobre uma variedade de tópicos paranormais sempre que surgia a necessidade, e ela ficava geralmente feliz por aceder. Assim, quando a *Meridian Television* precisou de um voluntário para ser hipnotizado até uma vida passada pelo psicoterapeuta londrino Miles Austin, Carol concordou prontamente. Durante essa regressão gravada, Carol chorou enquanto falava vividamente de uma vida na Atlântida. Foi um momento de televisão fascinante e todos ficaram satisfeitos com o resultado. Fora das câmaras, Carol contou a Miles sobre um problema desfigurante que a atormentava há treze anos e que desafiava qualquer explicação médica.

Em intervalos de seis meses, os seus polegares ficavam doridos e inchados, resultando na queda das unhas. Novas unhas começariam gradualmente a crescer até que, uma vez totalmente desenvolvidas, também elas seriam ejetadas. Os médicos sugeriram que poderia ser uma forma de dermatite, mas os cremes que receitaram não aliviaram o problema inestético. Assim, Carol aceitou prontamente a oferta de Miles para realizar uma regressão privada para ver se esta lançava alguma luz sobre a sua condição.

Posteriormente, sob hipnose e longe do olhar inquisitivo das câmaras de TV, Carol recordou outras três vidas passadas: um homem índio nativo americano com uma filha chamada Estrela Branca; uma mulher londrina de classe baixa chamada Mary; e uma mulher do *West Country* chamada Melissa, que viveu há mais de 380 anos. Foi a vida de Melissa que deteve a chave para a intrigante condição médica de Carol.

Ela descreveu um evento nessa vida em que a curiosidade a levou a caminhar até uma aldeia vizinha para descobrir por que razão os homens da sua própria aldeia tinham montado nos seus cavalos e seguido uma carruagem que passava regularmente enquanto transportava uma pessoa importante — possivelmente realeza, pensou ela — para algum destino desconhecido. Ao chegar a esta aldeia, viu os cavalos amarrados à porta de um edifício do qual emanavam gritos terríveis. Espreitando para o interior, quando um soldado estava de costas voltadas, viu um homem num longo roupão vermelho e dourado a ser horrivelmente torturado. Infelizmente para Melissa, a sua presença foi logo notada e ela foi levada para dentro, onde também foi torturada... através da aplicação de esmagadores de polegares de ferro sujos em cada mão, que foram lenta e dolorosamente apertados.

«Senti um formigueiro nas mãos e nos dedos e os meus braços a ficarem dormentes enquanto revivia a tortura», contou-me Carol quando a entrevistei sobre a experiência.5 «Foi horrível». Depois, os soldados levaram Melissa para fora e ela foi enforcada. Tais histórias são comuns nos consultórios de terapeutas de vidas passadas e são ou um tributo à resiliência da alma humana para lidar com experiências tão extremas, ou uma prova da tremenda imaginação da mente humana quando encorajada a expressar-se livremente.

Carol acrescentou esta observação sobre a sua experiência: «Até àquela altura, embora estivesse envolvida em trabalho espiritual, nunca tinha pensado na reencarnação. Não sei se acreditava ou não. Certamente nunca me tinha ocorrido que a minha condição das unhas pudesse ter uma causa numa vida passada».

O desfecho da história de Carol Lawson é que, após recordar aqueles acontecimentos cruéis de 1613 sob hipnose, a sua condição começou a melhorar dramaticamente. Durante um período de dois anos e meio, ela perdeu as unhas dos polegares apenas uma vez. Guardou as unhas rejeitadas, belamente pintadas e pousadas num leito de algodão numa pequena caixa de apresentação, como prova física da sua memória de vida passada.

Embora a terapia de vidas passadas não produza habitualmente um pingo de prova tangível e verificável para apoiar a reencarnação, talvez os resultados sejam eles próprios uma prova positiva da continuação da alma através de muitas vidas, carregando consigo questões que precisam de ser resolvidas mesmo séculos após os acontecimentos que lhes deram origem. Por outro lado, há provas abundantes de que, em mãos erradas, algumas terapias podem ser prejudiciais em vez de benéficas para o cliente.

Num único caso no Texas (1997), foram atribuídos 5,8 milhões de dólares a uma paciente que tinha sido levada a «recordar» que a sua família tinha «praticado assassinato, canibalismo, abuso sexual e incesto». E dois pacientes de um psiquiatra do Minnesota receberam somas de 2,67 milhões e 2,5 milhões de dólares porque, «sob hipnose e amital sódico, e após terem recebido informações erradas sobre o funcionamento da memória, passaram a recordar abusos horríveis por parte de membros da família».

Devo sublinhar que todos estes casos envolveram o fornecimento de informações falsas ou perguntas indutoras durante regressões a períodos das suas vidas atuais, mas as mesmas influências poderiam aplicar-se com a mesma facilidade a regressões a vidas passadas, embora, esperemos, sem as terríveis consequências dos primeiros.

O seguinte conselho para aspirantes a terapeutas de vidas passadas de Trisha Caetano, antiga presidente da APRT, é muito relevante a este respeito, em parte pelo seu bom senso, mas também porque mostra que

muitos indivíduos sem formação adequada ou qualificações apropriadas estavam a ser atraídos para a psicoterapia:

Uma das maiores ofensas na terapia é dizer às pessoas qual é o seu problema, onde começou e o que precisam de fazer para se livrarem do problema. A seguir a isso vem o coagir a pessoa para a área onde o terapeuta pensa que o problema reside. A verdade básica é que o indivíduo sabe exatamente qual é o problema porque experienciou a causa. Como o cliente conhece a causa, também conhece a solução. É nossa responsabilidade levar o cliente a esta informação subconsciente para que o problema possa ser resolvido. Fazer perguntas e ouvir as respostas sem juízos de valor até que a «entrevista» termine é a pedra basilar desta técnica. A regra de ouro é: não avalie, não invalide, não julgue, não dê opiniões, não dê pistas, não conte nem coaja. Pergunte.

Nem todos os psicoterapeutas acreditam que as nossas vidas passadas são a causa de tantos problemas na nossa existência atual. O investigador escocês de reencarnação Tom Barlow tem feito regressões a pessoas há mais de quarenta anos, mas insiste: «Não vejo que nada do que tenha ocorrido numa vida passada deva criar um problema nesta vida. Se as pessoas têm isso fixo na mente, é uma situação psicossomática e deveria poder ser removida com bastante rapidez. Para mim, os terapeutas de regressão a vidas passadas estão a aproveitar uma moda».

O psicólogo junguiano britânico e licenciado pela Universidade de Oxford, Dr. Roger Woolger, que vive agora nos EUA, vê o assunto de forma muito diferente. Disse-me numa entrevista^6 em 1994:

Acho que a minha posição é um pouco invulgar. Não tenho uma crença na reencarnação. Não me importa se se pode prová-la ou se se acredita nela ou não. O que é certo é que, quando é dada à mente inconsciente a oportunidade de encenar histórias como se fossem vidas passadas, ela apresenta soluções assombrosas, libertações e curas espontâneas que não se obtêm noutras terapias. Por isso, como pragmático, fui atraído para a regressão a vidas passadas como uma terapia muito mais eficaz do que muitas outras. ... Em comparação, a terapia de vidas passadas é mais rápida, trabalha mais profundamente com as emoções e chega ao cerne de certos lugares corporais «encravados»... padrões de retenção.

Dito tudo isto, Woolger admitiu que com o tempo e a experiência tinha aprendido que «existe uma distinção muito clara entre as reconstruções fantásticas e o artigo genuíno: elas têm uma sensação diferente». Ele próprio foi regredido muitas vezes, durante as quais «restos» de vidas passadas vieram à superfície. O seu livro *Other Lives, Other Selves* [Outras Vidas, Outros Eus],7 contou-me, tinha recebido apenas uma crítica negativa.

Foi do Dr. Ian Stevenson, e seguiu-se uma troca de argumentos animada entre eles porque, explicou Woolger, «senti que ele estava basicamente a desvalorizar a terapia. Como digo no livro, há toda uma diferença de abordagem entre a parapsicologia, que está a tentar provar a reencarnação, e a terapia, que está a usar histórias que podem ou não ser verdadeiras. É importante que não confundamos estas duas abordagens muito diferentes».

É fácil para um psicoterapeuta de vidas passadas dizer isso, mas para o público em geral deve ser muito difícil diferenciar as duas metodologias distintas que envolvem memórias aparentemente recuperadas, geralmente obtidas sob hipnose. Por um lado, temos a investigação aprofundada de regressão, como o caso Bridey Murphy e outros, que Stevenson e outros consideravam fornecer uma possível evidência de reencarnação. Por outro, temos diálogos de regressão que são produzidos com o objetivo de resolver o problema de um paciente, mas que não tentam verificar as afirmações feitas. Enquanto os primeiros se baseiam em provas, os segundos são julgados apenas pela sua capacidade de proporcionar benefícios físicos ou mentais para os sujeitos, e muitos terapeutas reconhecem que alguns, pelo menos, são fabricações construídas pela mente para alcançar um resultado terapêutico.

Uma vez que este é um livro sobre reencarnação e não sobre cura ou o poder da mente, o meu foco deve incidir em casos que forneçam provas de uma consciência individual que sobrevive à morte e encarna num novo corpo, em vez de nas histórias coloridas que emergem na terapia de vidas passadas. No entanto, não podemos descartar totalmente estas últimas, pois podem oferecer-nos perceções que não estão disponíveis em casos espontâneos.

A ironia é que, enquanto a perseverança obstinada de Stevenson na recolha de uma riqueza de informações sobre casos espontâneos nos deu os

dados cientificamente mais fundamentados sobre a reencarnação, são os livros de grande sucesso de vendas dos principais terapeutas de regressão — nem todos tão francos como Woolger sobre interpretações alternativas das memórias dos seus pacientes — que estão a moldar as atitudes do público e a crença em vidas passadas.

Por muito que os cientistas possam desvalorizar o seu trabalho, precisamos de reconhecer que, no mínimo, os esforços dos terapeutas de vidas passadas, além de trazerem benefícios a muitos que sofrem, podem também estar a abrir janelas para o enorme potencial da mente humana e para a evolução da alma, através das quais o homem não tinha sido capaz de espreitar... até agora.

Um futuro excitante de descobertas sobre a consciência humana, o seu enorme potencial e, possivelmente, a sua capacidade de existir independentemente dos nossos corpos aguarda aqueles que forem corajosos o suficiente para explorar mais além.

Capítulo 15

A Vida entre Vidas

Na minha primeira visita ao Líbano para fazer um documentário de televisão sobre as crenças de reencarnação da comunidade Druza, acompanhou-me Roland Littlewood, um professor de antropologia e psiquiatria de barba e cachimbo da *Royal Free and UCL Medical School* de Londres, que é um cético em relação a coisas paranormais. Trabalhar com ele foi uma experiência muito agradável, apesar de interpretarmos muitos dos casos de forma diferente. Por isso, foi um grande golpe quando ele adoeceu perto do fim das filmagens.

Ao início, pensou-se que sofria de uma infeção no ouvido interno, mas depressa ficou claro que era mais grave. Assim que se percebeu que tinha sofrido um AVC, foi levado para um hospital Druzo e depois transferido para o Hospital Americano em Beirute. Felizmente, sobreviveu à experiência e, após várias semanas de cuidados médicos, pôde voar de volta para o Reino Unido e continuar as suas atividades académicas.

As filmagens tiveram de ser abandonadas, claro (regressei mais tarde com um cético diferente, Chris French,1 para refazer o documentário), o

que me deu muito tempo para ponderar os possíveis desfechos para o Roland.

Os Druzoz acreditam que, na morte, a alma se transfere instantaneamente de um corpo para outro. No caso improvável de a condição de Roland se deteriorar e levar ao seu falecimento, deveríamos ir imediatamente para a maternidade do hospital em busca da sua alma renascida? Na verdade, não precisámos de o fazer. Além disso, passariam uns dois anos, pelo menos, antes que qualquer um daqueles recém-nascidos mostrasse sinais de um comportamento invulgar e identificável — como desejar fumar um cachimbo.

Os Druzoz, tanto quanto sei, são o único povo que acredita no renascimento instantâneo. Os seus ensinamentos dizem-lhes que «a alma não perde um fôlego entre uma vida e a seguinte». Embora existam alguns casos Druzo em que isto parece ter acontecido, há outros em que existe um intervalo — por vezes meses, por vezes anos — entre uma morte recordada e a data de nascimento na atual encarnação. Explicam isto dizendo que, em tais casos, a alma teria encarnado noutro corpo durante esse período «em falta», mas por um tempo tão curto que não trouxe quaisquer memórias dessa existência para a vida presente. Se assim fosse, eu esperaria uma taxa de mortalidade infantil muito mais elevada do que a que parece estar registada entre os Druzoz.

Deixando de lado a sua crença única, temos de aceitar que qualquer explicação do processo de reencarnação deve também incluir os períodos de intermédio entre a morte e uma nova vida, que é uma característica da vasta maioria dos casos espontâneos e de regressão. Para onde vai a alma entre vidas? O que experiencia nessa existência espiritual? Quem decide que ela deve regressar para outra encarnação na terra?

Os investigadores de reencarnação obtêm por vezes respostas positivas quando perguntam a sujeitos de recordação espontânea se se lembram do que lhes aconteceu depois de morrerem, mas antes de renascerem. Nalguns casos, a informação sobre uma vida intermédia é voluntariada sem qualquer sugestão dos investigadores. É difícil tirar conclusões significativas das declarações que foram registadas, exceto observar uma influência cultural ou mesmo religiosa significativa naquilo que afirmavam ter experienciado no mundo espiritual. Nalguns casos, no entanto, a existência vivida poderia descrever-se melhor como pouco

excitante ou monótona. Tomemos, por exemplo, o relato muito antigo de H. Fielding Hall 2 sobre o casal devotado em Myanmar que parecia ter renascido como os rapazes gémeos Maung Gyi e Maung Ngé em 1886 (ver capítulo 10).

Além de falarem a Hall sobre as suas vidas anteriores como marido e mulher, os rapazes também falaram de uma fase intermédia. «Depois de morrerem, disseram que viveram durante algum tempo sem corpo nenhum, deambulando no ar e escondendo-se nas árvores. Isto era pelos seus pecados. Depois, passados alguns meses, nasceram de novo como rapazes gémeos».

Nos extensos ficheiros turcos de Ian Stevenson, encontramos o caso de Celal Kapan,3 um rapaz que recordava uma vida como Saban Sagur, um jovem que fora morto num navio num estaleiro em 1951, cerca de um ano antes do nascimento de Celal, após ter sido acidentalmente atingido por um objeto pesado. O rapaz descreveu a cena imediatamente após a sua morte, vendo uma ambulância transportá-lo apressadamente para o hospital, um médico a declarar o óbito e o seu corpo a ser lavado. Chegou mesmo a descrever o seu próprio enterro.

No capítulo 8, discuti casos em que crianças birmanesas nasceram aparentemente com memórias de terem sido soldados japoneses que morreram naquele país durante a Segunda Guerra Mundial. Os britânicos também sofreram muitas baixas e fatalidades enquanto combatiam a ocupação japonesa e, entre eles, estava um aviador britânico que morreu quando a sua aeronave se despenhou e que, aparentemente, renasceu de uma mulher naquela aldeia. Quando Ma Par, nascida em 1946, foi capaz de falar, afirmou ter sido esse aviador, descrevendo uma vida anterior em Inglaterra na qual era casado, com esposa e três filhos. Falou do despenhamento e do subsequente enterro ao lado do piloto. Ao descrever-se nessa vida, Ma Par disse que era loira. Excecionalmente, isto refletiu-se na sua vida atual: Stevenson descreve-a como sendo albina.

Após a morte, o aviador foi a Inglaterra para ver a sua família, mas o "Rei da Morte" não permitiu que ele lá ficasse. Fez uma segunda visita, mas foi novamente puxado de volta para a Birmânia e "ordenado a renascer". Durante todo o tempo em que esteve no estado de entre-vidas, permanecera numa acácia, perto de onde o avião se despenhara e os seus ocupantes haviam sido enterrados. Um dia, vira um grupo de mulheres a

inspecionar as sepulturas. Gostou particularmente de uma delas, seguiu-a, e foi através dela que renasceu.

O famoso caso de Shanti Devi (ver capítulo 5) também inclui memórias bastante extensas de um estágio intermédio entre vidas. Ela descreveu essa experiência em resposta a perguntas de vários investigadores, incluindo Stevenson. Na monografia de Sushil Bose, *A Case of Reincarnation* (1952),4 quando questionada sobre como se sentira no momento da morte, Shanti respondeu: "Mesmo antes da morte, senti uma escuridão profunda e, após a morte, vi uma luz deslumbrante.

Naquele preciso momento, soube que tinha saído do meu corpo numa forma vaporosa e que me estava a mover para cima. . . . Vi que quatro homens em vestes cor de açafrão tinham vindo ter comigo. . . . Todos os quatro pareciam estar na adolescência e a sua aparência e vestuário eram muito brilhantes. . . . Colocaram-me numa taça e carregaram-me. . . ."

Shanti Devi disse que foi levada para "o quarto plano", onde não havia habitações e onde existiam ainda mais santos do que os que vira no terceiro plano, sendo estes mais brilhantes em aparência. "E no meio deles, sentado num enorme e deslumbrante trono, estava o Senhor Krishna (um dos deuses hindus mais populares). Ele estava a mostrar a cada pessoa um registo das suas atividades na terra, boas e más, e, consequentemente, qual seria a sua condição no futuro."

Compare-se isto com outro caso envolvendo uma rapariga indiana, Santosh Sukla,5 nascida em Uttar Pradesh em 1950, que afirmou, antes dos dois anos de idade, recordar uma vida anterior quando se chamava Maya em Sitapur. Os seus pais acreditaram que ela se referia a uma prima distante, Maya Devi, que morrera dois anos antes do nascimento de Santosh e que previra que renasceria na família Sukla. Durante a investigação deste caso, a mãe de Santosh contou ao investigador a descrição da filha sobre o que lhe acontecera depois de ela (como Maya) ter morrido:

Ela também disse que, após morrer, foi levada por quatro pessoas para um rio e foi imersa. Chorou, e depois foi levada para uma aldeia onde havia muitas árvores de fruto e jardins. Estava lá uma pessoa com roupas amarelas sentada numa cama de madeira. Ela sentou-se ali, encostada a um pilar, e permaneceu. Havia ali muitas pessoas e elas costumavam colher a

fruta e comê-la; mas ela limitava-se a observar essas pessoas. Depois, perguntaram-lhe se queria comer; ela aceitou e deram-lhe um pouco de fruta. Permaneceu ali durante um ano e depois nasceu aqui.

Permitam-me citar mais um dos casos de Stevenson, desta vez o de um rapaz tailandês, Chanai Choomalaiwong,6 nascido em 1967, que recordava ser Bua Kai Lawnak, um professor primário que fora baleado e morto em 1962. Além de recordar que tinha sido levado para Ban Khao Sai para ser cremado, Chanai deu esta descrição do que lhe aconteceu após a morte: Puniram-me forçando-me a tirar toda a roupa e levaram-me para um enorme tanque de lótus. Depois, forçaram-me a caminhar pela selva de lótus. Experienciei grande dor e desconforto durante muito tempo até chegar à borda do tanque. Devolveram-me as roupas nessa altura. Dois homens acompanharam-me durante uma distância e disseram que só podiam vir até ali e que eu devia renascer agora. Depois disso, fiquei inconsciente.

Decorreu um período de cinco anos entre a morte de Bua Kai e o nascimento de Chanai, contudo, a sua descrição de um estágio intermédio não transmite qualquer sensação dessa passagem de tempo. Stevenson comenta: "As aparentes memórias de Chanai sobre eventos após a morte de Bua Kai assemelham-se em alguns aspetos a relatos de outros sujeitos e diferem noutros aspetos. Por exemplo, os sujeitos tailandeses recordam mais commumente serem levados pela mão por uma pessoa desencarnada — o 'homem-de-branco' — e não por duas."

O investigador holandês Titus Rivas chamou a atenção para as memórias de Feitze Beimholt,7 que foi uma das estrelas de *Showroom*, uma popular série de televisão na Holanda sobre indivíduos excêntricos com ideias invulgares ou estilos de vida alternativos. Feitze vivia com o seu irmão Hendrik algures no campo, na província rural de Drenthe, seguindo um modo de vida bastante tradicional, enquanto tudo ao seu redor mudava. Filósofo autodidata, Feitze escreveu um livrete, *De Nieuwe Dag in Gouden Glans* (Novo Dia num Brilho Dourado), que inclui uma mundividência espiritual envolvendo conceitos como a reencarnação. Nele, afirma ter tido vívidas memórias espontâneas de uma vida anterior, também em Drenthe, no século XIX. Esta terminou com uma morte bastante súbita e inesperada, e ele recorda-se de ver o seu próprio corpo estendido no chão. A luz solar que viu então era indescritivelmente bela. Feitze simplesmente vagueou

pelos campos e desfrutou de tudo o que viu. Não assistiu ao seu próprio funeral, pois estava demasiado fascinado com as suas experiências como um espírito errante em Drenthe.

As suas aventuras continuaram por cerca de setenta anos, então: Um dia, eu estava a caminhar por uma estrada de areia e cheguei a um cruzamento. Pela primeira vez, tive de escolher se iria para a esquerda ou para a direita. Fui para a direita e, passado algum tempo, cheguei a Smilde, perto dos bosques de Jans Popken. Numa pequena ruela, estava uma mulher jovem parada, que tinha cabelos pretos como azeviche. Ela estava a recolher lenha e eu caminhei à volta dela. De repente, senti um calor agradável e soube que estava seguro. A pequena mulher estava grávida.

Então, como se comparam estes relatos espontâneos, muitas vezes bastante intrigantes, de uma existência espiritual entre vidas com o que é dito pelos sujeitos durante a regressão ao discutirem esse período de espera entre vidas? O célebre caso de Bridey Murphy (capítulo 6) fornece-nos um exemplo imediato. O hipnotizador Morey Bernstein estava muito curioso sobre o estágio de entre-vidas e perguntou repetidamente à transeunte Virginia Tighe o que lhe tinha acontecido depois de ter morrido como Bridey Murphy.

Ela descreveu a sua morte resultante de uma queda, observando o seu próprio funeral e vendo a lápide na sua sepultura. Bridey também falou de um lugar onde esperou, onde não havia noção de tempo, nem dia nem noite, apenas uma luz constante. Restavam apenas os sentidos da visão e da audição. Não havia regras nem guerra. Algumas das pessoas ali tinham a capacidade de ver o futuro e disseram-lhe que haveria uma guerra antes de ela renascer. Virginia nasceu em 1923, cinco anos após o fim da Primeira Guerra Mundial. O mais surpreendente foi a revelação de que não existe amor no “outro mundo”. De facto, as famílias não se encontravam nem permaneciam necessariamente juntas.

Bridey disse ter encontrado o seu irmão mais novo, que morrera quando era bebé: ele tinha crescido e já conseguia falar. Imediatamente após a morte, ela permaneceu com o seu marido (vivo), Brian, durante algum tempo, mas ele não a ouvia quando ela tentava falar com ele. Ela tinha consciência do dia e da noite porque Brian ia para a cama e levantava-se. Parece que este lugar (o mundo espiritual, ou outra dimensão) era confuso para Bridey, quer na altura, quer ao tentar recordá-lo.

Eventualmente, uma mulher veio e disse-lhe que era hora de ir — e então ela nasceu de novo, como Virginia Tighe.

Muitos sujeitos que exploraram aparentes vidas passadas sob hipnose trouxeram introspeções sobre o propósito da sua existência atual e as escolhas que tiveram de fazer antes de renascerem. Um dos melhores exemplos disso é relatado no livro do psiquiatra Brian Weiss, *Many Lives, Many Masters*.8 Uma paciente chamada Catherine foi capaz de recordar várias vidas passadas que não só lançaram luz sobre os seus medos e fobias nesta vida, como também os curaram.

O que tornou Catherine tão notável, contudo, foram as suas discussões com "os Mestres", que ela encontrou no entre-vidas e que foram capazes de falar com o hipnotizador através dela. No início, Weiss descartou o que ela dizia como sendo palavreado sem sentido, mas a sua atitude mudou rapidamente quando eles transmitiram informações pessoais sobre o seu pai e o seu filho bebé que Catherine não poderia possivelmente saber. "O seu pai está aqui, e o seu filho, que é uma criança pequena", anunciou a voz que falava através do sujeito em transe. "O seu pai diz que o reconhecerá porque o seu nome é Avrom, e a sua filha tem o nome dele.

Além disso, a sua morte deveu-se ao seu coração. O coração do seu filho também foi importante, pois era invertido, como o de um frango. Ele fez um grande sacrifício por si, movido pelo seu amor. A sua alma é muito avançada . . . A sua morte satisfez as dívidas dos pais. Além disso, ele queria mostrar-lhe que a medicina só podia ir até certo ponto, que o seu alcance é muito limitado."

Brian Weiss admite que essas palavras o deixaram entorpecido. O seu filho Adam morrera quando tinha apenas vinte e três dias de idade, em 1971, de uma condição cardíaca exatamente como Catherine descrevera — a qual ocorre em apenas um em cada dez milhões de nascimentos. O seu pai morreu em 1979 e a sua filha tem o nome dele. Esta experiência, admite ele, "mudou completamente o resto da minha vida". Catherine também descobriu através dos Espíritos Mestres que já tinha vivido oitenta e seis vezes no estado físico até então.

O livro de Weiss teve um impacto tremendo em pessoas de todo o mundo. Quando o conheci em Londres em 1996, já tinha sido traduzido para muitas línguas e estivera no topo da lista dos mais vendidos em

Taiwan nos últimos dois anos. Também vendeu lá tantos exemplares — um país com uma população de vinte e cinco milhões — quanto nos EUA.

Sabemos, no entanto, que outros terapeutas estavam a fazer descobertas semelhantes sobre o entre-vidas já na década de 1970. Os ficheiros de casos do Dr. Joel Whitton, por exemplo, cujas qualificações médicas foram obtidas na Universidade de Toronto e que veio a tornar-se psiquiatra-chefe do sistema escolar de Toronto, remontam a 1973. No espaço de um ano, ele tinha descoberto o entre-vidas (ou bardo, para usar um termo budista). O seu livro sobre essas experiências, *Life between Life*, foi escrito em coautoria com Joe Fisher.9 Ele selecionara Paula Considine, de quarenta e dois anos, que é descrita como "o epítome da dona de casa norte-americana", como o seu principal sujeito de investigação devido à sua capacidade de ser hipnotizada até um nível profundo.

Começando no início de outubro de 1973, ela passou mais de cem horas em transe profundo ao longo de um período de um ano, dando descrições coerentes de uma longa sucessão de encarnações, a maioria delas femininas. Seis meses após o início da experiência, aconteceu algo totalmente inesperado.

Paula falava em transe profundo sobre uma vida como Martha Payne na quinta, quando o Dr. Whitton decidiu que precisava de saber mais sobre os últimos dias da sua vida anterior como Margaret Campbell. Interrompendo a personalidade que falava através de Paula, ele instruiu-a: "Vai para a vida antes de seres a Martha." Esperou então que a voz infantil de Martha fosse substituída pela enunciação com sotaque francês da idosa governanta canadiana. Em vez disso, após um longo período de silêncio, Paula anunciou, com uma voz sonhadora: "Estou no céu . . .

Consigo ver uma casa de quinta e um celeiro." Quando questionada sobre o que estava a fazer "lá no alto", o seu sujeito respondeu: "Estou à espera . . . para . . . nascer. Estou a observar . . . a observar o que a minha mãe faz." A sua resposta a outra das perguntas do Dr. Whitton foi: "Não tenho nome." Inadvertidamente, ele tropeçara num estado de consciência desencarnada, mas não começou a explorar esta zona misteriosa senão um ano mais tarde, com a publicação do estudo inovador do Dr. Raymond Moody^{10} sobre experiências de quase-morte, *Life after Life*, que relatava encontros aparentes de pacientes com o mundo seguinte. "Com o tempo", segundo o coautor de Whitton, "ele tornar-se-ia o cartógrafo não

oficial desta terra de ninguém, um explorador experiente no mundo do limbo."

A hipnoterapeuta californiana Dra. Edith Fiore também relatou em *You Have Been Here Before*11 que alguns dos seus sujeitos se aventuraram no intervalo entre vidas para encontrar "energia e luz puras", enquanto outros viram "lagos belos, cenas belas, cidades cintilantes". Houve também menção a encontros com "planeadores" ou um "conselho de assessores", que auxiliavam na escolha da próxima encarnação, a qual, nalguns casos, era precedida pela alma a "pairar" sobre a sua mãe antes do nascimento.

Um ano depois, a psicóloga clínica de São Francisco, Dra. Helen Wambach, revelou os resultados dos seus estudos hipnóticos de massa em *Reliving Past Lives*,12 mostrando que a maioria das pessoas escolhia nascer, embora preferissem permanecer na "leveza e no amor" do estado entre-vidas. Os seus sujeitos falavam de não terem género no entre-vidas e diziam ter aceitado relutantemente renascer após consulta com "assessores", "um conselho" ou "um grupo de autoridades".

Outro psicoterapeuta que tem estado a aceder com sucesso ao estado de entre-vidas há algum tempo é o Dr. Michael Newton, cujo *Journey of Souls: Case Studies of Life between Lives*13 o ajudou a ganhar reputação como um terapeuta inovador em moldes semelhantes aos de Brian Weiss. De facto, ele fez uma especialidade de explorar o mundo espiritual através da hipnose. Não se sabe exatamente quando fez esta descoberta — o seu primeiro livro, que oferece vinte e nove estudos de caso, é largamente desprovido de datas —, mas diz-se que se baseia nas suas investigações de entre-vidas durante mais de trinta anos com mais de sete mil clientes.

O conceito é simples e desempenha um papel significativo nos ensinamentos budistas, onde "bardo" significa estado intermédio ou de transição entre duas vidas na terra. O estágio de entre-vidas não é apenas uma sala de espera espiritual onde matamos o tempo entre vidas. É a nossa casa. Somos todos seres espirituais que encarnam no mundo físico para ganhar experiência e aprender lições.

Regressamos depois a "casa", onde os nossos guias espirituais, ajudantes e professores nos auxiliam a compreender o que foi alcançado na nossa última vida, ou talvez o que falhámos em alcançar, e nos aconselham na tomada de decisões sobre a nossa próxima vida. Os psicoterapeutas

começam a referir-se a isto como um estado "superconsciente" ou "metaconsciente", e a descoberta de que este pode aparentemente ser acedido com a mesma facilidade que uma vida passada está a causar muita excitação no mundo dos terapeutas de regressão.

"Vida-Entre-Vidas" (LBL - *Life-Between-Lives*) é a nova frase de ordem, à medida que procuram estender as suas capacidades — e clientela — em resposta a uma procura crescente. Tanto assim é que a primeira Formação Europeia em Regressão Vida-Entre-Vidas teve lugar na Holanda, em 2004, no Congresso Mundial de Regressão e Terapia de Vidas Passadas.

Devemos reconhecer que as aparentes viagens ao entre-vidas não são mais verificáveis do que a maioria das memórias de vidas passadas recordadas sob hipnose. Mas, se o que é relatado for real, então significa que cada um de nós tem uma "eu superior" que sabe precisamente porque estamos aqui e o que deveríamos estar a fazer com as nossas vidas, mesmo que estejamos alegremente inconscientes de que este plano espiritual existe. Se assim for, explorar uma única vida passada num estado alterado de consciência é como olhar para a nossa alma através da extremidade errada de um telescópio. Se o virarmos, poderemos ver e compreender a imagem completa e começar a colher os benefícios.

Capítulo 16

Vidas Futuras

Agarrem-se bem. Se achavam que algumas das afirmações sobre encarnações de vidas passadas e memórias de entre-vidas que citei nos capítulos anteriores eram difíceis de engolir, a viagem está prestes a tornar-se ainda mais acidentada. Por isso, apertem os cintos enquanto nos preparamos para a turbulência inevitável que acompanha conceitos loucos e especulações extravagantes — juntamente com a possibilidade de alguns deles poderem ser reais — ao partirmos . . . para o futuro.

Recuperar informações úteis ou benéficas de vidas passadas ou do entre-vidas pode parecer ter levado as fronteiras da possibilidade aos seus limites, mas não é esse o caso. Existe, dizem alguns investigadores, uma outra dimensão que pode fornecer respostas às nossas perguntas sobre o propósito da vida e para a qual os psicoterapeutas e regressionistas poderiam deter a chave.

De acordo com estes exploradores paranormais, os indivíduos que entram num estado alterado de consciência podem ser guiados a visualizar as suas vidas futuras com a mesma facilidade com que visualizam as suas existências anteriores ou a existência no entre-vidas. O problema, de um ponto de vista objetivo e científico, claro, é que a maioria de nós não vai estar por cá tempo suficiente para determinar quão precisas serão as visões de outras pessoas sobre a sua próxima vida. Quanto às nossas próprias vidas futuras, não poderemos validá-las até termos encarnado novamente, altura em que poderemos muito bem ter esquecido a visão que tivemos na nossa vida presente. Tais objeções, devo acrescentar, não arrefeceram o entusiasmo do punhado de investigadores que fizeram do futuro a sua especialidade.

Alegações de ver ou mesmo viajar para o futuro levantam questões inevitáveis sobre a natureza do tempo, o livre-arbítrio e até a ética de saber antecipadamente o que nos vai acontecer e agir com base nessa informação. Videntes, adivinhos e cartomantes exerceram influência sobre muitos dos principais decisores do mundo e continuam a fazê-lo. As suas previsões, certas ou erradas, referem-se invariavelmente a eventos no futuro imediato, ao passo que os regressionistas ou os seus sujeitos parecem ter estendido o alcance precognitivo da mente para outra existência: para vidas que ainda não foram vividas, em corpos que ainda não foram criados. Vejamos o que sabemos sobre as tentativas que foram feitas para viajar para a frente no tempo, nesta vida e na próxima.

A Dra. Helen Wambach, uma psicóloga clínica e investigadora de Berkeley, Califórnia, começou a analisar regressões de vidas passadas na década de 1960 com o intuito de as desmascarar. Em vez disso, considerou as evidências convincentes, partilhando-as com o público em *Reliving Past Lives* e *Life before Life*.1 Por essa altura, ela também estava a explorar nos seus workshops a possibilidade de "progressão" para o futuro, tanto nas vidas presentes dos seus voluntários como também nas suas próximas encarnações, em dois períodos temporais distintos: 2100 e 2300 d.C. A sua técnica consistia em pedir aos seus sujeitos que avançassem no tempo até aos seus aniversários naqueles anos específicos, e pedia-lhes então uma série de perguntas sobre as condições que rodeavam a vida nessa época. O objetivo era oferecer um quadro "democrático" do futuro, reunindo e coligindo os relatos de tantos indivíduos hipnotizados quanto conseguisse e

procurando elementos comuns para ajudar a prever o futuro coletivamente, em vez de seguir as profecias de um único vidente.

Um dos seus melhores sujeitos de regressão, Chet Snow, um sociólogo e historiador, recordou uma vida nas Cruzadas, bem como o facto de ter sido um Cavaleiro Templário. Ele também se revelou capaz de viajar para o futuro com facilidade. Não estava sozinho, e a Dra. Wambach cedo teve uma base de dados considerável de tais casos. No entanto, ela morreu em 1985 antes de conseguir completar um livro baseado nesta investigação, e por isso Snow assumiu o trabalho como coautor de *Mass Dreams of the Future*.2

Enquanto a maioria dos sujeitos de Wambach parecia encontrar uma barreira invisível ao descrever eventos que ainda não tinham acontecido nas suas vidas presentes, Snow não teve dificuldade. Tal como as regressões relativas a eventos passados na vida atual deram origem a falsas memórias nalgumas pessoas, sugere Snow, problemas semelhantes parecem surgir ao avançar nesta vida. No seu corpo atual, algumas memórias — passadas e futuras — revelaram-se fora de alcance ou foram recordadas de forma imprecisa. Ele acrescenta: "Acho que tem algo a ver com a consciência do corpo-órgão." Ao recuperar memórias de uma vida em que habitaram outro corpo, eles pareciam gozar de maior liberdade.

"Consegui olhar para a frente no tempo e ver algumas coisas que já se estão a tornar realidade", disse-me Chet quando o entrevistei em 1995, "e estas foram publicadas no livro há dez anos. Já a situação jugoslava está onde está, os russos parecem muito menos simpáticos — há ali uma real dificuldade política que poderia muito bem vir à tona novamente, como eu vi. A situação meteorológica; o aumento da atividade vulcânica e sísmica; tudo o que é apontado para meados dos anos 90, com drogas, seca e inundações a virem todos uns em cima dos outros, por assim dizer, estão a levar a este período de grande mudança."

Se as visões que Snow experienciou quando progredido pela Dra. Wambach estiverem corretas, o pior ainda está para vir, incluindo, acrescentou Snow, "o desaparecimento da Califórnia e de outras partes dos EUA". As datas dadas para a maioria destes acontecimentos eram "terrivelmente próximas do dia de hoje" quando discutimos a investigação de Wambach em meados da década de 1990. Por exemplo, numa progressão, Snow encontrou-se no Arizona em julho de 1998, onde "havia

este céu negro e frio, com uma espécie de cinza vulcânica no ar, e eu estava a tossir. Não estava contente por estar ali, numa espécie de situação de sobrevivência no Arizona, mas desde essa altura, através de uma série de circunstâncias ligadas ao meu trabalho, mudei-me para lá e recentemente comprámos uma casa no Norte do Arizona."

Tal como muitas outras previsões de catástrofe ao longo dos séculos, a data referida na progressão de Snow (julho de 1998) passou sem incidentes na sua vida pessoal, e Chet e a sua esposa, Kallista, continuam a ser proeminentes apresentadores de ideias da Nova Era (*New Age*). Haverá quem considere a "progressão" de Snow como um fracasso total, enquanto outros a verão como evidência de que ele estava a sintonizar o cenário provável das alterações climáticas e eventos associados, mas errou no tempo.

Quanto às vidas que ele e outros previram em séculos futuros, apenas a história poderá julgar. Mas as estatísticas dessas experiências dizem-nos algo bastante intrigante. Apenas uma percentagem muito pequena foi capaz de progredir para uma vida em 2100 d.C., ao passo que um número maior, mas ainda assim pequeno, conseguiu recuperar informações sobre viver em 2300 d.C. Pode haver várias razões para isso, incluindo a possibilidade de a população mundial ser muito menor daqui a cem anos, começando depois a aumentar uma vez mais.

Jenny Cockell é uma podologista inglesa que escreveu um livro fascinante, *Yesterday's Children*,3 sobre uma vida passada na Irlanda como Mary Sutton, a qual recordava claramente e que tanto ela como investigadores independentes conseguiram verificar. Seguiu-se um livro muito diferente, *Past Lives, Future Lives*,4 no qual revela possuir também "memórias" de vidas futuras. Cockell submeteu-se a regressão hipnótica para ajudar a recordar o que vira com maior clareza.

Ela diz-nos estar certa de que reencarnará como uma mulher chamada Nadia, no Nepal, na sua próxima vida, numa altura em que a população do planeta será menor e a sua vida animal será menos evidente — possivelmente como resultado da poluição. O seu livro contém esboços do local onde viverá como Nadia: uma aldeia situada numa encosta numa área montanhosa caracterizada por um solo de textura fina, cor de laranja avermelhado. Ao olhar para um mapa do Nepal, Cockell sentiu-se atraída por uma área a leste do país, a meio caminho entre o Monte Evereste e a

fronteira com a Índia, e conseguiu identificar uma aldeia chamada Kokuwa como a mais próxima de onde viverá.

"Esta experiência de olhar para o futuro teve uma qualidade diferente de recordar a minha vida passada como Mary Sutton", explica Cockell. "Aquelas tinham sido como quaisquer outras memórias; nunca houve nada de estranho nelas. Com esta nova experiência, senti que estávamos ligadas; eu estava a viver os sentimentos não tanto como uma memória, mas como se estivesse no passado e a Nadia de dois anos me estivesse a recordar a partir da sua vida no futuro, no ano de 2040." As "memórias" de Jenny Cockell também incluem duas outras vidas, uma no século XXII, quando vive na Europa continental, possivelmente na Polónia, e é pobre, e a outra no século XXIII, quando é uma mulher americana a trabalhar como técnica para a Unichem.

Ela avisa-nos que a população humana parece ter diminuído drasticamente e o uso indiscriminado de produtos químicos por parte do homem parece ser o principal culpado. "Quaisquer que sejam as visões que o futuro possa mostrar, é um futuro que inclui cada um de nós", escreve ela. "Ver-nos a nós próprios e aos outros no contexto do tempo que se estende para trás e para a frente através da história e através de muitas vidas pode ajudar-nos a compreender os nossos papéis individuais como interdependentes e as nossas responsabilidades como universais. As nossas atitudes hoje farão a diferença no nosso futuro, como indivíduos e como sociedade. Todos podemos fazer do amanhã um lugar de esperança."

Durante a minha investigação sobre o assunto, há bem mais de uma década, fui apresentado a um grupo de pessoas no sul de Inglaterra que tinha estado a experimentar com muito sucesso as viagens no tempo, e convidaram-me a experimentar. "Somos capazes de o orientar para que experiencie apenas coisas positivas e benéficas — para que não fique traumatizado ao ver-se, por exemplo, a ser enforcado, arrastado e esquartejado", assegurou-me Frances Wade.5 "Pode ir a qualquer lugar e experienciar qualquer coisa com total segurança.

O tempo é uma ilusão. A viagem no tempo mostra que só existe o agora: passado, presente e futuro, tudo junto num só." Dito isto, a equipa de viagem no tempo disse-me que, embora muitos dos seus sujeitos tivessem conseguido viajar para o futuro e ver o que lhes aconteceria dias, meses ou

mesmo anos à frente, ninguém tinha ainda conseguido ir tão longe que entrasse numa nova encarnação.

Eu experimentei, mas não fiquei convencido de que o que "vi" e "senti" no olho da minha mente fosse algo mais do que a minha imaginação, embora tenha permanecido comigo de forma bastante forte durante vários dias. Devo confessar que a experiência foi decididamente discreta em comparação com as histórias espantosas que são regularmente produzidas por alguns dos expoentes de alto perfil da psicoterapia e os seus sujeitos dispostos.

Veja-se, por exemplo, as experiências de longa data de Dolores Cannon, que, se aceites pelo seu valor nominal, sugerem que ela encontrou a chave de uma porta que não só se abria simultaneamente para o passado e para o futuro, como por trás da qual se encontrava um dos profetas mais famosos da história: Nostradamus. É uma história bizarra que a própria Cannon achou difícil de aceitar por vezes, mas que registou detalhadamente na sua trilogia, *Conversations with Nostradamus*,6 que descreve as suas experiências em pormenor, além de fornecer ao leitor novas interpretações das enigmáticas quadras de Nostradamus.

Este novo entendimento, disse-me a psicoterapeuta americana 7 após a publicação do último livro, viera diretamente do famoso vidente francês. O espírito de Nostradamus?, perguntei. Não, o próprio Nostradamus, falando connosco a partir da sua vida na França do século XVI, tendo atravessado a barreira do espaço-tempo para comunicar diretamente com o século XX.

Isto é material de ficção científica, claro . . . mas o que raio convenceu a regressionista do Arizona de que estas comunicações eram algo mais do que o produto de uma imaginação hiperativa? Tudo começou, disse-me ela, quando estava a realizar uma regressão normal de vidas passadas em meados da década de 1980 com uma mulher chamada Elena, artista e mãe de dez filhos. Elena, veio a verificar-se, fora Dionisus, um dos alunos de Nostradamus nos anos 1500, e esta memória funcionou de algum modo como um catalisador que permitiu ao vidente francês comunicar diretamente com Dolores Cannon através do seu sujeito hipnotizado.

Foi, acrescentou ela, contra todas as regras. Elena falava de Nostradamus como se ele estivesse na sala com elas e Dolores Cannon conseguia colocar-lhe questões através do seu sujeito hipnotizado. Ao

concordarem em “encontrar-se” num lugar especial no mundo espiritual, começaram o trabalho de interpretação das quadras. Após apenas um par de sessões, Elena, que estava claramente assustada com as comunicações que chegavam através dela, mudou-se para o Alasca — o que é uma forma bastante drástica de optar por sair de uma experiência psíquica. Antes de partir, no entanto, Nostradamus indicou que seria capaz de continuar as suas comunicações através de outros e deu instruções sobre como localizá-lo. Concordou também com um teste, pelo qual daria a conhecer a sua presença à psicoterapeuta sinalizando de uma forma que o seu sujeito não perceberia.

Fê-lo com sucesso, afirma Cannon, através de mais dois sujeitos, permitindo-lhe completar as revisões da sua famosa obra. Brenda, uma estudante universitária de música, deu seis meses do seu tempo ajudando Cannon e Nostradamus a interpretar trezentas quadras antes de as exigências da sua educação e emprego tornarem impossível continuar. Nesse ponto, um jovem astrólogo, John Feeley, outro sujeito de vidas passadas, tornou-se o canal terreno do vidente e trouxe novas introspeções ao projeto até se mudar para a Florida. No total, diz a psicoterapeuta, uma dúzia de indivíduos conseguiu estabelecer contacto com o Nostradamus vivo, permitindo-lhe completar a atualização. Como muitos outros profetas da desgraça, segundo Cannon, Nostradamus, usando um espelho de obsidiana preta para focar os seus poderes psíquicos, diz-nos que a Terra irá em breve sofrer um deslocamento no seu eixo. Quando isto acontecer, extraterrestres virão em nosso auxílio. Haverá também uma terceira guerra mundial. As suas quadras falam também do nascimento do Anticristo, e Dolores Cannon até conseguiu encontrar indivíduos capazes de produzir desenhos Identikit do Anticristo e do seu horóscopo.

Em “Celebrity Believers” (capítulo 13), refiro que o apresentador de televisão Jerry Springer foi hipnotizado até uma vida anterior pelo Dr. Bruce Goldberg. Na mesma sessão, o Dr. Goldberg, sediado em Los Angeles, também levou Springer — um cético saudável — a uma vida futura na qual ele será um rancheiro/agricultor chamado Bobby, vivendo em Montana e envolvido num projeto governamental para cultivar colheitas na lua. Pai de quatro filhos, morrerá aos sessenta anos nessa vida, quando a sua nave se despenhar durante uma viagem de regresso à Terra. O Dr. Goldberg, ao que parece, acredita piamente no valor das progressões hipnóticas.

"Muitas pessoas consideram a progressão uma forma de pensamento ilusório", diz-nos ele no seu livro *Soul Healing*.8 Mas isso, argumenta ele, não explica indivíduos que veem coisas sobre as quais não poderiam ter qualquer controlo, como "a leitura de uma manchete de jornal que existe cinco anos no futuro e que descreve um desastre natural ou a eleição de um presidente ou uma guerra, e a ocorrência desse evento cinco anos mais tarde exatamente como foi lido em transe". Se Goldberg nos diz que tem tais casos nos seus ficheiros, falha em fundamentar esta afirmação sensacionalista. O que ele apresenta, em vez disso, são algumas alegações igualmente sensacionalistas relativas a um par dos seus pacientes, as quais, aviso os meus leitores, requerem a suspensão de todas as vossas faculdades críticas ou céticas.

A primeira destas envolve um psicólogo clínico chamado Pete, que consultou o Dr. Goldberg em 1984 com uma compulsão de lavar as mãos. A causa foi encontrada não numa vida passada, mas no futuro. Avançando no tempo para o século XXI sob a orientação de Goldberg, Pete disse que o seu nome era agora Ben Kingsley e que trabalha numa instalação de investigação nuclear em Tulsa, Oklahoma.

É agosto de 2088 d.C. e a sua personalidade obsessivo-compulsiva, aliada ao facto de ser um viciado no trabalho, resulta num esgotamento e na configuração de todos os computadores de modo a causarem uma fusão catastrófica. A equipa mínima e Ben morrem e toda a área de Tulsa é afetada pela radiação nuclear. De algum modo, parece que nesta vida Pete estava a sintonizar essa vida futura e a ansiedade que ela causava, o que levou à compulsão de lavar as mãos.

Antes que os preços do imobiliário comecem a cair em Tulsa e comece uma evacuação em massa, tenho boas notícias. "Aquele futuro era apenas uma de pelo menos cinco probabilidades principais", diz-nos Goldberg. "Pete percecionara uma frequência ou probabilidade negativa, embora tivesse pelo menos quatro outras por onde escolher. A solução para o seu problema foi na verdade bastante simples. Tudo o que tive de fazer foi fazê-lo percecionar as outras quatro escolhas e depois, após ele selecionar a frequência ideal, programar essa frequência para ser a sua realidade.

Ao fazer isto, ajudaria Pete a mudar de frequências para que o seu futuro fosse bastante diferente do que teria sido se tivéssemos falhado em

agir sobre o conhecimento fornecido durante a progressão." Assim, o povo de Tulsa pode agora dormir tranquilamente nas suas camas, Pete recuperou totalmente e já não desperdiça galões de água tentando lavar uma contaminação nuclear que já não ocorrerá, e o Dr. Goldberg encontrou uma forma de manipular o futuro de outras pessoas de uma maneira que — se fosse real — faria as maravilhas da engenharia genética parecerem insignificantes em comparação.

Outra paciente, Emily, sofria de um distúrbio gastrointestinal que foi rastreado por Goldberg até uma vida que ela levaria no século XXXVI, quando é Sequestra e vive em Phonican, um planeta no sistema de Andromeda. Não vou estragar o vosso prazer revelando o que acontece a seguir — poderia ser o próximo enredo para uma sequela de *Star Wars* —, mas baste dizer que Sequestra não só venceu o dia em Phonican, como também se livrou, como Emily, da colite e está a desfrutar de uma nova fase na vida. O Dr. Goldberg, que possui licenciaturas em bioquímica, medicina dentária e psicologia de aconselhamento, acredita claramente que estas progressões são reais. "O facto de todos e cada um dos meus pacientes poderem controlar o seu próprio destino é gratificante para mim além de qualquer medida", escreve ele.

Aparentemente, a predileção de Goldberg por estudar vidas futuras levou a rumores na Internet de que ele é um viajante do tempo, ou crononauta, que regressou do futuro para viver na Terra nesta altura a fim de abrir as nossas mentes para a reencarnação e para a existência da alma. Entrevistado sobre esse mesmo tópico por Art Bell no programa *Coast to Coast AM*, Goldberg recusou-se a confirmar ou negar o rumor. Uma página do seu website também faz a pergunta: "Será o Dr. Bruce Goldberg um Viajante do Tempo?", e oferece algumas pistas, das quais eu, pessoalmente, concluo que ele certamente acredita que esse seja o caso. "Se eu for um viajante do tempo", diz ele aos visitantes do seu site, "seria muito possivelmente do século XXXV, quando a teleportação for desenvolvida como meio de viagem no tempo. . . . O século XXXV é verdadeiramente uma era dourada. Far-se-ão mais progressos tecnológica e espiritualmente nesse século do que em qualquer outro na história! A idade média situa-se entre os quinhentos e os novecentos anos, devido a um dispositivo de carregamento de energia chamado alphasyncolarium, que estimula as nossas glândulas adrenais e gónadas a aumentar a sua produção da hormona DHEA."

Durante a entrevista na rádio, Goldberg descreveu brevemente a vida passada do apresentador em Atlântida, cerca de 50.000 a.C., quando ele era um geofísico/físico quântico chamado Drako. Goldberg também viveu nessa altura, como um repórter de televisão médico chamado Forat — Atlântida tinha tanto rádio como televisão, assegura-nos ele, acrescentando que obteve esta informação dos Registos Akáshicos.

Assim, para responder à questão do viajante do tempo, ele responde: "Só posso dizer que um verdadeiro crononauta faz o juramento de nunca revelar o facto, a menos que seja uma emergência fazê-lo. Fazê-lo seria uma violação do que é conhecido como leis de segurança internacional da linha temporal que existem no futuro." Bem, crononauta ou não, Goldberg daria certamente um ótimo escritor de guiões de ficção científica se alguma vez desistisse do seu trabalho diário de hipnoterapia.

Encontrei uma referência inesperada a uma vida futura prevista numa entrevista que Kala Ambrose realizou com a antiga cantora Helen Reddy. A certa altura da discussão, que foi serializada em três partes no website *Examiner.com*,9 Kala voluntariou: "A minha mãe submeteu-se a uma regressão de vidas passadas há vários anos e . . . [também] viu a sua vida futura. Ela faleceu passados uns dois anos de ter feito isso. Foi muito interessante, pois ela foi capaz de descrever esta vida futura. . . . Ela e eu conseguimos conversar — onde ela estará, quando será, o tempo e o lugar — e eu vou ter a oportunidade nesta vida de dar seguimento à informação que ela me deu e talvez encontrá-la nessa altura, nesse lugar, como essa pessoa. Por isso, estou ansiosa por isso e por ver como transcorre." Sugeri à Kala que depositasse esta informação num organismo de investigação para que possa ser verificada — se e quando acontecer.

Bem, avisei-vos que a nossa viagem ao futuro poderia ser atribulada. Por enquanto, no entanto, estamos firmemente de volta ao planeta Terra e podem retirar os vossos cintos de segurança. É agora altura de tentar dar sentido ao que encontrámos até agora, e separar o facto da fantasia.

Capítulo 17

Facto ou Fantasia?

Aprendi, ao longo dos anos, a não ficar demasiado entusiasmado quando leio uma manchete de jornal sobre uma nova alegação de reencarnação. O *Deccan Chronicle* da Índia demonstra porquê. Em 2009 anunciou:1 "Rapaz alega renascimento na mesma família cinco vezes", e a sua história começava de forma promissora: "Quando Ajay, de dezasseis anos, morreu num acidente de estrada no início desta semana, deixou para trás um conto de intriga, admiração e suspense."

Aparentemente, quando Ajay teve idade para falar, revelou que fora anteriormente filho da sua avó Rambeti, explicando exatamente como tinha morrido nessa vida ao ser envenenado por um vizinho. As suas três encarnações seguintes foram "como uma mosca doméstica, depois como uma abelha e depois como uma cobra". Era verdade que uma cobra se tinha esgueirado para o seu pátio em 1991 e fora morta à paulada pela sogra de Rambeti. Ajay disse que se lembrava de ser essa cobra antes de renascer como filho da filha de Rambeti, apenas para morrer novamente aos dois anos de idade após se engasgar com comida, e regressando depois como Ajay para a nora de Rambeti em 1993. Com a sua trágica morte em 2009, suspeito que a família seja agora muito cautelosa na forma como reage a insetos, animais ou répteis que encontram o seu caminho para dentro de casa.

O renascimento como humano ou animal — transmigração — é uma crença enraizada em muitas culturas e resulta nalgumas alegações muito bizarras. Um tailandês de sessenta e um anos, por exemplo, foi preso na ilha de Phuket em 1998 após ter sido apanhado seminú tentando fazer amor com um elefante de cinco toneladas.2 A defesa de Kim Lee Chong foi que acreditava que o elefante era a reencarnação da sua esposa, que morrera vinte e oito anos antes. "Reconheci-a imediatamente . . . pelo brilho atrevido no seu olhar", disse ele na sua defesa.

Pouco impressionado, o tribunal condenou-o a quinze anos de prisão. Presumo que tenha sido uma experiência que o elefante também dificilmente esquecerá. Entretanto, na Índia, uma família na aldeia de Kathasakar, distrito de Giridih, está encantada por Dhani Murmu ter cumprido a sua promessa feita no leito de morte, em junho de 2000, de regressar para eles noutra forma. O seu marido disse aos meios de comunicação locais que acredita que ela regressou para ele como um pangolim, um animal que come formigas.3

“Amamos o mamífero como a nossa mãe”, disse o filho mais velho de Dhani. “Faz parte da nossa família. Alguém de Orissa quis levá-lo por um preço elevado, mas podemos nós vender a nossa mãe?”

Depois de ter sido condenado a cinco anos de prisão em 2007, um assaltante de bancos budista de quarenta e seis anos na Alemanha Ocidental, identificado apenas como Peter K., fez uma tentativa infrutífera para que a sua gata de estimação Gisela o visitasse.4 O seu pedido baseava-se na crença de que Gisela era a sua mãe reencarnada.

Quando conheceu a gata vadia pela primeira vez, ela olhou para ele de forma tão suave como a sua mãe, Gisela, sempre fizera, e permaneceram inseparáveis até ele ser encarcerado. O tribunal local de Werl indeferiu o pedido de “direitos de visita para a sua mãe sob a forma de um gato de estimação”, porque “o prisioneiro não forneceu provas para provar a reencarnação”.

Ainda mais bizarra é a história de um estudante universitário indiano, Abhishek Parikh,5 que afirma ser a reencarnação da esposa do deus-serpente Naagraaj e diz ser capaz de se transformar numa cobra após a meia-noite e retomar a forma humana de manhã. Naagraaj é amplamente adorado na Índia.

“Mesmo nesta vida, na minha forma atual, continuo a ser a sua esposa”, disse o jovem de vinte e oito anos à imprensa em 2006, durante uma visita sagrada a Kedarnath, no distrito de Guna. Abhishek, que se veste como uma mulher, disse que a “transformação parcial” só ocorre quando dança à meia-noite num determinado templo em Khanpur e afirma ter mostrado à polícia uma gravação em vídeo desta mutação.

Não tenho a certeza de por que razão a polícia estaria interessada: os visitantes do YouTube seriam uma audiência muito mais apreciadora. A perceção de que ele era, e ainda é, a esposa de Naagraaj veio-lhe enquanto meditava em adoração ao Senhor Shiva. “O facto de eu ser homem de nascimento não é um impedimento para o cumprimento dos meus deveres como esposa de Naagraaj”, insistiu.

Nenhuma mudança física deste tipo acompanhou a afirmação^6 de um inglês desempregado um ano mais tarde. Steve Cooper, que tinha trinta e dois anos em 2007, é considerado por muitos como uma reencarnação da deusa Bachucharaji, a padroeira dos eunucos indianos, que milhares de

hindus acreditam poder curar a infertilidade. Antes da sua mudança para um remoto templo na selva em Gujarat, Steve, que se autointitula Pamela, vivia num pequeno apartamento em Tooting, no sudoeste de Londres, onde amigos indianos lhe diziam que ele se parecia e se movia exatamente como a antiga deusa. Isso não me parece um elogio, mas aparentemente era e encorajou-o a mudar-se para a Índia, onde a sua chegada foi bem-vinda. Quando ele caminha pela aldeia local, as pessoas acorrem para o saudar, gritando: "A deusa está aqui."

Uma reação muito diferente saudou um cão vadio que entrou no tribunal financeiro de Jerusalém em 2011 e se recusou a sair. Os cães são considerados impuros no judaísmo tradicional. O website israelita *Ynet*7 relatou que o incidente lembrou a um juiz uma maldição que fora lançada sobre um advogado secular, agora falecido, duas décadas antes, pedindo que o seu espírito entrasse no corpo de um cão. Temendo que ele tivesse reencarnado como o cão, o tribunal condenou o animal à morte por lapidação — a sentença deveria ser executada por crianças locais. Felizmente, ele escapou antes que a punição fatal pudesse ser infligida.

Alegações igualmente surpreendentes podem ser encontradas noutras culturas. Veja-se, por exemplo, a orca chamada Luna, que nasceu em Puget Sound em 1999, mas que se separou da mãe aos dois anos, preferindo as águas de Nootka Sound, a centenas de quilómetros de distância, na costa oeste da ilha de Vancouver. O Departamento de Pescas e Oceanos do Canadá depressa ficou preocupado com o seu comportamento invulgar, e particularmente com a sua inclinação para interagir com pessoas e barcos. Aparentemente saudável e feliz, ele encantava os turistas com a sua curiosidade, mas as autoridades decidiram que ele devia sentir-se sozinho.

Após anos a debater o que seria melhor para Luna, decidiu-se em junho de 2004 devolvê-lo à sua família, para o seu próprio bem e também para a segurança das pessoas a bordo dos barcos que ele encontrava. "Luna empurrava o barco deles, fazia-o girar como um brinquedo numa banheira, fazia-o saltar para cima e para baixo empurrando o casco e ficava na vertical (*spy-hopping*) diretamente à frente para evitar que se afastasse a alta velocidade", segundo um livro, que acrescentava: "Não era o comportamento de um animal selvagem a esquivar-se do contacto humano. À medida que o verão avançava, ele tornava-se mais insistente nas suas interações e mais difícil de os navegantes escaparem."

O povo das Primeiras Nações Mowachaht/Muchalaht não teve dificuldade em compreender por que razão Luna se estava a comportar desta forma e a desejar interação humana. Ele era, diziam, a reencarnação do pai do Chefe Mike Maquinna,8 que fora o seu chefe anterior e, segundo o seu filho, fizera um desejo no leito de morte para que o seu espírito habitasse uma orca. Por essa razão, frustraram um plano para reunir a jovem orca com a sua alcateia em Puget Sound, atraindo Luna para o mar nas suas canoas, cantando canções tradicionais e batendo com as pás no fundo dos barcos para o afastar dos cientistas marinhos que planeavam resgatá-lo. Dois anos depois, em 2006, graças em grande parte à intervenção do povo das Primeiras Nações, Luna ainda nadava em Nootka Sound quando encontrou a morte após interagir de forma brincalhona com um rebocador cujas poderosas pás da hélice o feriram mortalmente. Presumivelmente, ele escolheu reencarnar como um humano após essa experiência brutal.

Igualmente bizarra é a história da vidente e comunicadora de animais do Colorado, Ellen Kohn, que não só afirma ser capaz de falar com animais vivos, como também diz conseguir encontrar as reencarnações de animais falecidos.9 Em 2009, foi abordada por Christine Horowitz após a sua cadela *golden shepherd* de treze anos, Dina, ter morrido de cancro. Tendo consultado Kohn anteriormente quando o gato da sua mãe desapareceu, ela recordou-se de a vidente dizer que era capaz de contactar animais de estimação no além.

Mesmo assim, Horowitz estava cética de que a reencarnação de Dina pudesse ser encontrada. "Como encontraríamos este cachorro? Nascem milhares todos os dias", raciocinou. Essas dúvidas dissiparam-se quando Kohn começou a canalizar a cadela morta e perguntou a Horowitz sobre a Dina colocar as patas nos seus ombros. Isso convenceu-a: ela tinha dançado frequentemente com as patas de Dina nos seus ombros, tal como Kohn descreveu. A vidente continuou a falar com o espírito de Dina, que a guiou para a fotografia de um cachorro num website de animais de estimação.

Horowitz foi visitar o cão e, nove meses depois, estava certa de que a mistura de *foxhound*, chamada Annie, era a reencarnação de Dina. Até o seu marido cético admitiu que Annie faz as coisas exatamente como Dina fazia. Kohn diz que todo o seu trabalho de encontrar animais perdidos ou comunicar com eles no mundo espiritual é tornado possível ao "aceder ao

gigante reservatório universal e metafísico de consciência" ao qual todos temos acesso, mesmo que não o utilizemos.

Poderá pensar que o conceito de animais a comunicarem do outro mundo sobre a sua futura encarnação está a esticar a credibilidade até aos seus limites, mas, se for esse o caso, provavelmente desconhece uma vidente californiana, Barbara Bell, que disse no início da década de 1990 estar a canalizar mensagens das bonecas Barbie da sua filha.10 Mais terra a terra, talvez, mas ainda assim estranha, é a afirmação do caído em desgraça velocista canadiano de origem jamaicana Ben Johnson, outrora descrito como "o ser humano mais rápido do mundo", de ser a reencarnação de um Faraó egípcio que fora envenenado.11

Nesta vida, o desempenho espantoso do velocista na final dos cem metros nos Jogos Olímpicos de Verão de 1988, na Coreia do Sul, quando bateu o seu próprio recorde mundial com um tempo de 9,79 segundos, valeu-lhe uma medalha de ouro. Esta foi-lhe retirada três dias depois, quando foi desqualificado após um teste de droga ter revelado a presença de estanozolol, um esteroide anabolizante, na sua urina.

Embora tenha admitido posteriormente ter usado esteroides na sua carreira de corredor, também alegou que o resultado do teste olímpico fora causado por uma cerveja batizada que lhe deram na sala de controlo de dopagem. E na sua autobiografia autopublicada, *Seoul to Soul*, ele não só diz que o seu arquirrival, o velocista Carl Lewis, esteve por trás da cilada da droga, como também que foi Lewis, nos tempos egípcios, quem o envenenou quando ele era o Faraó Khufu.

Lewis, que ficou em segundo lugar na final olímpica, recebeu a medalha de ouro após a desqualificação de Johnson. Estas "introspeções" de vidas passadas parecem ter vindo do "conselheiro espiritual" de Johnson, Bryan Farnum.

É importante perceber que, em todos estes exemplos, os envolvidos não foram hipnotizados nem encorajados de outra forma a recordar uma vida passada. São indivíduos que, por qualquer razão, estão convencidos de que a reencarnação oferece uma explicação aceitável para o seu próprio comportamento ou para o de outros — animal ou humano — por muito implausível que possa ser para a maioria da humanidade.

Acima de tudo, demonstram a incrível força da crença que algumas pessoas têm em certos conceitos que lhes permitem aceitar sem questionar acontecimentos que o resto de nós, com ou sem razão, consideraria totalmente irracionais. Sob hipnose, contudo, essa racionalidade parece ser descascada, permitindo que as nossas mentes ou a nossa imaginação vagueiem livremente em busca de eventos, histórias, cenários — chamem-lhes o que quiserem — que ou satisfazem as nossas próprias necessidades ou fornecem respostas ao que acreditamos que o nosso interlocutor, o hipnotizador ou psicoterapeuta, quer ouvir.

E enterradas no meio de todo este palavreado podem estar pequenas pepitas de informação que fornecem evidências da reencarnação. Esse é o desafio que enfrentam os investigadores que procuram provas de vidas passadas recordadas por sujeitos adultos num transe induzido ou noutros estados de consciência. Existem, no entanto, métodos e técnicas de investigação básicos que podem e devem ser empregados para ajudar a separar o facto da fantasia.

Arnall Bloxham era um respeitado hipnoterapeuta em Cardiff, no País de Gales, que regressou e gravou as revelações de quatrocentos sujeitos ao longo de um período de vinte anos enquanto estes descreviam as suas vidas passadas. Quando o produtor de televisão Jeffery Iverson as ouviu, ficou tão fascinado com o seu conteúdo que passou um ano a realizar a sua própria investigação para tentar determinar se eram romances históricos estranhos ou evidências reais de reencarnação. “As Cassetes de Bloxham” tornaram-se o tema de um livro^{12} e de um documentário da BBC, *More Lives than One?*, no qual o hipnotizador de oitenta anos e alguns dos seus sujeitos conseguiram recriar as suas viagens ao passado para as câmaras de televisão. Várias destas vidas chegaram ao fim com uma poderosa e dramática exibição de emoção, à medida que os sujeitos hipnotizados recordavam as suas mortes agonizantes.

Um dos sujeitos de Bloxham era um homem instruído de Swansea, Graham Huxtable, que regressou duzentos anos e recordou, num sotaque rude do Oeste de Inglaterra, uma vida na qual foi recrutado à força para uma fragata de trinta e dois canhões da Marinha Britânica, a HMS *Aggie*. No seu livro, Iverson conta-nos que Lord Louis Mountbatten, antigo Primeiro Lorde do Almirantado, tinha uma cópia desta cassete de regressão em empréstimo permanente, acrescentando:

“Investigações e opiniões de alguns dos melhores historiadores navais da Grã-Bretanha caíram-me no colo como resultado do interesse do Conde Mountbatten. Ele ficara tão fascinado pela cassete que fez com que o seu sobrinho, o Príncipe Filipe (Duque de Edimburgo), e alguns outros altos quadros navais tentassem localizar o navio em que o ‘ajudante de artilheiro’ servia numa ação contra os franceses ao largo da costa de Calais por volta do ano 1800.” Nenhum navio com esse nome foi descoberto.

No decurso da sua investigação sobre os relatos dos sujeitos de Bloxham, Iverson conseguiu descartar alguns que claramente não eram o que pareciam. Um envolvia uma celebridade: a Rainha Isabel I. “Enquanto ouvia a cassete, notei que a senhora não parecia sofrer qualquer mudança real de voz ou personalidade da forma que os outros sofriam”, escreve Iverson. “E ela também parecia pensar que fora ela, como ‘Rainha Isabel’, quem fizera com que Sir Walter Raleigh fosse decapitado. Na verdade, foi o sucessor de Isabel — Jaime I. Infelizmente, abandonei a sua regressão, classificando-a como criptomnésia aliada a leituras inadequadas. Triste, porque ela acrescentava tempero à história com um relato da Rainha Virgem a fazer amor com Sir Walter na cabine do seu navio.”

A estrela indubitável do documentário de televisão foi Jane Evans, uma funcionária de escritório na casa dos trinta anos que foi regressada a seis vidas anteriores: no século III como esposa de um tutor na cidade romano-britânica de Eboracum (ou Iorque); como uma judia do século XII, também em Iorque; como serva do príncipe mercador francês Jacques Coeur no século XV; como uma aia espanhola de Catarina de Aragão no século XVI; como uma pobre costureira no reinado da Rainha Ana no início do século XVII; e como uma freira americana na viragem do século XX.

Ela poderá ter vivido outras vidas mas, depois de recordar seis delas, ficou “um pouco farta e assustada com tudo aquilo”, recusando-se a fazer mais. A sua recordação destas vidas continha uma riqueza de material potencialmente verificável, da qual Rebecca na Iorque do século XII, durante o massacre de judeus de 1190 naquela cidade, se revelou particularmente impressionante. Houve, no entanto, uma afirmação que pareceu ser totalmente falsa.

A sua regressão — e, na verdade, a sua vida — chegou ao fim quando soldados a descobriram a ela e à sua filha Rachel escondidas na cripta de

uma igreja. O Professor Barrie Dobson, leitor de história na Universidade de Iorque que tinha escrito recentemente sobre o massacre de judeus na cidade, estudou as transcrições da regressão a pedido de Iverson, considerando-a "impressionantemente precisa". Concluiu também que a Igreja de St. Mary em Castlegate era o local provável onde Rebecca e a sua filha foram mortas. Mas, tal como todas as outras igrejas medievais sobreviventes em Iorque, não tinha cripta. Depois, uma descoberta casual de um operário durante trabalhos de renovação na igreja, apenas seis meses depois de a equipa de televisão da BBC ter filmado a regressão de Jane Evans, pareceu indicar que tinha existido uma cripta em St. Mary's.

Na conclusão do seu livro, Iverson fez a sua própria tentativa de avaliar o material de Bloxham, observando: "Nem sequer consigo adivinhar como é que a Jane Evans estava familiarizada com alguns dos factos e locais de que fala com tanta segurança. Afinal de contas, ela nunca pôs os pés em Iorque nem no Vale do Loire, em França, e visitou a América apenas depois de ter gravado a sua regressão como a freira americana." Ele admite, no entanto, que a sua busca pela verdade sobre as Cassetes de Bloxham — que todos os historiadores e psicólogos que as ouviram confirmaram ser reais — o deixou sem certezas, apenas com novos mistérios.

Quando Melvin Harris, um detetive paranormal cético, conduziu uma reinvestigação dos casos de vidas passadas de Bloxham, focou-se nas memórias de Jane Evans, que Iverson descrevera como "as mais consistentemente espantosas", e chegou a um veredicto muito diferente. Harris concluiu que "as alegações feitas para as cassetes eram falsas e resultado de uma investigação mal direcionada e inadequada".

O relato de Jane Evans de uma vida como criada de Catarina de Aragão, por exemplo, "poderia facilmente ter sido baseado, sequência por sequência, no romance histórico de Jean Plaidy, *Katherine, The Virgin Widow*". A sua "recordação" da vida como uma serva adolescente de Jacques Coeur incluía uma descrição detalhada dos interiores e exterior da sua magnífica casa, bem como uma referência ao túmulo esculpido de Agnès Sorel, a amante do Rei, que Iverson afirmou ter sido apenas redescoberto em 1970. Harris, por outro lado, salientou que a casa de Coeur é uma das casas mais fotografadas e filmadas de toda a França, e o túmulo "esquecido" fora, de facto, uma atração turística durante todo o século XX

e está descrito detalhadamente em *A Short History of France* de H. D. Sedgwick, um livro publicado em 1930 que permaneceu popular durante décadas e era frequentemente encontrado em bibliotecas públicas e escolares. E um romance de 1948 sobre a vida de Coeur, *The Moneyman* de T. B. Costain, poderia ter sido a fonte para todos os floreados que fizeram o seu relato soar tão autêntico.

Acima de tudo, diz-nos Harris, isso explica por que razão nessa "vida passada" Jane Evans sabia que Coeur tinha um escravo corporal egípcio, mas estava totalmente inconsciente de que ele era casado e tinha cinco filhos. Todos os relatos históricos da sua vida incluíam a sua história familiar, enquanto o romance não, porque, como o seu autor explicou numa introdução: "Não fiz qualquer menção à família de Jacques Coeur pela razão de que não desempenharam papéis reais nos eventos que levaram a sua carreira ao clímax."

Quanto à morte de Rebecca e Rachel numa igreja de Iorque, após apontar vários erros no detalhe do relato de vida passada de Jane Evans, Harris cita o Prof. Barrie Dobson contra a ideia de uma cripta ter sido encontrada, acrescentando que Iverson tinha tirado do contexto ou interpretado mal a informação que lhe fora dada por Dobson em correspondência informal que nunca se pretendeu que fosse publicada. O professor deu a Harris permissão total para citar uma declaração que forneceu, datada de 15 de janeiro de 1986, de que "parece agora esmagadoramente mais provável que a câmara que os operários relataram ter encontrado ao renovar St. Mary's Castlegate em 1975 não fosse de todo uma cripta medieval antiga, mas sim uma abóbada de ossário pós-medieval".

O mais condenatório de tudo, de uma perspetiva de reencarnação, talvez, tenha sido o relato de Jane Evans de ser Livonia. Esta "memória", mostra Harris, baseia-se sem qualquer dúvida num romance de 1947, *The Living Wood* (e como livro de bolso de 1960, *The Empress Helena*), de Louis de Wohl, no qual o autor usou personagens históricas e fictícias para contar uma história emocionante sobre a Grã-Bretanha romana do século IV. Embora não tivesse memória de ter lido este livro, Jane Evans fê-lo claramente, pois a sua recordação de "vida passada" não só incluía Constantino, Helena, Constâncio, Allecto, Caráusio e Ósio — todas figuras

históricas — mas também Hilary, Valerius e Curio, que tinham sido inventados por de Wohl.

Parece, portanto, que no caso de Jane Evans, e possivelmente em muitas outras regressões, as memórias não tiveram origem em vidas passadas, mas nas páginas de romances históricos que ela — uma leitora ávida — tinha há muito esquecido ter lido. Ela possuía então a capacidade subconsciente de as recuperar, editar e combinar criativamente numa história na qual desempenhava um papel principal. É necessário um investigador com a tenacidade de Melvin Harris para rastrear tais relatos e eliminá-los ou confirmá-los como fonte das histórias coloridas que emergem sob hipnose.

Criptomnésia é o termo científico para o fenómeno mental de recuperar uma memória passada sem a reconhecer como algo que se viu, leu ou experienciou anteriormente. Cunhado por Théodore Flournoy durante a sua investigação da médium Hélène Smith,13 para explicar a origem das suas memórias, é uma possibilidade que deve ser seriamente considerada como explicação em todos os casos de alegada reencarnação, particularmente nas memórias recordadas por adultos sob hipnose. Além do conteúdo de livros, revistas e jornais que podem, uma vez lidos, fixar residência permanente nas nossas memórias, devemos também acrescentar os noticiários de televisão, documentários e dramas, bem como filmes de grande sucesso, que são igualmente absorvidos e guardados nas gavetas de ficheiros da nossa mente. Estes podem perfeitamente fornecer os ingredientes sobre os quais imaginações férteis podem construir histórias de vida e apresentá-las como realidade quando lhes é dada a oportunidade.

Essa foi certamente a conclusão do psiquiatra finlandês Reima Kampman,14 na Universidade de Oulu, que realizou uma série de experiências com sujeitos hipnotizados, muitos dos quais recordaram vidas passadas com grande detalhe. Fora do transe, não se lembravam de nada dessa existência anterior. Durante uma segunda sessão de hipnose, Kampman levou-os de volta a essa vida e depois perguntou-lhes onde tinham ouvido a história pela primeira vez.

Os seus sujeitos nomearam então os livros que tinham lido outrora, mas que entretanto tinham esquecido, os quais lhes tinham fornecido o enredo da vida passada. Ocorrerá aos meus leitores que Arnall Bloxham poderia ter poupado a Melvin Harris e a outros investigadores imenso

tempo se tivesse simplesmente feito aos seus sujeitos a mesma pergunta. Isso, no entanto, teria privado o público em geral e até a realeza britânica de debater as questões levantadas pelo fascinante livro de Iverson e de desfrutar do seu documentário envolvente.

A possibilidade de ocorrência de criptomnésia em casos de memórias de vidas passadas de adultos serve para sublinhar a maior importância que os investigadores dão aos casos espontâneos que envolvem crianças, particularmente as que estão a começar a falar e que tiveram, portanto, uma exposição limitada ao mundo exterior, quanto mais a obras de factos históricos ou ficção. Quanto mais cedo os investigadores conseguirem chegar até elas e às suas famílias, antes da "contaminação" das suas memórias por influências externas, maior será a probabilidade de se poderem registar provas positivas sobre as suas memórias de vidas passadas.

Capítulo 18

Onde Estão Guardadas as Memórias?

Alguns leitores recordar-se-ão da divertida canção "I Remember It Well" do musical de Lerner e Loewe, *Gigi*, interpretada pela primeira vez por Maurice Chevalier, no papel do idoso Honoré, e Hermione Gingold no papel de Mamita, que também está a envelhecer. Mais tarde, Peter Sellers e Sophia Loren tiveram um disco de sucesso com a sua versão. Talvez alguns de vós sejam demasiado jovens para a terem ouvido, e outros podem tê-la ouvido mas esquecido. Quanto a mim, lembro-me bem dela.

O que a letra nos diz — como se precisássemos de ser lembrados! — é que as memórias são notoriamente pouco fiáveis, e duas pessoas que vivenciam o mesmo evento podem recordá-lo de forma muito diferente numa data posterior. É um ponto focado por Julian Barnes na sua memória 1 *Nothing to Be Frightened Of*, na qual explora a forma como colorimos a memória com a nossa própria caixa de tintas barata e as nossas tonalidades favoritas: "Assim, lembro-me da Avó como 'pequena e opinativa'.

O meu irmão, quando consultado, pega no seu pincel e contrapropõe 'baixa e mandona'." Outro escritor inglês, Ian McEwan, fez um ponto semelhante numa discussão com o jornalista e colunista Nigel Farndale, descrevendo a estranheza de ler memórias escritas por amigos — no seu caso Christopher Hitchens, Martin Amis e Julian Barnes — que apresentam

anedotas sobre ele com as quais as suas próprias memórias diferem sempre consideravelmente.2

"Percebemos que a história pertence à pessoa que a escreve", conclui ele. Divertidamente, Farndale refere o lançamento do website do *socialite* Sir David Tang, *ICorrect*, que, nas palavras de um comentador, "dá aos ricos, poderosos e influentes uma plataforma para responderem a calúnias online". Cherie Blair, Kate Moss, Michael Caine, Stephen Fry e Jemima Khan estiveram entre os que estiveram "ocupados a corrigir" os erros de outras pessoas logo após o lançamento do website, escreveu Farndale, acrescentando: "No entanto, como sabemos que estão a dizer a verdade? E talvez de forma mais significativa, como é que eles sabem?"

Apesar da sua comprovada falta de fiabilidade, a memória desempenha um papel fundamental na maioria dos relatos de reencarnação — não apenas na afirmação do sujeito de se recordar do que aconteceu numa vida passada, mas também nas memórias que outros têm de ouvir esse testemunho pela primeira vez. Quem disse o quê, quando, e o que aconteceu a seguir?

As respostas a estas perguntas assumem um significado especial para os investigadores enquanto tentam desvendar alegações e contra-alegações em casos de aparente recordação de vidas passadas. Sabem por experiência que, uma vez que as memórias de vidas passadas de uma criança começam a desvanecer-se, como habitualmente acontece bem antes da puberdade, as afirmações dos jovens sujeitos basear-se-ão provavelmente no que se lembram de ter dito quando eram mais novos, em vez do que ainda recordam de uma existência anterior. E, como a maioria das histórias que são frequentemente repetidas, é provável que sejam exageradas ou mudem noutros aspetos durante a recontagem.

É importante, portanto, em qualquer discussão sobre reencarnação, compreender tanto quanto pudermos da mecânica da memória antes de depositarmos demasiada confiança no que alguém afirma recordar. O maior obstáculo na aceitação dos relatos de vidas passadas como memórias reais é o facto de a maioria das pessoas acreditar que as nossas memórias estão guardadas no cérebro, e por uma razão muito boa. Quando o corpo morre, morre também tudo o que lhe está associado. Fim da vida. Fim da história. Fim das memórias.

Investigadores cautelosos que investigam casos de reencarnação estão bem cientes deste estado de coisas aparente e, na sua maioria, não o desafiam frontalmente. O seu papel como cientistas é examinar o que é, afinal, um fenómeno global que exibe semelhanças impressionantes, sem prejulgar a forma como ocorre, embora esse deva ser o seu objetivo final. Sabem que, uma vez eliminadas todas as outras possibilidades, se alguns casos de recordação de vidas passadas permanecerem inexplicados, então têm provas científicas fortes da existência de uma alma indestrutível — e isso teria implicações enormes.

Por que razão vemos as memórias como estando indissociavelmente ligadas aos nossos cérebros físicos? É uma conclusão perfeitamente compreensível em vários níveis. Algumas lesões cerebrais, por exemplo, podem resultar numa perda total de memória ou numa mudança de personalidade.

Os neurocirurgiões sabem exatamente quais as partes do cérebro que controlam o nosso comportamento ou desejos e podem ajustá-los com intervenções cirúrgicas. Sabemos também que é provável que experienciemos uma deterioração na memória a curto prazo à medida que avançamos na idade, embora as nossas memórias a longo prazo sejam menos afetadas pelo processo de envelhecimento, a menos que a demência ou o Alzheimer se façam sentir. Existem exercícios mentais que supostamente atrasam o nosso declínio mental mas, perante tais evidências, parece haver pouca dúvida de que a nossa capacidade de armazenar e recuperar informação está altamente dependente da condição e idade do nosso cérebro.

Antes de descartarmos o nosso cérebro como apenas mais um órgão físico que é tão suscetível ao desgaste como qualquer outra parte do nosso corpo à medida que envelhecemos, reflitamos sobre aspetos das suas capacidades que são verdadeiramente espantosos. Estes dão pistas sobre o seu tremendo potencial e talvez ofereçam um vislumbre de algo muito mais significativo do que neurónios e redes celulares a animarem o cérebro. Desafia-nos a encontrar uma resposta para a pergunta:

Estará o nosso cérebro a fazer todo o trabalho, produzindo obras de arte e fazendo descobertas científicas excitantes, bem como armazenando e recuperando as nossas memórias, ou será apenas uma peça de *hardware* inteligente que permite ao *software* espiritual da nossa alma operar num

ambiente físico? Ao considerar essa questão, os talentos extraordinários dos sábios autistas (*autistic savants*), particularmente os seus feitos fenomenais de memória, devem ser tidos em conta. Dustin Hoffman retratou memoravelmente um tal indivíduo no filme *Rain Man*, que ganhou quatro Óscares em 1989. Foi baseado em parte na vida de Kim Peek, que era considerado um "megasavant" devido à sua incrível memória fotográfica. Acredita-se que ele conseguia recordar o conteúdo de pelo menos doze mil livros de cor. Peek nasceu com danos cerebrais, incluindo a ausência do feixe de nervos que ligam os dois hemisférios do cérebro. Pensa-se que os neurónios no seu cérebro encontraram uma forma de compensar isto fazendo ligações invulgares que aumentaram a capacidade da sua memória. O lado negativo para Peek, e para muitos outros *savants*, são as dificuldades sociais que experienciam em graus variados.

Embora cego e com deficiências graves, Derek Paravicini^3 é um pianista extraordinariamente talentoso. Nascido prematuramente, este sábio autista inglês possui graves dificuldades de aprendizagem, mas também ouvido absoluto e a capacidade de tocar uma peça musical após ouvi-la apenas uma vez — uma competência que demonstrou pela primeira vez aos dois anos de idade. Aos nove anos, deu o seu primeiro grande concerto público em Londres. No entanto, Derek não consegue contar até dez nem distinguir a esquerda da direita e necessita de supervisão 24 horas por dia. Ele é um de apenas vinte e três sábios autistas no mundo.

Matemática e sintaxe são as competências especiais de outro sábio autista inglês, Daniel Tammet,4 que detém o recorde europeu de recitação da constante matemática pi (π) até às 22.514 casas decimais, o que conseguiu em cinco horas e quatro minutos num desafio de solidariedade em 2004. Daniel também dominou a língua islandesa numa semana. A sua magia numérica baseia-se numa capacidade de ver os números como cores.

Na sua mente, cada número inteiro positivo até 10.000 tem a sua própria forma, cor, textura e sensação únicas, de modo que os resultados dos cálculos aparecem como paisagens visuais na sua mente sem esforço consciente. O especialista em *savantismo* Darold Treffert diz que a única coisa que quase todos os sábios têm em comum é uma memória prodigiosa que é "muito profunda, mas excessivamente estreita".

Nos últimos anos, descobriu-se que outras pessoas — indivíduos que parecem ser perfeitamente normais em todos os aspetos e não são

socialmente inaptos como muitos sábios — também possuem memórias espantosas. O que começou como uma investigação de cientistas do Departamento de Neurologia da Universidade da Califórnia, Irvine,5 focada nas capacidades de um único sujeito, "AJ" — "a mulher que não consegue esquecer" —, foi desde então alargado para investigar capacidades de sábio semelhantes noutras cinco pessoas, incluindo a atriz Marilu Henner,6 que interpretou o papel de Elaine O'Connor Nardo na série de sucesso *Taxi* entre 1978 e 1983.

A sua capacidade de recordar até coisas triviais que lhes aconteceram ou que ocorreram em qualquer data da sua vida adulta recebeu o nome de hipertimésia ou "memória autobiográfica superior". Depois de os investigadores publicarem um relatório sobre a sua investigação de cinco anos sobre AJ na revista *Neurocase* em 2006, esta foi identificada como a violinista da American Sinfonietta, Louise Owen. Ela explica as suas capacidades de memória com estas palavras: "Quando ouço a data, é como se o meu cérebro fosse imediatamente para uma posição num calendário e, assim que o localizo, vejo instantaneamente o que aconteceu.

Costumo descrevê-lo como uma viagem no tempo. Assim que diz essa data, estou lá instantaneamente. Sei como me senti, sei o que aconteceu nesse dia. É como se tivesse acontecido há cinco minutos, em vez de há vinte e dois anos." Os cientistas envolvidos ainda estão a explorar como isto é possível. Assumindo que se trata de um fenómeno puramente biológico, sugere que os nossos cérebros são bases de dados com a capacidade e o potencial ilimitados para registar e armazenar todas as nossas experiências. Para a maioria das pessoas, contudo, os compartimentos da memória permanecem largamente fechados, permitindo apenas vislumbres fugazes de pequenas porções deste enorme armazém de informação. Apenas um punhado de pessoas parece ter acesso universal ao conteúdo do seu banco de memória pessoal, abrindo-o e recuperando o que necessitam em segundos.

A hipnose, como já discuti longamente, parece ter a chave para desbloquear memórias passadas para algumas pessoas, e ofereço o seguinte exemplo para demonstrar não só o incrível talento latente para memorizar material a que somos expostos, mas também para o personalizar como se estivéssemos envolvidos. No capítulo anterior, referi as experiências do investigador finlandês Reima Kampman.7 Numa sessão de hipnose, uma

estudante de dezanove anos foi regressada a uma vida que aparentemente recordava como Dorothy, a filha de um estalajadeiro do século XIII.

Enquanto falava sobre essa existência, surpreendeu os presentes ao cantar "The Summer Song", não na sua língua nativa, mas numa forma antiga de inglês. Uma vez fora do transe, a estudante não tinha conhecimento da canção. Depois, numa sessão subsequente, foi-lhe pedido que voltasse ao tempo em que tinha visto as palavras e a música da canção. Ela permaneceu na sua vida atual, recuando até aos treze anos, quando se lembrou de tirar de uma prateleira da biblioteca um livro chamado *Musiikin Vaiheet*, uma versão finlandesa de *The History of Music* de Benjamin Britten e Imogen Holst. Verificou-se que este incluía a canção "Sumer is icumen in" e que as palavras estavam precisamente em inglês medieval.

Mas, por muito incríveis que sejam as nossas memórias, elas podem não estar confinadas aos nossos cérebros. Com a introdução dos transplantes de órgãos, observou-se um novo fenómeno que sugere que cada parte do nosso corpo pode "saber" sobre nós. Veja-se, por exemplo, o caso de um rapaz que gostava de escrever poesia, compor canções e tocar música, cuja vida foi tragicamente interrompida aos dezoito anos num acidente de automóvel.

Um ano após a sua morte, os seus pais encontraram uma gravação de uma canção que ele escrevera, intitulada "Danny, My Heart Is Yours" (Danny, o meu coração é teu), que contava como ele se sentia destinado a morrer e a dar o seu coração a alguém. Os seus pais tinham concordado que os seus órgãos fossem transplantados, e a recetora do seu coração foi uma rapariga de dezoito anos chamada Danielle. Quando ela conheceu os pais do dador, eles tocaram-lhe um pouco da música dele e, embora ela nunca tivesse ouvido a canção antes, foi capaz de completar as frases.

Existe agora um número considerável de casos em que o comportamento ou as preferências dos recetores de órgãos parecem mudar e alinhar-se com os do dador após o transplante. Então, o que pensam que aconteceu a uma lésbica de vinte e nove anos, viciada em comida rápida, quando recebeu o coração de uma jovem vegetariana de dezanove anos "louca por homens"? Após a operação, a recetora — que nessa fase nada sabia sobre a identidade da dadora — relatou que a carne agora a deixava enjoada e que já não se sentia atraída por mulheres. De facto, ficou noiva de um homem.

Abundam teorias para tentar explicar o que se passa aqui, e alguma forma de "memória celular" está entre as mais populares. No mínimo, sugere que a memória pode não estar confinada ao cérebro, afinal de contas. Os exemplos que acabo de citar provêm de um estudo conduzido por Paul Pearsall, Gary Schwartz e Linda Russek, intitulado "Changes in Heart Transplant Recipients that Parallel the Personalities of Their Donors" (Mudanças em recetores de transplantes cardíacos que paralelizam as personalidades dos seus dadores).8 Estudaram dez casos de transplantes de coração e de coração e pulmão, encontrando "paralelos impressionantes" em cada um.

Pearsall, psiconeuroimunologista e autor de *The Heart's Code*, entrevistou independentemente 150 recetores de órgãos, o que o levou à conclusão de que as células de tecido vivo têm a capacidade de recordar. Schwartz e Russek, coautores de *The Living Energy Universe*,9 propuseram uma hipótese de memória viva universal na qual sugerem que todos os sistemas armazenam energia dinamicamente, e esta informação continua "como um sistema vivo e em evolução após a estrutura física se ter desconstruído".

Tais teorias podem muito bem apontar-nos para uma melhor compreensão de onde as nossas memórias são armazenadas, mas são os estudos de casos individuais, creio eu, que têm o maior impacto. Gostei particularmente do relato de Paul Pearsall {10} sobre um jovem que, quando saiu da cirurgia de transplante, disse à sua mãe: "Everything is copacetic" (Está tudo impecável). A mãe ficou intrigada, pois era uma palavra que nunca o ouvira usar antes.

Ele continuou a usá-la regularmente enquanto recuperava. Só mais tarde se descobriu que era uma palavra usada entre o dador e a sua esposa como um sinal, particularmente após uma discussão, para que, quando faziam as pazes, soubessem que estava tudo em ordem. Tinham discutido precisamente antes do acidente fatal do dador e nunca tinham feito as pazes.

O investigador de reencarnação Ian Stevenson salientou que as observações de fenómenos paranormais, incluindo os casos de reencarnação, "requerem uma revisão radical dos conceitos atuais sobre a relação entre a mente e o corpo". Ele vai mais longe ao sugerir que as

nossas mentes poderiam "consistir em alguma substância não física" e conjetura que "as mentes não são cérebros, mas utilizadores de cérebros".

O seu sucessor na investigação da reencarnação na Universidade da Virgínia, Dr. Jim Tucker, coloca a questão desta forma em *Life before Life*:11 "Embora a nossa experiência quotidiana nos possa dizer que a nossa consciência começa com o nosso nascimento e termina com a nossa morte, uma alternativa razoável é que os nossos cérebros sirvam como veículos para a consciência durante as nossas vidas, e que a consciência existia antes dos nossos nascimentos e pode continuar após as nossas mortes até encontrar outro veículo num novo corpo."

Falar apenas de memórias é perder de vista um quadro muito maior, pois, como Tucker nos lembra, "alguns físicos consideram agora a consciência como uma entidade separada do cérebro e com funções importantes no universo". Ele explica: "A observação consciente, pelo menos, parece capaz de afetar o futuro e até o passado ao nível do mundo quântico microscópico." O físico de Stanford, Andrei Linde, por exemplo, diz que uma teoria consistente de tudo que ignore a consciência é inimaginável. "Podemos assumir", acrescenta Tucker, "que um componente fundamental do universo, se é isso que a consciência é, existe separadamente dos nossos pequenos cérebros aqui na Terra."

Vou dar a última palavra sobre o assunto, por agora, a Michael Levin, do Forsyth Institute na Harvard School of Dental Medicine. Numa crítica ao livro de Jim Tucker,12 ele faz uma observação interessante, após comentar que o trabalho tanto de Stevenson como de Tucker estava a dar um contributo importante para a biologia. Referindo-se à secção de "Investigação Futura" do livro de Tucker, sugere uma área potencial de investigação experimental. Acontece que existe um tipo de verme que pode regenerar (fazer crescer novamente) a sua cabeça (incluindo o cérebro, etc.) se esta for cortada. Estes vermes também podem ser treinados para realizar tarefas simples — eles têm memórias e recordam-se.

Alguns trabalhos verdadeiramente espantosos na década de 1970 (que estão agora a ser prosseguidos no nosso laboratório) mostraram que, se vermes treinados forem cortados, e se permitir que as caudas formem um novo verme (com um novo cérebro), o verme resultante recorda-se do treino original (McConnell, 1965). Este trabalho demonstra que (assumindo

que a memória está sequer no corpo) o conhecimento e a informação podem ser armazenados fora do cérebro.

Capítulo 19

Explicações Alternativas

Os investigadores que investigam alegações de vidas passadas apenas consideram a possibilidade de estas fornecerem provas de reencarnação depois de terem eliminado todas as outras possibilidades que poderiam oferecer outra fonte para as "memórias" que estão a ser recordadas. Existem, de facto, mais alternativas possíveis para tais casos do que poderíamos esperar. Dito isto, a reencarnação continua a ser a explicação mais provável para os melhores casos. Aqui estão algumas das alternativas:

Possessão Espiritual

Esta é uma explicação que apelará apenas àqueles que estão dispostos a aceitar o conceito de dualidade de que o homem consiste em corpo e alma como entidades separadas. Aqueles que oferecem esta como uma alternativa realista argumentam que em cada caso individual de aparente reencarnação, o que está na verdade a acontecer é que um espírito ligado à terra se uniu a uma pessoa e são as memórias desse espírito que estão a ser recordadas, não uma vida passada.

Como explicação generalizada para todos os casos de reencarnação, tem as suas deficiências. Por que razão, por exemplo, as memórias de uma criança desaparecem após alguns anos? Se um espírito as possui na infância, por que não continua a fazê-lo à medida que a criança amadurece? O espírito cansa-se da sua ligação após apenas alguns anos, ou o espírito em desenvolvimento da criança rejeita-o?

A teoria parece levantar tantas questões como as relativas à hipótese da reencarnação. Dito isto, existem alguns casos raros mas bem documentados que sugerem que a possessão espiritual pode ocorrer, caso em que se poderia argumentar que o mesmo fenómeno poderia estar a acontecer com crianças que parecem recordar uma vida passada. Existem, contudo, diferenças importantes.

Um dos casos mais antigos,1 ocorrido nos EUA em 1877, envolveu Mary Lurancy Vennum, que aos treze anos pareceu estar possuída por duas entidades diferentes. A primeira foi descrita como uma megera carrancuda, ao passo que a seguinte era um jovem que tinha fugido de casa. Neste ponto, parece muito um caso de perturbação de personalidade múltipla. Os seus pais foram apresentados a um hipnotizador que induziu um transe e falou com a mente "sã e feliz" de Mary, que lhe disse que "um anjo" chamado Mary Roff queria substituir os outros dois. Com efeito, Roff não só apareceu como tomou conta do corpo de Mary completamente. O espírito possuidor foi facilmente identificado: era a filha das pessoas que tinham recomendado o hipnotizador e que morrera quando tinha apenas um ano de idade. Esta possessão foi tão total que Mary Lurancy Vennum foi viver com os Roff, até que, três meses e dez dias após ter aparecido, Mary Roff desapareceu subitamente e a adolescente regressou aos seus pais naturais.

Este caso não é único. Dois casos semelhantes, mas com resultados diferentes, foram investigados no século XX — ambos na Índia.

O primeiro envolveu uma jovem mulher casada, Sumitra Singh,2 que em 1982, pouco depois do nascimento de um filho, sofrera convulsões e começou depois a falar como se fosse três outras pessoas, duas delas mulheres (uma deusa, a outra uma mulher que se tinha afogado) e a terceira um homem não identificado. Foi a deusa, Santoshi Ma, quem anunciou em 1985 que Sumitra morreria dali a três dias. Foi precisamente isso que pareceu acontecer e a sua família testemunhou que o seu corpo não teve pulso durante três quartos de hora.

Depois, enquanto começavam os preparativos para o seu funeral, ela reanimou subitamente . . . não como Sumitra, mas como Shiva, que afirmava ter sido mãe de dois filhos e que fora assassinada pelos sogros. Shiva permaneceu o resto da sua vida no corpo de Sumitra, escrevendo cartas ao seu pai natural queixando-se de que "Deus me despejou aqui" no corpo de Sumitra e numa casa suja, que comparava desfavoravelmente com a sua existência anterior.

O espírito de Shiva já morreu uma segunda vez, após a morte de Sumitra, cujo corpo ela tinha tomado. Este caso fascinante foi recentemente reinvestigado por Antonia Mills e é o tema de um longo relatório nos *Proceedings* da Society for Psychical Research.3

Uma transformação muito semelhante e notável, mas sem que aparentemente ocorresse uma morte, foi experienciada em 1974 por uma mulher solteira de trinta e dois anos, Uttara Huddar, que acordou um dia na sua casa em Nagpur, no centro-oeste da Índia, e em vez de falar marata, a sua língua nativa, começou a falar uma língua que os seus pais não conseguiam compreender. A sua personalidade também mudara e ela chamava-se a si própria Sharada. Outros reconheceram a língua que falava como bengali, que Uttara nunca tinha aprendido. Isto foi extremamente perturbador para a família, naturalmente, e também para Sharada, que não conseguia compreender por que estava subitamente num lugar diferente.

No entanto, não foi uma mudança permanente. A personalidade de Sharada "aparece" por períodos diferentes, de um dia a seis semanas, e depois Uttara volta a possuir o seu corpo. Cada personalidade, quando assume o controlo do corpo, está alheia à existência da outra. Isto pode parecer uma forma de perturbação de personalidade múltipla, mas parece que Sharada desfrutou outrora de uma existência totalmente separada, vivendo entre 1810 e 1830 e morrendo de uma picada de cobra no dedo do pé.

Além disso, forneceu aos investigadores detalhes da sua família de Bengala e eles conseguiram rastrear os seus registos genealógicos e confirmar a informação que ela deu. Por último, a sua capacidade de falar bengali — um fenómeno conhecido como xenoglossia — também pareceria excluir a possibilidade de o "intruso" ser apenas um aspeto da personalidade de Uttara. Sharada, aliás, disse que não fazia ideia de onde estivera desde a sua morte.

Se os casos Sumitra/Shiva e Uttara/Sharada são como relatados — e ambos foram investigados por investigadores de reencarnação experientes —, pareceriam oferecer variações invulgares, até únicas, sobre um tema de reencarnação em que, por qualquer razão, uma alma ou substitui outra num corpo adulto, ou assume um "arrendamento" partilhado com o proprietário original. Ambos os casos são discutidos em detalhe pela investigadora Satwant Pasricha no seu livro *Claims of Reincarnation*.4

Perceção Extrassensorial

Outra possibilidade que tem de ser seriamente considerada na interpretação das provas fornecidas por casos de aparente reencarnação é a

de que as mentes daqueles que fazem a alegação — geralmente crianças — sejam de algum modo capazes de adquirir, ou sintonizar, informação sobre a vida de uma pessoa que morreu. Por vezes referida como "super-psi", a teoria pressupõe a existência de tais capacidades superpsíquicas, as quais, tem de se reconhecer, não são reconhecidas pelos cientistas em geral, tal como a reencarnação.

Por outras palavras, limita-se a "explicar" um enigma paranormal com outro. Além disso, em quase todos os casos espontâneos, os sujeitos não mostram capacidades psíquicas, como a telepatia, portanto, por que se manifestaria apenas em relação a um indivíduo (a personalidade da vida passada) que é desconhecido do sujeito e da sua família? Esta hipótese exige que a criança reúna informação sobre o falecido através de várias pessoas vivas, por telepatia, clarividência ou alguma outra forma de deteção psíquica, e a monte numa "memória" coerente de momentos-chave na vida dessa pessoa "recordada". Alternativamente, poderia adquirir essa informação, pelos mesmos meios, diretamente da pessoa falecida, caso em que estaria a agir como um médium em contacto com um espírito. Alguns comentadores acham esta teoria atraente, mas não oferecem qualquer razão para explicar por que esta capacidade extraordinária está focada em apenas uma pessoa que era anteriormente desconhecida da família do sujeito. Por que não consegue a criança usar capacidades de super-psi para ler as mentes de parentes próximos ou amigos e ver o passado deles?

Sonhos de Anúncio

Um elemento invulgar num pequeno número de casos envolve sonhos em que uma pessoa falecida, quase sempre conhecida do sonhador, prevê o seu regresso. Por vezes, a pessoa do sonho especifica onde e de quem renascerá, dizendo algo do género: "Vou voltar para ser o teu filho." Os investigadores que encontram este elemento nos casos precisam de ter a certeza de que o sonhador não ajudou a tornar o sonho realidade encorajando a criança a acreditar que é a reencarnação da pessoa vista no sonho, seja fazendo-lhe perguntas sugestivas ou fornecendo-lhe involuntariamente informações sobre o falecido.

Dessa forma, o aparente renascimento seria simplesmente a realização de um desejo, e é compreensivelmente difícil para os investigadores falar com certeza sobre que informação pode ou não ter sido transmitida pelo sonhador (geralmente um progenitor) à criança. Os investigadores chamam

sempre a atenção para esta deficiência, mas também apontam para elementos de prova onde a criança parece recordar algo sobre a vida anterior do qual os membros da família, incluindo o sonhador, não tinham conhecimento.

Mesmo sem tais sonhos, em casos onde a reencarnação é relatada dentro de uma família, os investigadores precisam de se certificar de que as crenças dos envolvidos não foram influenciadas pelo luto e pelo desejo de ter a pessoa morta de volta à família.

Impressões Maternas

O desenvolvimento de um embrião pode ser afetado por algo que a mãe vê ou experiencia durante a gravidez. Isto é particularmente relevante em casos onde sinais de nascença e defeitos congénitos são um elemento importante.

Criptomnésia

Os capítulos que tratam de casos de regressão já exploraram esta explicação alternativa, que sugere que a nossa mente tem a capacidade de absorver e reter uma quantidade enorme de informação, muito pouca da qual conseguimos recordar em detalhe num estado normal de vigília. De facto, a criptomnésia poderia explicar um número muito elevado de casos que emergem sob hipnose.

Em casos espontâneos, é uma explicação alternativa menos viável uma vez que, geralmente, os sujeitos e as suas famílias parecem não ter sido expostos, de forma alguma, aos eventos ou detalhes que são recordados. Tem de se reconhecer, claro, que o advento dos métodos de comunicação de massa — rádio, televisão e computadores —, que estão a chegar a todos os cantos do globo e a expor novas gerações a uma riqueza de informação, pode exigir que a criptomnésia seja considerada em muito mais casos no futuro.

Registos Akáshicos

Esta é outra teoria, como a super-psi, que oferece uma explicação baseada em algo para o qual não existe, ainda, prova científica. Os Registos Akáshicos supostamente são uma base de dados etérica contendo cada pensamento e ato de toda a população do planeta. Além disso, em teoria, estes registos são mentalmente acessíveis por qualquer pessoa com a

capacidade de se “sintonizar” com eles. É um conceito interessante e amplamente aceite mas, mesmo que fosse verdade, as mesmas objeções à hipótese super-psi também devem ser levantadas para os Registos Akáshicos no que respeita a casos espontâneos. Por que teria uma criança que recorda uma vida passada acesso a “registos” relativos a apenas uma pessoa falecida? E como é que o sujeito escolheu esse indivíduo anteriormente desconhecido? Estas são perguntas que raramente são abordadas pelos defensores da hipótese dos Registos Akáshicos.

Multiverso

Também descrito como multiverso, universos paralelos ou universos quânticos, dependendo de quem propôs a teoria, estes seriam, por conjetura, outras dimensões além do nosso universo observável, cuja existência pode ser interpolada a partir da mecânica quântica. Estas ideias muito complexas parecem permitir a possibilidade de existirmos simultaneamente em diferentes dimensões e, uma vez que estas são desprovidas de tempo e espaço tal como os experienciamos na Terra, poderíamos, em teoria, interagir de alguma forma com uma dessas dimensões e adquirir a informação que se manifesta como "memórias" de vidas passadas.

Não só esta é uma teoria que está além da compreensão da maioria das pessoas (e o meu resumo pode bem tê-la simplificado em demasia), como é também muito menos significativa como explicação do que a interpretação simples e direta da reencarnação.

Fraude

Por último, mas certamente não menos importante, existe a possibilidade muito real de que, nalguns dos casos relatados de renascimento, a fraude seja a explicação mais provável. Uma família pobre que recebe a alma de um indivíduo cuja vida passada foi abastada teria muito a ganhar ao estabelecer contacto com essa família anterior. Seriam dados presentes e talvez a educação da criança fosse paga. Existem, sem dúvida, casos genuínos que refletem esta situação. Foi, no entanto, observado que o número de casos em que uma alma parece ser

"despromovida" de uma vida para a seguinte parece ser maior do que os que envolvem "promoção" — particularmente no sistema de castas da Índia — e isso levantou suspeitas entre os céticos.

Uma família necessitada e sem escrúpulos poderia, teoricamente, informar-se sobre um indivíduo falecido recentemente, recolher dados sobre essa pessoa e depois, quando nascesse outra criança na família, esse filho ou filha seria treinado para recitar a informação. Contudo, apesar das possíveis tentações, isto parece ser uma ocorrência rara: a investigadora indiana Satwant Pasricha oferece apenas um caso possível e faz referência a outro no seu livro.5 Por outro lado, nalgumas culturas, longe de encorajarem as crianças a falar sobre vidas passadas, os pais dissuadem ativamente os seus descendentes de o fazerem, chegando ao ponto de os espancar.

Todas estas possíveis explicações alternativas precisam de ser tidas em conta ao começarmos a examinar os melhores casos de reencarnação que foram investigados.

Parte Quatro:

Implicações

Capítulo 20:

As Melhores Provas de Renascimento

Não faltam estudos de caso impressionantes que sugerem que a reencarnação é um facto, mas apresentar as provas de apenas um caso na íntegra e avaliá-lo adequadamente exigiria muito mais páginas do que as que tenho à minha disposição. Além disso, tais casos já se encontram escritos com grande detalhe e publicados em relatórios extensos numa variedade de revistas académicas, muitas disponíveis online, bem como nos próprios livros dos investigadores.

Por essa razão, a seguinte coleção de alguns dos casos que particularmente me impressionam contém apenas relatos breves, com exceção dos dois primeiros, que provêm das minhas próprias notas e

entrevistas conduzidas durante a realização de um documentário de televisão. As notas de rodapé de cada um dos outros guiarão aqueles que desejem ler mais sobre eles para fontes que aprofundam muito mais os detalhes.

Agrupei-os sob títulos que destacam características ou temas comuns, embora reconheça que alguns casos são tão ricos em conteúdo que poderiam confortavelmente ocupar duas ou mais categorias. Finalmente, antes de abrir o livro de casos, preciso de fazer a observação de que nenhum investigador de reencarnação descobriu ainda um caso que forneça 100% de prova de que um sujeito renasceu.

Talvez nunca o consigam. Mas alguns investigadores, como verão, parecem chegar muito perto, ao ponto em que o rigor científico exige que permaneçam firmemente em cima do muro, mas, privadamente, estão convencidos de que a reencarnação é a única explicação que faz sentido perante os dados recolhidos.

Vítimas de Conflito

As mortes violentas figuram com destaque nos casos de reencarnação. O valor global é de 51%, variando entre a taxa mais baixa de 29% entre o povo Haida do noroeste da América do Norte até uns espantosos 74% na Turquia (Stevenson, 1997a, Vol. 2). Estas incidências excedem em muito as de morte violenta nas populações gerais desses países. Será isto porque o trauma de uma morte violenta faz com que esta seja recordada numa vida futura? Ou será porque a vida foi interrompida que a alma teve de renascer?

Durante as minhas visitas ao Líbano, era inevitável que encontrasse casos que tinham as suas raízes em vidas passadas nos vários conflitos sangrentos que afligiram aquele país ao longo das últimas quatro décadas. Dois impressionaram-me particularmente. O primeiro está encapsulado numa fotografia que tirei a um homem idoso, usando um *tarbush* (fez) druso branco e ostentando uma longa barba branca, com uma menina bonita sentada no braço da sua cadeira, com a mão pousada carinhosamente no seu braço.

Se pedisse a alguém para escrever uma legenda para esta imagem, o mais provável seria sugerirem que mostra uma neta a visitar o seu avô. A verdade é assustadoramente diferente. Ambas as famílias acreditam que a minha fotografia mostra Ajaj Eid e a sua esposa Safa (agora renascida

como Haneen Al-Arum, filha de um motorista de autocarro). A vida de Safa chegara a um fim abrupto em 17 de janeiro de 1984, quando os canhões de dezasseis polegadas do couraçado americano *New Jersey* começaram a bombardear as posições drusas nas montanhas Chouf, acima de Beirute.

A muito amada mãe de cinco filhos, uma professora que ensinava Árabe, seguiu o marido para fora de casa para o avisar para ter cuidado, depois de ele ter ido ajudar um vizinho cujas cortinas se tinham incendiado após uma explosão. Ainda capaz de recordar esse dia, Haneen — que tinha onze anos quando a conheci no local onde a vida de Safa terminou — contou-me o que aconteceu a seguir. "Houve mais bombardeamentos e um pedaço de estilhaço atingiu o meu pescoço e eu morri."

Assim que conseguiu falar após o seu renascimento como Haneen, três anos mais tarde, começou a chamar pelo seu filho, Riad. Disse aos pais: "Eu sou a Safa", acrescentando que era de Bchamoun e da família Eid. Numa cultura que aceita a reencarnação, muitos vão em busca de membros da família que possam ter renascido, e Shahira, uma das filhas de Safa Eid, não foi exceção. Soube de três raparigas que poderiam ser a reencarnação da sua mãe, uma das quais era Haneen.

Quando se encontraram e ela perguntou à menina: "Reconheces-me?", Haneen respondeu: "Tu és a Shahira, minha filha", e abraçaram-se e beijaram-se. Vi por mim mesmo quão próxima Haneen era de todos os membros da família quando a acompanhei à casa dos Eid. Quando foi levada lá pela primeira vez de carro, soube que Haneen apontara imediatamente para a casa onde as cortinas se tinham incendiado, mal saiu do carro.

Shahira, ainda testando Haneen para ter a certeza de que ela era a reencarnação da sua mãe, começou a subir umas escadas como se fosse para a casa da família, mas a menina corrigiu-a, apontando antes para baixo, no sentido da colina. Shahira mudou de direção e entrou no primeiro portão. "Esta não é a nossa casa", protestou Haneen. Quando chegaram à casa certa, ela comentou que a frente tinha mudado. Isto estava absolutamente correto porque, no mesmo bombardeamento que lhe tirara a vida, a casa fora danificada, e o seu filho Riad decidira reposicionar os degraus quando esta foi reconstruída. À porta da frente, Shahira tocou a campainha e uma mulher atendeu. "Esta é a Layla, mulher do Riad",

anunciou Haneen. Correto, novamente, tal como foi a sua identificação de Riad, que estava sentado lá dentro com um amigo, e a sua observação de que o marido, Ajaj, tinha agora barba — ele não a deixara crescer quando ela era a Safa. Riad pediu a Haneen para descrever a disposição da casa, o que ela fez a seu contento, e depois, quando ele a levou a percorrer o espaço, ela parou junto a um armário de exposição e comentou que tinha escondido dinheiro no compartimento inferior para a Layla.

Ficou claramente dececionada ao ver que já lá não estava. De facto, Layla confirmou a Riad que o tinha encontrado e retirado. Layla também tinha uma pergunta de teste para Haneen: "É aí que guardavas o teu ouro?", perguntou, referindo-se ao compartimento. "Nunca tive ouro", respondeu Haneen. Safa e Ajaj eram xeques drusos e, como pessoas religiosas, não possuíam joias.1

Havia algo na aparência do jovem rapaz que é o tema do meu próximo caso libanês que justificava plenamente a descrição de "alma velha num corpo jovem". Conhecemos Rabih Abu Dyab, de doze anos, na sua escola, onde ele falou sobre as suas memórias de ter sido um famoso futebolista e cantor pop libanês, Saad Halawi. Ele morrera quando entrou num edifício em Beirute que era também um depósito de munições e ocorreu uma explosão.

Rabih começou a falar da sua vida anterior aos três anos e meio, mas, como a sua personalidade de vida passada era alguém famoso, os céticos sugerirão que ele aprendeu sobre Saad por meios normais. Quando visitei a sua casa e conheci os seus pais, eles garantiram-me que o filho não tinha sido exposto a histórias de revistas ou reportagens de televisão sobre Halawi antes de começar a falar da sua vida anterior, porque nessa altura viviam na Arábia Saudita e não recebiam revistas libanesas. Por outro lado, a sua mãe, Raabi'i, garantiu-me que estava muito familiarizada com o futebolista e a sua carreira de cantor. "Sim, claro, todos os libaneses, há muito tempo, o conheciam. Costumávamos ouvi-lo muito.

Antes de o Rabih nascer, ele tinha uma canção bonita, 'Minha mãe, como poderia esquecer-te?', que era muito famosa." Havia, contudo, muito mais em Saad Halawi do que futebol e canto. Rabih disse-me que cerca de seis meses antes de ele (como Halawi) ter sido morto, tornara-se um xeque druso e retirara todos os seus discos das lojas.

Segundo Raabi'i Abu Dyab, o seu filho tinha apenas quatro anos quando conheceu pela primeira vez um membro da família de Saad Halawi. "Tínhamos ido à casa de Hassan Hamad Halawi [primo de Saad], mas não o encontrámos. Ele soube que tínhamos visitado e veio aqui à nossa casa com um amigo. O Rabih reconheceu-o e concordou em ir dar um passeio com eles. Estiveram fora durante duas horas, tempo durante o qual ele fez muitas perguntas ao Rabih. Quando ele voltou para casa, estava 100% convencido de que o Rabih era o Saad, porque ele se lembrava de tudo.

E então o Rabih disse algo ao Hassan; perguntou: 'Onde está o Abu Randour?'. Era um nome que o Saad Halawi usava para o seu irmão Suhare quando iam jogar futebol — nem toda a gente o sabe. Quando ouviu isso, o Hassan começou a chorar e disse: 'Ok, não há dúvida'." Teria sido melhor ouvir o testemunho diretamente de Hassan, mas ele não estava disponível durante a nossa visita por razões relacionadas com o seu trabalho, foi-nos dito. No entanto, conheci Suhare ("Abu Randour"), que veio ao meu hotel em Beirute, trazendo consigo um álbum de fotografias e recortes de jornais sobre o irmão. Ele estava claramente ainda a sofrer com a sua perda. Suhare disse-me que tinha conhecido Rabih e estava satisfeito por ele ser a reencarnação de Saad, mas tinha dificuldade em aceitar o facto de o seu irmão estar agora num corpo diferente . . . o de um rapaz jovem.

O melhor amigo de Saad, Ghassan Abu Dyab, que em 1997 era o treinador da equipa de futebol libanesa, estava igualmente convencido, embora tivesse decidido não deixar desenvolver uma relação entre ele e Rabih porque isso o afetava demasiado. "Quando vi o Rabih pela primeira vez e o convidei para minha casa, senti que este era o Saad Halawi", testemunhou perante a câmara, com a voz embargada pela emoção, "porque ele tinha profundidade de visão e no seu olhar, para a idade dele, senti que era ele.

Especialmente depois de ele me ter feito ouvir alguns dos poemas que estava a escrever e uma canção que tinha escrito para a equipa de futebol Safa." O documentário de televisão que eu estava a realizar no Líbano terminou com um primeiro encontro entre Rabih e a irmã de Saad Halawi, Samar Nassereddin, de quem o rapaz falava frequentemente. Não lhe foi dito quem iria conhecer ao entrar na biblioteca da escola, mas não teria sido difícil para ele deduzir a identidade da estranha a quem estava a ser apresentado, enquanto a câmara filmava o encontro.

Samar deu-lhe pistas suficientes e Rabih acabou por observar: "Há uma semelhança incrivelmente forte entre ti e a minha irmã." Ela respondeu afetuosamente e pediu-se então à equipa de filmagem que saísse para que pudessem ter uma conversa privada. Depois, ela confirmou perante a câmara que aceitava Rabih como o seu famoso irmão, renascido, antes de se afastar de braço dado com ele.2

Escavando o Passado

Foi outra produtora de televisão que fez voar o numismata Jim Bethe dos EUA para ser filmado num parque galês à procura do tesouro que ele dizia ter enterrado ali numa vida anterior. A produtora tinha lido um relatório que eu publicara sobre as memórias de vidas passadas de Bethe e decidiu ir mais longe. Conseguiu até permissão da autoridade local para fazer algumas escavações. Jim falava de uma vida passada desde os quatro anos de idade e, particularmente, de uma arca de joias enterrada.

Sob hipnose em 1988, afirmou ter sido um soldado britânico, Jonathan Seaman, nascido no final dos anos 1700, que fora cartógrafo no Exército do Rei. Enquanto destacado na Índia, adquirira um pequeno cofre de joias que trouxera de volta para Inglaterra e escondera, juntamente com outras duas caixas de valores, numa pocilga em Swansea, no sudoeste do País de Gales, que dava para uma gruta. Mencionou também que o tesouro estaria dentro de água. Encontrar o local exato ia ser difícil, por isso o produtor de televisão providenciou a ajuda da radiestesista Elizabeth Sullivan.

Entre os dois, Bethe e Sullivan identificaram um ponto e a escavação começou num dia frio de inverno no final de 1994, enquanto um pequeno grupo de nós observava. Eu não esperava que nada fosse encontrado enquanto a equipa escavava entre as raízes das árvores com pás, num bosque ao lado de um campo aberto. Mas, para espanto de todos, foi descoberto um "chão" de betão, embora claramente de origem moderna. Foi necessária uma escavadora mecânica para escavar mais fundo, revelando alvenaria muito mais antiga e, por baixo desta, um túnel e água.

A busca teve de ser abandonada por razões de segurança, embora a produtora de televisão tenha anunciado a intenção de envolver outros especialistas e escavar ainda mais fundo. Desde então, nada mais se soube. Talvez tenham encontrado as joias!3

Uma descrição gráfica de uma batalha da guerra civil que grassou em torno de um castelo nas margens do Loch Martenham, na Escócia, foi dada por Peter Hulme durante uma regressão hipnótica conduzida pelo seu irmão Bob. Os historiadores nada sabiam de uma batalha naquela vizinhança e os habitantes locais nem sequer tinham conhecimento de que ali existira um castelo, até que Peter e Bob, juntamente com outro irmão, Carl, fizeram a sua própria investigação e encontraram um mapa do século XVII mostrando um castelo, cujas ruínas conseguiram localizar e pôr a descoberto.

Detetores de metais também produziram sinais fortes para objetos nas águas rasas do loch, os quais suspeitavam ser balas de canhão, mas não tinham o equipamento adequado para as recuperar. As memórias de vida passada de Peter, de quando era John Rafael servindo sob o comando de um Capitão Leverett, também levaram os irmãos a uma "ravina seca" na Escócia que ele dizia ter sido um acampamento para quinhentos homens em 1646.

Apesar de não existirem registos que confirmassem que o local alguma vez fora usado para tal fim, os detetores de metais recuperaram um espólio que incluía balas de mosquete e relíquias típicas de um acampamento da guerra civil. Embora não tivessem conseguido confirmar a existência de Rafael, tiveram sucesso com o seu oficial comandante, o Capitão Leverett, de quem ele se lembrava como sendo alto, loiro e falando com sotaque americano. A investigação nos Arquivos de Guerra de Londres mostra que ele estivera sediado em Nottingham, mas que era originário de Massachusetts. Acabou por regressar aos EUA e tornou-se governador desse estado.4

Ram Dayal Sharma, uma personagem algo desagradável e pequeno ladrão, matou-se acidentalmente com um tiro enquanto limpava uma arma no norte da Índia, mas renasceu aparentemente como Naripender Singh na mesma aldeia, a apenas duzentas jardas de onde outrora vivera. As duas famílias conheciam-se, mas não eram amigas. Quando teve idade para falar, diz-se que Naripender reconheceu a viúva de Ram, Javitri; o seu tio Niranjan Lal; e um amigo, Chhajju Singh, que fora cúmplice nos seus crimes. Eles aceitaram Naripender como Ram renascido devido ao conhecimento de natureza pessoal que ele lhes transmitiu, e ele visitava-os frequentemente.

Chegou mesmo a contar à viúva de Ram Dayal sobre um tesouro que tinha enterrado na casa e discutiu com Chhajju o saque que tinham feito num assalto quarenta anos antes. Naripender nasceu poucos dias após a morte de Ram Dayal e tinha sinais de nascença que pareciam coincidir com um ferimento infligido anteriormente nessa vida, bem como o ferimento de bala no peito.

Este foi um de dez casos (de um total de quarenta e cinco, todos com sinais de nascença ou defeitos congénitos) em quatro estados do norte da Índia, investigados pela psicóloga clínica Dra. Satwant Pasricha, sob os auspícios do Instituto Nacional de Saúde Mental e Neurociências em Bangalore, a maioria em colaboração com a Universidade da Virgínia, EUA.5

Numa palestra na Society for Psychical Research em Londres, o seu antigo secretário honorário e membro do seu comité de hipnose, Dr. Hugh Pincott, falou de uma sessão de regressão na qual esteve envolvido. Uma jovem mulher recordou aparentemente uma vida quatro séculos antes numa casa que descreveu detalhadamente, dizendo que uma das divisões tinha sido convertida em capela. Ele conseguiu localizá-la no condado de Hampshire. Juntamente com um colega, Pincott visitou a casa, onde o seu atual proprietário lhes disse saber que o atual jardim de inverno fora outrora uma capela. "O que ele não sabia", acrescentou Pincott, "e que nós pudemos apontar, era a presença de um armário escondido atrás de um painel. Sabendo onde podia ser aberto, fizemo-lo na presença do proprietário. Continha as escrituras da casa, guardadas ali há quase quatrocentos anos, e sobre as quais a rapariga nos tinha falado na gravação."6

Helen Pickering foi uma de quatro donas de casa de Sydney aparentemente regressadas a vidas passadas pelo psicólogo australiano Peter Ramster para um documentário de televisão de 1983 muito probatório. Nenhuma das mulheres alguma vez saíra da Austrália, contudo recordavam vidas na Europa Ocidental nos séculos XVIII e XIX. Pickering, por exemplo, recordava uma vida em Aberdeen, na Escócia, onde era um homem, James Archibald Burns, nascido em 1807.

Ela produziu mesmo um desenho, enquanto em transe, da Faculdade de Medicina Marshall da cidade tal como era no tempo de Burns, quando ele ali era professor. Mudou significativamente desde então. Pickering

voou para a Escócia e foi filmada a visitar a faculdade, onde a exatidão do seu desenho foi confirmada pelo historiador local David Gordon, o único homem que possuía essa informação, por ter colecionado todos os planos e desenhos desde os tempos mais remotos da faculdade.

Ele expressou dúvidas sobre apenas um detalhe: a existência anterior de uma porta, mostrada no desenho de Pickering, onde agora existia apenas uma parede. Após a sua visita, contudo, foram localizados planos adicionais da faculdade e "Burns" provou ter razão. Existira outrora uma porta exatamente como fora desenhada.7

Aqueles que obtinham leituras de vida de Edgar Cayce, o famoso "Profeta Adormecido" de Virginia Beach, invariavelmente queriam saber quem tinham sido numa vida passada. Cayce, em transe, geralmente satisfazia o pedido com um nome e material suficiente para tornar possível confirmar a existência, ou não, da pessoa da vida passada identificada. Poucos, ao que parece, registaram os resultados. Assim, no final dos anos 90, a Fundação Edgar Cayce patrocinou um grande projeto de investigação, liderado pela antropóloga Dra. Rosalie Horstman Haines, para procurar confirmação de dados históricos nas duas mil leituras de vida que ele deu.

Quando visitei a sede da fundação Cayce e conheci a Dra. Haines em 1999, ela revelou que tinham confirmado até então a existência de uma vida passada. A um músico que consultou Cayce foi dito que ele fora B. A. Seay, indicando que registos desta pessoa poderiam ser encontrados "entre os de uma ordem maçónica nas porções ocidentais do Kentucky". Questionado para ser específico sobre o local e o número da Loja Maçónica, Cayce em transe respondeu dizendo que estavam "na Loja Maçónica de Beverley.

O último dos secretários destas, como descobrimos, foi John T. Stigger. O atual, N. A. Booker, numa rota rural entre Hopkinsville e Clarksville". Questionado sobre onde poderiam ser encontrados registos de B. A. Seay na Virgínia, Cayce respondeu: "Nos registos do Condado de Henrico". Os investigadores da fundação estabeleceram desde então que Bernard A. Seay, com filiação na Loja Maçónica no Kentucky como indicado, existiu realmente e foi capturado enquanto transportava as cores da 14ª Virgínia em Gettysburg.8

Embora escrito sob a forma de romance, o cativante *Under the Inquisition*, da terapeuta de vidas passadas Linda Tarazi, torna os seus leitores muito conscientes do facto de se basear inteiramente em transcrições de sessões de regressão com uma mulher que forneceu uma quantidade impressionante de informações fascinantes, mas frequentemente obscuras. Na verdade, Tarazi escreveu um relato do caso para o *Journal of the American Society for Psychical Research* (outubro de 1990), sete anos antes de este ser publicado em livro.

Tarazi levou três anos a investigar as provas produzidas sob hipnose, incluindo um ano passado em Espanha a vasculhar arquivos, para estabelecer a exatidão daquilo de que a sua paciente, uma dona de casa de Chicago a quem é dado o pseudónimo Laurel Dilmen, se recordava acerca da sua suposta vida no século XVI como Antonia Michaela Maria Ruiz de Prado. Essa vida começou em 1555 na ilha de Hispaniola, mas foi vivida sobretudo na cidade espanhola de Cuenca, no centro-sul do país, terminando com um afogamento ao largo de uma ilha das Caraíbas não identificada.

O que emergiu sob hipnose foi "uma vida excitante e romântica, cheia de aventuras eróticas tão emocionantes como qualquer romance histórico do cinema, da televisão ou da literatura", escreveu Tarazi. "De início, na verdade, a sua história levou-me a acreditar que era a criação fictícia de uma imaginação fértil."

Bem consciente da possibilidade de criptomnésia, Tarazi perguntou a Dilmen, enquanto esta se encontrava sob hipnose, mas não na vida de "Antonia", que procurasse na sua memória e lhe dissesse os nomes de todos os livros de História que tinha lido fora do contexto escolar. A hipnoterapeuta verificou todos eles, confirmando que nenhum continha os factos pertinentes e obscuros que surgiram nas recordações da vida passada de Antonia. A subsequente busca de três anos para corroborar ou refutar bastante mais de uma centena de factos levou Tarazi a duas dezenas de bibliotecas e universidades, viajando por Espanha, Norte de África e Caraíbas, bem como a trocar correspondência com historiadores e arquivistas para verificar a informação. Também verificou filmes americanos e britânicos, bem como programas especiais de televisão, para ver se algum deles poderia ter servido de fonte para os extraordinários detalhes fornecidos por "Antonia". Não encontrou nada.

Nessa vida passada, Antonia falava espanhol, latim e alemão, mas era incapaz de conversar nessas línguas sob hipnose. Contudo, "pronunciava muito bem os nomes, recitava em latim as orações exigidas pela Inquisição, referia-se a métodos especiais de fazer o sinal da cruz — o *signo* e o *santiguado* — desconhecidos da maioria dos sacerdotes hispanófonos de hoje, e compôs palavras e música para uma canção em latim e música para o *Pater Noster* latino, ambos registados enquanto os cantava."

Além disso, várias peças vitais de informação apenas podiam ser encontradas em antigos livros espanhóis, algumas apenas nos arquivos municipais e outras apenas nos arquivos diocesanos de Cuenca. No entanto, Dilmen "não tem ascendência espanhola, nunca esteve em Espanha e não possui familiaridade com a língua". Um a um, Tarazi conseguiu confirmar a existência de todas as pessoas nomeadas por Dilmen, incluindo o seu amante do século XVI, o Dr. Francisco de Arganda.

Ainda assim, até ao momento, não existe prova de que a personagem principal, a heroína do romance Antonia Michaela Maria Ruiz de Prado, que aparentemente reencarnou como Laurel Dilmen, tenha realmente existido.[9]

Já Estive Aqui Antes

Memórias de um enorme edifício escavado em pedra rosa e negra assombravam o jovem James Arthur Flowerdew, começando com um sonho vívido aos doze anos de idade. Mas quando perguntou ao pai onde ficava esse lugar — presumindo tratar-se de um sítio onde teria estado quando muito mais novo — foi repreendido por fantasiar. De forma invulgar, esses sonhos de uma grande cidade rodeada de deserto, juntamente com flashes espontâneos de memória, tornaram-se mais fortes na idade adulta, sobretudo quando via estruturas semelhantes.

Acabou por reconhecer o lugar ao ver um documentário da BBC sobre Petra, a capital jordaniana dos Nabateus, cujo edifício do tesouro é um majestoso exemplo de arquitetura escavada na rocha. Nessa altura, já um empresário bem-sucedido, proprietário de uma garagem em Norfolk, Inglaterra, Flowerdew estava convencido de que via vislumbres de uma vida anterior em que fora um soldado morto por uma lança perto do templo. Contactou a BBC acerca das suas estranhas memórias e foi convidado a falar sobre elas na televisão.

A notícia acabou por chegar ao governo jordaniano, que convidou Flowerdew e uma equipa de filmagem da BBC a visitar Petra, cidade que remonta ao século VI a.C. e existiu até ser tomada pelos Romanos em 105 d.C. Antes de fazer a viagem, foi apresentado a um arqueólogo de renome mundial, que ficou espantado com as descrições de Flowerdew sobre aspetos da cidade desconhecidos da maioria das pessoas. Chegou mesmo a explicar a finalidade de uma estrutura curiosa que intrigava os especialistas: tratava-se de uma guarita onde ele tinha sido soldado dois mil anos antes.

Quando voou para Petra em agosto de 1978 com, entre outros, o Professor Iain Browning, uma das maiores autoridades mundiais sobre a cidade, perguntaram-lhe como encontraria o local. "Olhando para leste da área rochosa, a cerca de 180 milhas de Amã e já bem dentro do deserto", respondeu, "devemos procurar uma grande rocha que parece um vulcão com o topo cortado. Petra fica logo além."

E estava absolutamente certo. Conduziu o grupo até à cidade através da estreita entrada do Siq sem dificuldade, demonstrando um conhecimento íntimo dos edifios da cidade e da sua função, com apenas uma exceção. "Não me lembro nada disso", disse, apontando para o magnífico anfiteatro. "Não poderia", responderam-lhe. "Foi construído pelos Romanos muito depois de ter morrido." Os arqueólogos estavam intrigados com fila após fila de nichos cavados na parede exterior da sua antiga guarita.

Tratava-se, explicou Flowerdew, do "Gabinete da Escala de Serviço", e os nichos estavam organizados em três secções perpendiculares representando "De serviço na Cidade", "Fora de serviço" e "De serviço fora da Cidade". Cada um dos sessenta a setenta oficiais possuía uma tabuleta de pedra com formato diferente, colocada na cavidade apropriada, permitindo ao oficial comandante acompanhar os seus homens.

"Ele forneceu detalhes, e muito do que disse é bastante consistente com os factos arqueológicos e históricos conhecidos", declarou o especialista aos telespetadores da BBC, "e seria necessária uma mente muito diferente da dele para sustentar uma construção enganosa à escala das suas memórias — pelo menos das que me relatou."[10]

Outro inglês, Peter Avery, um reputado estudioso da cultura persa e tradutor de Omar Khayyam, experienciou duas vezes o fenómeno do *déjà*

vu, o que lhe valeu um capítulo no livro de Ian Stevenson sobre casos europeus sugestivos de reencarnação. Avery contou que, quando fez a sua primeira visita à cidade iraniana de Isfahan, em 1950, descobriu que sabia orientar-se por uma espécie de instinto. Nunca tinha visto um mapa da cidade nem lido um guia turístico. Na Madraça medieval sentiu um forte sentimento de "conhecer intimamente o lugar; de regressar, por assim dizer, a casa, onde outrora estivera 'em casa'". Estava aberto à possibilidade de essas memórias serem de uma vida passada ou herdadas, uma vez que um dos seus antepassados diretos fora o célebre pirata do século XVII, Capitão Henry Avery, que atacava embarcações no oceano Índico.[11]

Assuntos Inacabados

Entre aqueles que sentem ter renascido para completar uma tarefa, ou reparar coisas deixadas por fazer numa vida anterior, o caso de Jenny Cockell é inesquecível. Desde muito cedo, recordava uma vida na República da Irlanda como Mary Sutton, num lugar que conseguiu identificar num mapa: Malahide. A sua última memória dessa vida era estar deitada numa cama, num grande quarto que não era a sua casa, sabendo que estava prestes a morrer e receando pelo bem-estar dos filhos que deixava para trás.

Lentamente, a partir de memórias que continuavam a emergir, construiu uma narrativa coerente de uma mulher cujo marido, John, tinha uma inclinação para o álcool que o levava a ser violento com ela. Tinha dado à luz oito filhos, morrendo apenas um mês depois do nascimento da última criança, Elizabeth. Com tantos descendentes, era evidente que John Sutton não seria capaz de os criar sozinho, daí as preocupações de Mary ao morrer terem transbordado para esta vida como Jenny Cockell.

De facto, após a sua morte, o marido providenciou para que as crianças fossem acolhidas por outras pessoas, com exceção de Sonny, o filho mais velho, que manteve consigo — e Sonny acabaria por sair de casa por iniciativa própria. O emocionante culminar da persistente investigação de Jenny para confirmar a exatidão das suas próprias memórias de vidas passadas, auxiliada por investigações independentes, ocorreu quando conseguiu também reunir novamente a família da sua vida anterior. A maioria deles não tinha contacto entre si desde a infância.

O reencontro foi filmado por uma equipa televisiva, em Malahide, coincidindo com a publicação do livro de Cockell sobre as suas duas vidas, *Yesterday's Children* (1993). Na altura, apareci em vários programas televisivos com Jenny e Sonny, e foi decididamente estranho ouvir um homem idoso ser referido por uma mulher de meia-idade como "o meu filho", e vê-lo olhar para ela com carinho e descrevê-la como "a minha mãe".[12]

Conhecimento Especial

Se as crianças podem transportar memórias de uma vida para outra, e quanto às aptidões e talentos especiais? Existem muitos exemplos em que isso parece ser o caso, embora tenhamos de reconhecer que essas capacidades inatas também podem dever-se à memória genética ou a outras causas normais. O caso de Purnima Ekanayake não é tão facilmente descartado.

Entre os três e os seis anos, a rapariga cingalesa falava frequentemente sobre uma vida em que fora um homem cuja família fabricava incenso Ambiga e Geta Pichcha. Tinha sido casado com uma cunhada, Kusumi, e a mãe chamava-se Simona. Purnima sabia até o nome da escola da sua vida passada: Rahula. Essa vida terminara num acidente de trânsito quando o homem vendia incenso de bicicleta.

Os pais — ele diretor de uma escola secundária e ela professora — racionalizaram as afirmações da filha depois de não conseguirem encontrar à venda, na sua cidade de Bakamuna, as marcas de incenso que ela mencionava. Decidiram que ela ouvira o nome Ambiga num anúncio televisivo de joalharia e que Geta Pichcha era uma variedade de jasmim cultivada no seu próprio jardim. A atitude deles começou, contudo, a mudar quando levaram Purnima (que ainda não tinha idade para frequentar a escola) com eles e um grupo de alunos ao famoso templo de Kelaniya, perto de Colombo, a 145 milhas da sua terra natal. À chegada, disse aos pais que tinha vivido do outro lado do rio Kelaniya.

Como um novo professor na escola do pai, W. G. Sumanasiri, era recém-licenciado da Universidade de Kelaniya, concordou em investigar o caso. Descobriu três famílias que fabricavam incenso na área, e uma delas, de apelido Wijisiri, produzia marcas chamadas Ambiga e Geta Pichcha.

Chegara o momento de chamar um especialista. A maior parte da investigação de Erlendur Haraldsson sobre vidas passadas foi realizada no Sri Lanka e, entre setembro de 1996 e março de 1999, efetuou cinco visitas para aprofundar o caso. O atual proprietário da empresa de fabrico de incenso era L. A. Wijisiri, cujo cunhado e associado, Jinadasa Perera, morrera num acidente com um autocarro em setembro de 1985 enquanto levava incenso para o mercado.

Entre as afirmações feitas por Purnima estava a de que, nessa vida passada, ela (como Jinadasa) tivera duas esposas, o que se revelou correto, bem como o nome do lugar onde morrera. Reconheceu também várias pessoas dessa vida quando ela e a sua família visitaram a sua antiga casa e sabia até como o incenso era fabricado (conhecimento que nem os seus pais possuíam), indicando corretamente qual dos dois métodos possíveis era utilizado pela família Wijisiri. Purnima tinha igualmente marcas de nascença no corpo que, quando conheceu a família Wijisiri, atribuiu aos ferimentos sofridos no acidente que lhe tirara a vida.[13]

Mortes Violentas

Tal como muitos jovens que possuem fortes memórias de uma vida anterior, Nazih Al-Danaf insistia, desde muito cedo, para que os pais o levassem à sua antiga família. Eles, bem como as suas seis irmãs e um irmão, estavam habituados a ouvi-lo falar de uma vida em que transportava armas e granadas de mão e possuía um carro vermelho. Queria ir lá ver os filhos e recuperar as armas. Resistiram aos seus pedidos até ao início de 1998, quando ele tinha seis anos, e então levaram-no de carro até Qaberchamoun, onde dizia ter vivido na sua existência anterior.

Ao chegarem a um cruzamento onde convergiam seis estradas, Nazih indicou ao pai qual devia seguir, explicando que em breve chegariam a uma estrada que bifurcava para cima, acrescentando: “A minha casa é ali.” Estacionaram junto da primeira estrada bifurcada e, enquanto Nazih e o pai subiam a íngreme inclinação à procura da antiga casa, a mãe, o irmão e duas irmãs permaneceram junto do carro. Decidiram falar com um homem que estava a lavar o automóvel nas proximidades e, em resposta à sua pergunta, a mãe de Nazih explicou que o filho parecia recordar uma vida passada naquela zona. Kamal Khaddage retoma a narrativa:

"Perguntaram-me se eu conhecia alguém que tivesse sido baleado; não sabiam o nome, mas ele transportava pistolas, granadas de mão e tinha um carro vermelho." Ficou surpreendido, pois o rapaz parecia descrever o seu pai, Fuad Khaddage, que morrera alguns anos antes. Chamou a mãe, Najdiyah, que trabalhava num campo, e, quando ela chegou, Nazih e o pai regressaram da busca. Kamal disse à mãe que Nazih afirmava ser o marido dela reencarnado. Quando o pai lhe perguntou se Najdiyah tinha sido sua esposa, o rapaz de seis anos limitou-se a observá-la de alto a baixo e depois sorriu. Najdiyah decidiu então pô-lo à prova. "Quem construiu os alicerces deste portão à entrada desta casa?", perguntou. "Um homem da família Faraj", respondeu Nazih corretamente. Dentro da casa, dirigiu-se sozinho a um quarto e apontou para um armário, indicando primeiro o lado direito, dizendo: "Era aqui que eu guardava a minha pistola", e depois, no lado esquerdo: "Era aqui que eu guardava as minhas armas", usando uma palavra árabe que significa armas não especificadas.

Estava absolutamente correto. Exigiu saber onde estavam e Najdiyah disse-lhe que tinham sido roubadas. Nazih recordou-se de a antiga esposa ter escorregado e deslocado o ombro, precisando de usar gesso durante algum tempo. Perguntaram-lhe se se lembrava de como a filha mais nova adoecera, e respondeu: "Foi envenenada pela minha medicação e levei-a ao hospital." Isso era verdade, tal como a afirmação de que certa noite regressara a casa embriagado e Najdiyah lhe fechara a porta, pelo que acabara por dormir cá fora num sofá de baloiço.

Nazih lembrou-lhe que lhe ensinara a disparar, usando um barril no jardim como alvo. "É este", disse quando foram vê-lo. O filho deles, Kamal, quisera deitá-lo fora, mas Najdiyah dissera-lhe: "Talvez o meu marido volte reencarnado e reconheça o barril", pelo que o deixaram ali.

O investigador de reencarnação Erlendur Haraldsson conseguiu encontrar-se com o rapaz quando Nazih tinha oito anos e ainda conservava algumas recordações da vida passada. Fez três viagens ao Líbano, começando em maio de 2000, durante as quais falou e recolheu testemunhos de numerosas pessoas acerca das declarações de Nazih feitas antes do encontro entre as duas famílias, acompanhando-o também, juntamente com membros da família, até à casa dos Khaddage, onde observou abraços afetuosos entre Nazih e a sua família da vida passada enquanto se despediam. Entre aqueles que testemunharam as espantosas

memórias de Nazih encontrava-se o irmão de Fuad, Adeep, um xeque druso e funcionário sénior de uma companhia aérea em Beirute. O menino de seis anos foi levado a sua casa após o primeiro encontro com a família Khaddage. Disse a Haraldsson que viu um rapaz correr na sua direção, dizendo: "Aí vem o meu irmão Adeep." Nazih declarou: "Eu sou o teu irmão Fuad."

Quando lhe pediram provas, Nazih respondeu que certa vez oferecera a Adeep uma pistola. Que tipo de arma? "Dei-te uma Checki 16" (uma arma da Checoslováquia), respondeu o rapaz, perguntando-lhe se ainda a possuía. "Então abracei-o e tive cem por cento de certeza de que era o meu irmão."

Haraldsson considera este um dos casos mais fortes que investigou, o que é apropriado, já que possui também fortes ligações à religião drusa, para a qual, como expliquei numa secção anterior, a reencarnação é fundamental nos seus ensinamentos. Fuad trabalhara durante trinta anos no Centro Druzo (*Dar El Taifeh*), em Beirute, onde servia Sheikh Al Aql, o líder espiritual dos Drusos.

Além de gestor do centro, Fuad era também companheiro e guarda-costas de Sheikh Al Aql. Descrito como destemido e corajoso, com gosto por armas, Fuad foi assassinado, juntamente com dois guardas à entrada, quando três homens invadiram o centro druso em 22 de julho de 1982, tentando sem sucesso incendiar o edifício.[14]

Mortes na Segunda Guerra Mundial

Não é surpreendente que o conflito militar mais mortífero da História, a Segunda Guerra Mundial, com mais de sessenta milhões de mortos, tenha produzido alguns casos de reencarnação impressionantes e surpreendentes. Em tempos modernos, nenhum captou mais a imaginação do público americano do que a história de James Leininger.

O rapaz da Luisiana tinha pesadelos em criança e começou depois a falar dos seus momentos finais numa vida anterior: "Desastre de avião, avião em chamas, homenzinho não consegue sair." Com o tempo, conseguiu dizer aos pais, Bruce e Andrea, que o seu avião operava a partir

do navio *Natoma* (o porta-aviões USS *Natoma Bay*) e que fora abatido pelos japoneses. Ao folhear um livro que o pai recebera de um clube de leitura, o menino de dois anos apontou para uma imagem de Iwo Jima, uma ilha com três aeródromos operacionais que os Estados Unidos conquistaram aos japoneses numa batalha que durou mais de um mês em 1945.

"Papá, foi aí que o meu avião foi abatido", disse James. Bruce Leininger decidiu investigar mais profundamente, descobrindo que apenas um piloto americano morrera durante a batalha: o tenente James McCready Huston Jr., de vinte e um anos, que realizava a sua quinquagésima missão. O filho também se recordava do nome Jack Larsen, que se revelou ser um companheiro aviador que voara ao seu lado nessa missão final.

Os Leininger possuem imagens de vídeo de James, aos três anos, aparentemente a realizar verificações pré-voo numa aeronave. E quando a mãe lhe comprou um avião de brincar, chamando a atenção para uma bomba na parte inferior, o pequeno corrigiu-a, dizendo que se tratava de um depósito suplementar (*drop tank*) — termo que ela nunca ouvira. A história dos seus quatro anos de investigação e da aceitação gradual de que o filho seria a reencarnação de James Huston é narrada no livro do pai, *Soul Survivor*. A irmã de Huston, Anne Barron, e o primo Bob Huston estão entre aqueles que agora estão convencidos de que o piloto de caça da Segunda Guerra Mundial renasceu. James Leininger já não conserva memórias dessa vida anterior, mas continua tão fascinado quanto os outros pelas afirmações que fez em criança. Agora adolescente, é também considerado extraordinariamente semelhante, fisicamente, ao piloto de caça da Segunda Guerra Mundial.[15]

A história de Carl Edon, um rapaz inglês, é notavelmente semelhante à de James Leininger, com uma exceção importante.

Nascido em Middlesbrough em 1972, Carl também se recordava de ter sido um piloto de bombardeiro cujo avião se despenhara "através das janelas de um edifício" depois de ser atingido por fogo inimigo. O inimigo, contudo, era britânico, pois nessa vida passada Carl fora um aviador alemão, cuja aeronave aparentemente fora abatida sobre o nordeste de Inglaterra, onde os Edon viviam.

As memórias de Carl começaram em tenra idade. Assim que conseguiu desenhar, começou a produzir símbolos nazis. Reconheceu uma fotografia de Hitler, fez-lhe a saudação nazi de braço estendido e começou a marchar ao estilo militar alemão. Desenhou o cockpit do avião e disse que era um Messerschmidt. Entre as suas recordações estava o facto de ter perdido a perna quando o avião caiu. Foi-lhe dedicado um capítulo em *The Children that Time Forgot*.[16]

Carl e a sua família foram visitados por Ian Stevenson e o caso está incluído no seu livro sobre casos europeus. Todas as provas levaram os pais de Carl a acreditar que, na vida passada, o filho fora Heinrich Richter, membro da tripulação de um Dornier E217-4 que se despenhou em 15 de janeiro de 1942 e do qual foram recuperados três corpos. Em 1997, trabalhadores da construção civil que limpavam o terreno no local descobriram um bombardeiro Dornier alemão enterrado e, no seu interior, o corpo do quarto tripulante, Heinrich Richter, cuja perna direita fora amputada pelo impacto. Foi sepultado com honras militares completas e um historiador local localizou os seus familiares em Colónia. Quando os pais de Carl viram uma fotografia do artilheiro alemão ficaram atónitos com a notável semelhança física entre ele e Carl.[17]

Grande parte das provas, recolhidas por diferentes pessoas, é confusa. Apesar da semelhança física e da perna amputada, temos de reconhecer que Carl afirmava ser piloto, enquanto Richter era artilheiro de torre. Disse que atravessara as janelas de um edifício, mas o Dornier caiu numa linha ferroviária em South Bank, Cleveland. Afirmou ter tido um irmão mais novo piloto, mas ambos os irmãos de Richter serviram no Exército alemão. O historiador local Bill Norman escreveu um livro sobre o acontecimento,[18] que se refere não apenas à tripulação do avião e aos seus contactos com as famílias, mas também às memórias de Carl Edon.

Embora não aceite a reencarnação como explicação para as memórias de Carl, teve a gentileza de contactar Sylvia Schubert, uma familiar dos Richter, para perguntar o primeiro nome do pai de Heinrich — que Carl Edon afirmava ser Fritz. Ela respondeu: "Contactei Werner e inicialmente ele disse-me que o pai de Heinrich também se chamava Heinrich. Mas, por precaução, quis consultar documentos antigos e, que surpresa — num velho registo da família Richter está escrito que o pai de Heinrich tinha três primeiros nomes. O nome completo dele era: Friedrich Wilhelm Heinrich

Richter." Fritz é a forma abreviada comum alemã de Friedrich. Assim, trata-se de outra estranha coincidência na história de Carl Edon. Embora isso não me convença de que ele estivesse a recordar a vida de Heinrich Richter, as suas memórias e comportamento sugerem que poderá ter estado a recordar a vida de outro aviador alemão.

Tragicamente, Carl foi brutalmente assassinado em 1995, a apenas algumas centenas de metros do local da queda do avião.

Não existe semelhante dúvida num caso igualmente notável da Segunda Guerra Mundial, com um tema muito semelhante aos casos anteriores. Diz respeito ao escocês Ken Llewelyn, que, quando o conheci em 1994, era oficial sénior de relações públicas da Força Aérea Real Australiana. Nos anos 1960, antes de emigrar para a Austrália, Llewelyn fora piloto da Royal Air Force britânica, mas, apesar de competente, teve de abandonar a profissão devido a um medo de voar a grande altitude.

Uma médium de Camberra pareceu oferecer uma explicação para isso ao dizer-lhe que, numa vida anterior, pertencera à Luftwaffe alemã e fora abatido sobre Inglaterra. Embora nem toda a informação fornecida parecesse correta, deu a Llewelyn uma explicação para a sua fobia. Mais tarde, numa visita a Inglaterra, consultou outras médiuns que lhe disseram que fora decapitado na sua vida anterior, assegurando-lhe uma delas que receberia informações de um familiar que lhe seriam úteis.

Quando Llewelyn visitou o irmão no País de Gales, recebeu notícias surpreendentes. "Disse-me que, durante patrulhas nos pântanos de Norfolk por volta de 1942, tinha realmente encontrado o corpo decapitado de um piloto de Dornier ainda com todas as insígnias e distintivos da Luftwaffe." Decidiu investigar mais a fundo, descobrindo que o avião se despenhara em Sheringham e que o piloto se chamava Friedrich Wilhelm Dorflinger.

Pouco depois, uma regressão hipnótica permitiu a Llewelyn recordar os seus últimos momentos no Dornier avariado, com os comandos bloqueados e um motor em chamas. Disse à tripulação para saltar de paraquedas.

Este caso tem um desfecho extraordinário. Llewelyn conseguiu localizar o seu copiloto da Luftwaffe, Helmut Scrypezak, o único membro da tripulação que sobrevivera, e ambos se encontraram, com um professor local a servir de tradutor. Scrypezak confirmou todos os detalhes das

dificuldades técnicas do Dornier que Llewelyn experienciara durante a regressão e que obrigaram a tripulação a abandonar o avião. “Quando chegou a hora de partir, abraçámo-nos ambos com lágrimas nos olhos”, disse o homem que aparentemente fora tanto piloto da Luftwaffe como da Royal Air Force no mesmo século.[19]

Existem, naturalmente, várias semelhanças entre os dois últimos casos e aqueles que envolvem tripulações aéreas japonesas abatidas sobre a Birmânia. Estranhamente, em todos estes exemplos, as almas das vítimas parecem ter reencarnado nos países onde morreram, em vez de regressarem à nação pela qual combatiam.

Os casos que citei são apenas uma seleção de alguns daqueles que mais me impressionaram ao longo dos anos, com base nas provas apresentadas, a maioria das quais foi exaustivamente investigada por investigadores independentes que confirmaram a exatidão das alegações feitas. Como salientei desde o início, todos apresentam falhas de um tipo ou de outro, e a procura do “caso perfeito” continua.

Aproximamo-nos mais desse objetivo, ao que parece, nos casos que envolvem não apenas memórias de uma vida passada, mas também um elemento físico correspondente sob a forma de marcas de nascença ou defeitos congénitos. Felizmente, como veremos em seguida, há abundância desses casos.

Capítulo 21

Marcas de Nascença

Uma Impressão Duradoura

À medida que ele e outros investigadores da reencarnação recolhiam casos ao longo dos anos, tornou-se evidente para Ian Stevenson que as marcas de nascença e os defeitos congénitos frequentemente forneciam provas contributivas poderosas de uma alegada vida passada. Repetidamente, os sujeitos desses casos ou as suas famílias chamavam a atenção para marcas de nascença e defeitos congénitos que pareciam coincidir com feridas, cicatrizes ou marcas no corpo da pessoa que o sujeito afirmava ter sido numa vida anterior. Muitas vezes, estas estavam relacionadas com lesões fatais que haviam posto termo abrupto à existência anterior. As estatísticas mantidas pelo departamento de Stevenson na

Universidade da Virgínia indicam que cerca de um terço dos casos apresenta marcas físicas ou anomalias deste tipo. Num grupo de 895 casos estudados,[1] de entre mais de dois mil arquivados, 35 por cento envolviam marcas de nascença ou defeitos congénitos.

Depois, ao isolar quarenta e nove casos em que foi possível obter dados adequados para comparar essas marcas com a localização das feridas na pessoa da vida passada, verificou-se que a localização coincidia em quarenta e três deles — impressionantes 88 por cento. Os críticos dos casos de reencarnação podem argumentar que as provas fornecidas apenas pelas memórias das crianças não bastam para nos convencer de que renasceram.

Contudo, se uma criança não apenas fala de uma vida anterior com detalhe suficiente para a família identificar uma possível personalidade da vida passada, mas também nasce com marcas de nascença ou defeitos congénitos altamente relevantes para essa vida anterior, então acrescenta-se uma nova dimensão física à evidência mental.

Após fazer esta descoberta, Stevenson começou a reservar muitos dos casos de marcas de nascença que investigara para os publicar em conjunto, com base na ideia de que teriam maior impacto dessa forma. O resultado foi a sua obra monumental *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*,[2] composta por dois volumes ilustrados, cada um com mais de mil páginas, sendo o primeiro especificamente dedicado às marcas de nascença e o segundo aos "defeitos congénitos e outras anomalias".

Além de representarem a investigação mais extensa e detalhada sobre reencarnação, constituem um testemunho da dedicação de um cientista ao seu campo de estudo escolhido: sobrevivência após a morte, fenómenos paranormais e, em particular, reencarnação. Trata-se do mais longo programa de investigação parapsicológica alguma vez realizado. Para além de proporcionarem uma nova perspetiva sobre o renascimento, Stevenson e os seus colegas investigadores descobriram também histórias humanas dramáticas e emocionantes que não destoariam num romance.

Tomemos, por exemplo, a investigação de Stevenson sobre um rapaz turco a quem foi dado o nome Dahham à nascença, mas que insistiu em ser chamado Cemil assim que começou a falar. Com o tempo, a família decidiu alterar oficialmente o seu nome e passou a ser conhecido como Cemil

Fahrici.[3] A razão para essa insistência era o facto de afirmar recordar a vida de um parente distante, Cemil Hayik, um célebre bandido. Os problemas de Hayik começaram, conta Stevenson, quando matou dois homens que haviam violado duas das suas irmãs. Foi acusado dos homicídios, mas conseguiu escapar e passou dois anos a viver numa região montanhosa entre duas cidades, roubando viajantes na zona isolada para obter aquilo de que precisava. Isto ocorreu no início da década de 1930, quando a França ocupava a província de Hatay, e os gendarmes franceses responsáveis pelo policiamento da área recebiam muito pouca ajuda da população local na perseguição ao fugitivo, que entretanto fora acompanhado pelo irmão.

Eventualmente, a polícia cercou a casa de Hayik e ocorreu um tiroteio, durante o qual os gendarmes conseguiram lançar gasolina sobre o edifício e incendiá-lo. Em vez de ser capturado, Cemil matou o irmão e suicidou-se colocando o cano da arma debaixo do queixo e puxando o gatilho com o dedo do pé.

Quando Cemil Fahrici nasceu, poucos dias após a morte dos irmãos Hayik, em 1935, notou-se imediatamente que tinha uma marca de nascença proeminente sob o lado direito do queixo: "uma área semelhante a uma cicatriz que sangrou durante alguns dias após o nascimento", obrigando os pais a levá-lo ao hospital, onde a ferida foi suturada. À medida que crescia, Cemil sofria pesadelos sobre combates com a polícia francesa e fazia um relato vívido da sua morte na vida anterior, bem como de outros detalhes suficientes para convencer a família Hayik de que era Cemil renascido.

A tal ponto que tentaram persuadir os Fahrici a separarem-se do filho. Embora Stevenson só tenha começado a investigar o caso mais de trinta anos após o nascimento de Cemil, foi tão meticuloso como sempre, entrevistando o sujeito, a mãe e o meio-irmão, outros membros da família e até o pelotão de gendarmes envolvido no tiroteio.

Durante essa investigação encontrou Ruzane, irmã de Cemil Hayik, que testemunhou ter visto os corpos dos irmãos após o confronto e conseguiu descrever vividamente como a bala que matou Cemil saíra pelo topo do crânio, arrancando parte do osso. Até esse momento, Stevenson acreditava que Cemil Fahrici tinha apenas uma marca de nascença: a ferida sangrante sob o queixo.

Depois de ouvir a descrição de Ruzane acerca dos ferimentos dos irmãos, Stevenson percebeu que Cemil deveria possuir uma segunda marca de nascença coincidente com o ponto por onde a bala saíra do cérebro. Esta suposição baseava-se noutros casos do seu arquivo em que marcas de nascença coincidentes com ferimentos de bala correspondiam, em tamanho e localização, às do corpo falecido, dependendo de serem pontos de entrada (pequenos) ou de saída (maiores).

Regressou então a Cemil e perguntou-lhe, sem explicação, se possuía outra marca de nascença. "Sem hesitar, apontou para o topo da cabeça. Com pouca dificuldade, encontrei uma área linear substancial de alopecia na região parietal esquerda do couro cabeludo. Tinha cerca de dois centímetros de comprimento e dois milímetros de largura."

Curiosamente, acrescenta Stevenson, a maioria das pessoas informadas sobre a marca de nascença no queixo de Cemil não se recordava de qualquer marca na cabeça, e ela nunca era discutida. Stevenson salienta que os feitos de Cemil Hayik eram tão conhecidos que seria difícil para qualquer pessoa — mesmo a sua reencarnação — fornecer informações sobre a sua vida que já não fossem conhecidas por muitas outras pessoas. A força do caso assenta, portanto, quase inteiramente na correspondência entre as feridas do falecido e as marcas de nascença de Cemil Fahrici.

Uma descoberta semelhante foi feita pela investigadora canadiana Antonia Mills em 1987, quando conduzia a sua terceira investigação de casos de vidas passadas no norte da Índia, a pedido de Ian Stevenson.[4] Não eram casos que ele tivesse investigado anteriormente. Porque as implicações da sua investigação são de grande alcance, Stevenson procurara que os seus métodos e conclusões fossem replicados por outros, daí ter pedido a Mills que realizasse a pesquisa.

Houve, aliás, várias replicações semelhantes efetuadas por diferentes investigadores em diversos países, e os seus resultados revelaram-se notavelmente consistentes com os de Stevenson. Uma das dez crianças investigadas por Mills foi Titu (Toran) Singh, mencionado no capítulo 8 devido à sua forte identificação com a personalidade da sua vida passada.

Recordava numerosos detalhes de uma vida anterior, incluindo o facto de ter sido proprietário da loja Suresh Radio. Suresh Verma, além de dono

de uma loja com esse nome no Sadar Bazaar, em Agra, era também um conhecido contrabandista do mercado negro. Foi morto a tiro em 28 de agosto de 1983, embora Titu não tenha descrito voluntariamente o seu assassínio até ser interrogado por um familiar de Suresh. Quando Mills visitou Singh, as duas famílias já se tinham encontrado e vários membros da família da vida passada aceitavam Titu como a reencarnação de Suresh.

Disseram-lhe que, quando os familiares conheceram Titu pela primeira vez na casa do pai de Suresh, tinham reparado numa pequena marca de nascença redonda, semelhante a uma ferida de entrada de bala, na têmpora direita, exatamente onde Suresh fora atingido. Supuseram que várias pequenas marcas de nascença na parte posterior do crânio de Titu poderiam corresponder ao local de saída da bala. Suresh nascera também com uma marca de nascença no topo da cabeça e a mesma marca era visível na cabeça de Titu.

Antonia Mills explica o que aconteceu em seguida no seu relatório de cinquenta e duas páginas sobre os três casos indianos que investigou: "Segundo o relatório da autópsia de Suresh Verma, que examinámos no hospital onde foi declarado morto, a bala que lhe tirou a vida entrou pela têmpora direita, no local correspondente à marca circular de nascença de Titu. O relatório da autópsia afirmava que a bala saíra por detrás da orelha direita de Suresh.

Depois de tomar nota disso, voltei a examinar Titu e observei atrás da sua orelha direita, descobrindo que o crânio de Titu apresenta uma protuberância exatamente no local indicado como ponto de saída da bala. Os pais de Titu tinham notado essa deformidade craniana, mas não a tinham associado à morte de Suresh. Titu não mencionara a forma da morte de Suresh até ser questionado por Rajvir Babu Verma [um dos irmãos de Suresh] no primeiro encontro entre ambos."

Além das provas fornecidas pelas marcas de nascença, o comportamento de Titu era considerado notavelmente semelhante ao da personalidade da sua vida passada. Segundo o pai de Suresh, este não tinha medo de lutar, dando como exemplo o facto de, em 1975, oito "assassinos contratados" terem agarrado Suresh e colocado à força no carro deles. Suresh pontapeou um dos homens e lançou-se pela janela para o rio, atravessando-o a nado para escapar.

Um ano antes do seu assassínio, Suresh recuperara também dois automóveis aparentemente roubados pelo mesmo homem que anteriormente lhe roubara o carro — o mesmo homem posteriormente acusado do homicídio de Suresh. Apesar de lhe dispararem tiros, Suresh saltou do carro e agarrou um dos pistoleiros pelo pescoço.

Permitam-me citar um comentário final de Mills sobre o comportamento invulgar de Titu para uma criança de cinco anos: "Nas minhas visitas de regresso em 1988 e 1989, Titu continuava intensamente identificado com Suresh. Por exemplo, dois dias antes de eu regressar a Agra em julho de 1988, Titu insistiu para que os pais o levassem à casa de Chanda Babu Singh Bharity, o pai de Suresh. Quando chegaram, Titu descobriu que [Chanda] estava doente e deu ordens para que chamassem um médico e administrassem medicação."

Existe, contudo, uma discrepância neste caso que não é possível resolver devido à ausência de documentação confirmatória. Segundo o pai de Titu, o filho nascera em dezembro de 1983, quatro meses após a morte de Suresh. No entanto, outros membros da família sugeriram que ele teria nascido no ano anterior, antes de Suresh ser assassinado.

Existem casos em que uma alma parece ter encarnado num novo corpo antes de abandonar o corpo anterior, mas é difícil compreender — mesmo que tal fosse possível — como uma criança reencarnada poderia nascer com marcas de nascença coincidentes com ferimentos ainda não infligidos ao "outro" corpo que estaria simultaneamente a habitar.

Devo referir neste ponto que Stevenson considera os dezoito casos da sua coleção relacionados com ferimentos de bala na cabeça como os mais importantes, porque não apenas exibem duas marcas (correspondentes aos pontos de entrada e saída da bala) nas posições correspondentes às indicadas nos relatórios de autópsia, mas também porque, em catorze dos casos, uma das marcas é maior do que a outra e, em nove deles, as provas mostram que a marca menor coincide com o ponto de entrada da bala.[5] As feridas de saída são maiores porque a velocidade da bala diminui ao atravessar a cabeça, causando maiores danos ao sair. Suspeito que, nos dezoito casos referidos por Stevenson, não existam dois exatamente iguais, porque a vítima poderia ter sido atingida de qualquer ângulo num plano de 360 graus, bem como a diferentes alturas e com armas de variados calibres

e velocidades, fatores que determinam tanto a extensão dos danos como os pontos de entrada e saída da bala.

Num destes casos,[6] um rapaz tailandês chamado Chanai Choomalaiwong recordava a vida de um professor, Bua Kai, que fora morto por um tiro na parte posterior da cabeça. Os pais de Chanai levaram-no a Khao Phra a seu pedido e ele conseguiu conduzi-los até uma casa onde encontraram um casal idoso, pais de Bua Kai Lawnak, professor e pequeno gangster. Embora não existisse relatório de autópsia que confirmasse a posição exata das feridas de bala na cabeça, testemunhas confirmaram que as marcas de nascença na cabeça de Chanai estavam em posição semelhante às que tinham visto no corpo do professor.

Curiosamente, deparei-me com um caso que levanta questões temporais semelhantes às do caso Titu Singh durante uma visita à Índia em 1993, quando tive a oportunidade de conhecer dois investigadores, o psiquiatra clínico Dr. Satwant Pasricha e o professor de Biologia Gaj Raj Singh Gaur, ambos dedicados durante muito tempo à investigação de casos de reencarnação, sobretudo no norte do país.

Tinham também trabalhado com Ian Stevenson em algumas das suas visitas à Índia. Gaur, que investigou mais de uma centena de casos de vidas passadas, conduziu toda a noite desde a sua casa em Jaithra, Etah, Uttar Pradesh, para se encontrar comigo em Deli e discutir casos recentes em que estivera envolvido.

Um desses casos envolvia uma criança chamada Gulson Kumar Sakena,[7] nascida em novembro de 1991 na mesma cidade de Gaur. Trouxe consigo uma fotografia do rapaz e dos pais, mostrando que a sua tez era muito mais clara do que a deles. Gulson nascera com duas marcas de nascença, consideradas sem importância até ao dia em que, brincando no exterior da alfaiataria do pai, Nand Kishore, ficou assustado ao ver dois homens que reconheceu. Correu para dentro de casa, dizendo à mãe: "Aquelas pessoas mataram-me.

Esconde-me, por favor, senão matam-me outra vez." Gaur forneceu-me os nomes dos homens, vindos do distrito de Barna para recolher roupas junto do pai de Gulson. Mais tarde, Nand Kishore perguntou ao filho, que tinha então pouco mais de dois anos e ainda falava com dificuldade, sobre as suas memórias. O menino apontou para dois locais do corpo — um na

face direita e outro no lado esquerdo do abdómen — onde as marcas de nascença eram claramente visíveis.

A história que emergiu da investigação de Gaur foi a de que Kanhkumar Pandey — cuja vida Gulson recordava — viajava de autocarro para Etah numa manhã cedo quando dois jovens o agarraram e alvejaram. Existiam várias testemunhas oculares do crime. Esta informação foi dada a Gaur pelo irmão da vítima, Gyan Singh Pandey. A investigação mostrou que as marcas de nascença no corpo de Gulson coincidiam com as feridas de bala que mataram Kanhkumar.

Curiosamente, o pai de Gulson vira realmente essas feridas no corpo do homem assassinado, uma vez que o ataque ocorrera apenas a um quilómetro da sua casa e ele passara pelo local do tiroteio. Além disso, o filho Gulson nascera apenas doze horas depois, nesse mesmo dia. Tem-se especulado que um fenómeno conhecido como "impressão materna" poderá ser responsável por algumas marcas de nascença, em que os sentimentos da mãe — quer ao ver um cadáver ferido quer ao ouvir detalhes do homicídio de alguém — seriam transferidos para o embrião, afetando o seu desenvolvimento. Como esse mecanismo poderia funcionar em termos de impressão paterna (talvez ele tenha descrito a cena à esposa pouco depois de a testemunhar?) é difícil de compreender, tal como o facto de a tez pálida de Gulson coincidir com a da vítima.

Um contraste ainda mais marcado na pigmentação da pele e nos traços faciais, comparativamente a outras pessoas da mesma raça, surge noutro dos casos birmaneses de Stevenson — o rapaz loiro Maung Zaw Win Aung.[8] Este caso faz lembrar as recordações de vidas passadas de James Leininger, pois o rapaz afirmava ser a reencarnação de um aviador americano chamado John Steven, abatido sobre o país atualmente conhecido como Myanmar. Stevenson inclui uma fotografia de Zaw Win Aung, que facilmente poderia passar por caucasiano, mas não indica se um aviador chamado John Steven morreu no conflito da Birmânia.

Outro dos casos discutidos por Gaj Raj Singh Gaur comigo em Deli foi o de Ranbir Singh,[9] um rapaz hindu nascido no norte da Índia em 23 de dezembro de 1990, sem a maior parte do braço direito abaixo do cotovelo. Os pais atribuíram a deformidade à "vontade de Deus" e só começaram a considerar uma associação com uma vida passada quando Ranbir começou a mencionar pessoas e lugares relacionados com um homem muçulmano

chamado Idrish, que perdera os dedos e a maior parte da palma da mão direita num acidente com uma máquina de cortar forragem.

Devo acrescentar que me disseram que o pai de Ranbir estivera presente no funeral de Idrish cinco anos antes do nascimento do filho, embora apenas possamos especular se isso terá alguma relevância na aparente reencarnação de Idrish na família Singh.

Pouco depois do meu encontro com Gaur em Deli, viajei para Bangalore, onde tive uma reunião informal com a Dr.ª Satwant Pasricha, com quem Gaur trabalhara na investigação do caso Ranbir Singh e de outros, cujos resultados foram publicados no *Journal of Scientific Exploration* em 1998.[10] A caminho do encontro, no Instituto Nacional de Saúde Mental e Neurociências, passei por Whitefields, o segundo ashram de Sathya Sai Baba, no nordeste de Bangalore. Achei curioso que, enquanto Pasricha passava muitas semanas por ano a viajar pelo norte da Índia em busca de provas científicas da reencarnação, um "homem-deus" mundialmente famoso e defensor da reencarnação concedesse regularmente audiências e bênçãos aos seus seguidores praticamente à sua porta.

É importante, neste ponto, fazer uma observação geral acerca das marcas de nascença e dos defeitos congénitos. Como demonstrou a tragédia da talidomida, as deformidades podem resultar de medicamentos tomados durante a gravidez. Muitas marcas de nascença assumem a forma de manchas cor de vinho do Porto na pele, como a famosa marca visível na cabeça do antigo presidente russo Mikhail Gorbachev. Mas, como Stevenson observa, quase nada se sabe acerca das razões pelas quais marcas de nascença pigmentadas — sinais ou nevos — surgem em determinados locais da pele.

Na verdade, o adulto médio possui entre quinze e dezoito sinais no corpo, cujas causas e localização são pouco compreendidas, excetuando aqueles associados a uma doença genética, a neurofibromatose. De igual modo, as tentativas de investigadores para explicar uma vasta série de defeitos congénitos como sendo causados por teratógenos químicos (como a talidomida), infeções virais ou fatores genéticos falharam. Entre 43 por cento e 65-70 por cento desses casos foram classificados como de "causas desconhecidas". Com tanta incerteza acerca dos processos envolvidos em todo o tipo de defeitos corporais e cutâneos, poderá ser altamente significativo que uma em cada três crianças que afirmavam recordar vidas

passadas também apresentasse marcas de nascença ou defeitos congénitos que elas próprias ou adultos relacionavam com feridas da pessoa cuja vida recordavam.

Stevenson incluiu 210 casos desse tipo na sua obra em dois volumes. As marcas de nascença eram geralmente áreas de pele sem pelos, enrugada e semelhante a cicatriz — por vezes deprimidas em relação à pele circundante — embora outras fossem áreas com pouca ou nenhuma pigmentação (*máculas hipopigmentadas*) ou de pigmentação aumentada (*nevos hiperpigmentados*). Quanto aos defeitos congénitos, eram quase sempre de tipos raros.

Nos casos em que a descrição de uma vida anterior feita pela criança podia ser inequivocamente associada à pessoa falecida identificada, Stevenson observa que quase sempre se encontrava uma estreita correspondência entre as marcas de nascença e defeitos congénitos e as feridas no corpo da personalidade da vida passada. Para "pontuar" a correspondência entre a marca de nascença e a ferida, considerava-se coincidência satisfatória quando ambas se encontravam dentro de dez centímetros quadrados da mesma localização anatómica.

"Na realidade", observa Stevenson, "muitas das marcas de nascença e feridas encontravam-se muito mais próximas entre si do que isso", acrescentando: "Em quarenta e três dos quarenta e nove casos em que foi obtido um documento médico (geralmente um relatório de autópsia), este confirmou a correspondência entre as feridas e as marcas de nascença (ou defeitos congénitos)." Trata-se de uma concordância de 88 por cento. Em nove dos catorze casos de morte por arma de fogo, as duas feridas exibidas coincidiam precisamente em tamanho e localização com as feridas de entrada e saída no corpo da pessoa falecida. Stevenson calculou que as probabilidades de duas marcas de nascença corresponderem casualmente a duas feridas eram de uma em 25 600.

As marcas de nascença nem sempre resultam de ferimentos infligidos maliciosamente. Uma rapariga birmanesa que recordava a vida da sua tia falecida, por exemplo, apresentava uma longa marca de nascença linear vertical hipopigmentada próxima da linha média da parte inferior do tórax e superior do abdómen. Fora infligida por um instrumento cortante, mas numa sala de operações. Correspondia à incisão cirúrgica sofrida pela tia

durante uma operação a uma cardiopatia congénita, da qual acabaria por morrer.

Referindo-se a casos em que uma criança nasce praticamente sem dedos numa das mãos (*braquidactilia unilateral*), geralmente associados a memórias de acidentes com máquinas de cortar forragem numa vida passada, Stevenson descreve a condição como extremamente rara, acrescentando: "Não encontrei qualquer descrição publicada de um caso, embora um cirurgião plástico me tenha mostrado a fotografia de um caso que tratou." Stevenson encontrou vários casos desse tipo, incluindo o de Lekh Pal Jatav,[11] na Índia, cujo nome, curiosamente, significa "cobrador de impostos".

Passou a ser conhecido por esse nome depois de alguém sugerir, pouco após o nascimento, que ele devia ter sido cobrador de impostos na vida passada e que lhe tinham cortado os dedos devido à revolta de um contribuinte descontente.

Antecipando o argumento de que algumas destas "memórias" de vidas passadas são uma ficção criada pelos pais para explicar as marcas de nascença, Stevenson observa que existem objeções importantes a essa explicação. Salienta que, dado que a maioria dos pais das crianças envolvidas no estudo acredita na reencarnação, bastaria atribuírem uma lesão ou deformidade a algum incidente ocorrido numa vida anterior, sem necessidade de encontrarem uma vida específica que se ajustasse ao caso.

Além disso, as vidas das pessoas falecidas nestes casos apresentam qualidades muito variadas e, enquanto algumas foram exemplos de heroísmo, outras foram pobres ou de resto pouco notáveis. Stevenson conclui, com a sua habitual imparcialidade, que não é seu propósito "impor qualquer interpretação destes casos aos leitores deste artigo", mas antes estimulá-los a examinar os relatos detalhados dos muitos casos que está em vias de publicar. Alguns dos defeitos congénitos mais invulgares parecem ser causados por homicídios particularmente macabros ou acidentes infelizes. Três dos casos de Stevenson ilustram isso bastante bem, dois deles provenientes de Myanmar (Birmânia).

A mãe de Ma Khin Mar Htoo[12] ganhava dinheiro vendendo água e comida aos passageiros na estação ferroviária de Taken, na Alta Birmânia. Antes da conceção da filha, sonhou duas vezes com Ma Thein Nwe,

alcunhada “Kalamagyi”, uma rapariga que fora morta em agosto de 1966 quando um comboio a atropelou. Era filha de uma mulher que também vendia água na estação ferroviária.

Quando nasceu, Ma Khin Mar Htoo não tinha a perna direita a partir de cerca de 10 cm abaixo do joelho. Apresentava também defeitos congénitos nos dedos de ambas as mãos. Aos três anos começou a afirmar que era Kalamagyi e a descrever o acidente. Tinha apanhado rosas e esperava vendê-las aos passageiros de um comboio postal esperado nessa manhã. As agulhas da linha bloquearam-se, desviando acidentalmente o comboio para uma linha central onde Kalamagyi caminhava de costas voltadas para o comboio. O dispositivo de proteção frontal atingiu-a, derrubando-a, e o comboio passou imediatamente sobre ela. Kalamagyi morreu instantaneamente e as partes do corpo foram recolhidas e levadas para o hospital geral antes de serem entregues à família dentro de um saco para sepultamento.

O comboio cortara-lhe o corpo diagonalmente através do tronco e a maioria das testemunhas que viram os restos mortais após o acidente recordava-se de que uma das pernas fora amputada abaixo do joelho. Apenas uma pessoa julgava recordar-se de as mãos terem sido cortadas ou mutiladas. Ma Khin Mar Htoo conseguiu identificar várias pessoas conhecidas de Kalamagyi, incluindo a mãe.

Quando Ma Khin Hsann Oo[13] nasceu, em outubro de 1974, observou-se que o seu corpo estava extensamente coberto por grandes nevos hiperpigmentados, mas ninguém especulou acerca da causa até ela começar a falar, aos dezoito meses, sobre uma vida anterior. Aos três anos já revelara o nome dessa vida, dizendo que se chamava Ahmar Yee e que morrera num carro que se despistara, sendo queimada pelas chamas. “O carro de Shik-koe capotou”, disse aos pais, sem especificar as circunstâncias do acidente.

Embora tenha dado apenas alguns detalhes, estes bastaram para que a família concluísse que estava a falar da vida de Ma Ahmar Yee, que morrera queimada quando um camião em que viajava com muitas outras pessoas se despistou e incendiou, causando dez mortos. O camião pertencia a um muçulmano indiano chamado Shik-koe. Stevenson conta-nos que duas das crianças parecem recordar-se de terem morrido no mesmo acidente.

Outro relato de morte acidental diz respeito a um rapaz turco, Semih (Taci) Tutusmus,[14] que nasceu na província turca de Hatay em 1958 com um grave defeito na orelha direita. Antes de completar dois anos começou a falar de uma vida anterior em que fora Selim Fesli, e de um homem chamado Isa Dirbekli que lhe disparara na parte direita da cabeça. Aos quatro anos, Semih encontrou sozinho o caminho para a casa onde vivera nessa vida — a cerca de dois quilómetros de distância — e apresentou-se aos membros da família.

Continuou a visitá-los, mas sempre que via o homem que lhe disparara ficava furioso e atirava-lhe pedras. Isa fora preso pelo disparo, que inicialmente negara. Mais tarde confessou que saíra para caçar pássaros quando confundiu Selim, que dormia no chão, com um coelho e disparou. Ao perceber o erro, fugiu do local em vez de enfrentar a vingança dos filhos de Selim. Selim morreu no hospital seis dias depois do disparo e, pouco depois, Isa foi condenado a dois anos de prisão.

Aos doze anos, Semih ameaçou matar Isa Dirbekli em vingança pela sua própria morte na vida passada, que considerava deliberada. Felizmente, esses pensamentos acabaram por desaparecer e, com a perda gradual das memórias e uma cirurgia plástica que lhe proporcionou uma excelente substituição da orelha, além da moda entre os homens turcos de usar cabelo comprido que ajudava a esconder o defeito, a vida de Semih tornou-se normal e a última informação que Stevenson teve foi a de que ele estava noivo.

Alguns casos ilustram demasiado bem os resultados da estupidez humana sob a influência do álcool. É o caso de Semir Taci,[15] que recordava ter sido chamado Sekip na sua vida anterior. Contou aos pais que morrera depois de uma cobra venenosa lhe ter mordido o polegar, que apresentava pequenas cicatrizes. A descrição dos acontecimentos e das pessoas dessa vida fez os pais lembrarem-se de um homem chamado Sekip Karsanbas, que fora criado e protegido pelo pai de Semir, mas que era algo fracassado. Trabalhava num café, ganhando pouco dinheiro e gastando demasiado em álcool. Certo dia, após uma discussão com a mulher, dirigiu-se a uma padaria onde soube que uma cobra entrara numa loja adjacente.

"Provavelmente intoxicado", escreve Stevenson, "Sekip foi à loja e imprudentemente pegou na cobra, que o mordeu. A cobra era quase certamente uma víbora otomana." Correu para casa com a mão a sangrar e

foi depois internado no hospital governamental, onde morreu no dia seguinte. Quando Stevenson e um colega examinaram o registo da admissão de Sekip no hospital de Antakya, verificaram que constava ter sido "mordido por uma cobra nos dedos da mão direita e nos dedos da mão esquerda".

Ninguém mencionara marcas de nascença na mão esquerda de Semir, pelo que os investigadores regressaram para examiná-la e ver se apresentava marcas semelhantes às da outra mão. Apresentava. "Essas marcas tinham um aspeto distintamente semelhante a cicatrizes; pareciam pequenos queloides, um tipo de cicatriz endurecida de superfície lisa que se eleva acima dos tecidos circundantes. Todas as marcas tinham aparência idêntica e acredito que fossem todas marcas de nascença", confirma Stevenson.

Para mim, o caso mais extraordinário envolve outra família da Alta Birmânia. Em maio de 1973, Ma Htwe Win[16] nasceu com vários defeitos congénitos desfigurantes, bem como marcas de nascença. Vale a pena mencionar que a mãe, Ma Ohn Tin, teve um sonho no início da gravidez em que um homem, aparentemente caminhando sobre os joelhos ou talvez sobre cotos amputados das pernas, a seguia. Tentava evitá-lo, mas ele continuava a aproximar-se. Não o reconhecia. Quando Ma Htwe Win nasceu, observou-se que tinha marcas de nascença na parte inferior esquerda do peito, na região do coração, e na cabeça. Faltava-lhe o quinto dedo da mão esquerda.

Tinha também anéis de constrição em redor das partes inferiores das pernas, acima dos tornozelos, e outro anel particularmente profundo em redor do meio da coxa esquerda. Só quando Ma Htwe Win começou a falar surgiu uma explicação para estes defeitos e marcas. Disse ter sido um homem chamado Nga Than na vida anterior e ter sido atacado por outros três homens. Tentara defender-se, mas eles apunhalaram-no no peito esquerdo, cortaram-lhe os dedos e atingiram-no na cabeça, deixando-o como morto. Parece ter permanecido consciente durante algum tempo após o ataque brutal e ouviu os assassinos discutirem a forma como iriam desfazer-se do corpo.

Ma Htwe Win disse que decidiram comprimi-lo o mais possível, amarrando as pernas às coxas. Assim o corpo ficaria suficientemente pequeno para caber num saco de serapilheira e ser lançado num poço seco

próximo. Ela parecia referir-se à vida de U Nga Than, cuja esposa deixara correr o boato de que ele a abandonara e se mudara para sul. Casou-se depois com um dos assassinos.

Um dia, enquanto bebia e discutia com o novo marido, o homicídio de U Nga Than foi mencionado, e um vizinho que ouviu a altercação chamou a polícia. A investigação levou-os ao poço seco, de onde retiraram o corpo do antigo marido, ainda amarrado com as cordas utilizadas para o comprimir. Stevenson conta que a mãe de Ma Htwe Win passara realmente junto ao poço precisamente quando a polícia retirava o corpo e desfazia as amarras. Olhou para a cena e seguiu caminho. Na altura estava grávida de cerca de dois meses e meio de Ma Htwe Win, e o sonho do homem a segui-la sobre os joelhos ocorreu na noite imediatamente seguinte.

Outro caso birmanês com defeitos congénitos muito semelhantes a marcas de constrição por cordas envolveu uma rapariga, Ma Win Tar,[17] que recordava ter sido um soldado japonês capturado por aldeões birmaneses, que o amarraram a uma árvore e o queimaram vivo. Não forneceu qualquer nome da sua identidade nessa vida, pelo que o relato não pode ser verificado.

Embora a incidência generalizada de marcas de nascença e defeitos congénitos em casos sugestivos de reencarnação constitua uma descoberta entusiasmante na investigação parapsicológica, parece ter sido aceite desde há muito em muitas culturas. Um caso indiano envolvendo uma unha negra é um bom exemplo disso.[18] A unha do polegar esquerdo de Savitri Devi Pathak era negra desde o nascimento, uma particularidade à qual os pais não atribuíram importância.

Contudo, quando a filha começou a falar, ofereceu uma explicação. Na sua vida anterior, disse-lhes, um peso utilizado para pesar cereais caíra-lhe sobre o polegar, deixando uma nódoa negra permanente. Forneceu dois nomes e informação suficiente acerca dessa vida para que o tio encontrasse uma família cuja filha, Munni, sofrera de uma unha enegrecida causada exatamente da forma descrita por Savitri Devi.

Quando os pais de Munni souberam que Savitri afirmava ser a reencarnação da filha, disseram: “Se ela tem uma marca no polegar esquerdo, então é a nossa filha.” Esta lesão, aliás, faz-me lembrar as unhas dos polegares da inglesa Carol Lawson, que continuavam a cair —

aparentemente devido a uma experiência de vida passada em que fora torturada com parafusos de polegar — mas deixaram de cair depois de ela reviver o acontecimento sob hipnose. A unha negra de Savitri continuava bem visível quando ela tinha quase trinta anos.

Não eram visíveis quaisquer marcas de nascença no corpo de Juggi Lal Agarwal[19] quando nasceu no norte da Índia em 1955, e, no entanto, uma marca que passara despercebida convenceu Girivar Singh de que o rapaz era o seu filho renascido, Puttu Lal, morto após uma violenta disputa de fronteiras com vizinhos. Tinha sido atingido na cabeça e a infeção resultante da ferida espalhara-se ao longo e sob o couro cabeludo, aproximando-se da orelha direita.

Nesse ponto, um abcesso rebentara espontaneamente ou fora drenado por um médico que aplicara alguns pontos. O pai foi ver Juggi Lal Agarwal, que parecia recordar a vida do seu filho, e assim que se encontraram pediu imediatamente para ver atrás da orelha direita da criança, convencido de que, se fosse realmente a reencarnação de Puttu Lal, teria uma marca de nascença relacionada com aquele ferimento.

E de facto encontrou o que procurava. Stevenson, quando o examinou anos mais tarde, testemunhou que a marca de nascença "consistia numa linha algo semelhante à cicatriz de uma pequena incisão; e pareciam existir várias pequenas cicatrizes puntiformes adjacentes, que poderiam corresponder a marcas de pontos cirúrgicos".

Além de procurarem marcas de nascença para confirmar a autenticidade de reencarnações, algumas culturas utilizam-nas mesmo, ou criam-nas, para assegurar a certeza do renascimento. Stevenson refere-se a estas como "marcas de nascença experimentais", sendo um bom exemplo o pescador tlingit William George (referido brevemente no capítulo 10), que disse ao filho Reginald: "Se há alguma verdade nesta história de renascimento, voltarei como teu filho." Deu-lhe um relógio de ouro que pertencera à mãe e disse: "Guarda-o para mim." O relógio foi colocado numa caixa de joias.

E mostrou à nora, esposa de Reginald, duas verrugas proeminentes no ombro esquerdo e no antebraço, dizendo-lhe que, quando renascesse, teria duas verrugas semelhantes como prova de que regressara. Quando William George Jr. nasceu, verificou-se que possuía duas verrugas nos mesmos

locais do avô. Por volta dos cinco anos viu objetos que a mãe retirara da caixa de joias e colocara sobre a cama. Um dos objetos parecia ter especial significado para o rapaz. “Esse é o meu relógio”, declarou.

Ma Lai Lai Way, nascida em Rangum, Myanmar, em 1976, sofria de doença cardíaca congénita e não sobreviveu a uma cirurgia cardíaca de peito aberto. Três colegas de escola prepararam o corpo para o funeral e, tendo ouvido dizer que colocar uma marca num cadáver poderia produzir uma marca de nascença identificável quando a pessoa reencarnasse, decidiram desenhar uma marca de batom na parte posterior do pescoço. As raparigas não contaram a ninguém da família o que tinham feito e a marca não era visível para outras pessoas que viram o corpo.

Pouco mais de um ano após a morte, a irmã deu à luz uma filha, Ma Choe Hnin Htet, que nasceu com uma proeminente marca vermelha na nuca, exatamente no local onde as colegas tinham desenhado a marca de batom no corpo de Ma Lai Lai Way, bem como uma longa e ténue linha desde a parte inferior do peito até à parte superior do abdómen, correspondente à incisão da cirurgia cardíaca. Quando começou a falar, revelou conhecimento da vida anterior da tia. A observação de Stevenson sobre este e casos semelhantes é o mais próximo que chega de introduzir humor nos seus estudos extremamente sérios: “Acontece que muitas crianças — talvez um terço de todas as crianças — nascem com áreas avermelhadas na nuca. No folclore ocidental isso é frequentemente chamado de ‘mordida da cegonha’. A causa dessas áreas avermelhadas é desconhecida. A maioria desaparece à medida que a criança cresce, mas o local claramente não é o melhor para criar marcas de nascença experimentais.”

Permitam-me concluir esta rápida visão geral de algumas das melhores provas de uma ligação entre reencarnação, marcas de nascença e defeitos congénitos com um exemplo em que uma marca física ou deformidade inesperada pode até refletir uma mudança nas crenças religiosas das famílias dos sujeitos, de uma existência para outra. Os arquivos de Stevenson contêm um pequeno número de casos em que crianças do sexo masculino nasceram total ou parcialmente circuncidadas. Em alguns casos, isto refletia fisicamente o facto de, na vida anterior, lhes ter sido removido o prepúcio por razões religiosas.

Num caso envolvendo um rapaz turco, Faris Yuyucuer, que apresentava micropénis, as memórias da vida passada eram de Hasan Derin, cuja circuncisão, realizada aos cinco anos, revelou um cálculo urinário alojado no pénis, próximo da base. O cirurgião presumivelmente esperava que o cálculo fosse eliminado espontaneamente pela uretra, mas isso não aconteceu e Hasan deixou de conseguir urinar.

O rapaz foi internado no hospital, onde o pénis foi incisado até à uretra e o cálculo removido. Hasan recuperou completamente, mas afogou-se num lago um ano depois. A aceitação de Faris como reencarnação de Hasan baseou-se na informação que forneceu e no seu comportamento, e não no facto de ter nascido com um pénis mais pequeno do que o normal. No caso de Giriraj Soni, investigado pela Dr.ª Satwant Pasricha, ele falava da sua vida como Subhan Khan, um muçulmano que fora ladrão e valentão. Não apenas nasceu com várias marcas de nascença coincidentes com as feridas sofridas quando ele e o filho mais velho foram atacados por um grupo de aldeões que já não toleravam o seu comportamento, mas nasceu também sem prepúcio. Outra criança, nascida numa família hindu, não só recordava ter sido anteriormente muçulmana como descrevia a forma como fora circuncidada nessa vida.

A ausência congénita do prepúcio é rara, mas um comentador afirmou que, entre os muçulmanos de Marrocos, nascer circuncidado é considerado uma bênção. "Entre os muçulmanos (tal como entre os judeus) a circuncisão masculina tem especial importância", escreve Stevenson. "Era amplamente praticada entre os povos do Médio Oriente antes do Islão. O próprio profeta Maomé nasceu circuncidado e esse facto contribuiu para a importância atribuída pelos muçulmanos à circuncisão masculina. No ramo xiita do Islão, diz-se que cada um dos doze imãs nasceu sem prepúcio."

O que levanta uma questão interessante: será isto porque todos eles foram muçulmanos nas suas vidas anteriores, transportando para a existência presente uma identificação física e ideológica com essa religião, ou indicará o envolvimento do renascimento como um dos mecanismos, talvez a um nível subtil, nos processos evolutivos do desenvolvimento humano?

Capítulo 22

Satisfazer os Céticos

O ceticismo saudável em todos os empreendimentos científicos é essencial, e em nenhum campo mais do que na parapsicologia, para a qual alguns céticos preferem o rótulo de "pseudociência". Afinal, trata-se de uma área propensa a alegações de poderes especiais por parte de pessoas cujo verdadeiro talento é o engano, quer de si próprias quer dos outros.

Aqueles que se dedicam à investigação da reencarnação aceitam que as suas investigações e conclusões provisórias sejam cuidadosamente examinadas e criticadas por uma vasta gama de descrentes, desde extremistas religiosos e ateus até cientistas e ilusionistas, todos indispostos a aceitar a possibilidade de uma dimensão espiritual da vida. De facto, para muitas pessoas, o ceticismo tornou-se uma nova religião cujos seguidores são encorajados pelos seus sumos sacerdotes a venerar o altar do materialismo.

Ridicularizam uma vasta gama de fenómenos relatados, como ESP, telepatia e visão remota, com o mesmo zelo normalmente associado a grupos doutrinados incapazes de pensar por si próprios. Contudo, muitos dos cientistas pertencentes a organizações céticas aceitam de bom grado as realidades estonteantes da física quântica — e com razão — ao mesmo tempo que fecham a mente a possibilidades igualmente desafiantes noutros domínios.

Embora não pretenda examinar em profundidade os argumentos dos céticos, uma vez que alguns já foram abordados na minha análise de explicações alternativas (capítulo 19), considero útil observar aquilo que os críticos veem como fragilidades nas provas da reencarnação recolhidas até agora, bem como sugerir formas de as reforçar.

A regressão hipnótica pode ser um método satisfatório, até divertido, de explorar vidas passadas, mas não estou convencido de que, na maioria dos casos, ofereça aquilo que promete. É muito difícil avaliar quanto do conteúdo dessas "memórias" se baseia em recordações genuínas de vidas passadas e quanto provém de fontes muito mais prosaicas. A investigação de três anos conduzida por Linda Tarazi (capítulo 20), por exemplo,

produziu fascinantes informações provenientes de fontes obscuras em diferentes línguas, mas o cético apontará com razão que essa extensa pesquisa não conseguiu provar que a personalidade da vida passada da paciente alguma vez existiu.

Os melhores casos de regressão costumam estar repletos de nomes, lugares e datas verificáveis, embora com demasiada frequência sejam publicados relatos contendo erros grosseiros, para gáudio dos céticos. Ian Wilson, por exemplo, cita alguns exemplos que provavelmente não seriam óbvios para um leitor casual, mas que saltam à vista quando examinados por um investigador experiente. Um sujeito hipnotizado falou de uma pessoa que vivera durante o reinado do faraó egípcio Ramsés III.

Mas os Egípcios não utilizavam numerais para identificar os seus governantes; esse sistema foi introduzido pelos egiptólogos vitorianos durante o século XIX. Outro sujeito em regressão falou de Vikings desembarcando na América do Norte no século XI, descrevendo-os de forma colorida com capacetes adornados por chifres. Mais uma vez, isso pode refletir a conceção popular dos Vikings invasores, mas hoje sabe-se que apenas indivíduos de elevada posição usavam tais capacetes, e não em combate, mas em cerimónias religiosas.

Por estas e outras razões, os casos espontâneos de reencarnação oferecem uma promessa muito maior de fornecer uma fonte de provas capaz de produzir evidência — se isso for possível — de que a reencarnação ocorre. Ian Stevenson esperava sem dúvida que o vasto conjunto de provas baseado em marcas de nascença e defeitos congénitos contribuísse significativamente para atingir esse objetivo, mas a reação da comunidade científica em geral foi morna.

Quando leio algumas das críticas dirigidas às investigações sobre reencarnação, sou levado a concluir que são feitas por indivíduos que nunca se deram ao trabalho de estudar as descobertas de Stevenson e de outros investigadores. Stevenson nada fez para incentivar o interesse popular pelo seu trabalho, quase até ao fim da vida. Publicou as suas conclusões apenas em revistas científicas sujeitas a revisão por pares e mostrava-se reticente em colaborar com os meios de comunicação social. Nas poucas entrevistas que concedeu, era tão cauteloso oralmente quanto nos artigos que escrevia, recusando tirar conclusões prematuras dos seus resultados.

Os casos, dizia ele, são sugestivos de reencarnação — nada mais. Contudo, no fim da vida, concordou pela primeira vez em ser acompanhado numa extensa investigação de campo por um jornalista cético e premiado. Esse escritor foi Tom Shroder, respeitado editor do *Washington Post*, cujo livro *Old Souls*[1] relata essa aventura, acompanhando o parapsicólogo octogenário em viagens de recolha de provas ao Líbano, Índia e sul dos Estados Unidos.

Aqueles que, como Shroder, testemunharam o cuidado com que Stevenson recolhia provas junto de todas as testemunhas possíveis, verificando-as depois com os registos disponíveis, compreenderão o enorme esforço envolvido nesse trabalho. Mas os céticos que não estiveram presentes para observar os encontros do investigador com famílias atuais e de vidas passadas em casos de reencarnação levantam várias objeções. Alguns argumentam que podem ter sido feitas perguntas sugestivas aos sujeitos ou que tradutores inclinados para a crença na reencarnação poderão ter colorido as interpretações em inglês dos testemunhos, conferindo-lhes uma tonalidade mais favorável.

Um dos críticos das "inadequações dos procedimentos de entrevista" foi Leonard Angel, docente do Departamento de Filosofia e Humanidades do Douglas College, em Newfoundland, Canadá. Nas páginas da *Skeptical Inquirer*[2] e também num livro,[3] concentrou as suas críticas num único caso libanês, o de Imad Elawar,[4] alegando que a conduta de Stevenson "falha em seis pontos fundamentais". Stevenson quebrou um hábito de toda a vida ao responder à revista,[5] embora esta não fosse uma publicação científica.

Depois, quando a revista não lhe concedeu espaço suficiente para responder adequadamente, disponibilizou uma versão mais longa aos leitores que a solicitaram. Não vou voltar a percorrer esse terreno, mas é apropriado salientar que os métodos modernos de recolha de informação deveriam tornar tais críticas desnecessárias no futuro. Creio que a maioria dos investigadores da reencarnação já realiza gravações vídeo das suas investigações, e considero isso essencial se quisermos observar o quadro completo e não ser desviados por obstáculos importantes mas facilmente superáveis.

Se no futuro os céticos contestarem a precisão dos testemunhos, gravações áudio e vídeo deverão estar disponíveis para verificar a exatidão

dos relatórios ou transcrições em que se baseiam, bem como as interpretações feitas pelos investigadores envolvidos.

Iria ainda mais longe ao sugerir que, além de registar as declarações feitas pelo sujeito ou recordadas pelas testemunhas, os investigadores poderiam tentar obter um retrato mais completo da personalidade da vida passada a partir da criança que a recorda — depois de recolhidos os dados cruciais fornecidos espontaneamente — fazendo uma série de perguntas sobre assuntos mais mundanos: Consegues lembrar-te de qual era a tua refeição favorita? Que tipo de música gostavas de ouvir? Gostavas da escola? Quem eram os teus amigos? Que trabalho fazias?

Estes temas surgem frequentemente de forma espontânea nos relatos de reencarnação, mas fazer tais perguntas poderia levar o sujeito a recordar coisas que não estão na linha da frente da memória. É possível que perguntas desta natureza já sejam utilizadas por investigadores de casos de reencarnação, mas, se assim for, os seus relatórios não o mencionam.

O filósofo americano Paul Edwards, editor da *Encyclopedia of Philosophy* em oito volumes, deu uma contribuição interessante para o debate com o livro *Reincarnation: A Critical Examination*,[6] embora os seus argumentos cuidadosamente considerados e a sua lógica sejam prejudicados por sarcasmo e ataques desnecessários. Entre aqueles que responderam a algumas das suas críticas, John Beloff, antigo presidente da *Society for Psychical Research*, observou[7] ao analisar o livro para o *Journal* da sociedade que "dada a posição filosófica do autor, não apenas a reencarnação, mas a sobrevivência sob qualquer forma, é um absurdo, independentemente do volume das alegadas provas..."

Acrescenta que a objeção de Edwards às provas baseadas em marcas de nascença "é que não existe forma concebível de cicatrizes da personalidade falecida serem transferidas para o embrião da pessoa que alegará ser a sua reencarnação".

James Matlock, do Departamento de Antropologia da Southern Illinois University, mostrou-se igualmente pouco impressionado[8] com a rejeição das provas da reencarnação por parte de Edwards, dizendo que a referência do autor ao "dogmatismo presunçoso e à colossal arrogância" dos crentes no renascimento e no karma poderia aplicar-se "a ele próprio e a outros de inclinação cética". Robert Almeder, do Departamento de

Filosofia da Georgia State University, foi ainda mais longe[9] na sua "Crítica aos Argumentos Oferecidos contra a Reencarnação".

Salienta que, segundo Edwards, "nenhum ser humano razoável poderia levar a sério a crença na reencarnação" e que "qualquer argumento a favor de qualquer forma de sobrevivência pessoal após a morte é indefensável". Almeder conclui que "o autor não percebe que, enquanto aponta o dedo aos que acreditam na reencarnação como fanáticos religiosos ou incompetentes mentais, há três dedos apontados de volta para ele".

Os céticos, ou descrentes, tornam-se assim tão rígidos na sua mentalidade quanto aqueles que possuem forte crença em algo ou alguém. Paul Edwards demonstrou isso muito bem. Parece que nenhuma quantidade de provas alguma vez o convenceria de que a consciência pode sobreviver à morte e, com base nisso, quaisquer dados que sugerissem o contrário estavam necessariamente errados. A minha suspeita é que, se as provas da reencarnação já recolhidas, meticulosamente analisadas e amplamente publicadas não persuadem os céticos de que se trata, pelo menos, de um fenómeno digno de estudo intensivo adicional, então nenhuma nova investigação lhes mudará a opinião.

Xenoglossia

Talvez um caso bem fundamentado de xenoglossia (falar uma língua desconhecida do sujeito) possa fazer a diferença. O psicoterapeuta Dr. Morris Netherton relata o caso de um rapaz loiro de olhos azuis, de onze anos, que, sob hipnose, foi gravado durante onze minutos enquanto falava num antigo dialeto chinês.[10] Quando a gravação foi reproduzida a um idoso professor chinês do Departamento de Estudos Orientais da Universidade da Califórnia, descobriu-se tratar-se de uma recitação pertencente a uma religião proibida da China Antiga.

Fascinante, sem dúvida, embora devamos tratar esta alegação como anedótica, a menos que Netherton possa fornecer confirmação tangível por parte do professor, ou melhor ainda, a gravação original para análise de terceiros. Mesmo assim, os céticos argumentarão que isso poderia ter sido aprendido de alguma forma — como no caso de Reima Kampman, em que

uma estudante finlandesa cantou uma canção numa forma antiga de inglês (capítulo 18). O que é necessário, portanto, é xenoglossia responsiva, em que ocorre um verdadeiro diálogo. Se Morris Netherton tivesse conseguido hipnotizar o rapaz na presença do professor consultado, e esse especialista tivesse então conversado com o sujeito em chinês antigo, o resultado teria sido uma prova extraordinária.

Ian Stevenson relatou dois casos[11] em que um sujeito parecia capaz de falar sueco (sob hipnose) e outro alemão, em estado normal de vigília. Discutiu também longamente o caso Uttara/Sharada de possessão (capítulo 19), em que o sujeito conseguia falar bengali. Outro caso de xenoglossia foi relatado em 1953, quando o Professor P. Pal, da Universidade de Itachuna, no Bengala Oriental, descobriu Swarnlata Mishra, uma rapariga hindu de quatro anos que conseguia dançar num estilo bengali e cantar nessa língua, sem ter tido qualquer contacto prévio com essa cultura. Este caso foi também investigado por Stevenson.[12] O ator de Hollywood Glenn Ford é igualmente referido como tendo demonstrado talento musical ao piano e conhecimento de francês durante uma regressão hipnótica conduzida pelo Dr. Maurice Benjamin. No seu estado normal, Ford não sabia tocar piano nem falar francês.

As transcrições de cinco das suas regressões a vidas passadas encontram-se no livro *Americans Who Have Been Reincarnated*.[13] A investigação futura em linhas semelhantes dependerá muito da descoberta de novos sujeitos com capacidades idênticas. Tem sido sugerido que crianças prodígio possam estar a demonstrar competências transportadas de uma vida para outra, embora eu considere que esse argumento não faz justiça ao potencial criativo de cada ser humano — a menos, claro, que o indivíduo possua também memórias de vidas passadas coincidentes com essas capacidades extraordinárias.

Caligrafia

Da mesma forma que a xenoglossia pode demonstrar a transferência de conhecimentos (linguísticos) adquiridos numa vida anterior, um especialista forense na Índia sugeriu que a comparação da caligrafia produzida pela personalidade da vida passada e pela personalidade da vida presente pode fornecer provas adicionais de reencarnação, tendo apresentado o seu primeiro caso para demonstrar isso.

O Dr. Vikram Raj Sing Chauhan, presidente da *All India Forensic Science Association*, revelou o caso numa apresentação na Conferência Nacional de Cientistas Forenses da associação, na Universidade de Bundelkand, em Jhansi, em 2002. O especialista sediado em Patiala falou de Taranjit Singh, que afirmava recordar a vida de um jovem chamado Satnam Singh, morto num acidente rodoviário. Taranjit insistia em ser levado à sua antiga aldeia, e o pai conseguiu localizar uma família cujos detalhes correspondiam aos descritos pelo filho. Quando o Dr. Chauhan leu a história num jornal, não acreditou nela, mas decidiu investigá-la por curiosidade. Conseguiu obter amostras da escrita de Taranjit Singh e de Satnam Singh, esta última encontrada em cadernos do rapaz preservados pela família.

O *Tribune*, ao noticiar a apresentação na conferência, explicou: "Uma teoria básica da ciência forense, segundo a qual as caligrafias de dois indivíduos diferentes não podem ser iguais, foi a base da investigação. Se Taranjit Singh e Satnam Singh eram a mesma pessoa, então as suas caligrafias também tinham de ser iguais."

Para espanto do Dr. Chauhan, a escrita de Taranjit "correspondia quase exatamente" à da pessoa que afirmava ter sido na vida passada. A única diferença "residia na coordenação muscular dos dois escritores, uma vez que Taranjit Singh não estava habituado a escrever". Outros especialistas presentes na conferência, segundo a ata, examinaram as amostras de escrita e chegaram à mesma conclusão.

O relato do *Tribune* não publicou uma comparação das caligrafias dos rapazes. Devo sublinhar que isto não diz respeito à grafologia, ou interpretação da psicologia de uma pessoa com base na sua caligrafia. Trata-se puramente de um exame forense de duas amostras para comparar semelhanças — uma avaliação científica aceite, por exemplo, pelos tribunais americanos em casos relacionados com a autenticidade de alterações em testamentos ou assinaturas em documentos legais.

Um caso semelhante em que a caligrafia foi publicada envolve Herminio Miranda, um espírita brasileiro que foi também executivo sénior da Companhia Siderúrgica Nacional do Brasil até se reformar aos sessenta anos, em 1980. Promoções sucessivas levaram-no ao cargo de diretor executivo responsável pela contabilidade e finanças durante quase quarenta anos na empresa. Ao longo desse período foi igualmente escritor sobre

Espiritismo, no qual a reencarnação desempenha um papel importante, tendo produzido um total de quarenta livros. Miranda acreditava ter descoberto ser a reencarnação de Robert Browning Sr., funcionário do Banco de Inglaterra e pai do famoso poeta e dramaturgo inglês.

A ideia de comparar as respetivas caligrafias surgiu de uma extensa correspondência entre Miranda e Joseph Myers, nos Estados Unidos, cujas próprias memórias de reencarnação o levaram a criar um sítio na internet dedicado a outros casos. O Banco de Inglaterra respondeu ao pedido de Miranda de obter a caligrafia de Browning fornecendo uma fotocópia da carta de demissão deste, datada de 1863. Miranda entregou a carta fechada à secretária e pediu-lhe que datilografasse quaisquer palavras manuscritas que nela encontrasse.

Entregou, então, o dactiloscrito ao seu chefe, que se sentou e o redigiu pelo seu próprio punho antes de observar a carta de Browning. Parecem ser quase idênticos. Os críticos argumentarão que esta experiência foi conduzida pelo sujeito, pelo que temos de confiar na sua palavra. Vale a pena recordar, no entanto, que este teste teve lugar na década de 1960, quando Miranda era ainda controlador-geral da Companhia Siderúrgica Nacional brasileira, e que a estatura de Miranda no Brasil era tal que foi o enviado daquele país para entregar os pagamentos do *land-lease* aos EUA após a Segunda Guerra Mundial. É difícil imaginar o que ele poderia ganhar ao forjar tal alegação.

ADN

Uma outra dimensão forense na investigação da reencarnação poderá também ser possível, no futuro, através da comparação da análise de ADN de amostras de sangue ou tecidos de uma vida para outra. Esta possibilidade foi sugerida pelo investigador Walter Semkiw, embora seja demasiado cedo para saber se devemos esperar encontrar semelhanças ou uma «marcação genética». O facto de a aparência facial, os sinais de nascença e os defeitos congénitos, bem como fatores psicológicos como o comportamento, parecerem ser transportados de uma vida para a seguinte, sugere que o ADN poderá ter um papel a desempenhar.

Poderá ser significativo para esta linha de investigação que o livro de estudos de casos de Semkiw {14} inclua o Dr. Kary Mullis, que recebeu o Prémio Nobel da Química em 1993 pela sua invenção da reação em cadeia da polimerase (PCR), que foi saudada como uma das técnicas científicas monumentais do século vinte. A PCR multiplica uma única vertente microscópica de material genético milhares de milhões de vezes em poucas horas.

É uma técnica que pode ser utilizada para a impressão digital genética e é também usada para extrair ADN de fósseis, pelo que poderá ser uma ferramenta útil para futuros investigadores da reencarnação. Semkiw sugere que, nas suas vidas passadas, o Dr. Mullis foi Benjamin Rush, um eminente médico e patriota do século dezoito e, antes disso, Martinho Lutero, o padre alemão e professor de teologia cuja tradução da Bíblia (do latim) a tornou acessível ao povo pela primeira vez. O Dr. Mullis deu permissão a Semkiw para publicar essa especulação, embora mantenha uma posição neutra em relação ao seu caso.

Gémeos

É a semelhança na aparência e no comportamento dos gémeos que fascina a maioria das pessoas, levando a uma crença generalizada de que estes têm maior probabilidade de experienciar e relatar comunicação telepática do que indivíduos de uma família. Os investigadores da reencarnação, por outro lado, sentem-se fascinados pelas diferenças entre gémeos e começaram a explorar a possibilidade de estas dissimilaridades poderem fornecer provas sólidas de renascimento.

Os gémeos monozigóticos deveriam ser idênticos porque têm origem no mesmo óvulo fertilizado por um único espermatozoide, mas separam-se em dois zigotos durante os primeiros treze dias, ao passo que os gémeos fraternos (dizigóticos) se formam quando dois ovos são fertilizados por dois espermatozoides. Uma vez que os gémeos monozigóticos partilham o mesmo ADN, deveriam ser idênticos, e no entanto, em alguns casos, são diferentes na aparência ou no caráter.

Por exemplo, o Dr. Paul Gringas, do Queen Charlotte's Hospital em Londres, relatou na famosa revista médica *Lancet*, em 1999, que estudou gémeos monozigóticos masculinos cujas cores de cabelo — castanho e

louro —, formas de orelhas e dentes são diferentes; a sua aparência facial não é mais semelhante do que a de irmãos comuns; e um é considerado mentalmente mais avançado do que o outro. Ele não conseguiu oferecer qualquer explicação médica para estas anomalias.

Outros especialistas notaram também as acentuadas diferenças de caráter entre alguns gémeos siameses. O relato do Dr. Gringas suscitou uma resposta do Dr. Ian Stevenson, que, juntamente com colegas, investigou mais de quarenta pares de gémeos onde um ou ambos exibiam memórias de vidas passadas. Ele comentou o caso de gémeos monozigóticos no Sri Lanka, com estatura, aparência facial e comportamentos muito diferentes desde tenra idade. É necessário recolher mais dados sobre tais casos, mas Stevenson acreditava haver uma forte possibilidade de que estas diferenças em gémeos que deveriam ser idênticos pudessem ser explicadas por influências físicas ou psicológicas de uma vida anterior. Avanços médicos recentes tornaram possível examinar a constituição genética de gémeos, com a descoberta de que um em cada dez pares de gémeos monozigóticos são, de facto, fisicamente não idênticos.

Poderá haver outras vias de investigação que podem ser exploradas através da aplicação de novas técnicas científicas a casos sugestivos de reencarnação no futuro. Por enquanto, as provas que já foram produzidas são consideradas por muitos como esmagadoras — embora os céticos ainda pensem de forma diferente.

Capítulo 23

Carma e Destino

Tem problemas com o seu trabalho, as suas finanças, o seu parceiro, os seus sogros, os seus impostos, a sua saúde ou qualquer uma de outras mil coisas que garantem que a sua jornada pela vida nem sempre corra tão suavemente como gostaria? Houve um tempo em que se teria culpado a si próprio ou a outra pessoa por esses males. Hoje em dia, parece que um número crescente de pessoas prefere culpar o seu carma.

Quando a vida corre mal, dizem que é por causa de algo que fizeram numa vida passada. Isto faz todo o sentido para algumas pessoas, mas confesso que não sou uma delas. Quando alguém me pergunta se acredito

no carma, a minha resposta imediata é perguntar-lhe: que tipo? Normalmente, isto é recebido com um silêncio confuso, por isso passo a explicar que as ideias mais antigas sobre a reencarnação não envolviam a crença de que o renascimento era influenciado pelo comportamento moral de uma pessoa numa vida anterior. O conceito de carma evoluiu gradualmente, mas tem sido interpretado de forma diferente por cada religião que o abraça, incluindo o Budismo, o Hinduísmo e o Jainismo. A crença no carma pode ser vista como uma forma de introduzir um elemento de justiça em vidas que, de outro modo, poderiam ser consideradas empobrecidas ou injustas.

Talvez tenha pouca riqueza material nesta vida porque teve muita numa anterior; talvez esteja doente na existência atual porque desfrutou de boa saúde anteriormente. É um jogo de equilíbrio. Alguns veem o carma como um sistema de justiça espiritual que aplica castigo e retribuição por pecados de vidas passadas, ou recompensas por uma vida de bondade. Mas quem decide? Essa responsabilidade é habitualmente atribuída a um Ser Supremo, nomeadamente dentro do Hinduísmo.

Mesmo o Islão, sem mencionar o carma, refere-se ao bem ou ao mal que os seus seguidores experienciam como sendo a reação de Alá às próprias ações do homem. Outros, entre os quais budistas e jainistas, interpretam o carma de forma muito diferente, vendo-o como uma lei simples, natural e universal de causa e efeito cujas consequências são automáticas, sem exigir a intervenção de um Deus que tudo vê e tudo sabe para dispensar justiça.

Os ensinamentos cristãos não abraçam a reencarnação, no entanto alguns clérigos notáveis declararam abertamente a sua crença no carma, incluindo o Rev. Dr. Leslie Weatherhead, um ministro metodista; o Bispo Hugh Montefiore, um teólogo anglicano; o Rev. Edward Chad Varah, um padre anglicano; e o Rev. Martin Israel, que nasceu numa família judaica mas acabou por romper com o Judaísmo e tornou-se padre anglicano. O conceito de carma, portanto, parece ter permeado o pensamento e influenciado as atitudes de milhões de pessoas em todo o mundo, que o moldam às suas próprias necessidades ou crenças, independentemente da doutrina particular que subscrevam.

Aceitar que uma lei de causa e efeito opera nas nossas vidas — quer lhe chamemos carma ou não — levanta muitas questões que suspeito

ficarem, em grande parte, por formular e certamente por responder pelos seus crentes ocasionais. Se as ações numa vida anterior determinaram quem é nesta vida e que recompensa ou castigo pode esperar por atos nessa existência anterior, isso sugere um elemento de predestinação.

Supondo, por exemplo, que desenvolve uma doença grave e debilitante a meio desta vida, significará isso que foi direcionado para um corpo onde nasceria que seria suscetível ao desenvolvimento dessa condição, permitindo que o carma fizesse efeito e, de alguma forma, equilibrasse uma dívida cármica de uma vida anterior? Significará isso que não temos livre-arbítrio; que tudo é predestinado? Se assim for, por que nos damos ao trabalho?

Deixemos apenas que aconteça (exceto, claro, se a nossa predestinação provavelmente exigir que façamos o esforço). Ou talvez tenha escolhido reencarnar num corpo que desenvolveria uma condição médica grave para aprender uma lição ou acumular voluntariamente algum bom carma. O aspeto mágico da lei do carma é que pode ser usada para explicar, justificar ou racionalizar quase qualquer evento, dependendo da variante que se professa.

Quando um maremoto mata centenas de milhares de pessoas, será que lava os seus pecados de vidas passadas, bem como as suas casas e os seus corpos?

Este não é apenas um desafio filosófico para aqueles que acreditam no carma, claro. Outros, cuja religião considera Deus como o supremo orquestrador de todos os eventos no nosso planeta, e para quem o conceito de renascimento é rejeitado, ainda têm de enfrentar as implicações dos desastres naturais e outras tragédias e o impacto que estas inevitavelmente têm nas suas crenças. Tais eventos, com uma perda maciça de vidas, sugerem para alguns a existência de um carma de grupo, no qual grandes números de pessoas estão de algum modo ligadas ao mesmo destino e, portanto, sofrem uma sorte idêntica.

Esse cenário sugere que sismos e maremotos, em vez de serem o resultado infeliz de eventos naturais num planeta em mudança, são ocorrências propositadas geradas por alguma força invisível para administrar justiça cósmica. De acordo com o Dr. Hiroshi Motoyama, um cientista japonês, parapsicólogo, sacerdote xintoísta, curandeiro e autor de

mais de cinquenta livros sobre misticismo e consciência, também partilhamos carma marital e familiar a um nível pessoal, e carma nacional, racial e geográfico a um nível de grupo.

Pauli A. Moss,1 filha da psicóloga médica e parapsicóloga Thelma Moss, está entre aqueles que afirmam poder «ler» o carma de uma pessoa. Diz-se que ela é uma especialista em astrologia preditiva hindu, o que lhe permite interpretar mapas natais de modo a determinar o «saldo bancário cármico» de um indivíduo — dívidas e créditos mantidos de vidas anteriores em áreas específicas.

Assumindo que existe uma lei do carma, ou de causa e efeito, a operar ao longo de muitas vidas para garantir que os bons prosperem e os maus sofram ou tenham a oportunidade de se redimir, concluí há muito tempo que era impossível para nós, meros mortais, compreender os seus misteriosos mecanismos. A forma como o carma pode funcionar não é tão importante, a meu ver, como a aceitação do facto de que todos temos responsabilidade pessoal pelas nossas ações e devemos viver as nossas vidas em conformidade. Sendo esse o caso, faço questão de nunca perder tempo a pensar se a boa fortuna ou o azar de outras pessoas tem algo a ver com a reencarnação. Na verdade, aqueles que fazem tais julgamentos por vezes arrependem-se de o ter feito.

O rabino Yonassan Gershom, que segue a tradição mística hassídica do Judaísmo, documentou muitos casos^{2} de pessoas que acreditam ter morrido no Holocausto — apenas algumas dos seis milhões que pereceram em circunstâncias horríveis às mãos dos nazis. Nos primeiros dias da sua investigação, dois terços daqueles que entrevistou tinham renascido como não judeus, levando ao que ele descreve como «especulação mediática selvagem» sobre as razões.

Desde então, afirmou que a sua primeira amostra era demasiado limitada e, tendo descoberto centenas de outros judeus que foram vítimas do Holocausto mas que regressaram como judeus, a proporção está agora mais equilibrada. Curiosamente, ele faz uma observação muito válida sobre fatores que podem sobrepor-se ao desejo natural de uma alma de renascer no mesmo grupo étnico ou cultural — uma crença que é comum aos índios americanos, tribos africanas, castas indianas, aos drusos e muitos outros.

«Mas o que acontece quando há uma guerra e grandes números de pessoas são mortas todas de uma vez, antes do que eu diria ser o seu tempo de vida normal?» pergunta Gershom. «Morrem como crianças, morrem em bombardeamentos, morrem no campo de batalha. Quando isso acontece, acho que as coisas ficam um pouco misturadas. Quando se larga uma bomba atómica em Nagasáqui, todos morrem ao mesmo tempo: não se distingue entre os inocentes e os culpados. É difícil dizer que estava ordenado que uma cidade inteira morresse por causa do carma. Não acredito nisso.»

As implicações espirituais do Holocausto provaram ser, ao longo dos anos, um campo minado para aqueles que ofereceram razões para o explicar em termos de reencarnação. Uma das suas primeiras vítimas foi o Marechal do Ar Lord Dowding, cuja liderança na Batalha de Inglaterra deu um contributo fundamental para a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Ele disse a uma audiência em Londres, pouco depois do fim da guerra: «Tenho algumas razões para supor que aqueles que semearam as sementes da crueldade abominável na época da Inquisição [espanhola] colheram a sua própria colheita em Belsen e Buchenwald.»

Qualquer que tenha sido a sua fonte, é difícil encontrar lógica em tal raciocínio. Se os inquisidores espanhóis dos séculos quinze e dezasseis tivessem renascido como judeus para serem mortos em campos de concentração, então quem eram os nazis que lhes impuseram essa dívida cármica? Quem são as vítimas e quem são os perpetradores? Tal lógica distorcida poderia não só ser vista como antissemita, mas também coloca Hitler e os seus sequazes num pedestal por exercerem vingança, à medida que os bons (as vítimas) se tornam os maus, e vice-versa.

Surpreendentemente, existe até um rabino israelita que expressa crenças semelhantes. O rabino Ovadia Yosef, que lidera o partido Shas e profere um sermão radiofónico semanal ao sábado à noite, enfrentou uma forte controvérsia em 2000 por declarar que as seis milhões de vítimas do Holocausto eram «reencarnações das almas de pecadores, pessoas que transgrediram e fizeram todo o tipo de coisas que não deveriam ser feitas. Tinham reencarnado para expiar.» Embora tenha descrito os nazis como «malignos» e as suas vítimas como «pobres pessoas», o facto de ter atribuído pecados passados como a razão para as suas mortes causou uma indignação compreensível em Israel e em todo o mundo. O então primeiro-

ministro israelita, Ehud Barak, disse numa reunião do seu gabinete que a declaração era indigna de um rabino do estatuto de Yosef — ele é líder do maior partido político ultraortodoxo do país — e o legislador Yosef Lapid, chefe do partido secularista Shinui e ele próprio um sobrevivente do Holocausto, descartou o rabino como um «velho tolo» que tinha prestado um serviço àqueles que tentam reabilitar a reputação de Hitler. Apesar das críticas que lhe foram dirigidas, o rabino Yosef repetiu a afirmação quase uma década mais tarde, explicando noutra das suas transmissões semanais em 2009 que as vítimas do Holocausto, «pessoas justas entre elas», foram punidas por causa dos «pecados de gerações passadas».

Quando Glenn Hoddle perdeu o seu emprego como selecionador de futebol de Inglaterra em 1999, poderia muito bem ter-se perguntado que falta cometida numa vida passada era a culpada. Mas a causa estava nesta vida. Enquanto preparava a sua equipa na fase que antecedeu o Campeonato do Mundo, cometeu o erro de discutir o carma numa entrevista a um jornalista do jornal *Times*.3 Hoddle já tinha feito manchetes quando foi revelado que estava a usar uma curandeira e médium espiritualista, Eileen Drewery, para tratar com sucesso jogadores lesionados.

Os seus comentários sobre o carma, no entanto, levaram-no para águas desconhecidas e a receção tempestuosa que invocaram levou em breve ao seu despedimento. «A si e a mim foram dados fisicamente duas mãos e duas pernas e cérebros razoavelmente decentes», disse ele num momento desprevenido. «Algumas pessoas nasceram assim por uma razão. O carma está a funcionar a partir de outra vida. Não tenho nada a esconder sobre isso. Não são apenas as pessoas com deficiência. O que semeamos temos de colher.» O *Times* falou com uma série de pessoas com deficiência que acharam as suas opiniões ofensivas e em breve tornou-se uma história de destaque em todo o mundo, culminando na decisão da Associação de Futebol de o despedir. Aqueles que discordaram das suas opiniões, devo acrescentar, não ofereceram qualquer explicação alternativa para o facto de as pessoas terem deficiências ou sofrerem de outras formas, e o Dalai Lama apoiou-o.

Hoddle, cuja mãe trabalhava numa escola para crianças com deficiência, deu apenas mais uma entrevista sobre o assunto, desta vez a um repórter que foi mais compreensivo — Harry Harris do *Mirror* —,

explicando: «Durante anos debati-me sobre por que razão muitas pessoas sofrem tanta tristeza e tragédia. É algo que realmente me preocupa. Fico muito perturbado quando encontro pessoas com deficiência, ou vejo uma pobreza terrível, ou ouço falar de pessoas a serem abusadas...

Investiguei isto em detalhe e ouvi uma série de teorias. Algumas fazem mais sentido do que outras. Certamente, não acredito que as pessoas com deficiência mereçam o que têm. Mas procuro alguma razão para o seu sofrimento, como tenho a certeza de que muitas pessoas com deficiência fazem por si próprias.»

Da mesma forma, muitos daqueles cujos casos de reencarnação discuti devem também ter-se perguntado por que razão, na sua vida passada, foram assassinados ou atingidos de alguma forma, e por que trouxeram sinais de nascença e defeitos congénitos para a sua nova vida. Que lei cármica, por exemplo, permite que uma criança corte acidentalmente os dedos numa máquina de cortar forragem numa vida e depois não consiga restaurá-los no seu novo corpo? Cada um chegará, sem dúvida, às suas próprias conclusões, assumindo que cheguem a pensar nisso. Rani Saxena, uma rapariga indiana investigada por Ian Stevenson,4 certamente chegou. Tinha memórias vívidas de uma vida passada na qual era um advogado próspero na cidade de Benares e identificava-se tão fortemente com essa vida passada que, apesar de se ter casado e tido filhos, ainda usava formas verbais masculinas ao falar.

Então, por que se encontrava agora a viver como uma mulher na pobreza abjeta? Rani acredita que foi porque explorou as mulheres nessa existência masculina anterior e acreditava que estava agora a pagar o preço. Era, disse ela a Ian Stevenson, «o julgamento de Deus».

A minha própria visão sobre este assunto espinhoso é que deve haver rima e razão nos mecanismos do renascimento, mas elas escapam-me. Também tenho dificuldades em conciliar alguns dos relatos extraordinários e conflituantes apresentados tanto por terapeutas como por investigadores da reencarnação. Os primeiros falam-nos de sujeitos que, tendo sido submetidos a regressão a um estado de entre-vidas, descrevem o planeamento das suas próximas vidas com equipas de consultores espirituais.

Os segundos fornecem-nos frequentemente relatos desconcertantes e aleatórios de casos espontâneos, nos quais certas almas, incluindo aviadores que se despenharam em terras estrangeiras, parecem procurar um renascimento instantâneo e gravitam para a mulher grávida mais próxima que por acaso esteja a passar. Por outro lado, outros preferem esperar até que ocorra uma «vaga» dentro da sua família anterior.

Portanto, o meu veredicto tem de ser: simplesmente não sei. Talvez não seja suposto sabermos. Ainda assim, isso não mina nem invalida a investigação importante que continua a ser realizada sobre alegações de vidas passadas.

Capítulo 24

Quem Somos Nós?

Quem pensa que é? Isso pode soar como uma pergunta retórica, mas está no âmago do argumento da reencarnação. Com poucas exceções, todos sabemos exatamente quem somos, tanto em termos da nossa aparência exterior como do nosso eu interior. Percebemos tudo no mundo ao nosso redor de uma forma que é pessoal e única. Os nossos amores, ódios, moral, segredos, ambições e compaixão fundem-se com uma multidão de outras virtudes e defeitos que são todos embalados na entidade-alma que somos nós: a criação inconfundível à qual aplicamos alegremente o pronome «eu».

Tudo isto aponta de forma muito positiva para o facto de o planeta Terra ser hoje o lar de sete mil milhões de indivíduos, cada um vivendo, por assim dizer, no seu próprio mundo e possuindo a sua própria identidade única. Tudo o que necessitam para se manifestarem conscientemente como seres humanos num ambiente físico são corpos de carne e osso que são alimentados e regados e animados por um cérebro enquanto o sangue lhe for bombeado pelos seus corações. Quando isso deixa de acontecer, as evidências parapsicológicas — particularmente as provenientes de estudos de reencarnação — sugerem que algo que contém o que percebemos conscientemente como «nós» se desprende e continua a existir de forma independente, quer permanentemente numa dimensão espiritual, quer temporariamente até renascer novamente no mundo físico. Para que tal ocorra, a nossa consciência precisa de ser uma entidade verdadeiramente

independente, em vez de ser, como a maioria dos cientistas afirmaria, um subproduto do cérebro, que morreria, portanto, quando o corpo deixa de funcionar. Se os parapsicólogos e as principais religiões estiverem certos e um elemento não físico — alma, espírito, consciência — sobrevive à morte física, a prova científica disso terá implicações enormes e mudará a nossa perceção do lugar da humanidade no cosmos.

Embora os estudos de reencarnação, juntamente com outros como os estudos de quase-morte, estejam a expandir as fronteiras, é necessário um consenso científico que aceite a existência de uma dimensão espiritual a interagir com a física. Isso, por sua vez, deverá lançar luz sobre o potencial da consciência humana para operar além das limitações físicas em que assumimos atualmente que funciona.

Antes de examinarmos a investigação recente sobre a consciência, precisamos de compreender que existem aspetos de alguns casos de reencarnação que complicam a teoria cronológica simples da transferência de almas. Stevenson, por exemplo, investigou o caso de um monge tailandês, Chaokhun Rajsuthajarn, que tinha memórias claras da vida do seu próprio tio materno, Nai Leng. Chaokhun disse que assistiu ao funeral de Nai Leng e sentiu que estava a cumprimentar os presentes, embora eles não o pudessem ver.

Nessa altura, porém, ele já estava reencarnado como seu sobrinho, tendo nascido um dia antes do falecimento do seu tio. «Estudei este caso com muito cuidado, mas não consegui encontrar uma explicação para a discrepância», observou Stevenson numa entrevista em 1988.1 Os críticos, claro, considerariam vidas sobrepostas como impossíveis, mas o papel de Stevenson é relatar os factos, não usá-los para reforçar um ponto de vista específico. Além disso, não é um caso único. Quando Alex Shoumatoff, escrevendo para a *Vanity Fair* sobre o conflito entre a China e o Tibete,2 perguntou ao Dalai Lama se seria possível uma pessoa reencarnar tomando o corpo de alguém que já existe, o Dalai Lama respondeu:

Não, mas duas emanações separadas da mesma fonte podem coexistir. Existem vários tipos de reencarnação: Um, o eu anterior toma um novo corpo. Dois, a fonte última da reencarnação pode multiplicar-se simultaneamente, pelo que, nesse caso, o renascimento pode não vir necessariamente após uma morte anterior. Podem acontecer duas

reencarnações. Por exemplo, existem dois de [o *tulka*] Taklun Tsetul, um no Tibete central, o outro no Tibete oriental.

Ngawang Zangro, que traduziu e escreveu uma introdução para uma versão moderna em inglês de *Enthronement*,3 de Jamgon Kongtrul Lodro Tayé, do século dezanove, sobre o reconhecimento de mestres reencarnados no Tibete e nos Himalaias, revela que «alguns mestres aparecem mais cedo ou mais tarde durante a mesma vida». De facto, dizem-nos que o autor do livro morreu no final de 1899 e «reencarnou não como uma criança, mas como cinco, cada uma reivindicada por um mosteiro com o qual ele tinha estado estreitamente relacionado». Entre aqueles que a escritora Alexandra David-Neel citou na sua obra *Immortality and Reincarnation*4 e conheceu nas suas viagens, encontrava-se um eremita contemplativo tibetano, que falou com ela numa gruta num vale montanhoso que se tornara a sua casa:

Aqueles que desejam convencer-se da sua própria imortalidade baseando-a em reencarnações e nas memórias que têm — ou afirmam ter — das suas vidas passadas estão fora de rumo. Acreditam que o seu Eu é um bloco homogéneo, ao passo que é, como ensinado no Budismo, um agregado [os cinco agregados físicos e mentais são o corpo, sensações, perceções, construções mentais (ideias e volição) e consciência ou conhecimento] cujos elementos constituintes são essencialmente de natureza transitória e têm apenas uma existência momentânea que depende de múltiplas causas.

Mesmo os relatos de sujeitos hipnotizados defendem quase o mesmo ponto. Na sua investigação sobre a vida entre vidas, por exemplo, o regressonista Michael Newton foi informado^5 por várias pessoas em transe que entidades desencarnadas podiam escolher que percentagem da sua energia total encarnar em cada momento, dependendo do desenvolvimento do espírito (embora um mínimo de 10 ou 15 por cento da energia permanecesse sempre nos reinos espirituais).

Esse conceito permitiria que ocorressem múltiplas encarnações simultâneas, ou mesmo que uma entidade desencarnada comunicasse a partir dos reinos espirituais, através de um médium, enquanto parte do seu «pacote de energia» estava a experienciar uma reencarnação.

O que estas alegações ou crenças sugerem é que a separação do nosso eu que prezamos individualmente, porque nos faz sentir especiais e únicos, poderia ser, para pedir emprestada uma observação hindu, «uma falácia vulgar, uma ilusão». A realidade é muito mais complexa. Em vez de sermos almas únicas, parece que somos multinível ou multidimensionais. Essa é uma visão que está a encontrar apoio em lugares improváveis.

Enquanto cientistas como o Dr. Ian Stevenson têm trabalhado arduamente na recolha de numerosos estudos de caso que fornecem provas sólidas da sobrevivência da consciência de uma vida para outra, cientistas que trabalham noutras disciplinas têm chegado a conclusões semelhantes, baseadas em hipóteses que examinam a consciência sob outras perspetivas. Michael Graziano, Professor de Neurociência no Instituto de Neurociência da Universidade de Princeton, por exemplo, desenvolveu uma teoria de que a consciência é uma perceção produzida pelo cérebro, um conceito que ele admite ser «decididamente materialista e ateu». No entanto, surpreendentemente, ele acrescenta num blogue no *Huffington Post*6 que «de acordo com a teoria, os espíritos existem — divindades, fantasmas, almas, a consciência de outras pessoas, a própria consciência — como ricas simulações percetivas executadas no *hardware* do cérebro.

Esse mundo percetivo tem realidade psicológica e importância genuína para a existência humana». No entanto, se compreendi corretamente a sua teoria, eles não são reais e não podem, portanto, acomodar as evidências da reencarnação. Por outro lado, acredito que as teorias baseadas na mecânica quântica, e particularmente no entrelaçamento — o que Einstein chamou de «ação fantasmagórica à distância» —, podem abranger as evidências da reencarnação.

Uma forma de olhar para como as nossas mentes conscientes se podem encaixar no grande esquema das coisas é ver-nos como sendo como moléculas de água num mar de consciência: capazes de serem isoladas e examinadas individualmente, como uma parte minúscula desse todo, mas totalmente dependentes de e interagindo com outras moléculas para criar o oceano. Não é uma ideia nova: conceitos semelhantes encontram-se nos primeiros ensinamentos hindus, por exemplo, bem como nos escritos de filósofos como William James.

Mas a investigação laboratorial aliada à especulação teórica está a dar-nos uma visão maior da verdadeira natureza da consciência e das suas

capacidades notáveis. «A natureza da consciência, a sua ocorrência no cérebro e o seu lugar último no universo são desconhecidos», afirmam Sir Roger Penrose, o eminente físico matemático inglês e professor no Wadham College, Oxford, e Stuart Hameroff, um anestesiologista americano, investigador da consciência e professor na Universidade do Arizona. Mas num artigo conjunto, publicado em 2011,7 concluem que «a consciência desempenha um papel intrínseco no universo». Baseiam essa opinião na sua crença de que «a consciência sempre esteve no universo» e que a biologia evoluiu um mecanismo que «orquestra» computações quânticas dentro dos nossos cérebros para produzir a consciência.

Chamam a este processo «Redução Objetiva Orquestrada» ou Orch-OR. A sua proposta tem implicações para a biologia, neurociência, física e cosmologia, pois «coloca o fenómeno da consciência num lugar muito central na natureza física do nosso universo... [e] tem um papel na operação das leis do universo».

Mesmo que a consciência, no seu sentido mais lato, seja universal, continua a haver necessidade de compreender como consegue passar de uma vida humana para outra, levando consigo memórias e comportamentos. O parapsicólogo brasileiro Hernani Guimarães Andrade sugeriu o modelo organizador biológico (MOB) há mais de meio século. Estou a condensar a tradução para inglês de Guy Lyon Playfair da teoria de Andrade^8 para a explicar.

O MOB envolve um corpo não físico constituído por dois componentes: o astral, que é o repositório da mente, e o vital, que contém um registo do desenvolvimento orgânico da nossa espécie. O vital é também responsável pelo «crescimento do corpo desde a fase inicial de divisão celular até à idade adulta. É um contínuo histórico, um registo da nossa evolução que serviu de projeto para a nossa encarnação atual, e existe em pelo menos cinco dimensões, quatro de espaço e uma de tempo». Andrade, que investigou muitos casos de reencarnação, sugeriu ainda que a decisão de renascer pode não ser consciente, mas um processo automático de atração governado pela seleção aleatória. Um MOB maduro poderia ter meios de escolher a sua futura mãe, enquanto um menos maduro poderia simplesmente ligar-se ao primeiro ovo fertilizado disponível.

*The Conscious Universe*9 e *Entangled Minds*,10 do importante parapsicólogo americano Dean Radin, cientista sénior do Instituto de

Ciências Noéticas, fizeram muito para abrir as mentes para a possibilidade do que ele descreve como «uma interligação fundamental entre todas as coisas». Por exemplo, ele aponta para experiências conduzidas na Universidade de Princeton e replicadas noutros locais, mostrando que quando «uma pessoa dirige a sua atenção para um objeto físico remoto, o comportamento de um objeto muda de formas interessantes: dados lançados já não caem ao acaso, circuitos eletrónicos comportam-se de forma estranha e o sistema nervoso humano responde a influências invisíveis que demonstram a capacidade da mente de afetar objetos físicos».

Ele também discute estudos de «campo de consciência» no seu próprio laboratório que procuraram — e encontraram — correlações em leituras de numerosos geradores de números aleatórios e grandes eventos nos quais as mentes das pessoas estavam focadas, tais como a transmissão televisiva anual dos Prémios da Academia em 1995. Estas descobertas sugerem a existência de uma «consciência global»: muitas mentes a trabalhar em uníssono.

As implicações disto são enormes. «A ideia do mundo como um organismo foi chamada de hipótese Gaia, batizada em honra da mítica deusa grega da Terra», escreve Radin. «Será que os efeitos do campo de consciência sugerem que poderá haver uma mente de Gaia? Tal como os neurónios individuais no cérebro teriam dificuldade em acreditar que estão a participar na dança complexa a que chamamos 'mente consciente', talvez os indivíduos de ambos estejam a participar na dança da mente de Gaia, e as nossas experiências detetaram essa dança.»

O Dr. Ian Stevenson, como o investigador que mais fez do que qualquer outro para dar às evidências da reencarnação uma base científica credível, claramente pensou muito sobre o seu *modus operandi*. Ele chama a este veículo intermédio, que é o lar da alma antes da sua próxima encarnação, um psicóforo, que significa portador da mente. Ao conjeturar como o psicóforo opera e como alcança o renascimento que deseja, Stevenson faz uma série de observações que são importantes. Este precisa de ser capaz de influenciar o resultado de uma gravidez de alguma forma, talvez imprimindo no embrião ou feto «algum tipo de modelo» que transporta memórias de eventos passados.

Sinais de nascença e defeitos congénitos, argumenta ele, «poderiam ser considerados cicatrizes mentais de tais ferimentos que afetam outro corpo físico». Sugere também que o desejo do psicóforo de ser homem ou mulher na próxima vida pode ser capaz de «modificar as secreções vaginais de uma mulher para dar mais ou menos vantagem aos espermatozoides que transportam o cromossoma Y (dos quais derivam os machos) em comparação com os que transportam o cromossoma X».

Paul Von Ward, que dirige o projeto *Reincarnation Experiment*,11 afirma ter identificado e avaliado cinco fatores que parecem estar a funcionar no que ele chama de psicoplasma, um mecanismo de reencarnação com mais capacidades do que as conhecidas por estarem envolvidas na transferência de ADN e que é «capaz de ativar interruptores genéticos de ligar/desligar além ou de forma diferente daqueles normalmente identificados com traços herdados. São eles: genótipo/fenótipo, que determinam as características físicas; cerebrotipos cognitivos, relacionados com o estilo e capacidades mentais; egotipos emocionais, que regem a forma como cada pessoa lida com o ambiente; personatipos sociais, que controlam as interações sociais; e performatipos comportamentais, que refletem os traços criativos do indivíduo».

Estas teorias partilham muito em comum ao oferecerem uma explicação de como uma alma individual pode fazer a viagem de um corpo físico para outro, com talvez um intervalo de dias, meses ou anos pelo meio, passado numa dimensão espiritual. Mas há também evidências crescentes de que, embora as reencarnações ocorram individualmente, podem também estar ligadas, resultando no que parece ser uma influência de alma de grupo que determina quando e onde esses renascimentos ocorrem.

Um psiquiatra consultor sénior inglês, o Dr. Arthur Guirdham, escreveu uma série de livros sobre a reencarnação, baseados em grande parte na sua experiência pessoal, afirmando que ele e muitos dos seus pacientes tinham todos vivido antes, no século treze, como Cátaros, cuja crença no dualismo era tratada como heresia e custou a vida a muitos deles. O título de um dos seus livros,12 *We Are One Another* [Somos Uns aos Outros], resume perfeitamente a interligação dos indivíduos envolvidos na sua dramática reencarnação de grupo, além de refletir, talvez, uma verdade maior que está agora a emergir nos novos estudos da consciência. Existem

outros paralelos com a história de Guirdham, como a descoberta de que cinquenta residentes de Lake Elsinore, Califórnia, conseguiam recordar durante regressão hipnótica terem vivido todos durante a Guerra Civil Americana em Millboro, uma pequena cidade no estado da Virgínia.13

Agrupamentos mais pequenos, que incluiriam almas gémeas e companheiros de alma, bem como famílias, são outra possibilidade. Talvez devêssemos também ver-nos não como uma alma única e solitária, mas como uma faceta de algo muito maior. Cada encarnação seria uma faceta da existência da nossa alma, enquanto outras facetas poderiam estar a existir simultaneamente em diferentes planos de existência, ou mesmo na Terra — o que poderia explicar os casos em que a reencarnação parece ter ocorrido antes de a vida anterior terminar. Novos conceitos de consciência poderiam também oferecer-nos uma resposta para a eterna questão sobre a população da Terra em rápida expansão. De onde vêm todas estas almas?

Um oceano de consciência, se existir, não teria dificuldade em satisfazer a procura. Além disso, os avanços na tecnologia tornam mais fácil aceitar tais conceitos. Afinal de contas, qualquer pessoa que me visse a trabalhar ao meu computador assumiria que todos os dados que aparecem no meu ecrã existem dentro da sua eletrónica. Argumentariam que tal deve ser assim porque não há fios ou acessórios que o possam estar a alimentar com a massa de informação que estou a visualizar.

Mas estariam enganados, claro. A tecnologia sem fios dá-me a mim e ao meu computador acesso a uma gama incrível de informações, e posso até armazenar o que quero num banco de memória virtual, independente do meu computador, mas acessível por ele a qualquer momento. Bem-vindos ao mundo da computação em nuvem (*cloud computing*). Talvez a humanidade tenha, sem se aperceber, beneficiado da consciência em nuvem (*cloud consciousness*) desde que evoluiu na Terra.

Por mais fascinante que seja o quadro geral — um universo não apenas preenchido com consciência, mas animado por ela, e grupos de almas a reencarnar para cumprir um destino partilhado — o facto é que a vasta maioria de nós vê e experiencia a vida através de um par de olhos durante várias décadas, se tivermos sorte. Estamos alheios a uma realidade maior, ao que o verdadeiro propósito da nossa existência possa ser, ou ao que o destino nos reserva — assumindo que o destino já saiba a resposta a isso.

Isto leva-nos à questão inevitável: «Como posso descobrir as minhas próprias vidas passadas?». É uma boa pergunta, e que deixei deliberadamente para o fim. Quando me fazem essa pergunta, costumo surpreender as pessoas perguntando-lhes por que razão querem saber. Alguns têm um propósito: talvez procurem razões que expliquem os seus medos ou fobias. Outros são apenas curiosos. O que não tem mal nenhum. Eu encaminhá-los-ia para qualquer uma das organizações reputadas cujos membros são terapeutas de vidas passadas com qualificações adequadas e elevados padrões, ou talvez para uma organização de investigação parapsicológica.

O objetivo da primeira, claro, é ajudar as pessoas a resolver problemas na sua vida, e muitos dos seus membros estarão provavelmente relutantes em gastar tempo a ajudar pessoas que estão apenas curiosas sobre existências anteriores. Poderá demorar mais tempo a encontrar um regressonista disposto a hipnotizá-lo e a registar as suas respostas a uma série de perguntas mundanas sobre uma vida anterior, como um projeto de investigação. Essa existência anterior, quando recuperada, pode vir a revelar-se muito menos interessante do que a que está agora a desfrutar. Poderia, por outro lado, conter algumas surpresas. E se o seu subconsciente revelar que foi um assassino numa existência anterior?

Conseguiria viver com essa culpa? E se a sua mente hipnotizada estivesse apenas a inventar uma história a partir de informações que recolheu no passado, talvez de livros ou programas de televisão, apenas para o manter entretido? A sua culpa por esses eventos fictícios estaria, portanto, totalmente deslocada. Ian Stevenson alertou que a regressão a vidas passadas pode ser perigosa,14 mas conheço pessoas que beneficiaram indubitavelmente de aprender sobre uma existência anterior e de obter um desfecho para questões que trouxeram consigo para a sua vida presente. Cada caso, naturalmente, é diferente.

Assim, embora eu não dê conselhos num sentido ou noutro — além de dizer que teria mais confiança na realidade de vidas de que me recordasse durante a regressão, em vez de me serem contadas por um «leitor de vidas passadas» —, aviso-os para que caminhem com cautela. Há um propósito em eu fazer a pergunta: «Por que razão quer saber quem foi numa vida anterior?». Quem quer que tenha sido e o que quer que tenha feito em existências anteriores, o que faz nesta vida é o que realmente importa.

E embora os casos fascinantes de reencarnação que descrevi neste livro forneçam provas muito fortes do facto de sermos todos seres espirituais, também acredito que tem de haver uma razão para a vasta maioria de nós não ter memórias de vidas anteriores. Parece que, de uma forma geral, não é suposto lembrámo-nos delas. No entanto, lá no fundo, nunca esqueceremos as lições que aprendemos durante essas existências anteriores e que estão firmemente enraizadas nas nossas almas. Por isso, talvez não haja necessidade de forçar a entrada nessa câmara oculta de memórias. A sua vida presente pode muito bem ser escolhida com base na forma como lidou com as suas encarnações anteriores e que lições ainda precisa de aprender.

O desafio é tirar o melhor partido da sua vida presente, para o seu próprio bem, bem como para o dos outros.

Apêndice 1

Conheça os Investigadores

Passado e Presente

Investigar, coligir e publicar estudos de caso relativos a alegações de reencarnação é a especialidade académica de um pequeno número de cientistas e outros com um interesse sério no assunto. A minha lista começa com o gigante indubitável na área, seguido por outros alfabeticamente.

Ian Stevenson, MD A publicação do primeiro artigo sobre reencarnação do investigador de origem canadiana, há mais de meio século,1 abriu a cortina para o que viria a tornar-se uma busca de toda a vida. O seu ensaio premiado, escrito em honra de William James, um antigo presidente da American Society for Psychical Research, era uma revisão de quarenta e quatro casos relatados em várias publicações. Concluiu que era um fenómeno que valia a pena perseguir e fê-lo com determinação durante os quarenta ou mais anos seguintes.

Stevenson era já presidente do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Universidade da Virgínia, tendo sido nomeado em 1957, e a sua investigação paranormal cedo chamou a atenção de pessoas influentes. Uma delas foi Eileen Garrett, uma médium famosa que era também chefe da Parapsychology Foundation em Nova Iorque, que se ofereceu para

financiar a primeira viagem de campo de Stevenson à Índia e ao Sri Lanka (antigo Ceilão). Ele partiu para investigar seis casos, mas descobriu trinta e dois durante uma investigação de cinco semanas.

Recebeu também incentivo e apoio financeiro para estudar novos casos de Chester Carlson, inventor do processo de fotocópia Xerox. Isto resultou em subvenções e num legado que permitiram a Stevenson criar essencialmente um novo campo de investigação parapsicológica, tornando-se Carlson Professor de Psiquiatria e Diretor da Divisão de Estudos da Personalidade (agora Percetivos) na universidade, até à sua reforma. Os seus numerosos artigos científicos e livros, baseados na investigação que ele e outros conduziram em mais de 2500 casos, estão agora arquivados na Virgínia e a ser digitalizados. Apresentam um enorme corpo de evidências, das quais o seu trabalho monumental sobre sinais de nascença e defeitos congénitos se destaca claramente.2

Stevenson descobriu cedo que as alegações de reencarnação eram muito mais comuns do que geralmente se pensava. Em setembro de 1962, durante a sua segunda viagem de campo ao Alasca — por recomendação de Louisa Rhine, cujo marido foi um investigador pioneiro de PES [Perceção Extra-Sensorial] —, Stevenson foi assegurado por um dos sujeitos que entrevistou que, se fosse a Hoonah, encontraria outros casos nas suas aldeias piscatórias, habitadas inteiramente pelos Tlingits, o povo indígena da costa noroeste do Pacífico da América.

Stevenson apanhou um hidroavião e, ao chegar ao porto, caminhou de um lado para o outro na doca durante alguns minutos, perguntando-se o que fazer a seguir. Não tinha nomes nem contactos, e o hidroavião regressaria em apenas algumas horas. «Decidi perguntar à primeira pessoa que encontrasse, e esta acabou por ser Henry Elkin, que vinha a caminhar pela doca precisamente quando eu tinha tomado a decisão de o fazer. Abordei-o e expliquei brevemente o motivo de estar em Hoonah.

Para minha surpresa e prazer, ele abriu a frente da camisa e mostrou-me um sinal de nascença no lado esquerdo do peito. Disse-me que acreditava ter sido baleado no peito durante uma vida anterior.»3 Da mesma forma, enquanto investigava casos a sul de Banguecoque, na Tailândia, com o Prof. Kloom Vajropala, Stevenson comentou que poderia haver um caso digno de investigação em cada aldeia. Vajropala discordou, achando que era uma ideia absurda, por isso Stevenson sugeriu que a

pusessem à prova, visitando a aldeia mais próxima e perguntando se havia algum caso local de reencarnação. «Fomos à aldeia, entrámos na primeira boutique (uma espécie de café), pedimos algo ao proprietário e sentámo-nos», recorda Stevenson.4 «Depois perguntámos ao proprietário se ele conhecia alguma criança que afirmasse lembrar-se de vidas anteriores. Um rapaz que ali estava ouviu-nos e disse imediatamente que o seu irmão mais novo era uma dessas pessoas. Assim chegámos ao caso de Anurak Sithipan.»

Em maio de 1977, Stevenson escreveu o primeiro artigo sobre reencarnação a aparecer numa publicação científica séria,5 *The Journal of Nervous and Mental Disease*. Nesse mesmo jornal, um colega, o Dr. Harold Lief, escreveu: «ou ele está a cometer um erro colossal... ou será conhecido como o Galileu do século vinte». Homem modesto, Stevenson teria resistido a tais comparações. Mas é uma medida da sua estatura, aos olhos de muitos colegas cientistas, que após a sua morte, a 8 de fevereiro de 2007, o *Journal of Scientific Exploration*6 tenha dedicado um número inteiro às suas conquistas, com inúmeros tributos daqueles que tiveram o privilégio de trabalhar com ele.

Tom Barlow O investigador escocês utiliza a hipnose como ferramenta de investigação. Trabalhou com várias empresas de televisão para fazer a regressão de sujeitos escolhidos por elas a uma vida anterior. Numa ocasião notável, quando ele e uma equipa de filmagem visitaram a casa da apresentadora de TV Caron Keating, foi o seu marido — Russell Lindsay — quem foi submetido à regressão no último momento, porque Caron não conseguia recordar uma vida passada sob hipnose. Os investigadores confirmaram posteriormente muitos dos detalhes da aparente vida anterior de Russell como William Boyd, na Bristol do século dezanove. Barlow também investigou o caso do Rei Jaime IV e chamou a atenção para a semelhança facial entre um retrato do monarca e A. J. Stewart, a mulher que recordava essa vida (ver capítulo 11). Ele é cético em relação a muito do que é feito em nome da hipnoterapia e também expressou preocupação com a falta de «mecanismos de defesa» de alguns hipnotizadores ao colocarem os seus sujeitos em estado de transe. Estes serviriam para garantir que estão em controlo total e que podem retirar rapidamente os seus sujeitos de uma memória traumática, se necessário.

Gaj Raj Singh Gaur Professor de biologia, Gaur investigou mais de cem casos de suposta reencarnação no norte da Índia. Também ajudou nalgumas das investigações levadas a cabo por Stevenson e Pasricha. Acredita que a «energia psíquica» transita de uma vida para a seguinte e tem uma influência maior na existência atual, em comparação com os fatores hereditários, se se ligar a um embrião em desenvolvimento numa fase precoce.

Erlendur Haraldsson Professor Emérito na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Islândia, o Dr. Haraldsson investiga uma vasta gama de fenómenos paranormais há mais de quatro décadas, com um foco particular na reencarnação. Os seus numerosos artigos de parapsicologia incluem estudos de campo realizados no Sri Lanka e no Líbano.

Como psicólogo, demonstrou particular interesse na psicologia de crianças que afirmam recordar vidas passadas e na forma como esta se compara com a daquelas que não têm tais memórias. Haraldsson estava a trabalhar num projeto na Universidade da Virgínia em 2007 quando a saúde de Ian Stevenson se deteriorou e esteve ao seu lado quando este faleceu.

Jürgen Keil, PhD Investigador associado honorário no Departamento de Psicologia da Universidade da Tasmânia, Austrália, o Dr. Keil esteve envolvido em vários estudos de replicação do trabalho de Stevenson e investigou centenas de casos na Turquia, Tailândia e Mianmar, bem como alguns na Síria e no Nepal. A sua investigação convenceu-o de que um meio «normal» de comunicação de factos de vidas passadas não pode explicar as memórias de algumas crianças, mas parece estar aberto à possibilidade de alguma forma de transferência paranormal de dados como alternativa à reencarnação.

Barbara Lane, PhD Por que razão escolheriam milhares de americanos modernos passar os seus fins de semana a dormir no chão duro, a usar uniformes pesados, a comer bolacha de água e sal velha e a encenar batalhas de há 130 anos? Era uma pergunta que fascinava a antiga repórter tornada hipnoterapeuta clínica, e ela embarcou num estudo para ver se as memórias de vidas anteriores poderiam oferecer uma explicação para a sua paixão pelo passado.

Encontrou doze encenadores — um dos quais era uma mulher — que concordaram em ser submetidos a regressão. Apesar do seu ceticismo,

todos recordaram uma existência na Guerra Civil. As sessões foram conduzidas em 1993 e 1994 como parte da dissertação de Lane para um doutoramento em ciências metafísicas pela Universidade de Westbrook, no Novo México, que foi posteriormente expandida num livro popular, *Echoes from the Battlefield*.7

Antonia Mills, PhD Atualmente Professora em Estudos das Primeiras Nações na Universidade do Norte da Colúmbia Britânica, Canadá, a antropóloga iniciou a sua investigação sobre reencarnação depois de Ian Stevenson ter passado pela universidade de Vancouver em meados da década de 1980, no seu regresso do estudo de casos de renascimento entre os índios Gitksan do noroeste da Colúmbia Britânica. Ele perguntou se havia licenciados ou membros da faculdade que pudessem estar interessados em continuar a investigação que ele tinha estado a fazer e foram-lhe dados dois nomes. Um era o de Antonia Mills, cuja tese de doutoramento na Universidade de Harvard tinha incluído uma observação sobre a importância da crença na reencarnação entre os índios Beaver.

Ela aceitou o desafio de Stevenson e prosseguiu para realizar investigações valiosas na Índia, incluindo um estudo de replicação das descobertas de Stevenson.8 Tais viagens de campo não são isentas de dificuldades. Mills fala de um sujeito cujas alegações de vida passada incluíam a identidade do seu assassino. «O suposto assassino e a sua família identificaram-me a mim e aos meus assistentes como agentes infiltrados que procuravam informações para o julgamento do homicídio, e ameaçaram a criança, os seus familiares e os aldeões com consequências terríveis se falassem sobre o caso.»

Satwant Pasricha, MD Chefe do Departamento de Psicologia Clínica no Instituto Nacional de Saúde Mental e Neurociências em Bangalore, Índia, onde é professora associada e professora adjunta de psicologia infantil, a Dra. Pasricha esteve envolvida na investigação de mais de quinhentos casos de reencarnação e experiências de quase-morte desde 1973. Ao fazê-lo, destacou o facto de haver muito menos casos de reencarnação relatados no Sul da Índia, onde está baseada, do que no norte do país.

Trabalhou em estreita colaboração com Ian Stevenson ao longo dos anos, particularmente durante um período passado na Faculdade de Medicina da Universidade da Virgínia. Tal como Mills, Pasricha

documentou as dificuldades que os investigadores nesta área podem enfrentar. Num caso, ela e os seus colegas tiveram de caminhar dezasseis quilómetros para chegar a uma aldeia onde não havia ligação por estrada, mas não conseguiram então localizar a família que procuravam. «Noutras ocasiões», escreve,9 «após as monções, as comunicações rodoviárias tinham sido bloqueadas devido ao colapso repentino da ponte; tivemos então de caminhar pela água.»

A visão da Dra. Pasricha e dos seus colegas, com cadernos e câmaras na mão, levou alguns jovens aldeões a parar de trabalhar e a esconderem-se, acreditando que o grupo era de um programa de controlo de natalidade com a intenção de os esterilizar. Por esta razão, os investigadores evitam frequentemente perguntar o número de filhos na família de um sujeito, revela ela.

Kirti S. Rawat, PhD O último investigador a entrevistar Shanti Devi (capítulo 5)10 antes da sua morte, fazendo gravações de áudio e vídeo, o professor de filosofia reformado Dr. Rawat possui um conhecimento extenso sobre reencarnação, tendo investigado o assunto durante mais de quatro décadas. O investigador indiano disse numa conferência no Nepal em 2009 que tem quinhentos ficheiros de casos no seu Centro Internacional para a Investigação da Sobrevivência e Reencarnação, incluindo o de um rapaz que nasceu circuncidado numa família hindu, e que não só sabia exatamente como realizar o ritual muçulmano de Nawaz, como conseguia recordar o processo exato da circuncisão. Rawat ajudou nalgumas das primeiras investigações de Ian Stevenson {11} e colaborou com Titus Rivas na produção de um artigo discutindo o período de intervalo relatado entre vidas.12 Mary Roach acompanhou Rawat num par de investigações de casos enquanto pesquisava para o seu livro de sucesso, *Spook*.13

Marge Rieder, PhD Tal como Barbara Lane, Rieder é uma hipnoterapeuta cuja investigação parece ter descoberto uma história notável de reencarnação de grupo. Começou quando um sujeito perto de Lake Elsinore, Califórnia, entrou numa vida passada e falou de uma vida anterior em Millboro, uma pequena cidade na Virgínia, na altura da Guerra Civil. Com o tempo, mais de trinta e cinco pessoas procuraram a ajuda terapêutica da Dra. Rieder e, durante as regressões, também recordaram uma encarnação anterior em Millboro, muitas vezes em pormenores gráficos e fornecendo informações que não eram do domínio público. A

conclusão, contida em *Mission to Millboro*,14 foi que tinham vivido como um grupo durante a Guerra Civil e tinham escolhido renascer juntos no século vinte. O seguimento de Rieder, *Return to Millboro*,15 explorou as intrincadas ligações e relações do grupo com uma profundidade ainda maior.

Walter Semkiw, MD Psiquiatra de formação e atualmente médico a exercer medicina do trabalho em São Francisco, o Dr. Semkiw começou a investigar a reencarnação em 1995. É presidente e um dos fundadores do Institute for the Integration of Science, Intuition and Spirit (IISIS), cujo foco principal é «compilar e apresentar casos de reencarnação convincentes que demonstrem provas objetivas de reencarnação». O seu interesse pela reencarnação começou com uma investigação sobre uma das suas próprias vidas passadas, como relata em *Return of the Revolutionaries*16.

A sua colaboração com o médium Kevin Ryerson levou-o a identificar as vidas passadas de inúmeras pessoas famosas, mostrando semelhanças na aparência facial de uma vida para a seguinte. Ele defende que as provas objetivas da reencarnação têm o potencial de mudar o mundo de uma forma fundamental e, para esse fim, está agora a concentrar os seus esforços no sítio Web do IISIS {17}, promovendo estudos de casos convincentes em várias línguas.

Francis Story Nascido em Londres durante a Primeira Guerra Mundial e educado de forma privada, o pensamento independente de Story levou-o ao Budismo ainda adolescente. Após a morte da sua esposa, seis anos depois de se casarem, tornou-se trabalhador voluntário na Índia e viveu na Ásia durante um quarto de século, período durante o qual, além de promover o Budismo {18}, explorou o conceito de reencarnação, conduzindo investigações cuidadosas de muitos casos, nomeadamente em Mianmar. Ian Stevenson reconheceu a ajuda inestimável que recebeu de Story na sua primeira visita ao Sri Lanka e na segunda visita à Índia, «contribuindo grandemente para a recolha de dados e a sua análise».

Linda Tarazi Intrigada pelos relatos detalhados de um dos seus pacientes sobre uma aparente vida passada em Espanha, a psicóloga e terapeuta de regressão decidiu ver quanto dos dados poderia ser corroborado. Foi o início de uma investigação de três anos, um terço dos quais passados em Espanha, pesquisando em arquivos e verificando dados recolhidos durante mil sessões gravadas com o seu sujeito. A maior parte

do material foi verificada (ver capítulo 20). Os resultados apareceram primeiro como um artigo publicado no *Journal* da American Society for Psychical Research {19} e depois em formato de livro narrativo {20}.

Jim Tucker, MD Psicólogo infantil com certificação profissional, Tucker é professor associado de psiquiatria e ciências neurocomportamentais na Universidade da Virgínia e trabalhou com Ian Stevenson durante vários anos em investigação sobre reencarnação, assumindo o seu lugar após a reforma deste em 2002. O foco principal dos seus estudos tem sido as crianças americanas, embora a sua investigação sobre um rapaz escocês, Cameron Macaulay, tenha sido o tema de um documentário televisivo. Tucker desenvolveu um método de avaliação de casos — a *Strength of Case Scale* [Escala de Força do Caso] — para determinar quais oferecem as melhores provas de reencarnação. O seu livro *Life before Life*21 explora a investigação atual e futura sobre a reencarnação.

Paul Von Ward Psicólogo com formação clínica, Von Ward descreve-se como «um cosmólogo interdisciplinar e académico independente que passou três décadas no serviço público como oficial da marinha dos EUA, diplomata e executivo de uma organização internacional sem fins lucrativos, antes de se tornar escritor e conferencista a tempo inteiro». O seu livro *The Soul Genome*22 trata de «ciência e reencarnação» e ele dirige o *Reincarnation Experiment* para «determinar se a ciência pode provar a reencarnação».

A sua crença pessoal é que «a investigação atual nos aspetos energéticos/informacionais da evolução das espécies aponta agora para um genoma físico incorporado num campo energético rico em informação que contém memórias, padrões de ADN, perfis emocionais, e conhecimentos e competências aperfeiçoados em encarnações anteriores»23.

Notas Finais

Capítulo 1

1. «Religion in the Lives of American Adolescents: A Review of the Literature» A Research Report of the National Study

of Youth and Religion. Publicado pela Universidade da Carolina do Norte (2003).

2. O Pew Research Center's Forum on Religion and Public Life oferece um local neutro para discussões de temas atuais.

3. O conceituado Sir E. A. Wallis Budge disse de Deveria: «Nenhum outro académico possuía um conhecimento tão vasto e competente do Livro dos Mortos».

4. Bonwick, J. (1878).

5. Kingsley, P. (2010).

Capítulo 2

1. «Behind the Scenes at Amarna Reunion», *Reincarnation International*, n.º 3, julho de 1994, pp. 18–19.

2. Cott, J. (1988).

3. Rogo, D. S. (1985).

4. Stearn, J. (1965).

5. No seu blogue:

6. Edição de janeiro-março de 2011 da *Venture Inward*.

Capítulo 3

1. O documentário televisivo de uma hora *Back from the Dead* foi exibido pela primeira vez no Reino Unido pelo Channel 4 a 18 de maio de 1998, e tem sido desde então exibido em todo o mundo.

2. A instituição de caridade sediada em Londres procura educar o público sobre a cultura, história e tradição Druza. O seu fundador, Salim Kheireddine, conta as suas próprias memórias de vidas passadas numa introdução a um livro publicado pela fundação: Playfair, G. L. (2006).

3. Julia Makarem no sítio Web da American Druze Heritage .

4. Stevenson, I. (1980).

5. Reproduzido na íntegra, com fotografias de Roni Sofer, em *Reincarnation International*, n.º 6, julho de 1995, páginas 23–26.

6. Abril de 1997.

7. *Reincarnation International*, n.º 15, junho de 1998, p. 20.

8. Ibid., p. 21.

9. *Reincarnation International*, n.º 17, julho de 1999, p. 25–26.

10. Ibid., p. 23–24.

Capítulo 4

1. Hanzhang, Y. (1991).

2. Tayé, J. K. L. (1997).

Capítulo 5

1. Lönnerstrand, S. (1998).

2. Rawat, K. S. (1997).

Capítulo 6

1. Bernstein, M. (1965).

2. História registada a 13 de outubro de 2010.

3. Stevenson, I. (1966).

4. Ibid. (1974).

5. Harris, M. (1986a).

6. Ibid. (1986b).

7. «Bridey Murphy Lives—Again—In a Pueblo Living Room.» *The Pueblo Chieftain*, 27 de outubro de 2005.

8. Comunicação privada com o autor, 2011.

Capítulo 7

1. Stevenson, I. (1990).

Capítulo 8

1. Stevenson, I. e Keil, J. (2005).

2. Mills, A. (1989).

3. Stemman, R. (1997, revisto em 2005).

Capítulo 9

1. «Tsar Memory» *Life & Soul Magazine*, n.º 16, março de 1999, 10–17.

2. Norsic, D. (1998).

3. www.reincarnationexperiment.org.

4. *Reincarnation International*, n.º 12, julho de 1997, p. 5.

5. Ibid. n.º 1, janeiro de 1994, p. 5.

6. *Kindred Spirit*, dezembro-fevereiro, 1993–94.

7. *Reincarnation International*, n.º 17, julho de 1999, p. 8.

8. www.peterteekamp.com.

9. www.johnadams.net/cases/samples/Montez-Michelangelo/index.html.

10. Harwood, B. (2006).

11. www.johnadams.net/cases/samples/laurel-hardy/index.html.

12. http://en.wikipedia.org/wiki/Sherrie_Lea.

13. www.marilynmonroereincarnated.net/.

14. www.nickbunick.com.

15. Bunick, N. (2010).

16. www.guardian.co.uk/world/2002/may/24/russia.iantraynor.

17. www.telegraph.co.uk/news/newstopics/howaboutthat/6016147/David-Shayler-transvestite-MI5-spy-turned-Jesus-Christ-faces-eviction-from-squat.html#*jmp0*.

18. Salva, R. (2009).

19. Leonardi, D. (1975).

20. Semkiw, W. (2008).

21. www.johnadams.net/cases/samples/Obama-Trumbull/index.html.

22. Barnes, W. (1999) e «Titanic Memories», *Reincarnation International*, n.º 18, novembro de 1999, pp. 11–14.

23. Karlén, B. (2000).

24. «Anne Frank Returned?» *Life & Soul Magazine*, n.º 16, março de 1999, pp. 224–30, e «Anne Frank's New Diary», verão de 2000, p. 34.

Capítulo 10

1. Stevenson, I. (1997a) e (1997b).

2. Ibid.

3. Ibid. (1974).

4. Ibid.

5. Ibid. (2003).

6. Hall, H. F. (1898).

7. «Joan Rivers' 'Reunion' with Her Dead Mother», *Reincarnation International*, n.º 10, novembro de 1996, p. 10.

8. «They Were Born to Be Together», *Reincarnation International*, n.º 10, novembro de 1996, pp. 8–12.

9. «Keeping It in the Family», *Reincarnation International*, n.º 1, janeiro de 1994, p. 6.

10. Blogue do autor: www.ParanormalReview.com.

Capítulo 11

1. Toyne, C. (1970).

2. Ibid. (1976).

3. Percival, H. W. (1946).

4. «Taking Royal Claim at Face Value», *Reincarnation International*, n.º 5, março de 1995, pp. 18–20.

5. Semkiw, W. (2003).

6. www.johnadams.net/cases/samples/Semkiw-Adams/index.html.

7. Semkiw, W. (2003).

8. Myss, C. e Shealy, N. (1998).

9. Bellamy, E. (1888).

10. Transferência gratuita disponível em: www.reincarnation2002.com/online_book.htm (embora este sítio Web não seja atualizado há alguns anos).

11. www.infinitesouls.com/page24.html#_jmp0_.

12. «Love's Déjá Vu: Married Again 125 Years Later.» www.indiadivine.org/audarya/world-review/443366-loves-deja-vu-married-again-125-years-later.html.

Capítulo 12

1. Stevenson, I. (1987).

2. Blavatsky, H. P. (1888).

3. «The Future of Women», *Lucifer*, Vol. 7, outubro de 1890, p. 116.

4. Besant, A. e Leadbeater, C. W. (1949).

5. Ibid. (1924).

6. Stevenson, I. (1983).

7. Ibid. (1974).

8. Ibid. (2003).

Capítulo 13

1. Entrevista à revista *Rolling Stone*, 25 de novembro de 2010.

2. Dowding, H. C. T. (1945).

3. Publicação cubana *Periodico 26*, 28 de setembro de 2006.

4. *San Francisco Examiner*, 26 de agosto de 1928.

5. Entrevista no *Jewish Telegraph*, 27 de novembro de 1998.

6. Entrevista no *The Times* (Reino Unido), 30 de janeiro de 1999.

7. Hugo, V. (1998).

8. MacLaine, S. (1983), (1989), (2000).

9. Entrevista por Melvyn Bragg, *Sunday Times Magazine* (Reino Unido), 5 de junho de 1983.

10. Rabanne, P. (1997).

11. Entrevista por Kala Ambrose, publicada em três partes em, a 6–7 de agosto de 2009.

12. «Celebrity Regressions», *Reincarnation International*, n.º 13, outubro de 1997, p. 21.

13. «Sweet Soul Music», *Reincarnation International*, n.º 10, novembro de 1996.

14. Varah, C. (1992).

15. *The Guardian*, 25 de janeiro de 1996.

16. «Celebrity Regressions», *Reincarnation International*, n.º 13, outubro de 1997, p. 21.

Capítulo 14

1. Ver apêndice 2 e Jarmon, R. G. (1997).

2. Stevenson, I. (1994).

3. Denning, H. (1987).

4. Van der Maesen, R. (2006).

5. Stemman, R. (1997).

6. «Face to Face with Roger Woolger . . . and His Many Selves», *Reincarnation International*, n.º 4, novembro de 1994, pp. 21–25.

7. Woolger, R. (1988).

Capítulo 15

1. Chris French é professor de psicologia e chefe da Anomalistic Psychology Research Unit na Goldsmiths, Universidade de Londres.

2. Hall, H. F. (1898).

3. Stevenson, I. (1997a).

4. Bose, C. S. (1952).

5. Stevenson, I. (1997a).

6. Ibid. (1997a).

7. Caso contribuído pelo investigador holandês Titus Rivas no sítio Web www.prebirth experience.com.

8. Weiss, B. (1988).

9. Whitton, J. L. e Fisher, J. (1986).

10. Moody, R. (1979).

11. Fiore, E. (1979).

12. Wambach, H. (1979).

13. Newton, M. (1994).

14.

Capítulo 16

1. Wambach, H. (1979 e 1981).

2. Snow, C. (1989).

3. Cockell, J. (1993).

4. Ibid. (1996).

5. «From Surrey to Roman Empire and Back . . . In an Afternoon.» *Reincarnation International*, n.º 11, abril de 1997, pp. 12–14.

6. Cannon, D. (1991, 1992 e 1994).

7. «Has Nostradamus Broken through the Time-Space Barrier?» *Reincarnation International*, n.º 11, abril de 1997, pp. 8–11.

8. Goldberg, B. (1996).

9. www.examiner.com/metaphysical-spirituality-in-national/i-am-woman-the-invincible-spirit-of-singer-helen-reddy-part-one#_jmp0_.

Capítulo 17

1. *Deccan Chronicle*, 25 de dezembro de 2009.

2. *Weekly World News*, 10 de março de 1998.

3. «In the Pangolin Lives Their Mother, Children Believe.» *Hindustan Times*, 11 de abril de 2006.

4. *Daily Telegraph*, 3 de novembro de 2009.

5. Relatado no portal de notícias indiano Sify.com, 11 de janeiro de 2006.

6. *London Evening Standard*, 1 de abril de 2007.

7. Sítio Web da BBC News, 18 de junho de 2011.

8. *National Post*, 13 de março de 2006.

9. AolNews.com, 29 de julho de 2010.

10. *Reincarnation International*, n.º 3, julho de 1994, p. 6.

11. «Ben Johnson's Curious Tale of Reincarnation, 'The Matrix' and 'The Mystery Man,'» por John Leicester, The Associated Press, 22 de outubro de 2010.

12. Iverson, J. (1976).

13. Flournoy, T. (1900).

14. Kampman, R. (1973).

Capítulo 18

1. Barnes, J. (2008).

2. *Daily Telegraph*, 26 de março de 2011.

3. www.sonustech.com/paravicini/.

4. www.optimnem.co.uk/.

5. Parker, E. S., Cahill, L., e McGaugh, J. L. (2006).

6. http://nhne-pulse.org/60-minutes-the-gift-of-endless-memory/.

7. Kampman, R. (1973).

8. Pearsall, P., Schwartz, G., e Russek, L. (2000).

9. Schwartz, G. e Russek, L. (2006).

10. «The Heart Remembers,» *Natural Health*, março–abril de 1998.

11. Tucker, J. B. (2005).

12. Recensão de Tucker, J. B. (2005), *Journal of Scientific Exploration*, Vol. 19, n.º 4, pp. 632–636.

Capítulo 19

1. Stevens, E. W. (1878).

2. Stevenson, I., Pasricha, S., e McClean-Rice, N. (1989).

3. Publicado em outubro de 2010 nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*.

4. Pasricha, S. (1990).

5. Ibid.

Capítulo 20

1. «Haneen: Remembers Being School Teacher before Shell Killed Her,» *Reincarnation International*, n.º 15, junho de 1998, pp. 12–14.

2. «Rabih: Famous Footballer and Singer before Dying in Explosion,» *Reincarnation International*, n.º 15, junho de 1998, pp. 16–18.

3. «Past-life Memories Inspire Hunt for Buried Treasure,» *Reincarnation International*, n.º 5, março de 1995, pp. 28–30.

4. «Roundhead Returns to Where He Fought for Cromwell,» *Reincarnation International*, n.º 4, novembro de 1994, pp. 16–17, e «Digging Up the Past,» *Reincarnation International*, n.º 8, março de 1996, p. 23.

5. Pasricha, S. (1998).

6. Stemman, R. (2005).

7. *The Reincarnation Experiments* (documentário de TV de 1983) e *In Search of Past Lives* (1990) por Peter Ramster.

8. «Records Prove Corporal Existed,» *Life and Soul*, Edição 17, julho de 1999, pp. 15–16.

9. Tarazi, L. (1990 e 1997).

10. «Far Memory of Petra,» *Reincarnation International*, n.º 6, julho de 1995, pp. 33–35.

11. Necrologia no *The Daily Telegraph* (Reino Unido), 14 de outubro de 2008.

12. Cockell, J. (1993) e «Past-life Search Leads to Family Reunion,» *Reincarnation International*, n.º 1, janeiro de 1994, pp. 10–16.

13. Haraldsson, E. (2000).

14. Haraldsson, E. e Abu-Izzeddin, M. (2002).

15. Leininger, B. e Leininger, A., com Gross, K. (2009).

16. Harrison, P. e Harrison, M. (1991).

17. «The Uncanny Case of Carl Edon,» por Mike Blackburn, www.GazetteLive.co.uk, 15 de janeiro de 2002.

18. Norman, B. (2008).

19. Llewelyn, K. (1991).

Capítulo 21

1. Stevenson, I. (1993).

2. Ibid. (1997a).

3. Ibid.

4. Mills, A. (1989).

5. Stevenson, I. (1993).

6. Ibid. (1997a).

7. «The Shape of Things to Come,» *Reincarnation International*, n.º 2, abril de 1994, pp. 22–25.

8. Stevenson, I. (1997b).

9. «The Shape of Things to Come,» *Reincarnation International*, n.º 2, abril de 1994, pp. 22–25.

10. Pasricha, S. (1998).

11. Stevenson, I. (1997a).

12. Ibid.

13. Ibid.

14. Ibid.

15. Ibid.

16. Ibid.

17. Ibid.

18. Ibid.

19. Ibid.

Capítulo 22

1. Shroder, T. (1999).

2. Angel, L. (1994b).

3. Ibid. (1994a).

4. Stevenson, I. (1995).

5. Ibid. (1995).

6. Edwards, P. (1996).

7. Recensão de John Beloff no *Journal of the Society for Psychical Research*, Vol. 61, n.º 846.

8. Recensão de James Matlock no *Journal of Scientific Exploration*, Vol. 11, n.º 4, Inverno de 1997.

9. Almeder, R. (1997).

10. Relatado em Fisher, J. (1984).

11. Stevenson, I. (1984).

12. Ibid. (1974).

13. Banerjee, H. N. (1980).

14. Semkiw, W. (2003).

Capítulo 23

1. Revelado numa carta para a *APRT Newsletter* em 1998.

2. Gershom, Y. (1992 e 1996).

3. «Hoddle Puts His Faith in God and England,» *The Times* (Reino Unido), 30 de janeiro de 1999.

4. Stevenson, I. (1987).

Capítulo 24

1. *Omni Magazine*, 10 (4): 76, 1988.

2. *Vanity Fair*, agosto de 1996.

3. Tayé, J. K. L. (1997).

4. David-Néel, A. (1997).

5. Newton, M. (1994).

6. «The Spirit Constructed in the Brain,» 29 de abril de 2011: www.huffingtonpost.com/michael-graziano/the-spirit-constructed-in_b_855160.html#_jmp0_.

7. Penrose, R. e Hameroff, S. (2011).

8. Playfair, G. L. (2006).

9. Radin, D. (1997).

10. Ibid. (2006).

11. www.reincarnationexperiment.org/.

12. Guirdham, A. (1974).

13. Rieder, M. (1993).

14. Stevenson, I. (1994).

Apêndice 1

1. Stevenson, I. (1960).

2. Ibid. (1997a).

3. Ibid. (1997a). O caso de Henry Elkin é também apresentado em Stevenson, I. (1966).

4. Ibid. (1997b), pp 78–79.

5. Ibid. (1977).

6. *Journal of Scientific Exploration*, Vol. 22, n.º 1, 2008, cujos conteúdos estão disponíveis online em www.scientificexploration.org/journal/articles.html.

7. Lane, B. (1996).

8. Mills, A. (1989).

9. Pasricha, S. (1990).

10. Rawat, K. S. (1997).

11. Stevenson, I., Prasad, J., Mehrotra, L. P., e Rawat, K. S. (1974).

12. Rawat, K. S. e Rivas, T. (2005).

13. Roach, M. (2005).

14. Rieder, M. (1991).

15. Ibid. (1988).

16. Semkiw, W. (2003).

17. www.iisis.net/.

18. Story, F. (1975).

19. Tarazi, L. (1990).

20. Ibid. (1997).

21. Tucker, J. B. (2005).

22. Von Ward, P. (2008).

23. www.reincarnationexperiment.org/home/authorsperspective.html.

Apêndice 2

1. Bowman, C. (1997).

2. Crabtree, A. (1985).

3. Cunningham, J. (1994).

4. Denning, H. (1998).

5. Everett, L. (1996).

6. Finkelstein, A. (2006).

7. www.marilynmonroereincarnated.net/.

8. Fiore, E. (1979).

9. Goldberg, B. (1988).

10. Hall, J. (1997).

11. Jarmon, R. G. (1997).

12. Keeton, J. e Moss, P. (1979).

13. Keeton, J. e Petherick, S. (1988).

14. Grant, J. e Kelsey, D. (1968).

15. Lawton, I. (2010).

16. Lucas, W. B. (1993).

17. «Reliving Drama of Taj Mahal,» *Reincarnation International*, n.º 4, novembro de 1994, pp. 18–20.

18. Netherton, M. (1978).

19. Snow, C. (1989).

20. Sutphen, D. (1976, 1978 e 1988 são de particular interesse).

21. TenDam, H. (1996).

22. Ibid. (2003).

23. Wambach, H. (1979).

24. Ibid. (1981).

25. Snow, C. (1989).

26. Weiss, B. (1988).

27. Woolger, R. (1988). rk: Bantam.